



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CAMILLA ATIBAIA CESTARI

**O QUE A SAMARCO MINERAÇÃO S.A. FALA E DIZ SOBRE
A SUSTENTABILIDADE:
NARRATIVAS EMITIDAS ANTES E DEPOIS DO CRIME
AMBIENTAL DE MARIANA (MG).**

Londrina
2022

CAMILLA ATIBAIA CESTARI

**O QUE A SAMARCO MINERAÇÃO S.A. FALA E DIZ SOBRE
A SUSTENTABILIDADE:
NARRATIVAS EMITIDAS ANTES E DEPOIS DO CRIME
AMBIENTAL DE MARIANA (MG).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Administração

Orientador: Prof. Dr. Rafael Borim-de-Souza

Londrina
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Cestari, Camilla Atibaia.

O que a Samarco Mineração S.A. fala e diz sobre a sustentabilidade : narrativas emitidas antes e depois do crime de Mariana (MG). / Camilla Atibaia Cestari. - Londrina, 2022.
188 f.

Orientador: Rafael Borim-de-Souza.

Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Narrativa. - Tese. 2. Sustentabilidade. - Tese. 3. Organizações. - Tese. 4. Bourdieu - Tese. I. Borim-de-Souza, Rafael . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Estudos Sociais Aplicados. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

CDU 658

CAMILLA ATIBAIA CESTARI

**O QUE A SAMARCO MINERAÇÃO S.A. FALA E DIZ SOBRE
A SUSTENTABILIDADE:
NARRATIVAS EMITIDAS ANTES E DEPOIS DO CRIME
AMBIENTAL DE MARIANA (MG).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Administração

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Rafael Borim-de-Souza
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dra. Luana Maia Woida
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Natálise Rese
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Londrina, 23 de junho de 2022.

Decico este trabalho à toda minha família, em especial ao meu marido e ao meu filho por estarem sempre ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Não poderia iniciar os meus agradecimentos de outra maneira a não ser por agradecer imensamente ao meu marido e ao meu filho. Ao meu marido pelo incentivo desde o início, sem você eu não teria nem me inscrito para cursar a disciplina como aluna especial. Obrigada por todas as conversas, debates, mesmo sem entender nada, você estava ali ouvindo eu falar sobre um tal de Bourdieu. E ao meu filho, que hoje é a razão de todas as minhas ações. Com você eu aprendi a ter uma força e disposição que eu nunca imaginei que teria. Obrigada a vocês dois por compartilharem a vida ao meu lado.

Em seguida, agradeço ao meu orientador, obrigada pela confiança de ter sido sua orientanda, sinto isso como um privilégio. Lembro do sentimento do primeiro dia da aula de AECO, foi um misto de choque com admiração. Admiração pelo seu trabalho, que é realizado com maestria, profissionalismo e muita dedicação. O caminho percorrido durante o mestrado fez com que eu me apaixonasse pela área da educação, e grande parte deste sentimento foi por todo aprendizado conquistado neste período. Obrigada pela compreensão nos momentos desafiadores, espero que essa relação perdure para além do mestrado, assim como foi nesses últimos 4 anos.

Não poderia deixar de agradecer ao grupo de pesquisa EOSI, que desde o primeiro dia me acolheram, compartilhando artigos, conhecimento e também boas risadas. Em especial, agradeço aos meus amigos João Gabriel, Rodrigo Marinello (Nitt) e Juliana Aguiar por todos encontros dos últimos anos, proporcionando momentos de conhecimento e ao mesmo tempo de distração. Vocês foram essenciais nesses dois anos de pandemia. Estendo também o meu agradecimento aos demais colegas do grupo e da turma de 2019 do PPGA.

João Gabriel Dias e Beatriz Zanoni foram um dos meus melhores presentes que o mestrado proporcionou, suas amizades. Agradeço imensamente por todo apoio, incentivo, obrigada por estarem presentes em minha vida. João, obrigada por todos os momentos, pelas angústias, dúvidas e risadas compartilhadas, você tornou essa jornada acadêmica muito mais leve.

Agradeço também à Universidade Estadual de Londrina e a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela oportunidade concedida de ser bolsista (por quase dois anos) e poder me dedicar às atividades do mestrado. E a todos os professores do Programa de Pós Graduação em

Administração da Uel, cada um teve um importante papel para a minha formação acadêmica. As professoras, Natália Rese e Luana Woida me muito obrigada pelo aceite de participar desta banca de defesa.

E por fim, mas não menos importante, agradeço à toda minha família e amigos que me deram apoio e me auxiliaram para que eu chegasse até aqui. Em particular, à minha mãe e irmã, que em diversas vezes me ajudaram com questões de ordem pessoal para que eu pudesse me dedicar a esta pesquisa.

*“É justo que muito custe o que muito vale.”
Santa Tereza D’Avila*

CESTARI, Camilla Atibaia. **O que a Samarco Mineração S.A. fala e diz sobre a sustentabilidade**: narrativas emitidas antes e depois do crime ambiental de Mariana (MG). 2022. 187 f. Defesa de Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

RESUMO

A sustentabilidade se tornou objeto de interesse no mundo organizacional, fazendo com que as empresas passassem, cada vez mais, adotar narrativas que anunciam suas práticas sustentáveis. Nesta pesquisa, a sustentabilidade foi percebida como um dispositivo narrativo, em que o termo é aplicado frequentemente nas produções comunicativas para angariar lucros econômicos e simbólicos. A sociologia bourdieusiana foi considerada a lente interpretativa para esta pesquisa. Pierre Bourdieu rompe com a simplicidade do ato de comunicação, o sociólogo argumenta que as relações de comunicação são as próprias relações de dominação e de poder simbólico. Ao compreender que o falar é a externalização objetiva da linguagem e o dizer envolve toda uma complexidade subjetiva, assume-se que aquilo que é falado objetivamente nem sempre é aquilo que quer ser dito. E ainda, entre o falar e o dizer, existe a *doxa*, a dimensão simbólica da linguagem, representando o discurso dominante compartilhado. Para tanto, a pesquisa foi desenvolvida com o objetivo geral de compreender o que a Samarco Mineração S.A. quer dizer quando fala sobre a sustentabilidade. Para que esse objetivo fosse alcançado, a pesquisa foi classificada como qualitativa, descritiva e exploratória. Optou-se pela estratégia de pesquisa de estudo de caso, fundamentando-se pela associação da Samarco com o ecocídio ocorrido na cidade de Mariana (MG). Os dados foram alcançados por uma pesquisa documental, onde foram acessados documentos e fontes de comunicação da própria empresa, incluindo os relatórios de sustentabilidade, book de um ano do rompimento de Fundão e publicações do site institucional, Facebook e Youtube. As informações coletadas foram analisadas pelo método da análise de narrativas. Ao analisar a construção narrativa sobre a sustentabilidade, notou-se que a palavra foi aplicada distintivamente de maneira instrumental e superficial. Também foram encontradas fragilidades na coerência e fidelidade nas narrativas emitidas pela Samarco sobre sustentabilidade. A análise de narrativas promoveu a compreensão que quando a Samarco fala sobre sustentabilidade, a empresa exprime enunciações objetivas sobre suas ações sociais, ambientais e econômicas, mas quer dizer produtividade, gerenciamento e controle de imagem/reputação, crescimento econômico e operacional. Ademais, as ênfases narrativas que engradem as ações socioambientais praticadas pela Samarco foram consideradas o discurso dominante compartilhado, ou seja, a *doxa* sobre a sustentabilidade da empresa, que reforça o estado de autonomização da empresa.

Palavras-chave: Narrativa. Sustentabilidade. Organizações. Falar. Dizer.

CESTARI, Camilla Atibaia. **What does Samarco Mineração S.A. talks and says about sustainability: narratives issued before and after the environmental crime in Mariana (MG)**. 2022. 187 f. Dissertation Defense of the PostGraduate Program in Administration (PPGA), State University of Londrina, Londrina, 2022.

ABSTRACT

Sustainability has become an object of interest in the organizational world, causing companies to increasingly adopt narratives that announce their sustainable practices. In this research, sustainability was perceived as a narrative device, in which the term is often applied in communicative productions to raise economic and symbolic profits. Bourdieusian sociology was considered the interpretive lens for this research. Pierre Bourdieu breaks with the simplicity of the act of communication, the sociologist argues that communication relationships are the very relationships of domination and symbolic power. By understanding that speaking is the objective externalization of language and that saying involves a whole subjective complexity, it is assumed that what is objectively spoken is not always what is meant to be said. And yet, between speaking and saying, there is *doxa*, the symbolic dimension of language, representing the shared dominant discourse. Therefore, the research was developed with the general objective of understand what Samarco Mineração S.A. say when talk about sustainability. In order to achieve this objective, the research was classified as qualitative, descriptive and exploratory. The case study research strategy was chosen, based on the association of Samarco with the ecocide that occurred in the city of Mariana (MG). The data were obtained through a documentary research, where documents and sources of communication from the company itself were accessed, including sustainability reports, a one-year book of the Fundão breakup and publications on the institutional website, Facebook and Youtube. The information collected was analyzed using the narrative analysis method. When analyzing the narrative construction on sustainability, it was noticed that the word was applied distinctively in an instrumental and superficial way. Weaknesses were also found in the coherence and fidelity in the narratives issued by Samarco on sustainability. The analysis of narratives promoted the understanding that when Samarco talks about sustainability, the company expresses objective statements about its social, environmental and economic actions, but it says productivity, image/reputation management and control, economic and operational growth. Furthermore, the narrative emphasizes that enhance the socio-environmental actions practiced by Samarco were considered the dominant shared discourse, that is, the *doxa* about the company's sustainability, which reinforces the company's state of autonomy.

Keywords: Narrative. Sustainability. organizations. Speak. Say.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Etapas da Análise de Narrativas.....	91
Quadro 2 – Síntese das narrativas emitidas pela Samarco sobre sustentabilidade.....	113
Quadro 3 – Missão Samarco.....	133
Quadro 4 – Visão Samarco.....	134
Quadro 5 – Valores Samarco.....	136
Quadro 6 - Categorização das coerências narrativas das enunciações objetivas da sustentabilidade na Samarco Mineração S.A.....	142

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 OBJETIVOS	17
1.1.1 Objetivo Geral.....	17
1.1.2 Objetivos Específicos	17
1.2 JUSTIFICATIVA.....	18
2 REFERENCIAL TEÓRICO	21
2.1 SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA.....	21
2.1.1 A Tríade Bourdieusiana	24
2.1.2 Origens Dos Estudos Das Trocas Linguísticas	31
2.1.3 O Que Falar Quer Dizer	33
2.2 SUSTENTABILIDADE	41
2.2.1 Trajetória Histórica da Sustentabilidade.....	41
2.2.2 Sustentabilidade e as Organizações	45
2.2.3 A sustentabilidade como narrativa	50
2.3 NARRATIVAS	54
2.3.1 A Questão Ontológica	54
2.3.2 A Ciência Como Uma Construção Narrativa	59
2.3.3 A Organização Como Produção Narrativa	62
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	72
3.1 POSICIONAMENTO ONTO-EPISTEMOLÓGICO	72
3.1.1 Ontologia Historicista.....	72
3.1.2 Epistemologia Histórica	74
3.1.3 Perspectiva de Compreensão da Realidade	77
3.2 CLASSIFICAÇÃO GERAL DA PESQUISA	78
3.3 TEORIA E EMPÍRIA EM PESQUISAS ORIENTADAS PELA SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA	80
3.4 ESTRATÉGIA DE PESQUISA.....	82
3.5 UNIDADE DE ANÁLISE	83
3.6 ORIENTAÇÕES TEMÁTICAS	84
3.7 ACESSANDO AS INFORMAÇÕES NA REALIDADE	86
3.8 ANALISANDO AS INFORMAÇÕES	89

4 ANÁLISE DE DADOS	94
4.1 A CONSTRUÇÃO NARRATIVA DA SUSTENTABILIDADE NA SAMARCO MINERAÇÃO S.A. .	94
4.2 A INTERPRETAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA DA SUSTENTABILIDADE DA SAMARCO MINERAÇÃO S.A	117
4.3 AS ENUNCIÇÕES OBJETIVAS E OS ASPECTOS SUBJETIVOS DAS NARRATIVAS EMITIDAS PELA SAMARCO MINERAÇÃO S.A A RESPEITO DA SUSTENTABILIDADE.....	143
4.4 A DIMENSÃO SIMBÓLICA, A DOXA, SOBRE SUSTENTABILIDADE DA EMPRESA.	159
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	174
REFERÊNCIAS	179

1 INTRODUÇÃO

“As organizações não são apenas instrumentos para criar produtos e lucros. Eles são instrumentos de poder e dominação. São fontes importantes do sentido de totalidade e participação ou alienação do indivíduo” (ZALD, 1993, p. 517). Admite-se, portanto, que a relação das organizações com a sociedade se encontra em um cenário conflituoso e sua compreensão é relevante para o meio acadêmico e a sociedade em geral. E uma das maneiras de acessar e compreender os efeitos simbólicos de poder e dominação de uma organização é pelo estudo das relações de comunicação e linguagem.

Para tanto, a presente pesquisa se apoiou nas contribuições do sociólogo Pierre Bourdieu. A sociologia bourdieusiana rompe com a ingenuidade de que discursos são apenas falas propriamente ditas, sem nenhuma pretensão ou duplo sentido, mas evidencia que os discursos são falas a serem decifradas que reúnem aspectos concretos, performáticos, expressões e noções simbólicas. As relações sociais, em especial as de comunicação, configuraram-se no conhecimento e reconhecimento de um discurso. Sendo este, um meio pelo qual consegue objetivar uma subjetividade, em que raramente a linguagem funciona como um simples instrumento de comunicação (BOURDIEU, 1989; 2004; 2008).

Sendo assim, dirige-se para a premissa de que as relações de comunicação são as próprias relações de poder, que agem por meio do poder simbólico e da violência simbólica. Nessas relações de poder, concentram-se lutas simbólicas que visam assegurar para o agente e/ou estrutura uma posição relevante e um reconhecimento conferido, criando condições para um jogo social de disputa por uma ordem discursiva. O discurso manifestado por meio da linguagem, também como uma produção de comunicação, marca e ressalta os efeitos de poder e de dominação (BOURDIEU, 1989; 2008).

A linguagem possui um caráter de representações simbólicas, pois as capacidades linguísticas não implicam somente na habilidade de falar, existem aspectos ocultos que influenciam nas relações sociais. Para Bourdieu (2004; 2008) os agentes e estruturas, instintivamente, almejam garantir uma posição social privilegiada com intuito de alcançar um poder, e a linguagem pode representar um capital, demarcando uma divisão e diferenciação entre eles. O ato da fala representa

a capacidade linguística de enunciação externalizada e contextualizada das palavras, no qual envolve a capacidade social de objetivação na comunicação por meio da linguagem. Contudo, as palavras e as enunciações podem assumir dois sentidos antagônicos, em razão da maneira que o emissor e receptor as interpretarem (BOURDIEU, 2008). Portanto, admite-se nesta pesquisa, que o falar e o dizer não podem ser entendidos da mesma maneira, pois nem sempre o falar é aquilo que quer ser dito e vice-versa, uma vez que o dizer agrega elementos subjetivos (BOURDIEU, 2008).

Para a sociologia bourdieusiana, o falar compreende a sua externalização objetiva, já o dizer contempla os aspectos subjetivos. Entre o falar e o dizer, está a dimensão simbólica da linguagem, que alinhada aos dominantes, denomina-se a *doxa*, um discurso dominante compartilhado. Compreende-se que a *doxa* consiste em uma subversão da visão de mundo, advinda do poder simbólico de dominação, “criando assim a representação e a vontade coletivas em condições de contribuir para produzi-lo” (BOURDIEU, 2008, p. 118).

Para esta pesquisa, optou-se por discutir sobre a sustentabilidade e sua comunicação manifestada em narrativas organizacionais. Nos últimos anos, houve um aumento considerável para o olhar da sustentabilidade organizacional, configurada como objeto de interesse, pois este termo induz a base para inúmeras diretrizes, normas e leis, dentre outros documentos. Autores que abordaram sobre este tema (DOVERS, 1996; HOPWOOD; MELLOR; O'BRIEN, 2005; MILNE, KEARINS, WALTON; 2006; O'CONNOR, 2000; PIERRI, 2001) argumentam que não há um conceito fixo ou universal para a sustentabilidade, indicando a existência de uma pluralidade de pensamentos e prismas que ressoam em uma amplitude de teorias e práticas que aplicam o termo em seus veículos de comunicação.

A grande desconexão entre a crescente adoção discursiva da sustentabilidade e declínio contínuo do meio ambiente (LANDRUM, 2017), é uma das razões da sustentabilidade ser considerada um conceito contestado, e até mesmo ilusório (MILNE, KEARINS, WALTON; 2006). Diante deste interesse, assume-se que a sustentabilidade possui múltiplos significados na área organizacional, resultando em diversas contestações em relação do entendimento do que consiste em ser uma organização sustentável. A propagação frenética do termo “sustentabilidade” ganhou notoriedade, sendo empregado corriqueiramente nas narrativas organizacionais.

Contudo, Lélé (1991) explica que, o termo corre o risco de se tornar um grande clichê devido a sua ausência de exatidão conceitual e a falta de rigor ao aplicá-lo.

Desta forma, a sustentabilidade relatada em documentos, relatórios e informações institucionais abarcam narrativas que contam estórias, promovendo a construção de significados e sentidos do fenômeno (CZARNIAWSKA; 1995; 2004; 2011; LÉLÉ, 1991; MILNE, KEARINS, WALTON; 2006; O'CONNOR; 2000; VAARA; SONENSHEIN; BOJE, 2016). Uma das maneiras de interpretar e analisar a comunicação, é por meio de narrativas. Segundo o paradigma narrativo proposto por Walter Fisher (1984; 1987) o modo mais próximo de capturar a experiência do mundo é a narração, pois considera-se simultaneamente as dimensões objetivas e subjetivas, isto é, deve-se levar em consideração que o mundo real e o fictício possuem uma relevância para a construção da realidade (CZARNIAWSKA, 1995; 2004; 2011).

Por este contexto, esta pesquisa optou por analisar a produção discursiva de uma empresa brasileira associada à um dos principais crimes ambientais da história do Brasil, mas que levanta a bandeira discursiva da sustentabilidade. Fundada em 1977, a Samarco Mineração S/A foi considerada responsável pelo rompimento da barragem de Fundão em 5 de novembro de 2015, em Mariana – Minas Gerais. O rompimento de Fundão lançou 32,6 milhões de metros cúbicos de rejeitos, foram atingidos “663 km de rios e resultou na destruição de 1.469 hectares de vegetação, incluindo Áreas de Preservação Permanente (APP), [...] no distrito de Bento Rodrigues, 207 das 251 edificações (82%) foram soterradas.” (IBAMA, 2016). Ao todo, 39 municípios de Minas Gerais e do Espírito Santo foram afetados pelo rompimento, “a onda de rejeitos, composta principalmente por óxido de ferro e sílica, soterrou o subdistrito de Bento Rodrigues e deixou um rastro de destruição até o litoral do Espírito Santo” (IBAMA, 2016). Além do colapso ambiental provocado, o rompimento provocou a morte de 19 pessoas.

Especialistas afirmam que os efeitos dos desastres serão sentidos por décadas e gerações devido à sua magnitude de destruição (LOPES, 2016). A enxurrada de lama e de rejeitos abalou níveis unidimensionais, sendo “entendidos como a destruição direta de ecossistemas, prejuízos à fauna, flora e socioeconômicos” (BRASIL, 2015, p. 2). Uma vez que a Samarco supera a violação dos direitos socioambientais, como o direito à saúde, à integridade física, à participação, à informação, entre outros, a empresa associa-se diretamente ao entendimento de

ecocídio. Gordilho e Ravazzano (2017) explicam o ecocídio como um crime a humanidade. Diante destas informações, o objetivo geral desta pesquisa consistiu em compreender o que a Samarco Mineração S.A. quer dizer quando fala sobre a sustentabilidade.

Fundamentando-se na apresentação das principais temáticas e das relações estabelecidas entre elas, esta pesquisa foi motivada pelo seguinte problema: **o que a Samarco Mineração S.A. quer dizer quando fala sobre a sustentabilidade?**

Para alcançá-lo, pesquisa foi desenvolvida por uma estratégia de estudo de caso, de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. Definiu-se a estratégia de pesquisa como estudo de caso, em razão da associação da Samarco com o ecocídio ocorrido em Minas Gerais. Elegeu-se por analisar as informações a partir da técnica da análise de narrativas, tendo como instrumento de coleta de dados os relatórios de sustentabilidade, vídeos institucionais publicados no canal do Youtube da Samarco, publicações no Facebook da Samarco e o próprio site institucional da empresa. Ainda cabe ressaltar que a pesquisa seguiu a abordagem estruturalista-construtivista e construtivista-estruturalista de Bourdieu (2004), cujo posicionamento advém de uma ontologia historicista e de uma epistemologia histórica.

Nesta perspectiva, cabe ressaltar que, Bourdieu (2004) buscou superar qualquer tipo ou classificação dualista, o sociólogo está no intermédio entre o subjetivismo e objetivismo, uma relação dialética de interdependência, não de exclusão de uma visão em detrimento a outra. A sociologia bourdieusiana pauta-se na relação dialética entre agência e estrutura. É entendido que a relação entre agência e estrutura se manifestam de maneira dinâmica, sobreposta e reflexiva. Bourdieu (2004) explica que a estrutura pode ser configurada ora como estruturante ora como estruturada, isto é, as estruturas podem desempenhar uma autoridade nas práticas dos indivíduos e, estas constituem e moldam as estruturas. Cabe ressaltar que esta perspectiva de compreensão de realidade reconhece a necessidade de um recorte social e histórico da realidade (BOURDIEU, 2004; 2009).

Considerando o propósito desta pesquisa, foram elencados três grandes temas: sociologia bourdieusiana, sustentabilidade e narrativas. Para melhor condução deste estudo, a pesquisa foi organizada da seguinte forma: o segundo capítulo apresentou o referencial teórico, no qual dividiu-se a partir dos três grandes

temas desta pesquisa. O primeiro tópico abriga as discussões teóricas sobre a sociologia bourdieusiana, perpassando inicialmente a tríade bourdieusiana, em seguida suas contribuições a respeito das trocas linguísticas e a discussões que envolvem o falar e o dizer. O segundo tópico contemplou a abordagem histórica da sustentabilidade, sua relação com as organizações e a sustentabilidade como narrativa. Já o terceiro tópico do referencial teórico abordou as questões ontológicas da narrativa, a ciência como uma construção narrativa e a organização como produção narrativa. E ainda foi elaborado um argumento de pesquisa que conjuga todos os assuntos discutidos no referencial teórico, apoiando a compreensão da sustentabilidade como construção narrativa. No terceiro capítulo foi exposto os procedimentos metodológicos. Seguindo para o quarto capítulo, foi apresentado a análise de narrativas resultantes dos documentos e informações coletadas. E por fim, encerrou-se com as considerações finais acerca desta pesquisa.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Compreender o que a Samarco Mineração S.A. quer dizer quando fala sobre a sustentabilidade.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Descrever a construção narrativa da sustentabilidade na Samarco Mineração S.A.
- Interpretar a construção narrativa da sustentabilidade na Samarco Mineração S.A.
- Elucidar as enunciações objetivas de sustentabilidade promulgadas pela Samarco Mineração S.A.
- Desvelar os aspectos subjetivos das narrativas emitidas pela Samarco Mineração S.A a respeito da sustentabilidade.
- Identificar a dimensão simbólica, a *doxa*, sobre sustentabilidade da empresa.

1.2 JUSTIFICATIVA

Uma pesquisa multiparadigmática pode trazer mais complexidade e diversidade para as pesquisas, e ainda pode servir para múltiplos propósitos, podendo criar entendimentos a respeito do mundo social, entender como o significado é construído, negociado, encenado, e ainda fornecer soluções práticas para problemas organizacionais (WESTWOOD; CLEGG, 2003; KELEMEN; HASSARD, 2003). Esta pesquisa apoiou-se em teorias sólidas que tratam os temas de sustentabilidade, narrativas e trocas linguísticas, a partir da contribuição da sociologia bourdieusiana, investindo em uma construção teórica que fosse dinâmica e reflexiva para os estudos organizacionais.

“Os métodos narrativos têm o potencial de dissolver a dualidade entre os estudos tradicionais e a experiência subjetiva de uma maneira que é metodologicamente sofisticada e teoricamente justificada.” (RHODES; BROWN, 2005, p. 25). Portanto, como contribuição teórico-metodológico para os estudos organizacionais, entende-se que os materiais acessados nesta pesquisa passaram por uma lente teórica e metodológica de narrativas e também pelas contribuições da sociologia bourdieusiana. Esta união se traduz como uma alternativa original de relacionar estes temas nos estudos organizacionais.

As construções narrativas tidas como objetos de análise desta pesquisa são de uma organização com forte destaque social e econômico para o Brasil, visto que esta esteve envolvida em um dos maiores desastres socioambientais do país. Destarte, entende-se que esta pesquisa contribui socialmente por oferecer reflexões das práticas organizacionais que impactam nas inúmeras esferas da realidade social com base no aporte teórico de Pierre Bourdieu. Como sociólogo da dominação, anseia compreender aquilo que se vê, e aquilo que não se vê, seguindo para além do que está explícito, buscando o oculto, o desconhecido, o inexplorado. Dessa forma, “o milagre da eficácia simbólica desaparece quando se percebe que a magia das palavras faz funcionar dispositivos -as disposições- previamente montados” (BOURDIEU, 2008, p. 105). O sociólogo enfatiza nos seus estudos sobre o poder, principalmente o poder simbólico nas relações sociais, configurando as relações como relações de dominação, portanto, considera-se que as organizações estão inseridas em espaços de lutas pelo poder formal e simbólico. Posto isso, pretendeu-se oferecer

reflexões para a sociedade a respeito das relações de dominação existentes na produção e circulação das narrativas organizacionais, no interior da dimensão objetiva, subjetiva e simbólica das narrativas sobre sustentabilidade.

Destaca-se que foi realizado um levantamento bibliométrico nas bases de dados Web of Science e Spell a fim de verificar o atual cenário dos estudos que envolvem os temas desta pesquisa. Na plataforma Web of Science foram realizadas algumas buscas com as palavras-chave de maneira combinadas e isoladas, as palavras foram: Bourdieu, *narrative*, *organization*, *sustainability* e *sustainable*. Os resultados foram filtrados por categorias de pesquisa relacionados a área de administração (management e business), revelando um campo de estudo pouco explorado. Na busca da plataforma Spell foi encontrado um artigo com as palavras ‘Bourdieu e Sustentabilidade’, onze artigos para ‘Bourdieu e Organizações’ e dois artigos para ‘Narrativa e Sustentabilidade’. Ambas plataformas não apresentaram trabalhos acadêmicos que explorassem, de forma relacional, os três grandes temas desta pesquisa na área da administração. Logo, é possível anunciar que esta dissertação pretende avançar na abordagem teórica da sociologia bourdieusiana referente à linguagem, sustentabilidade e narrativas para os estudos organizacionais contribuindo para a administração enquanto ciência.

Como contribuição para os pesquisadores atuais e futuros por se tratar de uma análise microssociológica, advinda da sociologia bourdieusiana, e de narrativas particulares. Segundo Westwood e Clegg (2003) esta perspectiva torna o campo mais socialmente responsável ao fomentar múltiplos sentidos, articulando vozes inéditas, liminares e marginalizadas, a fim da construção de uma realidade mais democrática. A perspectiva microssociológica não possui um caráter generalista e tampouco universalista, portanto o intuito é apreender as relações de um determinado fenômeno ou conflito de maneira particular, uma vez que “para mudar o mundo, é preciso mudar as maneiras de fazer o mundo, isto é, a visão de mundo e as operações práticas pelas quais os grupos são produzidos e reproduzidos” (BOURDIEU, 2004, p. 166).

A presente pesquisa difunde o cruzamento entre as áreas das organizações, sustentabilidade, narrativas e a lente interpretativa teórica de Bourdieu, especialmente na questão do falar e dizer, fornecendo possibilidades de questionamento sobre a sustentabilidade a partir de uma nova configuração. Em

especial, a pesquisa tende a oferecer novas perspectivas e reflexões para os estudos organizacionais, buscando romper com o status quo conceitual identificado nos trabalhos da área.

De fato, vale ressaltar a contribuição para a relação com a sustentabilidade na medida em que busca compreender o posicionamento discursivo de uma organização nos períodos pré-crime ambiental, crime ambiental e pós-crime ambiental. Isto corrobora para o entendimento dos artifícios de comunicação da organização que levanta a bandeira discursiva da sustentabilidade. Relacionado a esse tema, a pesquisa pode ajudar a compreender as práticas discursivas que são declaradas sustentáveis, mas que a realidade revela um cenário antagônico. A partir destas possíveis contribuições e justificativas desta pesquisa, o capítulo seguinte apresenta o referencial teórico sobre os temas desta pesquisa: a sociologia bourdieusiana, a sustentabilidade e narrativas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O desenvolvimento deste capítulo apoiou-se nos principais temas desta pesquisa: sociologia bourdieusiana, sustentabilidade e narrativas. O primeiro capítulo se refere a sociologia de Pierre Bourdieu, apresentando a tríade bourdieusiana, em seguida é apresentada a explicação dos aspectos que envolvem as trocas linguísticas e, finalmente, o subtópico sobre 'o que falar quer dizer', no qual foi possível compreender as relações das trocas linguísticas segundo o pensamento do sociólogo. O segundo capítulo aborda a sustentabilidade, dirigindo-se com uma breve apresentação histórica do conceito, em seguida discutiu-se a relação da sustentabilidade com as organizações e o terceiro subtópico discutiu a sustentabilidade como narrativa. O terceiro capítulo foi elaborado com o intuito de esclarecer a questão ontológica das narrativas, a ciência como construção narrativa e, por fim, a organização como produção narrativa, no qual os temas foram separados por seções distintas.

2.1 SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA

De origem campesina, filhos de médios proprietários de terras, Pierre Félix Bourdieu, nasceu em agosto de 1930 na região de Bearn, na França. O interesse pela área da sociologia surgiu a partir das vivências nos campos de guerra na Argélia. Entretanto, sua trajetória intelectual transitou da filosofia para etnologia e por fim para a sociologia. Essa transição foi um processo difícil, a migração de Bourdieu para sociologia esteve voltada a tornar certos questionamentos possíveis e se opor a repleta quantidade de falsas oposições. Para tanto, rompeu com a visão dicotômica proposta pelo estruturalismo, advindo da filosofia e a ideia de Marx associada a necessidade de se apreender a experiência dos agentes, pensamento este associado a etnologia e a fenomenologia. Na construção de seu projeto intelectual, o filósofo e sociólogo transitava entre estas duas perspectivas (WACQUANT, 2002).

A sociologia bourdieusiana busca, a partir da reflexividade, o entendimento das questões que se encontram nas relações, isto é, no espaço intermediário entre o objetivo e o subjetivo. O sociólogo presume que em todas as relações há uma dominação, logo existem posições de agentes que se configuram

como dominante ou dominado. Destarte, sua teoria social visa elucidar e desvendar as relações de dominação presentes em determinado campo. Pierre Bourdieu não se rotulou em uma epistemologia específica, em sua perspectiva de compreensão da realidade adota-se a nomenclatura de construtivismo estruturalista ou/e de estruturalismo construtivista, analisando a relação entre a estrutura e o agente e vice-versa (BOURDIEU, 2004).

A compreensão de estruturalismo advém da tradição saussuriana e lévi-straussiana, na qual entende que no mundo social há estruturas objetivas independentes da consciência e da ação dos agentes. Já o construtivismo interpreta a existência da construção social de meios de percepção, pensamento e atuação dos agentes, no qual se constitui o conceito de *habitus* (BOURDIEU, 2004; BOURDIEU; WACQUANT; 1992).

A sociologia bourdieusiana reconhece a necessidade de retomar o contexto sócio histórico do fenômeno a ser estudado, isto é, ressaltar as premissas sociais e históricas envolvidas em um determinado acontecimento, indivíduo ou grupo (BOURDIEU, 2004). Pierre Bourdieu construiu sua própria sociologia a partir dos estudos das práticas sociais que se configuram por duas maneiras, pela história reificada e a história incorporada. A história é apresentada como elemento configurado por duas vias distintas: a via formal, objetivada e via informal, incorporada. A primeira, que é contada por aqueles que superaram o conflito e estabeleceram sua dominação, é denominada de história reificada, “história que se acumulou ao longo do tempo nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, teorias, costumes, direitos, etc.” (BOURDIEU, 1989, p. 82). A outra é a história em termos da incorporação pelos homens, por meio de suas ações, experiências, vivências e relações, denominada história incorporada (BOURDIEU, 1989). Em síntese, a história reificada se dá a partir de fatos objetivos, e a história incorporada é regulada pelas incorporações do *habitus* dos agentes.

A adoção de percepção do mundo social se traduz como ponto fundamental da sociologia bourdieusiana, onde se busca criar visões de mundo a fim de contribuir para uma construção deste mundo. Logo, O mundo social se constitui a partir da própria representação daquele que o integra. Atenta-se que os pontos de vistas são “visões tomadas a partir de um ponto, isto é, a partir de uma determinada posição no espaço social” (BOURDIEU, 2004, p. 157), logo se presume a existência

de diferentes pontos de vistas, sendo até mesmo antagônicos. Bourdieu (2008, p. 112) destaca a necessidade e o desejo dos agentes em serem notados, assim “o mundo social é também representação e vontade; existir socialmente é também ser percebido, aliás, percebido como distinto”.

Em suma, o mundo social é uma realidade apreendida subjetivamente, ocupada por agentes sociais com práticas individuais e coletivas em que a posição social destes determinará suas visões de mundo e interpretações sobre a realidade (BOURDIEU, 2009). Destaca-se que o conceito de mundo social não se sobrepõe ao entendimento de espaço social, pois o mundo social é produto de uma história reificada e o espaço social se refere à uma estrutura relacional de posições sociais (BOURDIEU, 2004; BOURDIEU, 2008).

Bourdieu (2004, p. 153) considera que os agentes estão dispostos em um espaço social, isto é, em “um espaço geográfico no interior do qual se recortam regiões”. As construções destes espaços podem ser configuradas por duas dimensões, a primeira é de acordo com o volume de capital que os agentes possuem, e a segunda é conforme a força correspondente das diferentes espécies de capital, econômico e cultural no volume total da posse do capital,

mas esse espaço é construído de tal maneira que, quanto mais próximos estiverem os grupos ou instituições ali situadas, mais propriedades eles terão em comum; quanto mais afastados, menos propriedades em comum eles terão. As distâncias espaciais -' no papel - coincidem com as distâncias sociais. Isso não acontece no espaço real. Embora se observe praticamente em todos os lugares uma tendência para a segregação no espaço, as pessoas próximas no espaço social tendem a se encontrar próximas - por opção ou por força - no espaço geográfico, as pessoas muito afastadas no espaço social podem se encontrar, entrar em interação, ao menos por um breve tempo e por intermitência, no espaço físico (BOURDIEU, 2004, p. 153)

“O espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida” (BOURDIEU, 2004, p. 160). Desta maneira, considera-se que o espaço social é um sistema composto por um conjunto de posições sociais ocupadas pelos agentes em uma formação social ofertada. Para compreensão do recorte do espaço social que Bourdieu (1989; 2004) realiza na construção de sua teoria sociológica, faz necessário apresentar os atributos que influem na compreensão das relações sociais.

Cabe destacar os quatro atributos que permeiam e sustentam a sociologia bourdieusiana, no qual corroboram para a tríade conceitual e posteriormente em outros conceitos, são estes: reflexivo, relacional, pragmático e

praxiológico. A reflexividade contribui no exercício de questionar aquilo que foi dado como universal e se torna conhecimento científico, possibilitando a desnaturalização de uma verdade absoluta. O outro atributo é o relacional, no qual o conhecimento se constrói de maneira dinâmica e relacional, e a realidade se expressa por meio das relações, isto é, um conjunto de relações objetivas que estão submersas em um universo simbólico que constrói a realidade social que influenciam e são influenciadas em significados e significações que compõe a subjetividade (MATON, 2003).

O pragmatismo é outra característica na qual demonstra a tenacidade em analisar as ações concretas, estabelecendo um olhar externo e até mesmo o exercício da autoanálise no sentido de resgatar sentidos de quem está de fora consiga acessar as regras do jogo. E o último atributo a ser discutido é o praxiológico, que consiste no estudo da prática, advinda da união do texto e o contexto, e que promove a relação do campo e o *habitus*. A sociologia bourdieusiana “leva em conta a historicidade e, portanto, a relatividade das estruturas cognitivas, enquanto registra o fato de que os agentes universalmente colocam em ação tais estruturas históricas” (BOURDIEU; WACQUANT, p.139). Estes quatro pilares contribuem para a compreensão dos estudos de Bourdieu, visto que estes caracterizam o modo de que o autor enxerga e analisa a realidade. Deste modo, no próximo tópico apresenta-se os três principais conceitos da sociologia bourdieusiana.

2.1.1 A Tríade Bourdieusiana

A partir de seus estudos, em diversas obras Bourdieu percebe-se a presença e essencialidade de três conceitos a fim de compreensão melhor a dinâmica da sociedade: campo, *habitus* e capital. Essa tríade conceitual é utilizada em diversas pesquisas nos estudos organizacionais a fim de compreender o funcionamento das organizações. Partindo do princípio sobre as relações entre agente e estrutura, entende-se que a realidade é socialmente construída, sendo algo não estático, onde há uma sedimentação contínua. A sociologia do conhecimento compreende a realidade humana como uma realidade socialmente construída, em que os processos sociais implicam em relações entre as variáveis forças, e o *habitus* representa as relações de um segmento do espaço social (BOURDIEU, 2004; 2009).

O entendimento de *habitus* é primordial para a compreensão de outros conceitos da sociologia bourdieusiana, uma vez que, estes devem ser pensados de forma relacional e não individual. O *habitus* estabelece a ligação entre a sociedade e o indivíduo, onde estão presentes as condições objetivas e subjetivas. Bourdieu (2009, p. 87) define o *habitus* como:

sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente 'reguladas' e 'regulares' sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.

Entende-se que o *habitus* é um dispositivo condutor para a realização de práticas e condutas, assim presume-se certa regularidade de ações, logo é possível pressupor determinadas práticas dos agentes, pois “o *habitus* faz com que os agentes que o possuem comportem-se de uma determinada maneira em determinadas circunstâncias” (BOURDIEU, 2004, p. 98). Contudo, o sociólogo enuncia que as ações geradas pelo *habitus* não apresenta uma constância definida, pois “o *habitus* está intimamente ligado com o fluido e o vago” (BOURDIEU, 2004, p. 98). Sendo assim, assume-se aqui um fator de espontaneidade geradora do *habitus*, não há o aspecto determinista e definitivo nas práticas dos agentes. Não é possível dizer que há uma exatidão, mas uma previsão regular na maneira de agir do agente, em razão de uma certa tendência reguladora em suas condutas.

O *habitus* pode ser tanto individual quanto coletivo, ele age como princípios organizadores da ação. Considerando que os agentes são seres relacionais, significa que o *habitus* age tanto na construção do indivíduo em si como na estruturação do agente social como operador prático dos campos (BOURDIEU, 2004). O sociólogo explica que

Cada indivíduo tem uma trajetória específica, viveu simultaneamente em muitos campos, e tem um sentido prático único do que ninguém pode compartilhar exatamente com ele/dela. A pessoa nesse sentido é única. No entanto, essa singularidade não é uma singularidade absoluta, pois cada *habitus* conecta um indivíduo com outros agentes e representa a transposição das estruturas objetivas de poder a pessoa tem nos múltiplos campos em que vive, ao encaminhá-los para as estruturas subjetivas de ação, tomada de posição e pensamentos do agente (BIGO, 2011, p. 241).

Assim, o *habitus* age diretamente na vida cotidiana dos agentes, atuando nos padrões de pensamento, percepção e julgamento. A constituição do

habitus é moldada de acordo com a estrutura social do agente, isto é, ele é formado de acordo com a situação social e o status do agente dentro de uma estrutura social. E os padrões inerentes a essas posições geram práticas envolvidas na reprodução das estruturas objetivas estruturalmente adaptadas. “O *habitus* é um operador prático um mecanismo que se adapta a prática para a estrutura e, assim, garante uma reprodução prática da estrutura” (MÜLLER, 2006, p. 55).

Sendo um princípio gerador e unificador, o *habitus* retrata características intrínsecas e relacionais da posição do agente em um estilo de vida único, ou seja, um conjunto homogêneo de pessoas, de bens e de práticas de um agente individual ou de uma classe de agentes (BOURDIEU, 2011). Deste modo, o *habitus* pode ser considerado também uma espécie de “sentido do jogo”, e este jogo social é incorporado no *habitus* para que tanto o agente ou o campo incorporem o senso de jogo (BOURDIEU, 2004). Em suas palavras:

O *habitus* como social inscrito no corpo, no indivíduo biológico, permite produzir a infinidade de atos de jogo que estão inscritos no jogo em estado de possibilidades e de exigências objetivas; as coações e as exigências do jogo, ainda que não estejam reunidas num código de regras, impõem-se àqueles e somente àqueles que, por terem o sentido do jogo, isto é, o senso da necessidade imanente do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las. Isso se transpõe facilmente para o caso do casamento (BOURDIEU, 2004, p. 82).

O *habitus* rompe com o aspecto estrutural do campo, pois se trata de uma estrutura incorporada socialmente construída. Ele estabelece uma relação dialética com o campo, ambos “existem apenas em relação um ao outro e não são polaridades, mas limites [...] o *habitus* é a condição limite da incorporação do campo” (BIGO, 2011, p. 238). Assim, o *habitus* depende do campo, que estão moldando um sentido único de jogo, e cada faceta de um *habitus* gera um sentido prático para os agentes no campo.

O objeto de estudo da sociologia bourdieusiana são as relações que acontecem entre o texto e o contexto, ou seja, aquilo que se vive e aquilo que se vê, e o espaço que se constrói as relações é no microcosmo, no qual denominou-se de campo. Tendo em vista, o interesse em de Bourdieu em realizar estudos em profundidade e não promover generalizações, entende-se que o campo é um recorte do espaço social, caracterizando sua sociologia como microssociologia. Para Bourdieu (2004), qualquer indivíduo, intencionalmente ou não, diretamente ou não,

participa de relações, e estas dão vida ao contexto, texto, e assim origina-se o entendimento de campo.

Existe a dependência da ação humana para a constituição de um campo, este pode-se configurar por um campo de indivíduos e/ou de instituições. Bourdieu (2009) considera que dentro de cada campo há relações de dominantes e dominados, segundo os determinantes específicos de cada campo. O sociólogo ainda explica que os campos são os lugares de relações de forças que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas, isto é, nem tudo nele é igualmente possível e impossível em cada momento. Portanto, o campo é entendido como um lugar de relações de força e de lutas, e estas são impostas a todos os agentes que entram no campo (BOURDIEU, 1989; 2004).

Um campo pode ser compreendido como um espaço estruturado que envolve diferentes posições ocupadas por agentes do campo. As práticas e estratégias dos agentes só são compreendidas se forem relacionadas e relevantes para aquele campo em questão, e também pelas posições ocupadas pelos agentes. Assim, cada campo produz e corresponde a um *habitus*, e ainda ressalta que os agentes que tiverem incorporado o *habitus* próprio do campo estarão em condições de jogar o jogo (BOURDIEU, 1989). Nas palavras do sociólogo:

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade que se exercem no interior deste espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar este campo de forças. Cada um, no interior deste universo, estabelece em sua concorrência com os outros a força (relativa) que ele detém e que define sua posição dentro do campo e, em consequência, suas estratégias (BOURDIEU, 1996, p. 46).

O campo é uma estrutura objetiva que se encontra no macrocosmo, ou seja, é um recorte do espaço social. Em cada campo há suas particularidades, como regras do jogo, desafios e capitais específicos. Desta maneira, há uma lógica específica de funcionamento, que envolvem práticas, estratégias, capitais e *habitus* específicos do campo (BOURDIEU, 1989; 2004). As lutas produzidas pelas estruturas constitutivas do campo é o princípio que movimenta o campo, e estas reproduzem as estruturas e originam hierarquias. Portanto, os agentes não têm outra opção a não ser lutar para uma posição no campo, há uma competição para conservar ou aumentar o capital relevante para aquele campo, para que não sejam excluídos do jogo, criando uma concorrência e o desejo de pertencimento do campo.

como todo campo, o lugar de relações de força (e de lutas que visam transformá-las ou conservá-las), permanece o fato de que essas relações de força que se impõem a todos os agentes que entram no campo - e que pesam com especial brutalidade sobre os novatos - revestem-se de uma forma especial: de fato, elas têm por princípio uma espécie muito particular de capital, que é simultaneamente o instrumento e o alvo das lutas de concorrência no interior do campo, a saber, o capital simbólico como capital de reconhecimento ou consagração, institucionalizada ou não, que os diferentes agentes e instituições conseguiram acumular no decorrer das lutas anteriores, ao preço de um trabalho e de estratégias específicas (BOURDIEU, 2004, p. 170).

Diante dessa explicação, pode-se dizer que o campo é um espaço hierarquizado, onde existem relações de dominação, representado pela presença de dominantes e dominados, forças que movem as disputas por poder e interesses. A movimentação de capitais é outro fator gerador destas movimentações, os quais são objetos de interesse que permeiam o campo, pois estes podem trazer benefícios para sua posição social e autoridade. O capital pode ser entendido como diferentes espécies de recursos, objetos de interesse conversíveis uns nos outros a partir de diferentes taxas de troca, sendo cada um deles operativo em campos e em tempos específicos (BOURDIEU, 1989; 2004).

Em seus estudos, Bourdieu (1989) encontrou três tipos de capitais, os quais apareciam comumente em todos os campos: econômico, social e cultural. Estas diferentes espécies de capitais são fundamentais na compreensão do funcionamento do campo. A forma mais explícita de capital, o econômico, relacionado à capacidade monetária do agente. O capital econômico pode ser considerado um facilitador para o acesso aos outros tipos de capitais, logo, para a sociedade capitalista este tipo de capital é considerado uma espécie de dominante. O capital econômico é aquele proveniente de qualquer forma possível de fonte de renda, isto é, uma extensão da riqueza econômica do agente. Ele ainda explica que “de fato, a “potência” particular do capital econômico poderia estar relacionada ao fato de ele permitir uma economia de cálculo econômico” (BOURDIEU, 2004, p. 133).

Outro tipo de capital que pode ser adquirido ou incorporado no *habitus* do indivíduo é o capital cultural. Este tipo de capital assume a forma de bens culturais que podem ser classificados em três formas: institucionalizado, objetivado e incorporado. O capital cultural institucionalizado refere-se a títulos reconhecidos e outorgados, por meio de uma instituição, como um certificado de posse que dá acesso a uma determinada posição e prestígio social, como por exemplo, o título escolar. O capital cultural objetivado é formado por bens culturais que são consumidos, como

quadros, obras de arte, etc. Contudo, ressalta-se que o acesso a estes objetos presume necessidade de possuir dinheiro e/ou educação. O capital incorporado, é adquirido pelo indivíduo desde a socialização primária por meio de disposições da mente e do corpo, um exemplo é o comportamento específico incorporado através das relações com a família e/ou igreja (BOURDIEU, 1989).

Destaca-se que o capital cultural está estreitamente ligado ao capital social, pois são espécies de capitais que promovem uma relação cultural. O capital social possibilita ao agente a capacidade de mover as relações sociais para seus próprios interesses (BOURDIEU, 2009). O capital social refere-se ao “conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede duradoura de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento e de inter-reconhecimento.” (BOURDIEU, 1989, p. 2). Este tipo de capital se dá por meio dos grupos socializadores do indivíduo, portanto a família é um dos principais meios de ações socializadoras.

Apesar da presença destas três espécies de capital, Bourdieu destaca a existência de um capital considerado uma síntese de todo o capital disponível para um agente conquistar e lutar: o capital simbólico, este é concebido como “um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento” (BOURDIEU, 2004, p. 166). Para desenvolver este conceito o sociólogo parte da noção do poder simbólico, definido como um “poder invisível o qual só pode ser exercido a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 7). Desta maneira, o capital simbólico é regido pelo poder simbólico, um poder invisível que permeia o *habitus*, o campo e as relações, uma forma transfigurada e legitimada das outras formas de poder.

Como toda e qualquer espécie de capital, o capital simbólico é reconhecido como um crédito. Contudo, o capital simbólico possui um sentido mais amplo, pois somente por meio de uma crença é possível outorgar um agente como detentor do capital simbólico. “Pode se observar que a exibição do capital simbólico (sempre demasiado custoso do ponto de vista econômico) é um dos mecanismos que fazem (sem dúvida universalmente) com que o capital atraia o capital.” (BOURDIEU, 2009, p. 187).

Assim, o agente possuidor do poder simbólico é detentor de um capital fundado no conhecimento e reconhecimento, ou seja, em um capital simbólico. Um dos princípios que movem as lutas no campo é a busca por reconhecimento, esta é uma dimensão fundamental da vida social dos agentes, pois “nelas está em jogo a acumulação de uma forma particular de capital, a honra no sentido de reputação, de prestígio, havendo, portanto, uma lógica específica da acumulação do capital simbólico” (BOURDIEU, 2004, p. 35).

O papel dos capitais é representado nas ações e reações dos agentes. Estes indivíduos não possuem outra escolha, a não ser lutar para conservar ou aumentar o capital relevante de acordo com sua posição social no campo. Cada campo possui uma forma particular de capital, “contribuindo assim para fazer pesar sobre todos os outros os constrangimentos, frequentemente vividos como insuportáveis, que nascem da concorrência” (BOURDIEU, 1989, p. 85). Para compreender as movimentações de capitais, o sociólogo aponta que

os agentes estão distribuídos no espaço social global, na primeira dimensão de acordo com o volume global de capital que eles possuem sob diferentes espécies, e, na segunda dimensão, de acordo com a estrutura de seu capital, isto é, de acordo com o peso relativo das diferentes espécies de capital, econômico e cultural, no volume total de seu capital (BOURDIEU, 2004, p. 154).

Outro princípio que move o campo é o interesse, na verdade, este é a condição de funcionamento de um campo. O interesse é um princípio que motiva e estimula os agentes a lutar por determinada posição e/ou capital, resultando em uma movimentação no campo. Portanto, pode-se dizer que o interesse é um produto que move e energiza o campo (BOURDIEU, 2004).

A existência de um campo especializado e relativamente autônomo é correlativa à existência de alvos que estão em jogo e de interesses específicos: através dos investimentos indissolúvelmente econômicos e psicológicos que eles suscitam entre os agentes dotados de um determinado *habitus*, o campo e aquilo que está em jogo nele (eles próprios produzidos enquanto tal pelas relações de força e de luta para transformar as relações de força constitutivas do campo) produzem investimentos de tempo, de dinheiro, de trabalho, etc. (BOURDIEU, 2004, p. 126-127).

O interesse pode ser considerado como um fator que estimula as pessoas, um princípio provocador que incita os agentes a concorrer, competir e lutar por variáveis que possibilitam uma ascensão no campo, tanto na posição social ou por alcance de capitais. Percebe-se que há uma relação ambígua entre o campo e o interesse, pois ao mesmo tempo em que o interesse é o produto de funcionamento do

campo, todo campo gera uma forma particular de interesse. Bourdieu revela que não há um interesse, mas uma infinidade de interesses em diversas variáveis segundo lugar e tempo (BOURDIEU, 2004). Os interesses dos agentes estão embutidos nos discursos dos agentes que se desejam legitimar e obter reconhecimento no campo, para isto realizam trocas linguísticas por meio do processo de comunicação. Neste tópico apresentou-se a tríade conceitual e outros conceitos que relacionam e atuam na configuração e funcionamento do campo. Para tanto, faz-se necessário apresentar a concepção de Bourdieu sobre a comunicação a partir do que se denomina: estudos das trocas linguísticas.

2.1.2 Origens Dos Estudos Das Trocas Linguísticas

A direção dos estudos de Bourdieu (2008) para o entendimento e explicação das relações que circundam o mundo social, em específico das relações linguísticas, tem apoio de diversas correntes estruturalista, e concomitantemente, redige fortes críticas aos pensamentos postulados da linguística estruturalista. O sociólogo se inspirou no projeto durkheimiano, explorando os elementos marcadores das classes sociais, e de suas classificações, conferindo as condições sociais como uma das premissas para mobilizar os interesses materiais e simbólicos. Além disso, procurou desenvolver uma teorização dos sistemas de disposições sociais, em que a condução da língua é considerada como parte de um domínio particular e distintivo do corpo e das competências desenvolvidas pelo processo complexo de naturalização social (BOURDIEU, 2008).

Na obra 'A economia das trocas linguísticas', Bourdieu (2008) inicia seu pensamento destacando a necessidade em romper com a maneira que a filosofia social trata as relações sociais, superando a alternativa comum entre os aspectos econômicos e culturais para aprofundar-se em uma análise de produção simbólica das trocas linguísticas. O sociólogo enfatiza que

aceitar o modelo saussuriano e seus pressupostos é o mesmo que tratar o mundo social como um universo de trocas simbólicas e reduzir a ação a um ato de comunicação que, como a fala saussuriana, está destinada a ser decifrado mediante uma cifra ou um código, uma língua ou uma cultura (BOURDIEU, 2008, p. 23)

A discordância de Bourdieu com os pensamentos estruturalistas de Saussure e Chomsky está presente em diversos segmentos da obra. Pela perspectiva

estruturalista, a língua é una e indivisível, e deveria ser analisada como um elemento isolado, sem levar em conta seu contexto social. Por sua vez, o sociólogo se antepõe a esta ideia devido a insuficiência do modo de tratar a fala, excluindo a capacidade prática de execução da mesma, ou seja, para Bourdieu a linguagem é visceralmente social em virtude da relação entre a sociedade e a linguagem, e ainda pelas suas condições sociais de produção e utilização dos instrumentos linguísticos (BOURDIEU, 2008).

Considerado o pai do estruturalismo e da linguística moderna, Saussure aprofundou seus estudos sobre o funcionamento da língua, na qual considerava que seu manejo era fundamentalmente estrutural e coletivo. Esta concepção concebeu a língua como uma estrutura homogênea e dinâmica, estudando-a como um sistema a ser decifrado mediante uma cifra ou um código, desprovida do contexto social. Bourdieu (2008) convencionou a relação da língua com o poder, poder constituído pela experiência singular e coletiva, nas quais as situações sociais são construídas e mediadas a partir do poder que a língua carrega em si, portanto o sentido das palavras não se resume somente na gramática, há um conjunto de elementos que influem na construção de sentido.

A sociologia bourdieusiana revela que no mundo social o que é anunciado “não é a ‘língua’, mas discursos estilisticamente caracterizados” (BOURDIEU, 2008, p. 25), pois há propriedades distintivas que permitem estabelecer diferentes maneiras de se dizer algo. O poder das relações comunicativas possui efeitos que contribuem para um valor simbólico que consiste em despertar experiências variáveis, é uma relação socialmente caracterizada à singularidade das experiências individuais e coletivas. Bourdieu (2008, p. 25) explica que “o paradoxo da comunicação é que ela supõe um meio comum, mas que só tem êxito ao suscitar e ressuscitar experiências singulares, isto é, socialmente marcadas; isso é evidente no caso limite em que se trata de transmitir emoções”.

O linguista e filósofo Saussure realizou um estudo sobre a estrutura da língua, constituindo a ideia de significado e significante, onde o significado seria o conceito da palavra assimilado mentalmente por meio da fala ou quando ouvido. E o significante, com ideia daquilo que o indivíduo incorpora para si. Partindo desse ponto, existe uma coerência lógica do indivíduo se conectar com o outro por meio da linguagem. Ambos os conceitos precisam se relacionar o convívio com outras

estruturas sociais fazendo com que o indivíduo atribua sentido por meio daquilo que é determinado. A linguagem só existe, pois ela é um código diferente de outros códigos que já existem. O conceito de concretude também é apresentado pelo autor na ideia de que todos os objetos são concretos, e por meio da capacidade de abstração que se consegue ter entendimento sobre o mesmo (JOSEPH, 2004).

A posição de Bourdieu (2008) sugere que a linguagem está fundamentalmente em uma relação indexical com as estruturas do sistema social, ou seja, a variação linguística envolve as estruturas estruturantes e estruturadas considerando a relação com o sistema cultural e social, incluindo as disposições incorporadas dos indivíduos e grupos. A relação entre agente e estrutura é uma relação de interdependência, o ser humano se relaciona tanto com o ambiente natural particular, quando de ordem cultura e social, ou seja, o desenvolvimento do homem é constituído de uma parte biológica e com a interferência social.

Neste capítulo foi abordado brevemente a concepção das trocas linguísticas como elemento fundamental no processo de socialização e geração de conhecimento pelo homem. Com o intuito de compreender afundo a concepção do sociólogo a respeito das relações das trocas linguísticas, no próximo tópico adentra-se nos pressupostos objetivos e subjetivos no que concerne ao falar e o dizer nas interações sociais.

2.1.3 O Que Falar Quer Dizer

A sociologia bourdieusiana busca construir e compreender os sistemas de disposições sociais dos diversos grupos e classes, isto é, as relações que constroem a realidade social, e assim adentrar nos aspectos invisíveis. Um dos domínios explorados a fundo foi sobre a transcrição linguística com o intuito de construir um possível entendimento do conflito social, político e simbólico presente nas lutas classificatórias, “buscando extrair delas uma dicção expressiva reveladora dos embates em condições de mobilizar os interesses materiais e simbólicos decisivos dos grupos investigados” (BOURDIEU, 2008, p. 13).

As contribuições da sociologia bourdieusiana sobre as trocas linguísticas construiu o entendimento da linguagem nas interações sociais de maneira mais profunda. Bourdieu (2008) parte do pressuposto de que não existe um falante-

ouvinte ideal, e tampouco uma comunidade linguística homogênea. Sendo assim, o sociólogo explica a comunicação a partir das disposições produzidas e marcadas pelas estruturas de dominação, e assim, se tornam um meio de exercício do poder simbólico e da violência simbólica. Além disso, a linguagem vai além da objetivação da fala, existe um dinamismo dos aspectos abstratos e subjetivos para acessar as trocas simbólicas presentes nas relações de comunicação.

Bourdieu (2004; 2008) desenvolve uma abordagem sociológica para entender a linguagem como um aspecto de lutas sociais mais amplas, considerando a existência de diferenças sociais entre os agentes, sendo assim, a linguagem é vista como um marcador de distinção social. As formas de comunicação implicam que o papel da linguagem possui um estado prático, pois nela se encontra marcações como classe, status, gênero, idade e outras variáveis sociais.

Por maior que seja a proporção do funcionamento de uma língua que não esteja sujeita à variação, existe, na área da pronúncia, da dicção e até da gramática, todo um conjunto de diferenças associadas às diferenças sociais que, embora insignificantes aos olhos do linguista, são pertinentes do ponto de vista do sociólogo, porque pertencem a um sistema de oposições linguísticas que é a *retradução* de um sistema de diferenças sociais (BOURDIEU; 2008, p. 41).

Essas diferenças relacionadas à linguagem sustentam, de maneira difundida e até mesmo intuitiva, formas de classificações sociais, acarretando julgamentos sobre os outros. Na sociedade é notada a existência de preconceitos baseados na aparência, sotaque, voz, regras ortográficas, e outras características ligadas à linguagem, nos termos de Bourdieu essa manifestação é uma forma de violência simbólica, no qual “o poder da classe dominante trabalhando através de formas culturais, sobre uma comunidade linguística subordinada” (MYLES, 2010, p. 11). Todas estas variedades relacionadas às dimensões incorporadas da fala são fundamentais para entender o funcionamento das classificações sociais, pois estas influenciam e correspondem a status e poder, Myles (2010, p. 12) exemplifica que “as regras da gramática, portanto, nunca são padrões politicamente inocentes escritos em dicionários, em padrões educacionais ou na mídia, mas historicamente e socialmente arbitrários”.

Nos estudos de Bourdieu observa-se que alguns padrões linguísticos são resultados de lutas sociais entre diferentes grupos de classe, contudo não há um pensamento temporal estático, “deve sempre pensar a linguagem como algo ‘em ação’, em contextos, embora a preocupação com o poder simbólico seja sublinhar

como as estruturas funcionam” (MYLES, 2010, p. 12). As forças que determinam e influenciam a padronização da linguagem falada e escrita devem ser compreendidas por meio dos processos históricos centrais de institucionalização de determinados dialetos socialmente arbitrários (BOURDIEU; 2008), pois “o campo linguístico não é estático e varia historicamente e de maneira bastante dinâmica” (MYLES, 2010, p. 15).

A sociologia bourdieusiana entende que por conta desse processo, as classes subordinadas podem se sentir julgadas, e até mesmo estigmatizadas, em razão destas normas não corresponderem com as suas, e, portanto, é sentido a diglossia. A diglossia é “um aspecto muitas das vezes ‘não reconhecidas’ pelas vítimas do poder simbólico na linguagem, que cria uma situação em que a linguagem padrão só pode ser adquirida através da educação especial” (MYLES, 2010, p. 19). Essa sensação descrita pelo autor pode ser comparada a autocensura e a violência simbólica vivenciada pela classe que é dominada por padrões linguísticos estabelecidos por uma classe dominante. A classe dominada sente uma força voltada para o silenciamento forçado, por não possuir um tipo de comunicação técnica ou específica o agente não fala e muito menos questiona.

Um dos anseios gerados pelo o exercício de autoridade, advindo de um poder simbólico é a violência simbólica, na qual “todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força” (BOURDIEU; PASSERON, 1992, p. 19). Posto isso, o sociólogo apresenta a noção de violência simbólica como algo não questionável, que aqueles no papel de dominante fazem com que os demais indivíduos vejam como “natural” as representações e estruturas sociais dominantes.

Violência simbólica, violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma prioridade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária (BOURDIEU, 2018, p. 78).

A comunicação é um dos meios de controle e exercício de um poder simbólico sobre outros agentes, e a violência simbólica reside nestas disposições

modeladas pelas estruturas de dominação. A violência simbólica também se configura como instrumento estruturado e estruturante de comunicação e de conhecimento, com o intuito de impor, legitimar e assegurar a dominação de maneira invisível e incontestável (BOURDIEU, 2008; MYLES, 2010).

A linguagem se apresenta com um meio de importância para o ser em si, além de contribuir para seu desenvolvimento e o processo de socialização do ser com os demais. A socialização linguística modela o *habitus*, na qual sua intensidade advém desde a socialização primária, passando pelos ensinamentos culturais, envolvendo processos e movimentos automáticos. O *habitus* linguístico considera toda a natureza incorporada da linguagem, ou seja, as disposições adquiridas e incorporadas que envolvem a capacidade linguística (BOURDIEU, 2008; MYLES, 2010).

A sociologia bourdieusiana entende que os agentes possuem um impulso, fundamentalmente social, de competição por uma posição social privilegiada e a garantia de poder simbólico, logo, eles utilizam da linguagem para impor uma autoridade e uma diferenciação com o desejo de alcançar seus interesses (BOURDIEU, 1989; 2004). Como já dito, o sociólogo considerava tanto os aspectos objetivos quanto os subjetivos, transpondo para a linguagem considera-se que todo ato de fala deriva do encontro com o *habitus* linguístico incorporado e do campo linguístico, na qual possui uma força estruturante,

todo ato de fala e, mais geralmente, toda ação, é uma conjuntura, um encontro entre séries causais independentes. Por um lado, existem as disposições socialmente construídas do *habitus* linguístico, que implicam uma certa propensão a falar e a dizer coisas determinadas (o interesse expressivo) e uma certa capacidade de falar, que envolve tanto a capacidade linguística de gerar um infinito número de discursos gramaticalmente corretos, e a capacidade social de utilizar essa competência adequadamente em uma determinada situação. Por outro lado, existem as estruturas do mercado linguístico, que se impõem como um sistema de sanções e censuras específicas (BOURDIEU, 2008, p. 24).

Estas capacidades linguísticas implicam não somente a capacidade de falar, mas elementos necessários que dependem da dinâmica do *habitus*, como um elemento estruturante estruturado e ao mesmo tempo estruturado estruturante (BOURDIEU, 2004). O ato da fala representa muito mais do que a expressão de palavras, sendo que aquele que se situa à margem da interpretação da fala de cada indivíduo deve ter a compreensão de que, “cada palavra, cada locução ameaça assumir dois sentidos antagônicos conforme a maneira que o emissor e o receptor

tiverem de interpretá-la” (BOURDIEU, 2008, p. 27). A ideia do falar e do dizer, não pode ser compreendida da mesma maneira, o falar trata-se da enunciação de palavras, ou seja, a objetividade. O dizer vai além do falar, existe todo um conjunto de aspectos subjetivos que vão influenciar nas relações sociais (BOURDIEU, 2008).

Portanto, a linguagem vai além da língua proferida, há todo um aspecto articulatório que compreende as disposições corporais, implicando em uma informação sistemática que compõe todo o aspecto fonológico no discurso. E com estas considerações, Bourdieu (2008, p. 85) visa romper com a ingenuidade da força presente na linguagem, em específico, na apropriação do uso da linguagem,

A questão ingênua do poder das palavras está logicamente implicada na supressão inicial da questão acerca dos usos da linguagem e, por conseguinte, das condições sociais de utilização das palavras. Desde o momento em que se passa a tratar a linguagem como um objeto autônomo, aceitando a separação radical feita por Saussure entre a linguística interna e a linguística externa, entre a ciência da língua e a ciência dos usos sociais da língua, fica-se condenado a buscar o poder das palavras nas palavras, ou seja, a buscá-lo onde ele não se encontra.

Sendo assim, é por meio do falar e do dizer é possível converter um produto manifestado no discurso em aquilo que se pretendeu converter. O falar é aquilo essencialmente externalizado, o dizer é muito mais complexo (BOURDIEU, 2008). Portanto a sociologia bourdieusiana entende que nem sempre aquilo que é falado é que se quer dizer, pois há estruturas simbólicas que permeiam a linguagem.

Não se pode especialmente compreender os efeitos simbólicos da linguagem sem levar em conta o fato, mil vezes atestado, de que a linguagem é o primeiro mecanismo formal cujas capacidades geradoras são ilimitadas. Não há nada que não se possa dizer, e pode-se dizer o nada. Pode-se enunciar tudo na língua, isto é, nos limites da gramaticalidade (BOURDIEU, 2008, p. 28).

Para a sociologia bourdieusiana as relações sociais são as próprias relações de dominação, ou seja, são interações simbólicas que implicam a comunicação, através do conhecimento e reconhecimento. Para tanto, “não se deve esquecer que as trocas linguísticas - relações de comunicação por excelência - são também relações de poder simbólico onde se atualizam as relações de força entre os locutores ou seus respectivos grupos” (BOURDIEU, 2008, p. 23-24). As manifestações das trocas simbólicas na comunicação são forças que determinam e estruturam a fala, sendo que a posição social dos agentes interfere em sua autoridade discursiva, tendo em vista que “todo agente social aspira, na medida de seus meios,

a este poder de nomear e de constituir o mundo nomeando-o” (BOURDIEU, 2008, p. 81).

Compreendendo as posições de dominante e dominado na relação de comunicação, Bourdieu (2008, p. 82) apresenta a visão no qual os agentes estão em meio à luta para impor sua visão legítima, “os agentes detêm um poder proporcional a seu capital simbólico, ou seja, ao reconhecimento que recebem de um grupo”. Isso implica que caso o agente não possua um capital simbólico, ou até mesmo outro capital reconhecido no campo, o mesmo não detém o discurso dominante compartilhado no campo (BOURDIEU, 2004). Ele explica que

A eficácia simbólica das palavras se exerce apenas na medida em que a pessoa-alvo reconhece quem a exerce como podendo exercê-la de direito, ou então, o que dá no mesmo, quando se esquece de si mesma ou se ignora, sujeitando-se a tal eficácia, como se estivesse contribuindo para fundá-la por conta do reconhecimento que lhe concede (BOURDIEU, 2008, p. 95).

Como já destacado, a realidade social não é ordenada em princípios justos e igualitários, Bourdieu (2008, p. 87) revela as formas de dominação e de poder presentes nas relações sociais, destacando que estas relações se configuram em relações de dominação, afinal, para a sociologia bourdieusiana, a linguagem “representa tal autoridade, manifestando-a e simbolizando-a.”. O discurso é apreendido como um dos mecanismos mais poderosos de dominação de um grupo social, realizado por meio da linguagem, com o poder de ser reconhecido como convincente e legítimo, “os discursos não são apenas (a não ser excepcionalmente) signos destinados a serem compreendidos, decifrados; são também signos de riqueza a serem avaliados, apreciados, e signos de autoridade a serem acreditados e obedecidos” (BOURDIEU, 2008, p. 53).

Este pode ser alcançado por agentes e/ou estruturas, que desejam a legitimação de seus interesses. Desta forma, aquele que é detentor de um discurso dominante será portador de um discurso arbitrário, produzindo e reproduzindo a dominação. Transpondo para a realidade social, forma-se um grupo social reprodutor de um mesmo discurso, detentor este que exerce um poder simbólico apto para impor significações legítimas. Portanto, o sociólogo sustenta em suas análises a presença do poder discursivo nas relações sociais, no qual estas possuem um esquema classificatório de classes e posições, configurando as relações de dominação e simbólicas (BOURDIEU, 2008).

O discurso como fonte de poder impacta nas relações e por meio destas é que se configura um jogo, no qual indivíduos utilizam de estratégias a fim de angariar recursos. Esse poder discursivo é capaz de gerar uma *doxa*, isto é, uma ideia compartilhada e/ou naturalizada imposta pelos dominantes instituindo um sentimento indiscutível coletivo (BOURDIEU, 1989). A *doxa* pode ser compreendida como

uma aceitação incontestável do mundo da vida cotidiana, não simplesmente estabelecer que ela não é universalmente válida para todos os sujeitos que percebem e agem, mas também descobrir que, quando se realiza em certas posições sociais entre os dominados em particular, representa a forma mais radical de aceitação do mundo, a forma mais absoluta de conservadorismo (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, p. 73).

Porventura, a *doxa* pode assumir uma forma de um discurso ideológico, uma opinião naturalizada e reproduzida pelo “povo”, constituindo em uma visão do mundo advinda do poder de dominação, criando assim a representação e a vontade coletiva em condições de contribuir” (BOURDIEU, 2008, p. 118) para a reprodução de um mesmo ponto de vista. Em outras palavras, aquele “estando relegado ao estado de *doxa*, acaba sendo admitido sem discussão nem exame” (BOURDIEU, 2008, p. 122).

Cabe ressaltar que os grupos dominados ficam à *mercê* destes discursos, pois, por meio das práticas linguísticas o discurso dóxico causa a sensação de falso reconhecimento, permitindo a sensação de pertencimento, orientado para a naturalização de uma ordem social (BOURDIEU, 1989; 2008). Aqueles que adotam a *doxa* declaram, consciente ou inconscientemente, um discurso ortodoxo manifestado pela submissão à ordem instalada. As práticas linguísticas dominantes exprimem pela sensação de familiaridade no compartilhamento dos significados atribuídos, constituindo a adesão dóxica. Os representantes da dóxica são designados como os “guardiões da ordem simbólica”, que “consiste em tentar restaurar, no modo explícito da orto-doxia, as evidências primitivas da *doxa*” (Bourdieu, 2001, p. 224).

Em contrapartida, conscientemente ou inconscientemente, há aqueles que não aderem à incorporação dos significados atribuídos, e acabam por produzir um discurso heterodoxos, desalinhado com o discurso dominante e que desafia a *doxa* (BOURDIEU, 1989; 2008). Além disso há outro efeito da incorporação dóxica, a *alodoxia*, que consiste em uma forma particular de representação e de explicitação pública da *doxa*, porém são interpretações equivocadas dos significados atribuídos, é um

erro de percepção e, sobretudo de expressão, ou então, se a propensão a se reconhecer nos diferentes discursos e classificações propostos fosse igualmente provável para todos os agentes, quaisquer que fossem tanto sua posição no espaço social (e suas disposições) como a estrutura desse espaço, a forma das distribuições e a natureza das divisões segundo as quais tal espaço realmente se organiza (BOURDIEU, 2008, p. 122).

O processo não percebido de interiorização dos valores sociais deriva de uma série de construções sociais orientadora de pensamentos, condutas e princípios éticos e estéticos, sendo assim, a *doxa* dissemina-se para as dimensões da vida social que produzem sentidos e consagram as classificações, as posições e as disposições do universo simbólico (BOURDIEU, 1989; 2008). Portanto, sendo exercida por uma violência simbólica configurada a partir de um poder simbólico logo, a *doxa* não pode ser considerada de modo inocente e tampouco ingênuo.

Os discursos de autoridade consistem em ser reconhecidos a fim de exercer seu propósito, isto é, “reside no fato de que não basta que ele seja compreendido (em alguns casos, ele pode inclusive não ser compreendido sem perder seu poder), é preciso que ele seja reconhecido enquanto tal para que possa exercer seu efeito próprio.” (BOURDIEU, 2008, p. 91). Portanto, a capacidade simbólica das palavras depende do reconhecimento da pessoa-alvo concedendo-a a autorização discursiva.

O agente detentor de um discurso de autoridade não enuncia uma simples narrativa, longe disso, nesta forma de comunicação estão penetrados dizeres cobertos de interesses, com o propósito de legitimar sua posição social, e conseqüentemente tornar-se uma autoridade discursiva no campo em que ele está agindo. Para compreender a dinâmica do funcionamento destas disposições, Bourdieu (2008, p. 82) expressa que “os enfrentamentos de visões e de previsões [...] encerram certa pretensão à autoridade simbólica enquanto poder socialmente reconhecido de impor certa visão do mundo social, ou seja, das divisões do mundo social”.

Assim, na sociologia bourdieusiana a noção de discurso aponta que os discursos são falas a serem decifradas que reúnem aspectos concretos, performáticos, expressões e noções simbólicas. As relações sociais, em especial as de comunicação, configuraram-se no conhecimento e reconhecimento de um discurso. Sendo este, um meio pelo qual consegue objetivar uma subjetividade, em que raramente a linguagem funciona como um puro instrumento de comunicação.

Dessa forma, retoma-se a ideia do falar e dizer, em que muito daquilo que se fala não se trata realmente daquilo que quer dizer (BOURDIEU, 2008).

2.2 SUSTENTABILIDADE

2.2.1 Trajetória Histórica da Sustentabilidade

Para compreender as questões que envolvem a sustentabilidade é necessário salientar a existência de diversas correntes de pensamento presente nos debates acadêmicos, políticos, organizacionais e outras áreas. Sendo assim, a sustentabilidade apreende distintas perspectivas nas mais diversificadas esferas da sociedade, e estas orientam ações, decisões e práticas a respeito do que se refere sustentabilidade.

Segundo Pierri (2001) no final do século XVIII e início do século XIX, a Inglaterra e os Estados Unidos foram os primeiros países a elaborar leis e associações em defesa ao meio ambiente, porém o contexto histórico de guerras prejudicou o desenvolvimento de iniciativas e propostas voltadas para a proteção do meio ambiente. A consciência ambiental começou a emergir a partir da percepção dos efeitos negativos de sucessivas guerras, e após décadas surgiram esforços que visavam a recuperação ambiental, social e econômica. Relatórios e estudos científicos indicavam um alerta a respeito da gravidade de problemas ambientais, sugerindo uma possível fase inicial da crise ambiental (PIERRI, 2001; MOL, 2000).

Já no início do século XX a preocupação ambiental concentrou-se em virtude da crescente industrialização e à expansão das cidades. No final dos anos 60 a discussão no âmbito político tomou certa relevância devido as evidências de um possível colapso ambiental, “a crise ambiental irrompeu no mundo nos anos 60, suscitando novos desafios epistêmicos e políticos” (PORTO-GONÇALVES; LEFF, 2015, p. 86). Com a inclusão das discussões ambientais nas esferas políticas e a publicação de uma série de relatórios “teve uma instância decisiva na Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, realizada em Estocolmo (Suécia, 1972)” (PIERRI, 2001, p. 32). Foi nesta conferência que ocorreu a primeira tentativa de conciliar metas de desenvolvimento orientado à proteção da natureza.

A conferência de Estocolmo lançou um debate mundial sobre os impactos da intervenção humana, “movimentos ecológicos orientaram o debate sobre os interesses econômicos e políticos envolvidos na apropriação social da natureza” (PORTO-GONÇALVES; LEFF, 2015, p. 69). Neste período, o entendimento de natureza foi ressignificado pelas “transformações das relações sociais e de poder induzidas por um novo ciclo de crescimento econômico e desenvolvimento tecnológico” (PORTO-GONÇALVES; LEFF, 2015, p. 69). Uma das formas de expandir o movimento ambiental foi pelo incentivo da criação de ONGs nacionais e internacionais e a realização de conferências e convenções internacionais.

Os anos 70 foi marcado pela tentativa de produzir esforços em direção à possíveis respostas para esta crise, integrandos nos debates questões internacionais e problemas globais, reforçando que “o alarme ambiental "cai" em um mundo caracterizado por fortes desigualdades e interesses conflitantes” (PIERRI, 2001, p. 36). Foi observado que as questões ambientais se contrastam conforme os problemas específicos de cada país, visto que as diferenças econômicas e sociais estão ligadas ao ambiente e as suas conjunturas (PIERRI, 2001).

Outro evento que impulsionou o conceito de sustentabilidade para as agendas políticas nacionais e internacionais foi a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMED) criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1987 (PIERRI, 2001; DOVERS, 1996). Neste período foi destacado “uma série de acontecimentos ambientais e econômicos que tornaram mais evidente a gravidade e a dimensão da crise ambiental e acentuaram a prioridade de retomar o crescimento econômico, mas com alternativas tecnológicas e energéticas” (PIERRI, 2001, p. 53).

Em consonância com o termo sustentabilidade, as instituições e comissões também se apropriaram do termo “desenvolvimento sustentável”, sendo utilizado pela primeira vez em 1980 na ‘União Internacional para a Conservação da Natureza’ (HOPWOOD; MELLOR; O'BRIEN, 2005). Contudo, a sua notoriedade ocorreu no Relatório de *Brundtland*, no qual define-se que “o desenvolvimento sustentável é um desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender suas próprias necessidades” (CMED, 1987 *apud* DOVERS, 1996, p. 304). O relatório, também conhecido como “Nosso Futuro Comum”, destaca a dependência do meio ambiente

para os seres humanos satisfazerem suas necessidades, oferecer o bem-estar e explorar recursos. É enunciado também que a ecologia e a economia estão muito entrelaçadas em nível local, regional, nacional e global, e “os problemas ambientais ameaçam a saúde, os meios de subsistência e a vida das pessoas e podem causar guerras e ameaçar as gerações futuras” (HOPWOOD; MELLOR; O'BRIEN, 2005, p. 39).

Os debates produzidos apontavam a seriedade dos problemas que envolvem a sustentabilidade, a Comissão de *Brundtland* estabeleceu conexões entre sistemas e práticas políticas, econômicas, sociais e ambientais, sugerindo a emergência de mudanças econômicas, políticas e institucionais (DOVERS, 1996). A partir desta premissa, foi destacada a relação dos pilares econômicos, sociais e ambientais, compondo o tripé da sustentabilidade, também conhecido como *triple bottom line*. Assim, os dilemas que envolvem a sustentabilidade devem ser analisados de maneira sistêmica, pois estes estão inter-relacionados, e que o desenvolvimento sustentável deve propor uma combinação entre as questões ambientais com as socioeconômicas (HOPWOOD; MELLOR; O'BRIEN, 2005).

E os anos 90 foi marcado pela uma segunda onda de responsabilidade ambiental, com foco nos processos de produção e consumo, alertando sobre a emergência das questões ambientais, resultando uma mudança latente em instituições e nas práticas sociais (PIERRI, 2001; MOL, 2000). Com o aumento no interesse e apoio sobre desenvolvimento sustentável, houve uma mudança importante no que tange a compreensão das relações entre a humanidade com a natureza e com as pessoas, rompendo com a visão separatista do meio ambiente e os problemas socioeconômicos. A perspectiva ligada ao desenvolvimento do capitalismo, da revolução industrial e da ciência moderna, reconhecia o ambiente como algo externo à humanidade, e seu fim se limitava em ser explorado e usado, e o problema ambiental era visto como algo local e específico. Esta visão estabelece uma dicotomia entre natureza e sociedade, ou melhor, natureza *versus* sociedade, separação esta faz com que um tente dominar o outro, sendo que na verdade, natureza é a sociedade (HOPWOOD; MELLOR; O'BRIEN, 2005).

Os recursos naturais foram um dos principais temas abordados nas conferências mundiais, pois anteriormente os mesmos eram vistos como infinitos, e agora já é evidente que estes são escassos. O homem apropriou-se da natureza para

explorá-la como um produto e meio de produção, os indicadores mostram uma aceleração na devastação ambiental, indicando que esta degradação está intimamente ligada a uma lógica expansiva de acumulação do sistema capitalista. De acordo com a Pierri (2001, p. 68) “a natureza é escassa e produz bens e serviços, na realidade, ela é outra forma de capital (natural) que, junto com o capital manufaturado, humano e institucional, compõe o capital total”.

Essa crise ambiental desencadeou diversos movimentos e estudos, na qual a sustentabilidade surgiu como uma condição de buscar um equilíbrio ecológico global e a sobrevivência humana. Segundo Dovers (1996, p. 304) a sustentabilidade é “a capacidade de um sistema natural, humano ou misto de resistir ou se adaptar, em uma escala de tempo indefinida, a mudanças endógenas ou exógenas percebidas como ameaçadoras”. O autor destaca a complexidade dos problemas que envolvem a sustentabilidade e quanto estes são críticos, e diante disso é necessário estabelecer conexões as demais e diferentes esferas da sociedade.

Os termos ‘sustentabilidade’ e ‘desenvolvimento sustentável’ apresentados nas conferências foram considerados ‘soltos’ e ‘superficiais’, e este sentimento repercutiu nos discursos políticos e de líderes organizacionais. Hopwood, Mellor e O’Brien (2005, p. 38) enxergam o conceito de desenvolvimento sustentável como uma ideia ampla e com muitos significados diferentes, logo, não há uma conclusão ou respostas concretas. Tendo em vista a falta de solidez no fundamento destes conceitos, os mesmos autores alertam que há riscos da sustentabilidade e desenvolvimento sustentável se tornarem slogans e legitimar práticas políticas que possam atingir um utopismo distante da realidade. Outro autor que destaca estes riscos é O’Connor (2000, p. 27), ao postular que a expressão “sustentável” é utilizada de forma ambígua e envolve muito dos discursos contemporâneos sobre economia e meio ambiente, fazendo com que muitas pessoas empreguem a palavra de forma frívola “a palavra (sustentabilidade) pode ser usada para significar quase tudo o que você deseja, que faz parte do seu apelo”.

Pierri (2001, p. 65) também tece críticas tanto para o conceito de sustentabilidade, quanto o de desenvolvimento sustentável apresentados nas conferências, pois eles não respondem questões fundamentais, como “o que deve ser sustentado, para quem e por quanto tempo”. Outro autor que expôs seu parecer a respeito da definição de desenvolvimento sustentável citada no Relatório de

Brundtland por não ter clareza e precisão foi Dovers (1996, p. 304), enunciando que a sustentabilidade deve ser compreendida “como uma propriedade do sistema e o desenvolvimento sustentável como uma atividade política voltada para o aprimoramento dessa propriedade”. Ele ainda argumenta que a sustentabilidade é uma condição de longo prazo e o desenvolvimento sustentável é o processo para alcançá-la (DOVERS, 1996).

Em síntese, é possível enunciar que as definições de ‘sustentabilidade’ e ‘desenvolvimento sustentável’ não apresentam um entendimento sólido, ou tampouco universal. Por este motivo, muita das vezes, estes termos são utilizados de formas superficiais, fluídos e vagos. Segundo Lélé (1991) a incapacidade em desenvolver um conjunto de conceitos, critérios e práticas que sejam coerentes e consistentes é o ponto significativamente frágil do movimento sustentável. Entretanto, não há dúvidas que as questões que envolvem a sustentabilidade são de extrema importância para a esfera ambiental, social e econômica. Ademais, é explicado que

O desenvolvimento sustentável tem o potencial de enfrentar desafios fundamentais para a humanidade, agora e no futuro. No entanto, para isso, precisa de mais clareza de significado, concentrando-se em meios de subsistência sustentáveis e bem-estar, [...] que requer uma base forte em princípios que ligam o social e o ambiental ao patrimônio humano (HOPWOOD; MELLOR; O'BRIEN, 2005, p. 38).

Por ser um assunto que abrange toda a sociedade, e até mesmo um conceito desafiador, a sustentabilidade se apresenta como uma força potencial para gerar transformações no campo acadêmico, político, organizacional e dentre outros. Nesta pesquisa em específico será discutida a sustentabilidade no âmbito organizacional, alguns autores apontam que a sustentabilidade inspira uma ressignificação na maneira de se compreender as organizações, e também, alterar o modo de como os acadêmicos conceituam as organizações (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995).

2.2.2 Sustentabilidade e as Organizações

A sustentabilidade possui uma amplitude conceitual na qual repercute diversos (e distintos) entendimentos, expressões e práticas nas demais esferas sociais, bem como no âmbito organizacional. Na contemporaneidade é quase

impossível não encontrar referências sobre a sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável nas publicações empresariais, e nos últimos anos houve um crescimento considerável para o olhar da sustentabilidade organizacional. A pluralidade deste assunto se expande cada vez mais, acarretando uma série de interesses por parte de funcionários, empresas, instituições e afins (MONTIEL; DELGADO-CEBALLOS, 2014).

A sustentabilidade no mundo dos negócios incluiu um conjunto de “estratégias, sistemas de gestão, ferramentas e medidas de desempenho” (DYLLICK; MUFF, 2016, p. 1). A origem do conceito de sustentabilidade corporativa está conectada com o relatório *Brundtland*, estabelecendo um desenvolvimento que atenda às necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras, ou seja, relacionando com uma perspectiva de longo prazo conforme descrita no documento (LANDRUM, 2017; MONTIEL; DELGADO-CEBALLOS, 2014). A sustentabilidade corporativa refere-se à “capacidade de uma empresa de nutrir e apoiar o crescimento ao longo do tempo, atendendo com eficácia às expectativas dos diversos stakeholders” (NEUBAUM; ZAHRA, 2006, p. 111). Bansal (2005) aponta que o desenvolvimento empresarial sustentável se compõe em princípios tridimensionais: a prosperidade econômica, a equidade social e a integridade ambiental. Entende-se que estes princípios englobam interesses internos e externos e, agregam valor para toda a sociedade, mas principalmente para as organizações.

Outros princípios centrais na construção do papel da sustentabilidade nas organizações estão alinhados com a geração de valor para a empresa e a sociedade, equilíbrio dos interesses financeiros e não financeiros, além da responsabilidade pelas atividades da instituição (LANDRUM, 2017). Logo, estes princípios geram benefícios como “maior valor das ações, redução de custos e maior competitividade, imagem e reputação” (LANDRUM, 2017, p. 1). Székely e Knirsch (2005, p. 628) definiram o significado de sustentabilidade para as organizações como

sustentar e expandir o crescimento econômico, valor para o acionista, prestígio, reputação corporativa, relacionamento com o cliente e a qualidade de produtos e serviços. Significa também adotar e perseguir práticas empresariais éticas, gerando empregos sustentáveis, agregando valor para todos os stakeholders da empresa e atendendo às necessidades dos menos atendidos.

Assim como as críticas traçadas a respeito da sustentabilidade, a sustentabilidade corporativa também se enquadra neste cenário, surgindo diferentes

visões e orientações que impactam nas práticas, decisões e ações organizacionais. Dyllick e Muff (2016, p. 1) destacam a existência de uma desconexão, por mais que a sustentabilidade está cada vez mais presente na esfera organizacional, o meio ambiente está continuamente em degradação, evidencia-se que “embora a gestão da sustentabilidade seja cada vez mais difundida entre as grandes empresas, o impacto de suas atividades não se reflete nos estudos que monitoram o estado do planeta”.

Um dos motivos do conceito de sustentabilidade ser alvo de inúmeras críticas é por apresentar contradições inerentes à sua atuação prática frente ao sistema capitalista vigente nos dias de hoje (O’CONNOR, 2000). O autor argumenta que essas contradições entre a sustentabilidade e o capitalismo, impactam diretamente nas narrativas e nas práticas relatadas como sustentáveis. O mesmo destaca que existem duas contradições a respeito da relação entre o sistema capitalista e a sustentabilidade, a primeira refere-se à busca de uma maior produção versus menores custos, promovendo maiores desigualdades, e a segunda contradição relaciona-se com a atribuição de valores imensuráveis como o trabalho humano, natureza, território e outros, visto que, “o capitalismo tende a autodestruição e crise [...] por mais que seja definida a ‘sustentabilidade’, a natureza está sendo atacada em toda parte” (O’CONNOR, 2000, p. 29).

A perspectiva crítica alega que houve um esquecimento da natureza, na qual a racionalidade econômica superou a natureza, isto é, a produção capitalista explorou a natureza gerando uma deterioração ecológica e a degradação do planeta (PORTO-GONÇALVES; LEFF, 2015). A partir de diversos estudos, alguns pesquisadores chegaram a concluir que a lógica que girava em torno das questões ambientais era a de mercado, “ignorando as relações de poder que atravessam a geopolítica da biodiversidade e do desenvolvimento sustentável que se estende, intensifica e complexifica processos anteriores de apropriação destrutiva de recursos naturais” (PORTO-GONÇALVES; LEFF, 2015, p. 70). Desta forma, é possível alcançar o entendimento que a sustentabilidade é um tanto conflituosa em um contexto organizacional, onde a sobrevivência de uma organização é movida pelo crescimento econômico e é alimentada pelo sistema capitalista.

O’Connor (2000) destaca um duelo entre o capital e o meio ambiente, uma luta de forças em que os interesses e movimentos são adversos, em que um vai de contramão com o outro. Os interesses comerciais ao redor do conceito de

sustentabilidade fazem com que apareçam várias associações empresariais dedicadas, principalmente em premiações, relatórios, consultorias ambientais e outros serviços empresariais relacionados à sustentabilidade (MILNE, KEARINS, WALTON; 2006).

Algumas perspectivas defendem que a sustentabilidade implica “a necessidade de uma reorganização e reestruturação radical da sociedade segundo os princípios ecológicos; em outros casos, é considerada em termos de reformas incrementais ao *status quo*” (MILNE, KEARINS, WALTON; 2006, p. 802). A partir de uma visão crítica, Gladwin, Kennelly e Krause (1995) destacam três mudanças centrais para as teorias e pesquisas em gestão desenvolvam a questão da sustentabilidade: agência para comunhão, exterior para o interior e conceito de implementação.

A primeira ideia parte de que as organizações são consideradas poderosas à vista do planeta, contudo não assumem as responsabilidades perante seus impactos, suas ações estão voltadas somente para seus interesses, questionando que as organizações devem incorporar um senso de organização em comunidade. “De fato, quais são os contratos sociais de uma organização com a sociedade e contratos naturais com a biosfera? Cartas de incorporação implicam deveres de cidadania corporativa sustentável e responsabilidade?” (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995, p. 898).

A segunda mudança, exterior para o interior, evidenciando o subjetivo para a compreensão da sustentabilidade, como uma complementariedade do objetivo, e com isso, pergunta se “os membros da comunidade científica organizacional estão dispostos a receber seriamente questões éticas e carregadas de valor?” (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995, p. 899). E por último, conceito de implementação, traz a ideia de que algumas perspectivas teóricas argumentam que os negócios são as instituições mais poderosas para desenvolver as mudanças necessárias para a sustentabilidade ecológica e social, “podem ser necessárias reformas institucionais ou culturais criativas para superar os problemas da ação coletiva, [...] e as armadilhas sociais que afetam tão amplamente o comportamento humano e organizacional” (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995, p. 899).

Hopwood, Mellor e O’Brien (2005) também apresentaram três elementos centrais para o caminho do desenvolvimento sustentável: a manutenção

do *status quo*, reforma das estruturas atuais e a transformação. Cabe salientar que estes caminhos influenciam na forma de comunicação, e os caminhos adotados pela as organizações. Os apoiadores do *status quo* admitem a necessidade de mudança, porém sem profundas alterações na sociedade, ademais o desenvolvimento é visto como crescimento, e o crescimento econômico faz parte da solução, portanto são necessárias técnicas de gerenciamento, novas tecnologias para o mercado operar e conseguir alcançar o desenvolvimento sustentável.

O outro caminho, a reforma das estruturas atuais, abrange o pensamento da existência crescente de problemas, contudo não localizam a raiz do problema na sociedade atual, mas sim na falta de conhecimento e informação acerca dos impasses ambientais. Ainda, acredita-se que são necessárias algumas mudanças nas políticas e na vida social, porém conservando as estruturas econômicas. Os reformistas se apoiam, principalmente, nos benefícios do uso tecnológico para preservar o meio ambiente, “as novas tecnologias proporcionarão benefícios econômicos e sociais mais amplos para a humanidade, bem como protegerão o meio ambiente.” (HOPWOOD; MELLOR; O'BRIEN, 2005, p. 44).

Por fim, a terceira abordagem parte da necessidade da transformação da sociedade e/ou das relações humanas com o meio ambiente para que não aconteça uma crise ou até mesmo um colapso futuro, pois somente uma reforma não seria suficiente. Entre as três abordagens, os transformistas apresentam uma postura mais radical perante a modificação do sistema econômico mundial (HOPWOOD; MELLOR; O'BRIEN, 2005).

A ampla possibilidade de ações e práticas sustentáveis coloca “de um lado as empresas que veem a sustentabilidade como melhorias incrementais em relação aos negócios usuais e, do outro lado, estão as empresas que veem a sustentabilidade como uma mudança de paradigma em pensamentos e ações” (LANDRUM, 2017, p. 2). Esta distinção, evidencia a distância entre reduzir a insustentabilidade e criar sustentabilidade, no qual muitas das vezes as organizações estão amparadas em práticas para minimizar os impactos e não os extinguir.

As mudanças radicais mencionadas por alguns teóricos críticos requerem justamente o inverso no que tange os propósitos intrínsecos das organizações. O'Connor (2000) enuncia um paradoxo inerente a estas transformações, pois os processos que envolvem mudanças são contrários aos

interesses elementares da administração, como controle, estabilidade, previsibilidade, racionalidade e resultados econômicos. Portanto, concluiu-se que a sustentabilidade organizacional é um tanto conflituosa e contraditória no que tange seus interesses em manutenção do *status quo* e progresso. Contudo, não se nega o fato de a sustentabilidade refletir mudanças no comportamento organizacional.

Em suma, na esfera organizacional a sustentabilidade é moldada conforme os interesses envolvidos (internos e externos), ora no que tange os objetivos econômicos da organização, ora para os objetivos sociais e ambientais. Entende-se que a sustentabilidade organizacional possui certa limitação, tendo em vista que de fato existe uma tentativa de evitar um colapso ambiental, porém sem afetar os índices econômicos ou a sobrevivência da mesma. Logo, muitos pesquisadores acadêmicos questionam se é possível alinhar os propósitos das organizações, inseridas em um sistema capitalista, com as intenções da sustentabilidade. A sustentabilidade nesse contexto pode ser utilizada como um aparato narrativo para as organizações legitimarem seu discurso, apresentando-se como sustentáveis. Para tanto, diante do interesse da pesquisa em analisar as narrativas promulgadas sobre sustentabilidade da Samarco Mineração S.A., se faz necessário um novo tópico que tratará da discussão da sustentabilidade como narrativa.

2.2.3 A sustentabilidade como narrativa

A perspectiva clássica da sustentabilidade compreende três principais âmbitos: o ambiental, social e econômico, denominado como *triple bottom line*. Essa perspectiva é considerada o *mainstream* na área de administração, isto é, a corrente convencional utilizada pelas organizações para utilizar o rótulo sustentável. A busca pelo reconhecimento e legitimidade no campo da sustentabilidade, e daqueles que influenciam diretamente e indiretamente, se findam em práticas ditas como sustentáveis (MILNE; KEARINS; WALTON, 2006; O'CONNOR, 2000).

As conferências globais e os relatórios oficiais intensificaram as propostas rumo à sustentabilidade, compondo modelos representativos como as economias sustentáveis, organizações sustentáveis e até mesmo, sociedades sustentáveis. Estas propostas adotam narrativas que promovem o sentido de responsabilidade social, na qual os líderes e organizações utilizam-se dos termos

'sustentabilidade', 'economia verde', 'desenvolvimento sustentável' para legitimar seus discursos e práticas (O'CONNOR, 2000). Contudo, muitas das vezes sua aplicação mantêm um nível superficial, ou seja, são representações que se preocupam somente em passar uma imagem "verde" aos consumidores e ao público, afinal aqueles com "o apoio de capitais que procuram esverdear ou, pelo menos, mostram uma imagem pública verde" (O'CONNOR, 2000, p. 31).

As expressões aceitas e endossadas no que tange o desenvolvimento sustentável são retratadas como mudança de valor, desenvolvimento moral, reorganização social ou processo transformacional para um futuro melhor, ou seja, um conjunto de abstrações normativas amplamente empregadas por milhares de organizações. Neste sentido, muitos pronunciamentos e relatórios corporativos dão ênfase no compromisso de 'melhoria contínua' e 'avanço' em direção à sustentabilidade devido sua geração de valor para os negócios (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995).

As narrativas relacionadas ao desenvolvimento sustentável organizacional correntemente estão vinculadas ao investimento econômico à proteção ambiental, ocasionando certo progresso, e isto produz uma falsa sensação de futuro perfeito para a sociedade (MILNE; KEARINS; WALTON, 2006). Evidentemente, as organizações "usam rótulos expansivos que permitem a adição e subtração de significados para confirmar as mudanças de identidades" (VAARA; SONENSHEIN; BOJE, 2016, p. 22).

No âmbito organizacional a sustentabilidade se manifesta como uma jornada, na qual a instituição "invoca um uso sutil e poderoso da linguagem que parece se envolver seriamente com elementos do discurso sobre desenvolvimento sustentável e sustentabilidade" (MILNE, KEARINS, WALTON, 2006, p. 801). Os autores explicam que a jornada está ligada a um processo desafiador rumo ao desconhecido, sendo assim a metáfora da 'sustentabilidade como jornada' refere-se em "tentativas de avançar em direção à sustentabilidade se assemelham a uma jornada de algumas maneiras" (MILNE, KEARINS, WALTON, 2006, p. 809).

Ao mesmo tempo em que as organizações buscam alcançar esta jornada rumo à sustentabilidade almejam também a adotar a imagem de responsáveis e confiáveis, "querendo ser vistas como honestas e abertas sobre suas atividades comerciais" (MILNE, KEARINS, WALTON, 2006, p. 820). Uma das maneiras de

conquistar a confiança das partes interessadas é por meio de relatórios e outros instrumentos de comunicação. O simples fato de realizar esta forma de comunicação já se presume que a organização é mais confiável do que aquela que não reporta seus dados.

Os relatórios e outras comunicações comerciais fornecem, portanto, um estágio no qual as organizações 'esclarecidas' optam por exibir aspectos de si mesmas e seu envolvimento com a sustentabilidade. Esses textos comerciais produzem uma ortodoxia que assume a forma de sustentabilidade fraca – em quais lucros contínuos, crescimento e sobrevivência organizacional permanecem inquestionáveis e nos quais a sociedade e o ambiente permanecem misturados, equilibrados e negociados. Os proponentes dessa retórica, em virtude de sua liderança autodeclarada, às vezes ganham para si uma aclamação considerável - aclamação que serve reforçar e fortalecer uma versão específica da sustentabilidade e minar e desviar a atenção das alternativas (mais críticas). Esses textos e, portanto, o uso de metáforas dentro deles, não têm efeitos de poder significativos (MILNE, KEARINS, WALTON, 2006, p. 820).

Essa legitimação, a partir da comunicação das ações e práticas sustentáveis, também é reconhecida em eventos, enfatizando os compromissos e conquistas em direção ao desenvolvimento sustentável. Portanto, os índices sustentáveis também são objetos de interesse, no qual a jornada sustentável aparece como uma forma de sucesso e os discursos são utilizados pelos líderes que recebem prêmios pelo desempenho social e ambiental.

Em particular, observa-se cada vez mais que os relatórios sobre o *triple bottom line* de uma organização são, em si, uma jornada ou parte da jornada, e que esses relatórios mostram um compromisso e potencialmente levam a se tornar um 'negócio sustentável', em oposição às empresas que contribuem para uma sociedade sustentável. Esses relatórios também são os meios para comunicar o progresso de uma organização (MILNE, KEARINS, WALTON, 2006, p. 819).

As contradições e incertezas a respeito à sustentabilidade se faz pelo uso de uma linguagem ambígua e os diversos objetivos do desenvolvimento sustentável deixam espaço para interpretação, permitindo a apropriação de ações políticas e organizacionais sejam rotuladas sob a bandeira discursiva popular da 'sustentabilidade' (LONG, 2014). A partir desta ideia, é possível entender que as organizações empregam os termos sustentabilidade e desenvolvimento sustentável como um mecanismo para equilibrar as preocupações econômicas, sociais e ambientais, de acordo com os interesses externos e internos das organizações.

A recorrência do termo desenvolvimento sustentável também se tornou habitual, até mesmo trivial, “tornou-se a palavra de ordem das agências

internacionais de ajuda, o jargão dos planejadores de desenvolvimento, o tema de conferências e artigos aprendidos e o slogan de ativistas ambientais e de desenvolvimento” (LÉLÉ, 1991, p. 607). De acordo com Banerjee (2003, p. 169) o termo sustentabilidade e as suas associações são promovidas indistintamente como slogans, e que as “noções contemporâneas de desenvolvimento sustentável estão embutidas no discurso do desenvolvimento que requer a morte da natureza e a ascensão do meio ambiente.”

Dito isso, a comunicação organizacional a respeito da sustentabilidade pode ser caracterizada como uma narrativa de engajamento, isto é, uma narrativa que busca “prestar contas sobre suas atividades, e atender as exigências de uma sociedade cada vez mais informada e crítica a respeito das responsabilidades organizacionais” (SANTOS; D’ALMEIDA, 2017, p. 297). Estas narrativas de engajamento têm o intuito de destacar o comprometimento da empresa em âmbito local e global. Deste modo as organizações elaboram e comunicam narrativas específicas para mobilizar o público externo e interno, com o intuito de alcançar seus objetivos.

Constata-se que a sustentabilidade se torna um dos principais ‘temas’ para a elaboração de narrativas, e pode-se dizer que até configura-se como uma das principais estratégias narrativas para contar, descrever e divulgar o desempenho ambiental, social e econômico no âmbito organizacional (SANTOS; D’ALMEIDA, 2017). As narrativas podem ser manifestadas nas mais variadas formas, os exemplos mais comuns de narrativas de sustentabilidades podem ser encontrados em relatórios sociais, institucionais, ambientais, anúncios e pronunciamentos oficiais internos e externos. Estas formas estão ligadas a uma visão instrumental ou gerencial, isto é, são empregados como ações para legitimar o desempenho organizacional,

as organizações empresariais e seus porta-vozes, também, através de uma variedade de mídias [...] parecem dispostos a fazer uso de outros eventos nos quais eles podem continuar a enfatizar seus compromissos e conquistas em direção à sustentabilidade (MILNE, KEARINS, WALTON; 2006, p. 819).

A sustentabilidade apropriada como narrativa é processo de construção de sentido dinâmico, interativo e persuasivo. As narrativas proclamadas ao redor dos temas de sustentabilidade possibilitam a criação de significados, a partir do contexto, da ação e da manifestação da narrativa, perante a relação do ouvinte e do receptor. Entende-se que estes movimentos interferem dialeticamente na dinâmica

social, uma vez que a sustentabilidade não apresenta um entendimento único, ela é construída de maneira contínua de reinvenção e que demandam interação e comprometimento entre diversos grupos sociais, isto é, ela está conectada com toda a mudança que existe nas esferas sociais.

Diante do objetivo desta pesquisa em analisar as narrativas a respeito da sustentabilidade, o próximo capítulo discorre sobre a concepção ontológica da narrativa, a ciência como uma construção narrativa e a organização como produção narrativa.

2.3 NARRATIVAS

2.3.1 A Questão Ontológica

Neste capítulo foram abordados pontos que se referem à natureza ontológica do fenômeno de investigação, no caso, as questões que concernem à própria essência das narrativas. O estudo ontológico retrata os pressupostos fundamentais sobre a natureza, realidade e existência do objeto, refere-se a um estudo do ser e da sua essência (SLIFE, 2004). O paradigma narrativo desenvolvido por Walter Fisher, parte da premissa de que os seres humanos são contadores de histórias, pois a existência dos indivíduos está conectada em histórias, pensamentos, discursos e símbolos que compõem inúmeras e diferentes formas de comunicação humana. Por esta razão, é proposto que as diversas maneiras que os indivíduos encontraram de se comunicar podem ser analisadas a partir de uma perspectiva narrativa (FISHER, 1987; 1989).

Fisher (1989, p. 57) propôs a concepção do paradigma narrativo a partir dos pensamentos filosóficos, oferecendo uma abordagem de interpretação e avaliação da comunicação humana “assumindo que todas as formas de comunicação humana possam ser vistas fundamentalmente como histórias, como interpretações de aspectos do mundo que ocorrem no tempo e moldado pela história, cultura e caráter”.

Com inspiração filosófica em Aristóteles e Platão, entende-se que existem diferentes formas de comunicação e algumas podem ser apontadas como superiores às outras no que se refere ao conhecimento e a verdade, como é o caso do discurso técnico, “o discurso de especialistas técnicos foi assim designado como a

única forma séria de comunicação humana, a retórica e poética eram consideradas formas irracionais” (FISHER, 1987, p. 9). Estas últimas formas de discurso, o poético e o retórico, eram consideradas secundárias, tendo em vista a falta de legitimação pela ciência destes tipos discursos em relação ao discurso técnico, alguns pensadores alegaram que estas formas de conhecimento possuem ambiguidades duvidosas (FISHER, 1987).

Os defensores do discurso poético e retórico argumentaram que não se deve limitar os modos de pensamento, pois o conhecimento pode ser visto de duas formas: o conhecimento intuitivo e o conhecimento lógico. Fisher (1987) argumenta que o conhecimento cognitivo da comunicação é capaz de manifestar o conhecimento, a verdade e ainda enriquecer a compreensão da realidade a respeito do eu, do outro e do mundo. Existem controvérsias e discussões a respeito das divisões e validações na ciência, entretanto o paradigma narrativo é entendido como uma proposta contra esses movimentos separatistas, e se apresenta ainda, como uma visão alternativa para contemplar a comunicação humana, tendo em vista que as teorias predominantes da comunicação e da lógica humana não contemplam a complexidade dos significados do paradigma narrativo (FISHER, 1987).

A concepção de paradigma refere-se a uma “representação projetada para formalizar a estrutura de um componente da experiência e direcionar o entendimento e a investigação sobre a natureza e as funções dessa experiência - nesse caso, a experiência da comunicação humana.” (FISHER, 1984, p. 2). O paradigma narrativo decorre de uma visão filosófica da comunicação humana, ele é proposto como uma “filosofia da razão, do valor e da ação” (FISHER, 1987, p. 47). Fisher (1987, p. 65) explica que o mundo é “um conjunto de estórias que devem ser escolhidas para podermos viver a vida em um processo de contínua recriação [...] como meios pelos quais os seres humanos percebem sua natureza”. A principal função deste paradigma é apresentar uma forma de interpretar e avaliar a comunicação humana com o intuito de estabelecer se determinada narrativa ou discurso fornece ou não uma direção digna de confiança e que seja desejável para o pensamento e ação no mundo (FISHER, 1987).

Uma das principais proposições do paradigma narrativo de Fisher (1989, p. 56) é que as pessoas são contadoras de estórias, pois este paradigma “celebra os seres humanos, e faz isso reafirmando sua natureza como contadores de

estórias”. As representações da natureza dos seres humanos foram atribuídas diversas metáforas, como *homo economico*, *homo politicus*, *homo sapiens*, dentre outras. O paradigma em questão propõe também que o homem seja caracterizado como *homo narrans* (FISHER, 1984; 1987). A metáfora do *homo narrans* incorpora a ideia de que o homem é um criador e utilizador de símbolos, portanto é possível afirmar que os seres humanos utilizam símbolos para contar e recontar suas estórias,

os símbolos são criados e comunicados, em última análise, como estórias destinadas a dar ordem à experiência humana e a induzir outras pessoas a habitar nelas para estabelecer maneiras de viver em comum, em comunidades nas quais há sanção pela estória que constitui a própria vida.” (FISHER, 1987, p. 63).

Nota-se que o ser humano possui a necessidade de se apropriar de símbolos para compreender e interpretar o mundo. Além disso, utilizam-se da narração para organizar suas experiências em estórias, incluindo tramas, personagens e sequencias de ação, “as estórias são a encenação de toda a mente, em harmonia consigo mesma” (FISHER, 1984, p. 10). Em síntese, é compreendido que as estórias são uma forma fundamental na qual as pessoas as utilizam para expressar seus ideais, pensamentos e, por conseguinte, apoiar suas decisões (COGO, 2013), as pessoas buscam, de forma inconsciente, uma lógica narrativa para compreender e interpretar as estórias contadas.

O conceito de narração refere-se a uma teoria de ações simbólicas, isto é, “palavras e/ou ações que têm sequência e significado para que as vivem, criam ou interpretam” (FISHER, 1984, p. 2). O entendimento de narração é considerado um tipo de interação humana, como uma arte, um gênero ou modo de expressão (FISHER, 1984). Logo, é possível concluir que a perspectiva narrativa considera tanto o aspecto objetivo quanto o subjetivo, sendo que o mundo real e o fictício possuem uma relevância para a construção da realidade. Fisher (1987) ainda argumenta que as ações simbólicas das pessoas se transformam em estórias e, em sequência, em interpretações das coisas.

Cabe salientar que a retórica pode ser vista como um atributo da expressão e ação simbólica, tendo uma função simbólica da indução e não como uma forma de discurso (FISHER, 1987). O autor ainda destaca que há equívocos na atribuição de significados ao diálogo, dialética e lógica, e esclarecer estas diferenças são essenciais para compreender a lógica retórica. O diálogo é considerado uma conversa dramatizada e refere-se a uma forma de comunicação que envolve as

peças mutuamente. Já a dialética possui diversos significados, porém seu método constante de pensamento é a “justaposição de oposição de ideias ou forças que se movem em direção à verdade ou um estado aperfeiçoado de conhecimento ou ser” (FISHER, 1987, p. 25). Os dados históricos revelam que a partir da dialética surgiu a lógica, significando “um conjunto sistemático de conceitos, procedimentos e critérios para determinar o grau de veracidade ou certeza no discurso humano” (FISHER, 1987, p. 27).

A lógica retórica implica uma lógica de concepções e classificações, isto é, em como os humanos podem entrar em uma controvérsia, mas também desenvolver análises de possíveis soluções, “eles dizem a alguém o que será razoável e apropriado dizer em uma determinada situação” (FISHER, 1987, p. 41). A lógica retórica especifica

(1) conceitos do que é razoavelmente retórico, (2) maneiras de construir e desconstruir argumentos, (3) meios de descobrir o que pode ser dito, (4) maneiras alternativas de apresentar argumentos e (5) maneiras de decidir quando e por que um argumento é relevante. A lógica retórica isola e aborda as questões sobre as quais um determinado assunto se volta ou logicamente, e identifica quais argumentos são relevantes para as questões em disputa (FISHER, 1987, p. 41).

A racionalidade narrativa diferencia-se da racionalidade tradicional, na qual a última entendia que a racionalidade exigia um alto grau de autoconsciência e dependia de deliberação, implicando um sistema hierárquico em que determinadas pessoas são qualificadas para julgar ou liderar. “A racionalidade narrativa é, por outro lado, descritiva, pois oferece um relato, um entendimento de qualquer instância de escolha e ação humana, incluindo a ciência” (FISHER, 1984, p. 9), o intuito não é negar a racionalidade tradicional, mas reconstituir a noção de razão para que seja acessada em todas as formas de comunicação humana.

Esta proposição de entendimento considera que a comunicação humana, em todas as formas, é tomada por mitos e ideias e estas não podem ser validadas de maneira absoluta. Fisher (1987) explana que o paradigma narrativo abre uma lógica para avaliar as formas comunicativas, reconhecendo a capacidade das pessoas em criarem novas histórias para compreender suas vidas e fornecendo uma lógica a partir da racionalidade narrativa, uma lógica retórica. A noção de racionalidade narrativa implica que “todas as instâncias de comunicação humana estão imbuídas de logotipos e mitos, são constitutivas da verdade e do conhecimento, e são racionais” (FISHER, 1987, p. 20). A razão presente neste paradigma reconhece

que o processo de formação de significado reúne a lógica da razão técnica e os logotipos do mito, se fazendo presente um dualismo entre a razão e aos sentidos.

A concepção de “boas razões” decorre do entendimento que uma razão é boa se tiver apoio a uma proposição de dever ou de um julgamento de valor (FISHER, 1987). Há cinco componentes que integram a lógica das razões:

Primeiro, considera-se se as declarações em uma mensagem que pretendem ser “fatos” são de fato “fatos”; isto é, são confirmadas por consenso ou testemunhas competentes e confiáveis. Segundo, tenta-se determinar se “fatos” relevantes foram omitidos e se os que foram oferecidos são de alguma forma distorcidos ou tirados de contexto. Terceiro, reconhecemos e avaliamos os vários padrões de raciocínio, usando principalmente padrões da lógica informal. Quarto, avalia-se a relevância dos argumentos individuais para a decisão que a mensagem diz respeito, não apenas esses argumentos são sólidos, mas também todos os argumentos que devem ser considerados no caso. Quinto, armado com o conhecimento tradicional de que questões forenses são aquelas de “fato”, definição, justificação e procedimento, e que a tomada de decisão deliberativa se concentra em questões de política e resolução de problemas (razões a favor e contra a mudança e a sabedoria de propostas particulares), julga-se se a mensagem trata ou não diretamente os problemas “reais” do caso (FISHER, 1987, p. 108-109).

Em suma, Fisher (1987) esclarece que a racionalidade narrativa se concentra em ‘boas razões’, e esta lógica pode ser considerada um mecanismo no qual o objetivo é oferecer um esquema para que se possa criar a noção do que é bom, sendo possível que as pessoas possam ter consciência dos valores embutidos nas transações retóricas. Sendo assim, no paradigma narrativo, os indivíduos podem ser configurados como autores e coautores que leem e interpretam histórias, pois “a visualização da comunicação humana enfatiza narrativamente que as pessoas são participantes plenos da criação de mensagens, seja agentes (autores) ou membros da audiência (co-autores)” (FISHER, 1987, p.18). Resumidamente, o autor explica que

o paradigma narrativo desafia as noções de que a comunicação humana - para ser considerada retórica - deve ser uma forma argumentativa, que a razão deve ser atribuída apenas ao discurso marcado por modos de inferência e / ou implicação claramente identificáveis e que as normas para a avaliação da comunicação retórica deve ser um padrão racional, retirado essencialmente da lógica informal ou formal (FISHER, 1984, p. 2).

De fato, o paradigma narrativo proposto por Fisher (1987) possui a concepção de racionalidade baseada na narração, alegando que a razão na comunicação humana apresenta uma maior diversidade em suas formas do que as visões tradicionais. Sustenta-se que a narratividade é uma maneira legítima de interpretar e entender as relações humanas, pois a partir da noção da racionalidade

comunicativa é possível aceitar ou não uma estória, se esta é confiável ou não. E ainda, é possível explicar dinâmica do comportamento das pessoas em adotarem as estórias. O paradigma narrativo,

portanto, pode ser considerada uma síntese dialética de duas vertentes tradicionais da história da retórica: o tema argumentativo, persuasivo e o literário, tema estético, como será por outro lado, o paradigma narrativo insiste em que a comunicação humana deve ser vista tanto histórica quanto situacional, como estórias que competem com outras estórias constituídas por boas razões, como racionais quando satisfazem as demandas de probabilidade narrativa e fidelidade narrativa, e como inevitavelmente indícios morais (FISHER, 1984, p. 2).

Deste modo, é defendido que o modo mais próximo de capturar a experiência do mundo é a narração, considerando simultaneamente a razão e a emoção, o intelecto e a imaginação (FISHER, 1987). Os seres humanos são compreendidos como singulares, e seus valores também, e ainda, seus valores não serão inteiramente ideais ou perfeitos. Dito isso, Fisher (1987, p. 117) descreveu a 'retórica manipulativa' como

toda interação retórica é manipuladora no sentido de que os comunicadores pretendem mensagens, e todos os comunicadores são estratégicos nas causas escolhidas, na seleção de materiais, no design da composição e nos estilos de apresentação. Todo comunicador, em outras palavras, procura fazer o melhor caso possível para sua posição.

A 'retórica manipulativa' é um termo para uso quando há evidências de que o público está sendo "tocado", "trabalhado" ou usado de outra forma para fins do comunicador e não para seus próprios fins" (FISHER, 1987, p. 117). As evidências deste tipo manipulação, geralmente, envolvem o uso de conhecimento técnico (especializado) de estratégias e táticas retóricas, indicações de quando não há um diálogo e pistas de que o comunicador deseja servir sua ambição pessoal e não o conhecimento social.

Uma vez apresentado as principais considerações que envolvem as questões ontológicas da narrativa, se faz relevante tratar a ciência como uma construção narrativa, tal qual a relação com as ciências sociais.

2.3.2 A Ciência Como Uma Construção Narrativa

Algumas vertentes determinam que o conhecimento científico é aquele conhecimento que se diferencia do conhecimento cotidiano do senso comum.

Contudo, há uma abrangência no que tange a definição do que é considerado conhecimento científico. Segundo Czarniawska (1995; 2004) o conhecimento é tido científico quando legitimado por outro tipo de conhecimento. Há uma relação paradoxal entre este tipo de conhecimento e o conhecimento narrativo proposto por Lyotard (1979/1984 apud CZARNIAWSKA, 1995). A autora ainda explica que

existe uma relação peculiar entre os dois, ele disse: enquanto a ciência exige narrativa para sua própria legitimação (deve haver uma história para explicar por que o conhecimento científico é importante), ele retribui o favor em moedas ruins. Ele não apenas se recusa a prestar o mesmo serviço e a legitimar o conhecimento narrativo, mas também nega veementemente à narrativa sua legitimidade como forma de conhecimento e, acima de tudo, exige que a questão do status e da legitimação do conhecimento seja dada como certa, sem exame. Paradoxalmente, no entanto, como as grandes narrativas da legitimação perderam seu status privilegiado, narrativa e ciência voltaram à luz do escrutínio (CZARNIAWSKA, 2004, p. 7)

Dito isso, a narrativa como configuração de conhecimento passou por transformações, o que permitiu a consideração dos significados para a construção do conhecimento. O poder do conhecimento narrativo se concentra na especificidade da narrativa, explora-se a riqueza do repertório presente nas histórias e enredos, é um modo singular e alternativo de conhecimento, no qual auxilia na construção de sentido da realidade (BRUNER, 2002). Na narrativa não há concretude a respeito à verdade ou inverdade dos elementos de uma história, mas o enredo que “determina o poder da narrativa como uma história” (CZARNIAWSKA, 2004, p. 8).

Há uma forma de negociação social entre os leitores no processo de criação de significado e a mediação da interpretação narrativa, “isso é possível porque o poder da história não depende de sua conexão com o mundo fora da história, mas de sua abertura para negociar significado” (CZARNIAWSKA, 2004, p. 9). Assim, no conhecimento narrativo não há a busca na comprovação ou tampouco provar uma verdade absoluta. Uma das diferenças entre os pressupostos científicos e os narrativos, pode ser exemplificada na

diferenciação implícita entre um 'evento' e uma 'ação': o último é um evento que pode ser interpretado e interpretado através da atribuição de intenções a ele. ' Uma inundação é um evento, mas "uma inundação devido à má qualidade do cimento usado na construção da barragem" é outra história. Enquanto um texto lógico-científico teria que demonstrar e provar a diferença entre os dois, uma narrativa pode simplesmente colocar os elementos próximos um do outro, exibindo uma explicação (CZARNIAWSKA, 2004, p. 8).

Por muitos anos os pesquisadores ignoravam as narrativas presentes em campo, devido à discussão da legitimidade da narrativa como conhecimento, e estas eram consideradas como segundo plano. “As narrativas estavam cumprindo um papel subordinado” (CZARNIAWSKA, 1995, p. 14), em que existia certa rigidez e resistência em apresentar a forma narrativa em posição central nos trabalhos, sem transportar as narrativas à luz da legitimidade. Todavia, as ciências se apropriam de múltiplas formas retóricas, como as estórias, as metáforas e declarações como datas e nomes, logo a “ciência’ não é separada de narrativa” devido à concentração do uso de dispositivos retóricos (CZARNIAWSKA, 1995, p. 14). A Autora ainda discute que até o discurso/estudo científico mais rigoroso possui propriedades narrativas, pois as observações são conectadas por “estórias” de efeitos e causalidade (CZARNIAWSKA; 1998).

Nas ciências sociais tem-se o pensamento que a vida social consiste em “ações e eventos, onde a diferença entre os dois é a intencionalidade assumida das ações” (CZARNIAWSKA, 2004, p. 3). Em algumas perspectivas o termo ‘ação’ foi substituído para ‘comportamento’, levando em consideração o sentido da particularidade da cognição das experiências sociais, em termos sensoriais interpretáveis e não interpretáveis (CZARNIAWSKA, 2004). Ainda, Czarniawska (2004, p. 134-135) expõe que a abordagem narrativa das ciências sociais oferece três oportunidades, a primeira é “o uso prolongado de textos como material de campo, conectado a uma variedade de técnicas que permitem uma análise de texto”, a segunda procede da criatividade da própria escrita, permitindo o cruzamento da multiplicidade de possibilidades advindas da narrativa. Já a terceira oportunidade é a reflexão e análise de gênero, que, conforme a autora, o foco do debate deve ser superar a divisão entre o que é bom e o que é ruim, abrindo a discussão para a variedade de gêneros presentes na natureza narrativa.

Em suma, a ciência utiliza e aplica as narrativas, assumindo o papel de construção narrativa. Afinal, a narrativa é uma pluralidade de gêneros, distribuídos entre elementos distintos “como se qualquer material fosse adequado para receber as estórias do homem; capaz de ser carregado por linguagem articulada, falada ou escrita, fixa ou imagens em movimento, gestos e a mistura ordenada de todas essas substâncias” (BARTHES, 1977, p. 79 apud CZARNIAWSKA, 2004, p. 1). Por isso, a

narrativa nas ciências sociais apresenta-se como um modo de conhecimento e um modo de comunicação.

Os seres humanos possuem o desejo inato de saber, de compreender a vida humana, do que é feita a realidade (FISHER, 1987). Além disso, a forma e concepção de conhecimento sofreram substancial evolução e transformação. Cada época histórica traz consigo uma diferente concepção do que significa conhecer e isto é, ele próprio, fundamentado na experiência de ordem da época. A alternância da narrativa em ser utilizada pelas pessoas para entender as configurações do mundo ao seu redor e de considerá-la um dispositivo para entender e comunicar os pensamentos acadêmicos sobre o mundo, também se movimenta para os estudos organizacionais (CZARNIAWSKA, 1995; 1998; 2004). Assim, o conhecimento tornou-se reconhecido como incompleto e parcial, e estas mudanças também afetaram a concepção de organização e como estudá-las, tendo em vista que estas podem ser vistas como produção narrativa.

2.3.3 A Organização Como Produção Narrativa

Conforme foi enunciado no tópico anterior, as abordagens narrativas desempenham um papel fundamental nas ciências humanas e sociais, e, por conseguinte, foram migrando para os estudos das organizacionais alcançando um destaque nas pesquisas e se estabelecendo firmemente nos estudos sociais. As narrativas começaram a se destacar quando os estudiosos da área organizacional se interessaram tanto em contar as histórias organizacionais quanto na forma em que as organizações contavam histórias (CZARNIAWSKA, 2011). Os estudos relacionados nesta área expressam ênfase na linguagem, scripts, metáforas, conversas, histórias e narrativas, tendo em vista todo este conjunto são parte da própria essência da organização (GABRIEL, 2004).

Assim como no paradigma narrativo de Fisher (1987), a produção narrativa nas organizações pode ser entendida como um mecanismo de comunicação, atendendo formas de expressão humana e de construção de sentido. As narrativas têm o poder de inspirar, moldar e, até mesmo, controlar a conduta humana. Nas organizações, as narrativas funcionam como poderosos instrumentos de expressão e de comunicação, “como uma forma simbólica por meio da qual são expressas e

constituídas as estruturas de poder e a ideologia organizacional” (SANTOS; D’ALMEIDA, 2017, p. 294).

Gabriel (2004, p. 61) destaca que as narrativas são eventos essenciais nas organizações, pois “são dispositivos para fazer sentido, através dos quais os eventos não são apenas infundidos em significado, mas construídos e contestados.”. Portanto, por meio dos dispositivos narrativos, é possível entender fatos, vinculá-los a significados e tomar decisões. Por este mesmo motivo, as narrativas também estão sendo adotadas como uma ferramenta gerencial (CZARNIAWSKA, 2011), logo é necessário considerar as diversas formas que as narrativas se manifestam no âmbito organizacional.

É considerado que a organização está intimamente ligada à narrativa (GABRIEL, 2004; CZARNIAWSKA, 2011), pois a narrativa também pode ser entendida como uma forma de organização (CZARNIAWSKA, 2004). Czarniawska (2011, p. 341) parte do entendimento que as narrativas organizacionais podem ser “textos que apresentam eventos que se desenvolvem no tempo de acordo com causas (impessoais) ou intenções (humanas)”. Gabriel (2004) destaca que a teoria organizacional buscou reconceituar as organizações como espaços narrativos. Rhodes e Brown (2005) incentivam a visão de que as organizações são construídas por meio de atividades discursivas.

Os temas predominantes, até mesmo considerados padrões na teoria organizacional giravam em torno dos assuntos de burocracia, hierarquia, autoridade, até o momento da ‘virada linguística’. A ‘virada linguística foi uma mudança linguística nas ciências sociais e humanas, na qual houve uma tendência em compreender “muito dos fenômenos sociais e psicológicos como constituídos pela linguagem, sustentados pela linguagem e desafiados pela linguagem” (GABRIEL, 2004, p. 63). Esta mudança sendo aplicada nas pesquisas sociais promoveu a multiplicação, fragmentação e sobreposição de alguns termos-chave, como: texto, narrativa, estória e discurso. Considera-se que estes não devem ser abordados como princípios imutáveis, mas como elementos da linguagem em ação (GABRIEL, 2004).

Isto posto, Gabriel (2004, p. 63) destaca a importância para as pesquisas considerarem visões diferentes, pois “nem todo discurso e nem todo texto como narrativa, e nem toda narrativa como estória”. Sustenta-se que as narrativas são tipos específicos de textos, as quais “envolvem cadeias temporais de relações inter-

relacionadas com eventos ou ações realizadas por personagens. As narrativas não são simples sinais, ícones ou imagens” (GABRIEL, 2004, p. 63).

O enredo é um dos pontos principais da narrativa, pois a partir dele é possível compreender o significado de um evento. A função do enredo é unir, conectar juntamente os eventos, envolvendo personagens, sequenciamento, situações difíceis e etc., “o enredo é um recurso crucial das histórias” (GABRIEL, 2004, p. 64). Outro recurso fundamental apontado pelo mesmo autor é a ambiguidade seminal, no qual entende que os personagens e/ou eventos do enredo podem ser reais ou imaginários, sendo um produto da experiência ou fantasia (GABRIEL, 2004).

Brown (1990) também destaca as histórias como um aspecto fundamental e influente para a comunicação organizacional, em específico na aplicação de um discurso. Ele explica que “as histórias são uma forma narrativa dominante do discurso de uma organização” (BROWN, 1990, p. 162). Partindo do pressuposto que as histórias são e compõe as narrativas, Gabriel (2004) destaca a relevância em avançar a concepção de história, problematizando-a, tornando possível a ideia de as histórias serem perigosas e espinhosas. As histórias, na perspectiva crítica, podem se tornar veículos de contestação, oposição e até mesmo opressão, sendo apropriadas de maneira dissimulada e falsa, permitindo “que os fatos sejam reinterpretados e embelezados - isso torna as histórias dispositivos particularmente perigosos nas mãos de criadores de imagens” (GABRIEL, 2004, p. 62).

O contador de histórias possui um privilégio narrativo único, na qual lhe é permitido manter uma lealdade à eficácia da história (GABRIEL, 2004). Este privilégio é considerado uma licença poética, como se houvesse um contrato psicológico entre o contador da história e o público, permitindo ao contador “moldar poeticamente o material para obter efeitos, exagerar, omitir, estabelecer conexões onde não são aparentes, silenciar eventos que interfiram no enredo” (GABRIEL, 2004, p. 64). Assim, supõe que o contador possui um poder em interferir nos fatos a fim de construir sua história, pois o mesmo expõe emoções intrínsecas, realiza comentários pessoais, e ao mesmo tempo, afirma-se que está representando a realidade. Ademais, Brown (1990, p. 168) destaca que o contador é o responsável por estruturar a história a partir de sua própria perspectiva, e esta deve ser desenvolvida de maneira adequada, pois “a capacidade de construir uma história bem estruturada é importante para aumentar seu impacto nos membros da organização”.

As narrativas são especialmente primordiais para a análise dos processos organizacionais, pois “as pessoas não simplesmente contam estória – mas as sancionam, as avalizam, as institucionalizam quando as compartilham” (COGO, 2013, p. 3). Pressupõe-se que as relações sociais constroem e são construídas a partir do compartilhamento das estórias que os indivíduos experienciam e imaginam. A conexão entre construção social, estória e organizações pode ser entendida a partir da ideia de que as

histórias são úteis para a socialização de novos membros e geração de compromisso; a familiaridade com histórias organizacionais dominantes pode ser um indicador de adaptação; história pode ser um veículo para o controle social; e significado pode ser desenvolvido de forma consciente ou inconsciente (COGO, 2013, p. 2).

Bruner (2002) destaca que a narrativa é indiferente à realidade extralinguística, mas extraordinariamente sensível à realidade da conversa, logo não se faz distinção estrutural entre as narrativas fictícias e factuais, pois esta decisão se faz entre o narrador, o texto e o intérprete. A verdade da estória “não está na sua descrição precisa dos fatos, mas no seu significado” (GABRIEL, 2004, p. 66). Neste sentido, o significado está ligado ao sentido atribuído da narrativa, isto é, em como tal narrativa representou um sentido específico para o receptor.

Para Vaara, Sonenshein e Boje (2016, p. 3) as narrativas organizacionais são como “construções discursivas temporais que fornecem um meio para a construção de sentido individual, social e organizacional”. Compreende-se que as narrativas organizacionais podem ser articuladas em fragmentos presentes nos discursos organizacionais, visto que a comunicação organizacional é complexa, ambígua e fluída. Por esta razão, as narrativas podem ser articuladas de diversas maneiras, sendo intencionais ou não, estando explícitas ou implícitas na comunicação e discurso. Ainda, para estes autores, as narrativas organizacionais sustentam um meio de manter ou reproduzir a estabilidade, e também, promover ou resistir uma mudança que afete as organizações.

Neste mesmo entendimento, Brown (1990) destaca três funções principais das estórias organizacionais, a de redução de incertezas, a de gerenciamento de significado e a de vínculo/identificação. A partir desta perspectiva, é possível apreender que as diferentes formas de comunicação organizacional atuam para conter a incerteza, gerar significado e unir indivíduos. Cabe destacar os aspectos subjetivos e simbólicos presentes na formação destas funções, por trás destas

atribuições há elementos poderosos e persuasivos que interferem nestas três funções, “a influência pode ser alcançada usando formas simbólicas” (BROWN, 1990, p. 177).

As narrativas também influem na construção de identidade organizacional, fornecendo meios para construir e reconstruir uma imagem, propósito e identidade para as organizações. Segundo Chein (2005, apud VAARA, SONENSHEIN, BOJE; 2016, p. 22) as narrativas de identidade permitem que “uma organização gerencie a continuidade e as mudanças, contando seletivamente aspectos do passado, presente e futuro de uma organização”. Destaca-se que há o fator proposital, até mesmo, calculado para gerir a narrativa organizacional, como por exemplo, rótulos específicos que geram uma ‘boa’ imagem para o público de seu interesse. Gabriel (2004) também destaca que as narrativas podem ser propagadas em formas de slogans, textos patrocinados e outros meios que nem sempre aparecem como estória, isto é, as narrativas comercializadas ou fabricadas aspiram se tornar histórias, contudo estas narrativas diferem das narrativas oficiais, da realidade em si.

Rhodes e Brown (2005) evidenciam que em uma análise micro as narrativas são usadas para reproduzir as relações de poder, ou seja, são mecanismos aplicados em jogos de poder a fim de garantir a legitimidade e controle. As narrativas são o “terreno sobre o qual a luta pelo poder é travada, o objeto de estratégia de dominação e os meios pelos quais a luta é realmente engajada e alcançada” (WESTWOOD; LINSTED, 2001, p. 10 apud RHODES; BROWN, 2005, p. 15-16). Assim, é considera-se a linguagem, a comunicação e a narrativa como um mecanismo de poder, no qual a potência está na contribuição de fazer sentido na construção da realidade, portanto, a narrativa pode ser configurada como uma importante estratégia de comunicação organizacional (SANTOS; D’ALMEIDA, 2017).

Em suma, as narrativas e as estórias são fundamentos essenciais e intrínsecos das organizações. As organizações podem ser entendidas como sistemas de narrativa e os estudos organizacionais como “um conjunto de práticas de contar estórias” (RHODES; BROWN, 2005, p. 5). Analisar as organizações a partir da perspectiva narrativa, promove um entendimento dinâmico, na qual é visto que as organizações são construídas discursivamente. As autoras complementam:

Observa-se como as organizações elaboram e comunicam determinadas narrativas com o intuito de mobilizar os públicos, incitá-los a uma ação, seja ela de consumo, adesão (compra), no caso do público externo, ou cumprimento de tarefas e comprometimento com os objetivos estipulados, pelo público externo (SANTOS; D’ALMEIDA, 2017, p. 298).

Ressalta-se que as narrativas organizacionais podem ser manifestadas em forma de produção textual e produção discursiva, portanto, pode ser entendida enquanto processo e também como produto. Dito isso, tanto os textos quanto os discursos articulados são concebidos como narrativas em razão da estrutura no qual são constituídos (SANTOS; D'ALMEIDA, 2017). A produção textual envolve documentos oficiais, relatos escritos, e a produção discursiva engloba declarações emitidas por meio da fala.

Constatou-se, portanto, que as narrativas atuam como forma de transmitir certa visão da realidade condicionada por fatores sociais, sendo assim “as narrativas são construções morais” (FISHER, 1984, p. 10). Estas interferem na condução de comportamentos direcionados a certas práticas, visando à busca da legitimação por meio de discursos, documentos, etc. Brown (1990, p. 186) ainda argumenta que as estórias presentes nas narrativas resultam “em uma forma de controle das atividades organizacionais, definindo implicitamente os parâmetros de comportamento.”.

A importância das narrativas e estórias nas organizações advém da capacidade em criar espaços simbólicos onde a hegemonia dos fatos e informações podem ser contestadas (GABRIEL, 2004). A partir da investigação e análise das narrativas organizacionais é possível adentrar em um espaço simbólico, não acessado pela massa ouvinte, sendo capaz de ultrapassar a fronteira controladora da comunicação organizacional. O potencial narrativo possui uma forma de acessar padrões velados e significados até então não explorados, é uma busca de significados ocultos (RHODES; BROWN, 2005). Ademais, a pesquisa narrativa permite considerar diferentes significados da ação organizacional, contribuindo para novas percepções em relação a construção de narrativas na esfera organizacional, em específicos nas narrativas sobre sustentabilidade. Apresentados os principais suportes teóricos que findarão na construção desta pesquisa, no próximo capítulo serão elencados os procedimentos metodológicos para condução da mesma.

2.4 Argumento de pesquisa: a sustentabilidade como construção narrativa.

As trocas linguísticas são interações que envolvem as relações de comunicação que, segundo Pierre Bourdieu (2008), são as próprias relações de

dominação regidas pelo poder simbólico, onde retificam as relações de força entre os locutores e/ou ouvintes. A produção e a circulação linguística advêm da relação entre os *habitus* linguístico e as estruturas do mercado linguístico, e o produto linguístico é a enunciação objetiva do ato de falar. Na sociologia bourdieusiana entende-se que o ato de fala é uma ação decorrente das disposições socialmente modeladas, envolvendo toda uma capacidade linguística de produzir discursos conforme a sua competência social (desde a posição que ocupa na sociedade ou em determinado grupo, a capacidade de movimentar e mobilizar capitais a seu favor), e das estruturas do mercado linguístico, que funcionam como um sistema de censuras específicas. Este encontro entre o *habitus* linguístico e as estruturas do mercado linguístico oferece uma certa orientação em falar e em dizer coisas determinadas e adequadas conforme uma situação exige.

O êxito de um produto linguístico envolve uma gama de fatores, mas principalmente as condições sociais, o poder simbólico e a competência prática. O uso prático das palavras, é uma construção de falares orquestrada de maneira intencional e não intencional, que permite o locutor a formular narrativas e engendrar estratégias discursivas, “toda fala é produzida para e pelo mercado ao qual ela deve sua existência e suas propriedades mais específicas.” (BOURDIEU; 2008, p. 64). O discurso é um produto do mercado com uma força simbólica que fornece um valor específico, capaz de motivar um comportamento, despertar uma emoção, organizar classificações mentais e etc. Sendo assim, o ato de comunicação, as falas e os discursos são carregados de uma força capaz de dominar o pensamento, o comportamento, pois almeja-se obter o reconhecimento, legitimidade e autoridade. O sociólogo revela que todo elemento discursivo há uma intenção, interesse, concorrência, isto é, uma luta incessante por reconhecimento e poder, portanto, o simples ato de falar alguma coisa determina uma maneira de dizer algo, e ainda aquilo que é falado está encoberto de dizeres (BOURDIEU, 2008).

O dizer para a sociologia bourdieusiana envolve os aspectos simbólicos contido no falar, na enunciação objetiva da comunicação, e ainda entre o falar e o dizer encontra-se uma dimensão simbólica, correspondente a *doxa*, isto é, o discurso dominante compartilhado no e do campo. O estado relacional dos princípios objetivo, subjetivo e simbólico que compõe as trocas linguísticas produzem e reproduzem um estado no qual uma mensagem ou discurso é admitido sem

contestação. Compete à *doxa* a realizar um processo de inculcação em naturalizar uma representação discursiva, por um efeito simbólico de regulamentação das relações de dominação e de manutenção do poder simbólico perante os dominados.

Com esta concepção da sociologia bourdieusiana e sua contribuição sobre o estudo das trocas linguísticas, é possível rebater um discurso naturalizador do poder prático das palavras. A sustentabilidade é um assunto que se repercute nas demais esferas da sociedade em virtude, principalmente, do cenário ambiental adverso e conturbado. O termo 'sustentabilidade' é uma construção social histórica, oriundo de conferências e discursos de grupos sociais que alertam sobre o colapso e crise ambiental, porém não há um conceito sólido e tampouco fundamentado. Devido à sua fragilidade conceitual e um expressivo interesse que a circunda, a sustentabilidade se tornou um espaço de lutas que orienta e controla as práticas das diversas esferas sociais, porém não há uma definição do que deve ser sustentado e de como realizá-lo. Deste modo, entende-se neste estudo, que a sustentabilidade está condenada a aplicabilidade de discursos frouxos, ambíguos e arbitrários, e ao mesmo tempo, estão encobertos de dizeres orquestrados (manipulados) pela dimensão subjetiva e simbólica dos elementos discursivos que possam conceder poder e força representativa.

No âmbito organizacional, no qual esta pesquisa se concentra, a sustentabilidade possui um entendimento limitado, uma vez a comunicação do desempenho sustentável é reduzido à princípios primários, e não nos impactos de longo prazo das operações das empresas. Além disso, as empresas tendem a concentrar sua comunicação sobre sustentabilidade concentrando-se em relatar suas iniciativas socioambientais e índices econômicos, e embora estas são informações desejadas, essas práticas não refletem as expectativas e necessidades da sociedade. O uso recorrente do termo 'sustentabilidade' nas fontes de comunicação faz com que certamente as empresas apliquem o termo em suas práticas discursivas, contudo, isto não garante um alinhamento entre o discurso e a prática (SZEKELY; KNIRSCH, 2005).

Por mais que as organizações se dizem sustentáveis e que estão aplicando a sustentabilidade em suas práticas, a situação do meio ambiente está em declínio, portanto revela-se um grande desconexão e contradição entre o que é falado com a realidade (DYLLICK; MUFF, 2016). A sustentabilidade nas organizações pode

ser considerado um projeto de negócio fundado em benefícios de geração de valor, como por exemplo, maior competitividade e redução de custos, prestígio e reputação, maior valor das ações e outras vantagens (LANDRUM, 2017).

A construção discursiva da sustentabilidade nas organizações pode ser vista como um mecanismo de comunicação, dispondo de várias formas de expressão e de elementos para fazer sentido, sendo assim, os eventos são construídos, imbuídos de significados e também contestados (GABRIEL, 2004). Devido à sua potencialidade de um efeito simbólico persuasivo, as narrativas têm o poder de inspirar, moldar e até mesmo controlar certas condutas, pois elas são capazes criar significações, sentido e crença (BROWN, 1990; SANTOS; D'ALMEIDA, 2017). Por esta razão, destaca-se a necessidade em problematizar e contestar os discursos enunciados e a história fixada, pois estes elementos que compõe as narrativas podem ser veículos para dissimulação, tornando-se “particularmente perigosos nas mãos de criadores de imagens, impostores e caluniosos” (GABRIEL, 2004, p. 62).

A pesquisa amparada na investigação de narrativas pode evidenciar que estes elementos que compõe a comunicação são usados para reproduzir as relações de poder, são mecanismos que produzem e reproduzem um jogo pelo poder discursivo em legitimar uma mensagem, um discurso (SANTOS; D'ALMEIDA, 2017; GABRIEL, 2004; RHODES; BROWN, 2005). No caso desta pesquisa, entende-se que a sustentabilidade nas organizações se encontra em uma luta discursiva, no qual se apropria-se de elementos das demais dimensões objetivas, subjetivas e simbólicas para naturalizar e impor um discurso a fim de que se torne aceito, compartilhado e reconhecido pelo seu público.

O contexto social escolhido para o desenvolvimento da análise foi em decorrência do rompimento da Barragem de Rejeitos de Fundão ocorrido no dia 5 de novembro de 2015 no município de Mariana (Minas Gerais). A organização responsável pela administração da barragem era a Samarco Mineração S/A, especialistas afirmam que os efeitos dos desastres serão sentidos por décadas e gerações devido à sua magnitude de destruição (LOPES, 2016). Deste modo, optou-se pelo recorte temporal de análise a partir de dados secundários (relatórios, mídias sociais e informações institucionais) de 2010 a 2019 no que se refere a sustentabilidade.

Sendo assim, esta pesquisa se interessa em específico na construção do falar, advindo de uma relação dialética do *habitus* linguístico com a estrutura do mercado, que funcionam como sistemas de disposições incorporadas e estruturadas, que determinam uma ação objetivada de fala, porém há uma busca pela eficácia simbólica em falar e dizer determinadas coisas de maneira adequada em uma condição social particular, que no caso desta pesquisa se refere à sustentabilidade. Portanto, o presente estuda busca adentrar na dimensão objetiva da fala, na dimensão subjetiva do dizer e na esfera simbólica da *doxa*, reunindo as narrativas que constroem as trocas linguísticas da Samarco sobre a sustentabilidade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo foi desenvolvido com o objetivo de apresentar os procedimentos e o percurso metodológico desta pesquisa. No entanto, os primeiros tópicos abordam os pressupostos ontológicos e epistemológicos da pesquisa, afinal o plano utilizado em qualquer pesquisa científica é fundamentado em uma teia onto-epistemológica que define o ponto de vista do pesquisador a respeito da relação ao homem, sociedade e mundo em geral (RICHARDSON et al., 2012). Desta maneira, esta seção discute, primeiramente, a ontologia historicista e epistemologia histórica em consonância com a sociologia bourdieusiana, bem como a sua perspectiva de compreensão da realidade. Em seguida, é apresentado a classificação geral da pesquisa, referindo-se à uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. A estratégia de pesquisa foi caracterizada como estudo de caso, e as informações serão acessadas a partir de uma pesquisa documental e a análise acontecerá por meio da técnica da análise de narrativas. Além disso foi contextualizado sobre o local de investigação, as orientações temáticas e a relação entre a teoria e empiria com o objeto de estudo segundo a sociologia bourdieusiana.

3.1 POSICIONAMENTO ONTO-EPISTEMOLÓGICO

3.1.1 Ontologia Historicista

Compreende-se que ontologia se refere a pressupostos fundamentais, assumidos e dados sobre a realidade última das coisas, investiga o estudo do ser, é o mais profundo estudo em natureza da essência (SLIFE, 2004). A ontologia historicista é uma busca pelo entendimento do porquê de certas afirmações tidas como verdade pelo contexto no qual se manifestam, utilizando-se da história para procurar esclarecer sobre a jornada histórica de construção e significação daquilo que se entende como uma verdade natural e inquestionável. Esta perspectiva defende a ideia de que tais manifestações se dão de formas semelhantes em diferentes sociedades em espaços temporais distintos. A manifestação da existência e suas reações se apresentam por meios das relações construídas em um extenso projeto

histórico de construção, assimilação e legitimação de ações, reações e percepções (SIEMON, 1997).

Para a ontologia historicista se faz necessário questionar não somente a verdade naturalizada em si, mas especialmente conhecer seu processo de construção, o fruto de uma jornada extensa de significação e ressignificação socialmente compartilhada. A noção de ontologia histórica substitui as divisões entre o indivíduo e sociedade e/ou entre o subjetivismo e objetivo, uma postura que atende os pressupostos da sociologia bourdieusiana, uma luta contra as posições rigidamente dualistas. A compreensão de uma “história dupla” que compreende um componente corpóreo e um campo componente institucional, Siemon (1997, p. 220) trouxe para o contexto a visão de Bourdieu, em que o sociólogo em questão argumenta que “a existência humana deve ser entendida em termos de uma ‘cumplicidade ontológica’ entre disposições duradouras, incorporadas, pré-reflexivas, socialmente produzidas em comportamento e percepção e a história objetivada de instituições”. Tal posicionamento não descarta a noção nominalista e tampouco a ênfase do senso realista, entende-se que cada noção possui o seu espaço, sendo este mutual, temporal e dinâmico. Por estas razões, o ser circunda as conjecturas sociais, tendo como exemplo o “contexto histórico particular fornecido pelas condições sociais de produção e reprodução dos produtores e receptores e de sua relação. (SIEMON, 1997, p. 220).

Em Bourdieu (1989) é apresentado a história como um novo elemento configurado por duas vias distintas, no seu estado objetivado e incorporada. A história no sentido objetivada, é uma via formal, contada por aqueles que superaram o conflito e estabeleceram sua dominação, a essa história, o autor chamou de história reificada, uma história que se acumula nas coisas ao longo do tempo. A outra condição é a história em termos da incorporação pelos homens, que se apresenta com suas ações, história, seria ela nomeada por história incorporada, um exemplo claro citado por Bourdieu (1989, p. 82) “aquele que tira o chapéu para cumprimentar reativa, sem saber”, é a história que fez-se *habitus*.

A classificação ontológica de suas pesquisas as vezes passa por um mal-entendido, portanto Bourdieu (1993, p. 273) esclarece o seu modo de produção intelectual: “eu não falaria, no entanto, de uma ontologia, a menos que esteja pronto para aceitar a noção de uma ontologia historicista”. Para a sociologia bourdieusiana a

relação do indivíduo com o mundo social não categorizada mecanicamente e de causalidade, mas sim uma espécie de associação os aspectos objetivos e subjetivos, “quando a história que frequenta o *habitus* e o *habitat*, as atitudes e a posição [...] é a mesma, então ela é a história que comunica de certo modo com ela própria, se reflete nela própria, se reflete ela própria” (BOURDIEU, 1989, p. 83).

Além disso, entende-se que a história possui uma relação de cumplicidade ontológica entre o *habitus* e o campo, no qual a história encontra-se no estado corporificado como *habitus* e no sentido objetivado como campo, portanto a relação entre ambos influi em uma “tendência a se perpetuar em seu ser, a se reproduzir naquilo que constitui sua existência e sua identidade” (BOURDIEU, 1993, p. 274). Sendo assim, para Pierre Bourdieu (1993, p. 271) a história possui um papel central em suas estratégias de pesquisa, “ninguém pode compreender a lógica mais profunda do mundo social, a menos que se torna imerso na especificidade de uma realidade empírica, historicamente situado e datado”.

Diante desta explicação, esta pesquisa assume a postura ontológica por contemplar ambos estados das narrativas proclamadas sobre sustentabilidade, o objetivado e o incorporado, pois, entende-se que as trocas linguísticas são relações configuradas partir do *habitus* linguístico e das estruturas sociais. Sendo que estas representam as relações práticas a respeito das narrativas sobre sustentabilidade, em específico, o que é falado e o que é dito a respeito de sustentabilidade segundo a Samarco Mineração S.A, refletindo a história objetivada e incorporada formada ao longo do tempo.

3.1.2 Epistemologia Histórica

A sociologia bourdieusiana tem como intuito de desvelar as histórias, o contexto e as construções sociais que envolvem o fenômeno, portanto, este viés pode ser entendido a partir dos pressupostos da epistemologia histórica. Esta explicação é sustentada devido ao anseio de Bourdieu (2004) em se afastar das epistemologias que desvinculam a ciência do universo social e temporal. A definição epistemológica se manifesta como “um corte social, que supõe ele próprio uma objetivação (dolorosa) dos vínculos e das vinculações (BOURDIEU, 2004, p. 112).

A epistemologia histórica possui três maneiras distintas de compreensão, porém relacionadas, o primeiro entendimento é citado como “um estudo da história dos conceitos epistemológicos de ordem superior como objetividade, observação, experimentação ou probabilidade” (FEEST; STURN, 2011, p. 123). E as outras duas concepções de epistemologia histórica englobam um estudo das trajetórias históricas dos objetos de pesquisa e o percurso histórico do estudo do desenvolvimento científico (FEEST; STURN, 2011).

Segundo Broady (1996) é evidente as ligações íntimas da epistemologia histórica, principalmente na tradição da filosofia francesa representada por Gaston Bachelard, com as obras de Pierre Bourdieu. Ademais, o sociólogo foi encarado como um teórico que coletava dados a partir das observações dos hábitos e do estilo de vida na sociedade contemporânea, ou seja, Bourdieu utiliza a junção da história com a sociologia para compreender a dinâmica das relações sociais, no qual repercutiu na construção de seus conceitos e teorias.

Para Bourdieu, as histórias conseguem retratar aspectos que as estruturas condicionam nas ações de determinados grupos e indivíduos, e estes estão sempre transpostos por uma duração temporal histórica. A sociologia bourdieusiana apreende-se em uma busca para acessar a história, tanto a reificada, quanto a incorporada, ou seja, desafiando a história objetivada e incorporada inculcada e naturalizada nas relações de dominação (BOURDIEU, 1989; 2010). Tendo em vista, que esta pesquisa se baseia em uma epistemologia histórica busca-se compreender as construções daquilo que é falado e dito, isto é, os processos de significação e interpretação dos fenômenos que abarcam a realidade.

Broady (1996) define seis princípios que caracterizam a epistemologia histórica de Bourdieu, apresentando seu caminho epistemológico. Os princípios são: o racionalismo aplicado; a ciência em seus próprios pés; as rupturas e obstáculos; a primazia das relações; o construcionismo; e as epistemologias regionais.

O racionalismo aplicado, compreende que o pensamento científico deve ser aplicado mediante o confronto com o objeto de estudo, pois para desenvolver a pesquisa científica é necessário criar um diálogo entre a razão e experiência, isto é, entre a teoria e a empiria. Esta característica é construída nesta pesquisa no sentido de, inicialmente, desenvolver um levantamento teórico e em seguida acessar a realidade que engloba o fenômeno. Segundo Bourdieu, Chamboredon e Passeron

(2010, p. 83), o racionalismo aplicado é “o único capaz de restituir completamente a verdade da prática científica ao associar intimamente os ‘valores da coerência’ com a ‘fidelidade ao real’.”.

O segundo princípio consiste na noção das ‘ciências em seus próprios pés’, argumenta-se aqui que a ciência deve se separar das doutrinas filosóficas tradicionais, o pensamento deve ser autônomo, segundo os pensamentos de Bachelard, os princípios filosóficos funcionam como uma camisa de força. Outra amarra citada, é o senso comum, portanto há uma necessidade em romper este obstáculo dentro da sociologia científica, e Bourdieu buscou desenvolver sua própria epistemologia, se distanciando destes aspectos que, segundo ele, atrasam o conhecimento (BROADY, 1996; BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2010). Nesse sentido, acredita-se que esta pesquisa apresenta possibilidades de contribuições para os estudos organizacionais, uma vez que não se enquadra em um paradigma e arquétipos deterministas.

O terceiro princípio, ‘as rupturas, os obstáculos’, se faz em consonância com as tentativas de escapar das falsas dicotomias, do senso comum e das posições filosóficas tradicionais, Bourdieu, como um cientista social entende que é necessário romper e ultrapassar os obstáculos para o progresso da ciência. “Durante os anos, ele prestou atenção aos obstáculos e erros específicos das ciências sociais, por exemplo, a circunstância de que esse tipo de esforço científico é em si parte do mundo que está investigando.” (BROADY, 1996, p. 12). Que também se justifica nesta pesquisa devido a superação na elaboração de temas habituais para se discutir as organizações.

A primazia das relações configura no quarto princípio, em razão da construção da análise dos elementos e fenômenos de maneira relacional e dinâmica. O conjunto que envolve a história a unidade de análise não deve ser indissociável das condições sociais, isto é, os sistemas de relações pertinente ao objeto. O quinto princípio corresponde ao construcionismo, que parte do pensamento que o objeto deve ser construído (BROADY, 1996). A sociologia bourdieusiana atribui ênfase na necessidade da interpretação, “antes de tirar a conclusão da medida, deve-se interpretá-la, isto é, compreender a resposta da natureza.” (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2010, p. 76-77). Com esta enunciação entende-se que a pesquisa deve permitir que o objeto fale por si, e o pesquisador possui a missão

de compreender a resposta, e ainda, busca compreender o que foi falado e dito a partir de narrativas das organizações envolvidas nos crimes ambientais.

Por último, o sexto princípio elencado por Broady (1996, p. 13) corresponde as epistemologias regionais, alegando a noção de que “o assunto do conhecimento científico deva estar sempre localizado em um tempo e local específicos”. Por este motivo estipulou-se um recorte temporal e regional, com o intuito de compreender as narrativas emitidas dentro de um contexto específico.

3.1.3 Perspectiva de Compreensão da Realidade

Em toda sua trajetória, Pierre Bourdieu (2004) buscou superar as imposições advindas de rótulos e classificações referente suas construções teóricas, o sociólogo buscou analisar a realidade a partir de uma relação de interdependência no intermédio entre o subjetivismo e objetivismo. Isso também se aplica para os instrumentos de análise, as relações que se encontram entre o texto e o contexto, “segundo o lugar e o momento” (BOURDIEU, 2004, p. 21). Para tanto, Bourdieu (1993) realiza uma crítica aos seus críticos que tentam dividir seus trabalhos em fragmentos e tentam “pós modernizá-lo”, de uma maneira na qual é ignorado a questão de seu *modus operandi* e pontos epistemológicos e sociais.

A sociologia bourdieusiana buscou romper com o pensamento advindo do estruturalismo, no qual compreende que o mundo social é um espaço de relações objetivas, independente em relação aos agentes, Bourdieu (2004, p. 20) assume que “foi preciso muito tempo para romper realmente com os pressupostos fundamentais do estruturalismo”. Por esta razão, introduziu o pensamento de que os agentes possuem uma capacidade de agência, isto é, “os agentes sociais, tanto nas sociedades arcaicas como nas nossas, não são apenas autômatos regulados como relógios, segundo leis mecânicas que lhes escapam” (BOURDIEU, 2004, p. 21). Devido os princípios de incorporação que dispõe o *habitus*, permite-se ao agente uma certa posse de inovação e improvisação, adquiridas pela experiência, sendo assim, Pierre Bourdieu (2004, p. 21) enuncia “falo em agentes e não em sujeitos”.

É possível compreender a perspectiva da realidade da sociologia bourdieusiana a partir do *habitus*, que é um produto da incorporação da necessidade objetiva, e “produz estratégias que, embora não sejam produto de uma aspiração

consciente de fins explicitamente colocados a partir de um conhecimento adequado das condições objetivas, nem de uma determinação mecânica de causas” (BOURDIEU, 2004, p. 23).

A explicação de seus conceitos, bem como da realidade, tende a não separar as estruturas dos agentes, e tampouco os elementos objetivos e subjetivos, portanto, sua perspectiva tende ora como estruturalismo construtivista, ora como construtivismo estruturalista. Pierre Bourdieu (2004, p. 26) parte da elaboração de

um estruturalismo genético: a análise das estruturas objetivas - as estruturas dos diferentes campos - é inseparável da análise da gênese, nos indivíduos biológicos, das estruturas mentais (que são em parte produto da incorporação das estruturas sociais) e da análise da gênese das próprias estruturas sociais: o espaço social, bem como os grupos que nele se distribuem, são produto de lutas históricas (nas quais os agentes se comprometem em função de sua posição no espaço social e das estruturas mentais através das quais eles apreendem esse espaço).

De maneira dialética e dinâmica, a sociologia bourdieusiana constrói a sua realidade contra e com os pressupostos estruturalistas, e assim com os princípios humanistas. Bourdieu (2004, p. 149) trata estas nomenclaturas como rótulos praticados no campo intelectual, onde funcionam como classificações que aprisionam o progresso da pesquisa, “se eu tivesse que caracterizar meu trabalho em duas palavras, ou seja, como se faz muito hoje em dia, se tivesse que lhe aplicar um rótulo, eu falaria de construtivismo estruturalismo ou de estruturalista construtivismo”. Sendo assim, este estudo apreende uma perspectiva ora construtivista estruturalista ora estruturalista construtivista de compreensão da realidade, pois a intenção é compreender a dinâmica dos elementos incorporados, estruturados e estruturantes da realidade social.

3.2 CLASSIFICAÇÃO GERAL DA PESQUISA

Uma pesquisa consiste na exploração, na inquisição de uma determinada realidade, é um procedimento sistemático, que tem por objetivo descobrir e interpretar certos fenômenos (WILLIG, 2008). A pesquisa pode ser definida “como uma forma de estudo de um objeto [...] com a finalidade de incorporar os resultados obtidos em expressões comunicáveis e comprovadas aos níveis do conhecimento obtido” (BARROS; LEHFELD, 1990, p. 14). Desse modo, essa pesquisa buscou gerar novos *insights* e perspectivas para o âmbito organizacional, no que tange as relações

de comunicação e os significados construídos na e pela linguagem a respeito do tema de sustentabilidade, pois considera-se que “a mudança social acelerada e a consequente diversificação das esferas de vida fazem com que, cada vez mais, os pesquisadores sociais enfrentem novos contextos e perspectivas sociais” (FLICK, 2009, p. 21).

Em consonância com a ideia de compreender a construção de significados e interpretações a respeito dos fenômenos presentes na linguagem, o objetivo da pesquisa qualitativa abarca como os indivíduos entendem suas experiências e existência, “toda pesquisa qualitativa está interessada em como o significado é construído, como as pessoas dão sentido às suas vidas e aos seus mundos” (MERRIAM, 2009, p. 24). Neste mesmo entendimento, “a pesquisa qualitativa fornece ao pesquisador a oportunidade de estudar significados. Permite ao pesquisador explorar as perspectivas e interpretações” (WILLIG, 2008, p. 158). Desse modo, o propósito desta pesquisa foi elucidar, interpretar e revelar os significados visíveis e não visíveis das trocas linguísticas.

O presente estudo buscou compreender as relações, os significados que as trocas linguísticas representam no contexto do discurso da sustentabilidade presente nas narrativas organizacionais. A classificação dessa pesquisa, considerando o caráter qualitativo, é considerada como descritiva e exploratória. A pesquisa descritiva propõe investigar as características de um fenômeno, ou seja, tem como objeto de estudo uma situação específica no qual “deseja obter melhor entendimento do comportamento de diversos fatores e elementos que influem sobre determinado fenômeno” (RICHARDSON et al., 2012, p. 71). Ressalta-se que não há promessa em explicar os fenômenos compreendidos, mas de realizar a descrição de mecanismos e as relações existentes na realidade estudada, “o estudo descritivo pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987, p. 110).

Esta pesquisa também atendeu os parâmetros de classificação exploratória, pois entende-se que o estudo exploratório investiga “com maior profundidade o assunto, de modo a torná-lo mais claro ou construir questões importantes para a condução da pesquisa” (RAUPP; BEUREN, 2006, p. 80). Além disso, as pesquisas exploratórias possuem um caráter pouco examinado, portanto há

uma dificuldade devido à complexidade de fatores que dificultam a formalização de suposições deterministas e operacionalizadas (RICHARDSON et al., 2012).

Em síntese, o presente estudo é classificado como qualitativo, descritivo e exploratória, pois admite-se a existência de uma profundidade em abordar níveis particulares da realidade e a intenção de narrar os acontecimentos pesquisados. Ademais, pesquisa buscou descrever e explorar elementos que integra os objetos de estudo e fenômeno em específico, a fim de construir um conhecimento pautado na teoria e empiria, proporcionando avanços científicos em uma pesquisa apoiada nos pressupostos da sociologia bourdieusiana.

3.3 TEORIA E EMPIRIA EM PESQUISAS ORIENTADAS PELA SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA

Pierre Bourdieu teve sua primeira formação em filosofia, contudo mudanças pessoais o levaram para outro destino intelectual, foi na Argélia que “despertou seu interesse pela sociedade argelina, de um ponto de vista político e científico, e promoveu, na prática, sua conversão da Filosofia para a Ciência Social” (WACQUANT, 2002, p. 97). Esta mudança transferiu-o do mundo das ideias para uma realidade de campo, coletando uma imensidade de dados e analisando-os durante suas viagens. O pesquisador procedeu para a sua prática de análise diversos autores de diversas e distintas áreas, no qual o resultado foi “um quadro teórico original, elaborado por meio de e para a produção de novos objetos de pesquisa, objetivando desvendar a multifacetada dialética das estruturas sociais e mentais no processo de dominação” (WACQUANT, 2002, p. 98).

Considerando toda sua história, a construção de sua trajetória possui aspectos particulares que foram iniciados na a filosofia, depois para a antropologia e se firmou na sociologia, estas transformações contribuíram para um salto empírico em direção a teoria da prática, um dos seus principais legados para a ciência social. Interessado em compreender as complexidades das relações na realidade social, Pierre Bourdieu apreendeu uma certa atenção em unir uma teoria robusta à observação sistemática (WACQUANT, 2002). Por esta razão, a sociologia bourdieusiana apoiou-se em um rigor metodológico e científico, definindo que para conhecer e construir o objeto “é necessário ter consciência de que todo objeto propriamente científico é consciente e metodicamente construído, e é necessário

conhecer tudo isso para nos interrogarmos sobre as técnicas de construção das perguntas formuladas ao objeto” (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2010, p. 64).

A posição do pesquisador deve alcançar uma vigilância no sentido de estar no campo, porém não ser levados pelas forças presentes, “o ponto aqui é que os sociólogos não podem sair desse jogo. Mas tampouco devem permitir-se participar nela de maneira a mistificar sua relação com o campo ou com os outros” (BARNARD, 1990, p. 80). A intenção do pesquisador é construir uma análise que se difere de uma percepção cega dos participantes do campo, sem se converter em um pesquisador imparcial. Por esta razão, a aproximação do pesquisador com o fenômeno se pretende de maneira controlada e reflexiva, para que esta distância alcance os aspectos objetivos e subjetivos presentes na construção de narrativas e das relações que constroem a realidade social.

Esta pesquisa se enquadra nessa perspectiva teórica-empírica devido à busca pela compreensão teórica dos assuntos que envolvem o objeto e, também, pelo fato do pesquisador alcançar os dados à nível empírico, a fim de compreender o intermediário, ou seja, os fenômenos que estão entre os aspectos objetivos e subjetivos. Portanto, a presente pesquisa buscou realizar uma relação da teoria com a empiria, na qual as teorias estudadas foram utilizadas como ‘ferramentas’ para compreender o que a Samarco fala e diz sobre sustentabilidade a sustentabilidade, acessando as informações presentes na realidade.

É fundamental que os estudos que envolvem uma pesquisa qualitativa tenham reflexões e inquietações, afinal “a análise qualitativa é um processo demorado que requer um alto nível de comprometimento do pesquisador” (WILLIG, 2008, p. 159). Em consonância com a sociologia de Pierre Bourdieu, a reflexividade deve ser uma prática dos pesquisadores, para que o foco principal da pesquisa não esteja nos preconceitos individuais do autor, mas que o inconsciente coletivo incorporado seja revelado. Ainda se explica que

a reflexividade de um argumento básico que os autores devem posicionar-se de forma explícita em relação aos seus objetos de estudo para que se possa avaliar reivindicações de conhecimento dos pesquisadores em termos de aspectos situados de seus eus sociais e revelar a sua (muitas vezes escondido) valores *dóxicas* e suposições. (MATON, 2003, p. 54)

Desta maneira, ressalta que a reflexividade, inquietações e questionamentos devem ser realizados a todo instante durante a pesquisa, pois nem

sempre o que está claro ou acessível é o que realmente expressa a realidade. Sendo assim, a sociologia bourdieusiana explica sobre a importância da aproximação do pesquisador com o campo, contudo de maneira controlada e reflexiva, assim

o sociólogo estabelece uma relação com o objeto que, enquanto relação social, nunca é puro conhecimento, os dados apresentam-se-lhe como configurações vivas, singulares e, em poucas palavras, humanas demais, que tendem a se impor como estruturas do objeto (BOURDIEU, CHAMBOREDON e PASSERON; 2010, p. 23 e 24).

O trabalho do pesquisador institui um impulso em alcançar fontes sociais e pessoais que muitas das vezes estão ocultas por mecanismos invisíveis de dominação, como é o caso da *doxa*, que segundo a sociologia bourdieusiana é a naturalização de um discurso dominante (BOURDIEU, 1989). Esta pesquisa, portanto, buscou compreender elementos que estão em ações de inculcação na esfera objetiva, subjetiva e simbólica das narrativas enunciadas pela Samarco sobre sustentabilidade.

3.4 ESTRATÉGIA DE PESQUISA

A estratégia de pesquisa consiste na construção que o pesquisador desenvolve para ir ao encontro com o fenômeno a ser estudado. A estratégia de pesquisa selecionada é a de estudo de caso, que consiste em “uma descrição detalhada e análise de um sistema limitado” (MERRIAM, 2009, p. 40). O estudo de caso em uma pesquisa qualitativa é um projeto que se adequa nas situações em que não é possível desassociar as variáveis do caso de seu contexto, ou seja, o fenômeno não está isolado de seu contexto. Ressalta-se que, o estudo de caso é uma abordagem qualitativa na qual o pesquisador explora um caso limitado ao longo do tempo, por meio de uma coleta de dados detalhada e profunda, com intuito de descrever o caso e os temas envolvidos (MERRIAM, 2009; HARTLEY, 1995).

Presume-se nesta pesquisa que o fenômeno não está isolado, portanto, existe uma interação entre o texto e o contexto, e justamente essa relação que implica o interesse do pesquisador, na qual a “investigação detalhada de uma ou mais organizações ou grupo dentro de uma organização, com vistas a prover uma análise do contexto e dos processos envolvidos no fenômeno em estudo.” (HARTLEY, 1995, p. 208). Estas presunções permitem uma aproximação com a perspectiva da sociologia bourdieusiana, na qual o pesquisador estabelece uma relação com o

objeto, resultante da relação entre o texto e o contexto (BOURDIEU, 2009; BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2010).

Optou-se pela estratégia de estudo de caso devido a singularidade, principalmente pela especificidade que poderá ser revelado sobre o fenômeno, afinal, a construção desta pesquisa possui características particulares, heurísticas e descritivas que compõe as características da pesquisa de estudo de caso (MERRIAM, 2009). O sentido particularista expressa que os estudos de caso se concentram em um evento ou fenômeno particular, ocasionando uma certa especificidade para situações cotidianas, “O caso em si é importante para o que revela sobre o fenômeno e para o que ele pode representar” (MERRIAM, 2009, p. 43). O atributo descritivo é pelo intuito de explicar as propriedades do fenômeno e, heurístico, é pela possibilidade de descobrir novos significados e ampliar o conhecimento.

Em síntese, esta pesquisa foi desenvolvida a partir da capacidade da estratégia de estudo de caso em “capturar ação, percepção e interpretação complexas. E a partir de relatos de estudos de caso, são apresentadas vinhetas e narrativas” (MERRIAM, 2009, p. 44). A partir desta perspectiva, o fenômeno foi interpretado com apoio das contribuições metodológicas e teóricas da sociologia bourdieusiana, na qual compreende-se as relações e significações entre o *habitus* e o campo, entre as disposições subjetivas e as estruturas objetivas, entre o agente e a estrutura (BOURDIEU 2004).

A presente pesquisa considerou a Samarco Mineração S/A devido a associação ao ecocídio ocorrido na cidade de Mariana, em Minas Gerais, no ano de 2015, pelo rompimento da barragem de Fundão. Portanto, justifica-se o estudo de caso, a partir da pesquisa documental, devido a relação da empresa com um determinado fenômeno em particular.

3.5 UNIDADE DE ANÁLISE

Levando em consideração que esta pesquisa teve como o objetivo geral compreender o que a Samarco Mineração S.A. quer dizer quando fala sobre sustentabilidade, presume-se que a unidade de análise escolhida é a própria empresa mencionada. O critério de seleção para designar esta empresa foi devido à relação com o rompimento da barragem na cidade de Mariana no estado de Minas Gerais.

Os acontecimentos podem ser associados a concepção de ecocídio, no qual se classificam na esfera criminal em razão dos efeitos causados pela destruição ou danificação de ecossistema(s) de um dado território (ROSSO; PIFFER, 2019). Um determinado acidente pode ser classificado como ecocídio quando há “uma ofensa massiva ao meio ambiente, capaz de ocasionar graves danos ao ecossistema e violações à fauna, flora, ao ar e/ou as águas [...], de modo a ocasionar abalos à própria vida humana” (GORDILHO; RAVAZZANO, 2017, p.690). Portanto, entende-se que há uma participação direta da Samarco com ocorrido em Mariana, em Minas Gerais. Portanto, foram analisadas as narrativas emitidas pela empresa a respeito da sustentabilidade.

Segundo a sociologia bourdieusiana, a ideia de que as organizações podem ser associadas à uma construção social da realidade na qual existem relações entre agente e estrutura, estes espaços que se configuram locais de contestação e lutas pelo poder formal e simbólico, logo são orientadas por relações de dominação (BOURDIEU, 2009). Segundo Vaughan (2008, p. 79-80) as organizações como local de investigação podem ser consideradas “unidades mais ricas de análise para estudar os vínculos entre recursos, locais de contestação e luta, relações de domínio e dominação e reprodução da desigualdade”. Sendo assim, justifica-se a unidade de análise a organização Samarco Mineração S.A. devido a sua relação com ecocídio e por se caracterizar um espaço de interesse e lutas por poder. Uma vez que a organização foi selecionada, no tópico seguinte é discutido sobre as orientações temáticas estabelecidas para o procedimento de coleta de dados.

3.6 ORIENTAÇÕES TEMÁTICAS

Pretendeu-se nesta pesquisa, por meio de orientações temáticas e pelo apoio teórico desenvolvido, acessar as narrativas sobre sustentabilidade proclamadas pela Samarco Mineração S.A. com intuito de alcançar o objetivo proposto. Segundo Merriam (2009, p. 248) “a maneira mais comum de encontrar resultados em um relatório qualitativo é organizá-los de acordo com as categorias, temas ou teoria derivados da análise de dados”. Portanto, as orientações temáticas foram consideradas como ferramentas que auxiliam na investigação das informações relevantes referente ao contexto da pesquisa.

Nesta pesquisa foram elencados três grandes temas: sociologia bourdieusiana, sustentabilidade e narrativas. Estes principais assuntos foram definidos a partir do objetivo geral, e seguindo um alinhamento preciso estes foram os capítulos centrais da fundamentação teórica. No entanto, por se tratar de uma sociologia relacional, o tema que abarca a sociologia bourdieusiana envolve outros conceitos fundamentais para a construção da análise, no qual também foram abordados no referencial teórico. Os conceitos estabelecidos para orientar a pesquisa foram: falar, dizer, *doxa*, sustentabilidade e narrativa. Em seguida foram apresentadas possíveis maneiras de manifestação destes conceitos dentro da realidade socialmente construída.

No que diz respeito ao falar e ao dizer à luz da sociologia bourdieusiana, o que foi falado é aquilo declarado via enunciação contextualizada das palavras, já o que foi dito, expressa as particularidades subjetivas expressadas na linguagem que influem nas relações sociais (BOURDIEU, 2008). Ressalta-se que para Bourdieu (2008, p. 41) o simples ato de falar demarca e consagra uma espécie de legitimação, no qual as organizações, no caso desta pesquisa, visam a consagração da sustentabilidade,

Falar é apropriar-se de um ou outro dentre os estilos expressivos já constituídos no e pelo uso, objetivamente marcados por sua posição numa hierarquia de estilos que exprime através de sua ordem a hierarquia dos grupos correspondentes. Estes estilos, sistemas de diferenças classificadas e classificantes, hierarquizadas e hierarquizantes, marcam aqueles que deles se apropriam, assim como a estilística espontânea, armada de um senso prático das equivalências entre as duas ordens de diferenças, envolve classes sociais através das classes de indícios estilísticos.

Em síntese, considerou-se para esta pesquisa, que o falar é a objetivação do ato de fala, isto é, a enunciação contextualizada objetiva das palavras. E o dizer é aquilo que está por traz, envolto pela dimensão subjetiva da objetivação do ato de falar (BOURDIEU, 2008). E para acessar a dimensão simbólica, entende-se que a relação dóxica das palavras, segundo Bourdieu (1989; 2010), ocorre de maneira que o discurso se faça pertencer e possuir de maneira absoluta e imediata, se fixando nos meios de comunicação, nas coisas e na história. Portanto, a *doxa* representa a dimensão simbólica entre o falar e o dizer, configurada pela reprodução compartilhada e/ou naturalizada imposta pelos dominantes instituindo um sentimento indiscutível ao coletivo (BOURDIEU, 1989). A *doxa* nesta pesquisa foi identificada a partir da reprodução de elementos que estabelece visões e divisões, transmitindo e

convencionando ideias, pensamentos e ações, nas quais destacam uma certa ênfase e regularidade na evocação de elementos discursivos presentes em diferentes relatórios, mídias e informações institucionais. Sendo assim, entende-se que a doxa se constitui na dimensão simbólica, construída na dimensão subjetiva e pode ser acessada objetivamente por meio de fontes e canais que configuram a prática discursiva.

Nesta pesquisa considera-se que, a narrativa envolve um conjunto de elementos que contam uma história, que organizam as experiências, relatam os eventos, intuindo em uma construção narrativa da realidade (FISHER, 1987; GABRIEL, 2004). No contexto organizacional, a narrativa pode ser entendida como um mecanismo de comunicação, que inclui tanto a produção textual (relatórios, relatos escritos, documentos oficiais), quanto a produção discursiva.

Entende-se que a sustentabilidade é manifestada narrativamente, na qual este termo é aplicado de forma ambígua e instrumental nos discursos organizacionais com intuito de vincular e direcionar a percepção de agentes e estruturas conforme seus interesses. Segundo O'Connor (2000) por mais que a sustentabilidade é apropriada recorrentemente nos discursos, há evidências que a realidade se revela contraditória e distante do que é enunciado destas narrativas. Dito isso, esta pesquisa investigou narrativas que refletem a sustentabilidade, em seus três sentidos (ambiental, social e econômico), manifestadas de maneira objetiva pela Samarco. A partir destas considerações, o tópico seguinte apresentou a estratégia definida para acessar os dados na realidade.

3.7 ACESSANDO AS INFORMAÇÕES NA REALIDADE

Os dados qualitativos podem ser concretos, portanto, passível de mensuração, ou invisíveis, no qual existe uma dificuldade ou até mesmo impossibilidade de medir, ainda que “os dados transmitidos por meio de palavras foram rotulados como qualitativos” (MERRIAM, 2009, p. 85). Os dados desta pesquisa foram documentos que transmitem uma linguagem proferida a respeito do tema de sustentabilidade, portanto optou-se pela pesquisa documental como forma de acessar as informações na realidade.

Os documentos podem ser entendidos referidos como “uma ampla gama de materiais escritos, visuais, digitais e físicos relevantes para o estudo em questão”, estes são uma composição do contexto em que foram produzidos e, assim, são sustentados no mundo real (MERRIAM, 2009, p. 139). Além disso, há o aspecto subjetivo que envolve os documentos, pois estes representam materiais simbólicos que apreendem formas de comunicação, como a escrita e sinais simbólicos. Os documentos mais comuns são os registros oficiais e corporativos, documentos governamentais, contas históricas e dentre outros (MERRIAM, 2009).

As fontes de documentos podem ser do tipo primária e/ou secundária. As fontes primárias “são aquelas nas quais o autor do documento está relatando a experiência em primeira mão com o fenômeno de interesse” (MERRIAM, 2009, p. 151), podem ser apresentados por documentos fiscais, reportagens, contratos, dados bibliográficos e outros. Já as secundárias são oriundas daqueles que não experimentaram o fenômeno diretamente, e assim são compilados posteriormente, como é caso de relatórios organizacionais e imprensa em geral.

Partindo da perspectiva onto-epistemológica da sociologia bourdieusiana, esta pesquisa contou com a coleta e análise de documentos de fontes secundárias, com intuito de compreender as narrativas presentes no contexto, isto é, as narrativas organizacionais proclamadas a respeito da sustentabilidade. Os dados coletados foram de ordem pública, isto é, “registros públicos são os registros oficiais e contínuos das atividades de uma sociedade” (MERRIAM, 2009, p. 140). Sendo assim, não houve limitações no que concerne à acessibilidade destes dados. Estes documentos em si se caracterizam como recursos de investigação, é um modo de entender as práticas sociais e organizacionais (COFFEY, 2014).

Considera-se que os dados qualitativos, partindo de uma pesquisa documental, podem oferecer informações descritivas, progredir em novas categorias e construir conhecimentos históricos a fim de relacionar mudanças ocorridas na sociedade. A sociologia bourdieusiana trata os documentos como um “um conjunto de indícios a partir dos quais a interrogação científica poderá constituir objetos específicos de estudo, ‘costumes, representações coletivas, formas sociais”, visto que os documentos não são criações fruto do conscientemente, são arbitrariamente registrados pelo autor do documento (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2010, p. 146).

Estabelecido o método da pesquisa documental, os documentos escolhidos para a realizar a análise foram: os relatórios de sustentabilidade, o documento titulado como “Um Ano do Rompimento de Fundão”, vídeos do canal do Youtube da empresa, as postagens do Facebook e o site institucional. Em específico, foram sete relatórios de sustentabilidade, dentre eles o de: 2011, 2012, 2013, 2014, 2016a, 2017 e 2018-2019. Ao total foram assistidos 80 vídeos publicados pela Samarco em seu canal do Youtube, entre os anos de 2011 e março de 2021. As publicações na página do Facebook da empresa foram acessadas desde a primeira postagem em 2015 e até a de março de 2021. E as informações no site institucional da empresa foram coletadas no dia dois de março de 2021.

No site institucional foi acessado em específico a aba “Sobre a Samarco”, pois o tópico abrange as seguintes temáticas: a história e sua trajetória; missão, visão e valores; governança corporativa e pessoas. Considera-se estes dados relevantes pois, são dados que contribuem para o entendimento da construção da narrativa sobre a sustentabilidade. Justifica-se a coleta no site institucional, pois, inclui informações sociais, econômicas e ambientais, que abrangem os pilares da sustentabilidade. Além disso, entende-se que as mídias sociais da empresa, sendo estas o Facebook e Youtube, são ferramentas de comunicação direta com sociedade. Cabe destacar que todas as fontes de comunicação são da própria empresa, pois pretendeu-se compreender o falar e dizer sobre a sustentabilidade da Samarco.

Assume-se que a pesquisa documental possui certas limitações, começando pela própria escolha de quais documentos foram coletados e analisados, delimitando o universo que será pesquisado. Outra delimitação é pelo fato de a pesquisadora não ir à campo presencialmente, portanto, considera-se que esta pesquisa deve procurar além do que está anunciado objetivamente, acessando os aspectos ocultos e subjetivos perante a interpretação das informações.

Em suma, a pesquisa em sua classificação qualitativa, descritiva e exploratória, conta com a estratégia de pesquisa de estudo de caso, acessando a realidade por meio do método da pesquisa documental e estas foram analisadas a partir da análise de narrativas. Apresentado como ocorrerá o acesso às informações, o próximo tópico explana sobre como estes foram analisados.

3.8 ANALISANDO AS INFORMAÇÕES

A análise de dados consiste no processo de extração de sentido dos elementos, “entender os dados envolve consolidar, reduzir e interpretar [...] o que o pesquisador viu e leu - é o processo de fazer sentido.” (MERRIAN, 2009, p. 175-176). Esta etapa da pesquisa teve como objetivo responder as questões que envolvem a investigação.

O processo geral de análise de dados começa identificando segmentos em seu conjunto de dados que respondem às suas perguntas de pesquisa. Este segmento é uma unidade de dados que é uma resposta em potencial ou parte de uma resposta às perguntas que você fez neste estudo. Uma unidade de dados é qualquer segmento de dados significativo (ou potencialmente significativo); no início de um estudo, o pesquisador não tem certeza sobre o que acabará sendo significativo (MERRIAN, 2009, p. 176)

Entende-se que a pesquisa narrativa permite considerar a existência de diversos significados da ação organizacional, uma pluralidade de sentido construída por meio de atividades discursivas e experiências organizacionais (RHODES; BROWN, 2005). Uma narrativa é entendida como “um texto falado ou escrito, dando conta de um evento/ação ou série de eventos/ações, cronologicamente conectados” (CZARNIAWSKA, 2004, p. 17) e os elementos da análise de narrativa envolvem símbolos, palavras, termos e/ou quaisquer expressões comunicativas presentes na realidade social, estes adquirem formas particulares, oferecendo para aquele que está a cargo de intérprete captar certos aspectos que vão além daquilo que pode ser observado, permitindo construções em seu imaginário (FISHER, 1987). Portanto, optou-se por utilizar o método de análise de narrativa para investigar os dados coletando. Além disso, considera-se que este método se mostra alinhado à classificação onto-epistemológica da presente pesquisa.

O paradigma narrativo de Walter Fisher (1987) propõe que as pessoas possuem uma capacidade natural de reconhecer a coerência e a fidelidade das histórias contadas e experimentadas. Ele explica que “a comunicação humana é testada contra os princípios de probabilidade (coerência) e fidelidade (veracidade e responsabilidade)” (FISHER, 1987, p. 47). Estes princípios são a base para avaliação de uma história, podendo ser testada de três maneiras dentro do princípio da probabilidade: a coerência argumentativa, material (comparativa) e a caracterológica. A coerência argumentativa refere-se ao aspecto estrutural, devido à solidez argumentativa. Já a segunda concerne na possibilidade da existência de contradições

no momento de comparar e contrastar outras estórias e realidades, permitindo revelar elementos omitidos. E o terceiro tipo de coerência, a caracterológica, é considerada central para todas as estórias, pois o caráter é pré-requisito para trazer a confiabilidade, e a confiança é um dos fundamentos que constitui a crença, isto é, “a credibilidade de uma estória demonstra a confiabilidade dos personagens, tanto como narradores quanto como atores” (FISHER, 1987, p. 47).

Já a fidelidade narrativa, isto é, a veracidade de uma estória, é avaliada a partir de uma lógica das boas razões. Segundo Fisher (1987, p. 48) esta lógica é formada por “elementos que fornecem garantias para aceitar ou aderir ao conselho promovido por qualquer forma de comunicação que pode ser considerada retórica”, portanto, refere-se à valores e solidez de um raciocínio que colocam em foco a integridade de uma história. Ele ainda explica que o princípio da fidelidade agrega componentes individualizados das histórias, “se eles representam afirmações precisas sobre a realidade social e, portanto, constituem boas razões para crença ou ação” (FISHER, 1987, p. 105).

Dentro do paradigma narrativo entende-se que estes princípios compõe a racionalidade narrativa, e propõe critérios e procedimentos para analisar os elementos do discurso (FISHER, 1987). O autor também destaca que todo discurso, inevitavelmente, expressa valor e pode ser “bastante "objetivo" sobre quais valores de fato estão presentes em uma mensagem, mas, à medida que se move para as questões de relevância, efeitos, confirmação e ideais, graus cada vez maiores de "subjetividade" entram na avaliação.” (FISHER, 1987, p. 110).

Destaca-se também que o argumento oferece sustentação para movimentar a narrativa, é uma maneira de representar uma fidelidade narrativa, pois na argumentação encontra-se pressupostos fundamentados para que a pessoa possa saber o que fazer e o que dizer. Sendo assim, para que a narrativa possua um caráter argumentativo é necessário que esteja carregada de ‘solidez’ e ‘firmeza’, pois estes indicam os méritos de qualquer argumento, segundo a probabilidade e fidelidade narrativa (FISHER, 1987).

Em consonância com o pressuposto do paradigma de Fisher (1987), de que as pessoas são contadoras, formadoras e avaliadoras de estórias, Brown (1990, p. 171) elencou quatro características para identificar as estórias nas organizações, são elas:

Primeiro, as estórias organizacionais manifestam um senso de temporalidade à medida que eventos passados são trazidos para o presente. Segundo, as estórias organizacionais exibem uma gramática específica que consiste em uma sequência de prefácio, uma sequência de recontagem e uma sequência de fechamento. Terceiro, as estórias organizacionais têm relevância para os membros. Quarto, as estórias organizacionais são verdadeiras para os membros de uma organização.

Cabe salientar que estes critérios foram desenvolvidos com base nos pressupostos do paradigma de Fisher (1987), como por exemplo, a noção de fidelidade narrativa, em que uma estória deve dispor de credibilidade para que os membros que interpretam possam determinar se são verdadeiras ou não. Outros pontos importantes são os pontos de relevância e as gramáticas da estória que estão ligados à probabilidade narrativa, visto que “os indivíduos naturalmente julgam a probabilidade narrativa de qualquer estória, suas características formais, pois determinam a relevância e o mérito da estória.” (BROWN, 1990, p. 168). No entanto, Santos e D’Almeida (2017) também destacam três princípios para avaliar as narrativas: a coerência, o sentido e a cronologia. Estes são construídos perante as exigências e aos objetivos da organização, tendo em vista de que a finalidade de suas narrativas proferidas busca a visibilidade e legitimar suas ações frente ao público de seu interesse. Segundo as autoras, estas premissas são caminhos que possam indicar se a estória será aceita ou rejeitada (SANTOS; D’ALMEIDA, 2017).

O Quadro 1 foi elaborado com o apoio teórico dos pensamentos explicados acima, a fim de esclarecer as principais etapas da análise de narrativas em nível teórico e empírico realizada nesta pesquisa.

Quadro 1 – Etapas da Análise de Narrativas

Ações teóricas		Trabalho científico desenvolvido a partir da teoria construída por meio dele		
Objetivo específico: Descrever a construção narrativa da sustentabilidade na Samarco Mineração S.A.				Dimensão Relacional
Etapa I	Contextualizar os aspectos a partir da relação de temporalidade e cronologia, com o intuito de estabelecer a construção sequencial de uma história a partir do momento em que os documentos e mídias analisadas foram elaboradas.	Acessar, a partir das delimitações e das orientações temáticas de sustentabilidade, narrativas para que seja apurado e delimitado a sequência e ordem dos fatos no que corresponde um período datado.	Dimensão Descritiva	
Objetivo específico: Interpretar a construção narrativa da sustentabilidade na Samarco Mineração S.A.				

Etapa II	Compreender em termos de coerência narrativa, os princípios de coerência estrutural, material (comparativa) e a caracterológica das narrativas nos documentos pesquisados e analisados.	Analisar o aspecto estrutural da construção narrativa no que se refere a sustentação e firmeza dos argumentos enunciados.	Dimensão Pragmática		
		Analisar as semelhanças e diferenças entre as narrativas de sustentabilidade.			
		Destacar os fundamentos que influem na constituição da credibilidade das narrativas manifestadas.			
Etapa III	Compreender as condições de fidelidade narrativa, a partir de elementos que sugerem a construção de valor e solidez na estória.	Analisar, a partir das narrativas manifestadas pela Samarco nos documentos acessados, os elementos que contribuem para determinar a veracidade e consistência da estória.			
Objetivos específicos: Elucidar as enunciações objetivas de sustentabilidade promulgadas pela Samarco Mineração S.A.; Desvelar os aspectos subjetivos das narrativas emitidas pela Samarco Mineração S.A a respeito da sustentabilidade.					
Etapa IV	Promover uma análise reflexiva da construção narrativa da sustentabilidade na Samarco, considerando as teorias e conceitos relevantes apresentados nos capítulos teóricos.	Destacar nas narrativas o posicionamento da Samarco em sua configuração objetiva no que se refere a sustentabilidade. Identificar as possíveis subjetividades inerentes nas narrativas objetivas, para que seja possível alcançar as reflexões e interpretações do que a Samarco quer dizer quando fala sobre sustentabilidade.	Dimensão Praxiológica		
Objetivo específico: Identificar a dimensão simbólica, a <i>doxa</i>, sobre sustentabilidade da empresa.					
Etapa V	Interpretar as informações, a partir da sociologia bourdieusiana, por meio de uma abordagem dinâmica, advinda de um entendimento particular desprovido do interesse de descrever e/ou tecer afirmações generalizáveis e deterministas.	Analisar um possível processo de adesão dóxica às narrativas de sustentabilidade, bem como, a <i>doxa</i> construída da sustentabilidade da Samarco Mineração, a partir do suporte teórico apresentado, e das informações coletadas nas etapas anteriores.	Dimensão Praxiológica		

Fonte: elaborada pela autora a partir das contribuições de Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2000), Brown (1990), Czarniawska (2004), Fisher (1987; 1989) e Santos e D'Almeida (2017).

Inicialmente, foi realizada a leitura de todos os relatórios e informações institucionais, bem como o acesso aos vídeos e postagens nos canais da empresa para selecionar os tópicos e trechos que apresentam dados relevantes para a investigação. Em seguida, foi feita uma leitura analítica buscando apreender os principais conceitos e as orientações temáticas já estabelecidas, captando um conjunto de categorias e informações contidas nos documentos narrativos. Também

foi realizada a transcrição dos trechos que apresentam regularidades e/ou aspectos relevantes ao olhar da pesquisadora. Estas etapas contribuíram para o desenvolvimento da análise de narrativas e da construção dos tópicos seguintes.

Foram analisados a dimensão objetiva (falar) e a dimensão subjetiva (dizer) dos dados coletados que contribuem para a construção da estória da sustentabilidade da empresa. Também foi interpretado a dimensão simbólica sobre sustentabilidade da empresa, considerando que toda linguagem é provida de sentido e poder. As regularidades e ênfases narrativas também foram percebidas, pois são particularidades que realçam o intuito de induzir um determinado sentido, e aceitação naquilo que é enunciado. Partindo do pressuposto que um discurso de autoridade busca inculcar “um ponto de vista particular, o ponto de vista dos dominantes, que se apresenta e se impõe como um ponto de vista universal” (BOURDIEU, 2011, p. 120), interpretou-se as regularidades e reprodução discursivas que buscam impor uma visão, foram interpretados como a possível *doxa* sobre sustentabilidade da empresa.

Cabe destacar que as interpretações foram construídas de acordo com as classificações de mundo da própria pesquisadora, a partir das disposições do *habitus* que oferecem princípios que organizam toda a visão de mundo (BOURDIEU, 2004). A leitura, interpretação e compreensão dos dados desta pesquisa foram pautados também na perspectiva da sociologia bourdieusiana, assim, admite-se a capacidade de “superar a alternativa do interior e do exterior, da vinculação cega e da lucidez parcial” presente nos discursos organizacionais, pois as palavras não são genuínas (BOURDIEU, 2004, p. 112). O capítulo a seguir é apresentado a descrição, a interpretação e a análise dos dados coletados para esta pesquisa

4 ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar a análise dos documentos compilados para esta pesquisa. Composto-se, portanto, de sete relatórios de sustentabilidade da empresa Samarco Mineração S.A. e o book de um ano de rompimento de Fundão; 80 vídeos publicados no canal do YouTube; site institucional e postagens no Facebook. Para uma análise dinâmica e melhor organização dos dados, este capítulo foi organizado da seguinte maneira: a primeira seção apresenta a descrição da construção narrativa da sustentabilidade na Samarco Mineração S.A.; a segunda parte é destinada à interpretação da construção narrativa da sustentabilidade da empresa, com base na discussão teórica sobre narrativas apresentada nesta pesquisa; a terceira corresponde em elucidar as enunciações objetivas de sustentabilidade e em desvelar os aspectos subjetivos das narrativas emitidas pela Samarco Mineração S.A a respeito da sustentabilidade, pautando-se na teoria bourdieusiana; e por fim será apresentado a identificação da dimensão simbólica, a *doxa*, sobre a sustentabilidade da empresa.

4.1 A CONSTRUÇÃO NARRATIVA DA SUSTENTABILIDADE NA SAMARCO MINERAÇÃO S.A.

Desde 1977 a Samarco Mineração S/A atua no mercado de mineração. Sua atividade contempla a extração de minério, seu beneficiamento, pelotização e o embarque. A operação ocorre em unidades industriais nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. O transporte de polpa de minério de ferro possui cerca de 400 quilômetros de extensão, atravessando 24 municípios destes dois estados. Com sede em Belo Horizonte (MG), a empresa é uma companhia privada de capital fechado, controlada igualmente por seus dois acionistas, a BHP Billiton Brasil Ltda e a Vale S.A. Seu principal produto, as pelotas de minério de ferro, eram exportadas para 19 países da Europa, Américas, Ásia e Oriente Médio. Em 2015 foi considerada a 12^a maior exportadora do país, alcançando vendas de 24,918 milhões de toneladas de produtos (SAMARCO, 2021a; 2014; 2019).

Reconhecida por anos como uma das maiores empresas do setor mineral do Brasil, a Samarco Mineração S/A desempenha forte influência sobre o país, no que tange os aspectos econômicos, sociais e ambientais (SAMARCO, 2014). A

partir da intensificação da temática da sustentabilidade para o mundo corporativo, as organizações passaram a adotar a prática de comunicar seu desempenho econômico, social e ambiental para a sociedade e, principalmente, seu público de relacionamento, por meio de canais de comunicação (MILNE, KEARINS, WALTON; 2006). A incorporação desta prática discursiva contribui positivamente para a imagem e reputação da empresa, para sua geração de valor, maior competitividade no mercado e outros benefícios tangíveis e não tangíveis (DYLLICK; MUFF, 2015; LANDRUM, 2017). Sendo assim, entende-se, nesta pesquisa, que os pronunciamentos divulgados a respeito da sustentabilidade nos canais de comunicação da Samarco representam a construção da narrativa da empresa sobre a sustentabilidade.

Logo no primeiro tópico do Relatório de Sustentabilidade referente ao ano de 2011 (SAMARCO, 2011), destaca-se a história da Samarco sob a ótica da sustentabilidade, a qual anuncia que os temas a serem abordados no documento foram definidos a partir de uma pesquisa desenvolvida com o seu público de relacionamento. O contexto de mercado em que empresa atuou neste ano foi narrado por um cenário favorável para a mineração no Brasil. Foram exibidos dados em que o mercado internacional de minério de ferro se manteve aquecido e com perspectiva de crescimento para os anos seguintes. Para dar conta dessa demanda, a empresa anuncia a preparação para o aumento da sua capacidade de produção. O diretor comercial e de serviços corporativos deste ano, Roberto Carvalho, explica em vídeo publicado no canal de comunicação da Samarco, que, para acompanhar o crescimento de mercado, a estratégia de negócio da empresa é fundamentada no investimento em projetos que visam o crescimento de volume na produção (SAMARCO MINERAÇÃO, 2012b).

O tópico destinado a apresentar o contexto da sustentabilidade na Samarco inicialmente é abordada a condição da diminuição de reservas naturais, justificando a incorporação da sustentabilidade pelo setor de mineração, situação declarada como um grande desafio para a empresa (SAMARCO, 2011). Em seguida, é apresentada a declaração de sustentabilidade da Samarco, pela qual notou-se proximidade com a concepção de desenvolvimento sustentável do Relatório de *Brundtland*,

com o objetivo de se manter competitiva e atuar com excelência empresarial, considerando em seus processos decisórios o equilíbrio das dimensões econômicas, ambientais e sociais com as necessidades atuais da sociedade

e das futuras gerações, a Samarco define um conjunto de princípios e diretrizes de sua atuação empresarial (SAMARCO, 2011, p. 24).

O alinhamento entre estas representações para se referir à sustentabilidade demonstra que a empresa segue uma construção narrativa ancorada na corrente convencional do *mainstream* para abarcar o rótulo sustentável (MILNE; KEARINS; WALTON, 2006; O'CONNOR, 2000). Ainda no relatório de sustentabilidade de 2011 (SAMARCO, 2011, p. 24) foi comunicado o lançamento do projeto 'Sustentabilidade como Alavanca de Valor', tendo como objetivo "alinhar a estratégia de sustentabilidade com o negócio, assegurando a geração de valor para as partes interessadas". Notou-se que a sentença 'geração de valor' está associada com a sustentabilidade, bem como a preocupação da empresa perante sua reputação e imagem. Essas noções são incorporadas nas narrativas, visto que a sustentabilidade certifica suas atividades ao longo prazo e asseguram proveitos para a empresa em si (DYLLICK; MUFF, 2015; LANDRUM, 2017).

Na seção da mensagem do presidente, Ricardo Vescovi de Aragão, o então diretor-presidente em 2012, destaca que a sustentabilidade como a base de atuação e um requisito de gestão, e em seguida cita alguns exemplos de estratégias sustentáveis da empresa: "Maximizar o aproveitamento dos recursos e aumentar a eficiência de nossos processos, em paralelo ao desenvolvimento de nossa gente e das comunidades vizinhas às nossas operações" (SAMARCO, 2011, p. 4). A declaração da Samarco no que tange posicionamento estratégico da sustentabilidade, revela a pretensão de expandir o crescimento econômico e produtivo, e, por outro lado, compensar a exploração do território e dos recursos naturais com ações sociais. Contudo, essa relação entre a expansão operacional e a conjuntura socioambiental possuem direcionamentos distintos, pois o aumento produtivo gera a intensificação da exploração ambiental. Sendo assim, interpreta-se nas narrativas uma desconexão, uma vez que há a tentativa de associar a sustentabilidade quando se relata ações de compensação (DYLLICK; MUFF, 2015).

Estas premissas são evidenciadas quando a Samarco anuncia em 2011 o início das obras do Projeto Quarta Pelotização (P4P), uma expansão que permitirá ampliar a capacidade operacional em 37% em 2014. Em menção sobre seu impacto sobre o meio ambiente, destaca-se a ação compensatória de "eficiência energética, melhoria nos sistemas de tratamento de esgotos e resíduos, prevenção do desmatamento e recuperação florestal" (SAMARCO, 2011, p. 82). Contudo, não

especifica os riscos e impactos gerados pelo projeto e somente declara genericamente a existência destes para os âmbitos social e ambiental, para os quais serão realizadas ações para minimizar, compensar e mitigar as áreas afetadas.

Um das táticas utilizadas na construção da narrativa de sustentabilidade apoia-se nas temáticas de tecnologia e inovação: “entendemos que são essenciais a busca da inovação e o desenvolvimento tecnológico para garantir a competitividade e aumentar a vida útil de nossas reservas, por meio de boas práticas ambientais” (SAMARCO, 2011, p. 85). Esta narrativa se aproxima da abordagem reformista para alcançar e comunicar o desenvolvimento sustentável, apropriando-se da sustentabilidade tecnocêntrica. Esta postura defende o uso de tecnologias para conservar o meio ambiente e, ao mesmo tempo, proporcionar benefícios econômicos e sociais, justificando o investimento em inovação tecnológica, porém pretende-se o aumento do lucro e a eficiência operacional (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995; HOPWOOD; MELLOR; O'BRIEN, 2005). Tal postura é exposta na seguinte afirmação:

Em nossa gestão, aliamos a eficiência em processos ao suporte tecnológico consistente e ao compromisso com a sustentabilidade. São focos de permanente atenção o respeito e a valorização da vida [...], o respeito ao meio ambiente e a rentabilidade dos acionistas (SAMARCO, 2011, p. 12).

Em consonância com a abordagem reformista (GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995; HOPWOOD; MELLOR; O'BRIEN, 2005), a narrativa de sustentabilidade também empregou as nuances da palavra eficiência: “Como cuidamos dos recursos naturais: ecoeficiência. O uso eficiente dos recursos naturais é premissa para o negócio da Samarco” (SAMARCO, 2011, p. 44). Essa estratégia discursiva busca passar a sensação de minimizar a exploração do meio ambiente, fortalecendo o modelo econômico de quantificar e controlar a natureza, alcançando a máxima de lucros e outros elementos materiais (O'CONNOR, 2000).

Em suma, a narrativa de sustentabilidade do ano de 2011 destaca o potencial de crescimento do mercado de minério de ferro, o aumento da capacidade produtiva advinda do projeto P4P, e “desenvolver soluções, sob a perspectiva da sustentabilidade, que gerem valor para o negócio e contribuam para a transformação social positiva da área de influência” (SAMARCO, 2011, p. 55).

No ano de 2012, as narrativas de sustentabilidade foram ancoradas em práticas de gestão, apresentando, segundo a Samarco (SAMARCO, 2012), um modelo próprio de sustentabilidade. Foi comunicada a reformulação da visão, missão

e valores, bem como, do planejamento estratégico, para desenvolver ações econômicas e socioambientais para suportar o futuro da empresa. A sustentabilidade é retratada como um suporte e/ou apoio para alcançar a ampliação da empresa, como também é exposta na fala do Ricardo Vescovi de Aragão, diretor-presidente da Samarco:

vamos atuar para que esse modelo seja consolidado com o estabelecimento de metas e de compromissos para a redução dos impactos socioambientais e, somado à diminuição de custos e ao incremento de nossa produtividade, ele nos leve à Visão 2022, que é dobrar o valor da Empresa. (SAMARCO, 2012, p. 9)

Estas formas de comunicação estão relacionadas a uma visão instrumental, indicando a sustentabilidade como uma capacidade estratégica baseada em uma relação proativa e energética do uso de recursos naturais (MONTIEL; DELGADO-CEBALLOS, 2014). A aplicação do termo 'sustentabilidade' na construção de narrativas da Samarco visa legitimar o seu desempenho organizacional, no sentido de minimizar os impactos socioambientais de suas atividades: “buscamos aliar o crescimento da produção à redução dos impactos socioambientais, usando a tecnologia como um driver de sustentabilidade” (SAMARCO, 2012, p. 14). Nesta declaração da Samarco é evidenciada a aposta na potencialidade tecnológica como um instrumento para suprir o ciclo do crescimento produtivo que recai sobre os impactos ocasionados pelas suas próprias operações.

Em 2012, a composição da narrativa de sustentabilidade destacava os temas relativos à tecnologia como uma ferramenta, um meio para alcançar a sustentabilidade. Notou-se que neste ano houve maior intensidade de narrativas com este teor comparadas ao ano anterior. Como, por exemplo, na nova missão da Samarco foi pronunciado a seguinte narrativa: “Produzir e fornecer pelotas de minério de ferro, aplicando tecnologia de forma intensiva para otimizar o uso de recursos naturais e gerando desenvolvimento econômico e social, com respeito às pessoas e ao meio ambiente” (SAMARCO, 2012, p. 15).

O desenvolvimento dessas narrativas associa a tecnologia como uma solução para conquistar a máxima da sustentabilidade em que as técnicas mais avançadas de gestão e inovação são consideradas suficientes (HOPWOOD; MELLOR; O'BRIEN, 2005). O termo 'ecoeficiência' também foi mais articulado no ano de 2012, com amparo do conceito do Conselho Empresarial Mundial para o

Desenvolvimento Sustentável (WBCSD), tal como se apresenta na seguinte enunciação:

A definição de ecoeficiência do WBCSD (Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável) mostra que seu alcance é possível por meio da entrega de mercadorias a preços competitivos e da prestação de serviços que satisfaçam às necessidades humanas, tragam qualidade de vida e, ao mesmo tempo, reduzam progressivamente os impactos ecológicos e a intensidade de utilização de recursos (SAMARCO, 2012, p. 23).

Esta definição também corrobora para o alinhamento da narrativa da Samarco em fundamentar a pretensão de aumentar sua capacidade produtiva e, conseqüentemente, seu crescimento econômico, porém sem mencioná-lo: “Ao ter como meta produzir mais e melhor, com o uso responsável de recursos, a Empresa estabelece como diretrizes reduzir o uso de insumos, mitigar os impactos gerados à natureza e aumentar o valor agregado aos produtos e serviços.” (SAMARCO, 2012, p. 24). Ainda em outro trecho destaca-se como uma das principais conquistas da empresa a estruturação da Gerência Geral de Tecnologia e Ecoeficiência, a qual “estuda soluções tecnológicas capazes, a um só tempo, de reduzir os impactos de nosso negócio sobre o meio ambiente e garantir a competitividade da Samarco no futuro” (SAMARCO, 2012, p. 37).

Ao anunciar o avanço das operações, revelou-se a direção dos esforços desempenhados pela empresa para a área produtiva, comunicando um aumento de 37% da sua capacidade produtiva (SAMARCO, 2012). A empresa complementa essa narrativa relatando que a expansão produtiva pretende contribuir ainda mais para o crescimento do país, que segundo ela mesma, possibilita a melhoria no âmbito social das regiões vizinhas, como por exemplo, a geração de renda e de emprego. Notou-se em alguns trechos, uma possível padronização nas narrativas que comunicam sobre o projeto de expansão operacional, tendo em vista a tentativa de justificar o crescimento produtivo com ações sociais positivas para a comunidade. Tal posicionamento é exemplificado na seguinte narrativa: “dispomos de uma estratégia de negócio focada no Projeto Quarta Pelotização (P4P), que elevará nossa capacidade nominal, [...]. Isso possibilitará a geração de emprego e renda nas regiões vizinhas às nossas operações.” (SAMARCO, 2012, p. 9).

Ainda no relatório de sustentabilidade do ano de 2012 foi frisado sobre os desafios externos e internos que a empresa enfrenta, como por exemplo na esfera externa, pela volatilidade de preços no mercado de minério de ferro, e internamente,

pela questão de alinhar a sustentabilidade com o setor de mineração. Este posicionamento se fez presente na seguinte enunciação: “Integrar aspectos de sustentabilidade às decisões estratégicas e de negócio é um desafio para toda a indústria de base” (SAMARCO, 2012, p. 14). Ainda é comunicado sobre como a atividade de mineração possui uma estrutura basilar de processos que impactam diretamente e indiretamente toda uma cadeia ambiental e social. Para a Samarco a sustentabilidade é compreendida como uma prática desafiadora para se alcançar. Sendo assim, pode-se interpretar que a sustentabilidade se encontra em uma condição futura e abstrata, imprimindo a percepção que ela não reside no presente. Tal interpretação é exemplificada na enunciação exposta em sequência: “é essa confiança que nos instiga a aprender sempre e refletir sobre a verdadeira evolução a ser buscada, aquela na qual prevaleça a justiça e a geração de valor no presente e no futuro sustentável” (SAMARCO, 2012, p. 8).

De antemão, o tópico da mensagem do presidente, Ricardo Vescovi, declara que o ano de 2013 foi um período decisivo para o projeto de expansão da Samarco, protagonizando em sua narrativa as temáticas econômicas: “marcado pela nossa busca da máxima eficiência operacional, garantindo a competitividade do negócio em um período ainda marcado por incertezas econômicas no exterior.” (SAMARCO, 2013, p. 5). Ele ainda discorreu sobre os três pilares que fundamentam a gestão da empresa: “Excelência, para fazer sempre mais e melhor; Crescimento, para gerar valor com solidez e competência; e Conformidade, para estar sempre em sintonia com nossos valores e com as normas e leis” (SAMARCO, 2013, p. 5). De acordo com a empresa essa tríade conduz o mapa estratégico, direcionando o investimento em soluções inteligentes e de menor impacto para que possa assegurar a competitividade e o futuro da empresa. Ademais, em outros assuntos (sociais, operacionais e ambientais) é possível identificar a menção destes pilares para atrelar uma narrativa de crescimento, que segundo a Samarco, é um crescimento responsável.

Também foi constatado na comunicação referente ao ano de 2013 uma ênfase discursiva a respeito do desempenho econômico, citando por exemplo, o faturamento de 2013 como o melhor resultado da história da Samarco. A divulgação de indicadores e outros temas econômicos tiveram uma maior visibilidade em comparação aos anos anteriores, refletindo a visão organizacional da Samarco de

dobrar o valor da empresa e tornar-se referência no segmento (SAMARCO, 2013). Esta ação comunicativa transmite a conquista econômica da Samarco, que reflete positivamente em sua imagem como um empreendimento estável e forte, consolidando-se para o mercado e público de interesse (SZÉKELY; KNIRSCH, 2005).

Ainda na mensagem do presidente, logo após discorrer sobre os ganhos e avanços nas operações, foram abordadas as ocorrências de manifestações e greves por parte de empregados das empresas contratadas no Espírito Santo. A população protestou por melhorias na infraestrutura e qualidade de vida (SAMARCO, 2013). O'Connor (2000) expõe que na atualidade os custos adicionais referentes a segurança, saúde, meio ambiente, dentre outros, estão decadentes ou até mesmo em colapso, portanto, é possível interpretar uma possível conexão destes protestos sociais com uma possível crise de custos com as condições de produção. A seguinte narrativa corrobora com este entendimento, em que a empresa se vangloria pela captação de lucros: “Fruto da gestão rigorosa de custos e da garantia de boas margens para produtos de maior valor agregado, o lucro líquido alcançou R\$ 2.731,4 milhões, 3,2% acima do ano anterior” (SAMARCO, 2013, p. 6).

Em 2012 declarou-se que o motor da sustentabilidade era a tecnologia, já em 2013 foi a inovação, tal como é exposta na seguinte afirmação: “o empenho e o foco da gestão no que consideramos o motor da sustentabilidade: a inovação.” (SAMARCO, 2013, p. 7). Assim como nas narrativas de 2011 e 2012, em 2013 foi comunicado, em diversos momentos, o uso e a busca de novas tecnologias para conduzir as práticas rumo à sustentabilidade, alcançando, segundo a empresa, a excelência no uso de recursos naturais. A construção da narrativa da sustentabilidade é atrelada com a tecnologia e o seu uso possui as seguintes finalidades: diminuição dos impactos ambientais, redução de custos, geração de novas oportunidades e a preservação dos negócios (SAMARCO, 2013). Nota-se que os propósitos comunicados pela Samarco estão mais voltados para os interesses particulares do negócio, e segundo Luke (2005), as iniciativas tomadas pelas empresas deveriam estar apoiadas no interesse transformativo do mundo, contudo, na maioria das vezes estão pautadas no interesse de centralização gerencial e geração de lucros.

Percorrendo as diretrizes estratégicas da empresa, comunica-se que estas são orientadas para a sustentabilidade dos negócios e que, segundo a Samarco

(2013), se traduz no Modelo de Sustentabilidade. A expressão 'sustentabilidade dos negócios' reúne as temáticas de tecnologia, inovação, ecoeficiência e produtividade, traduzindo as principais concepções de sustentabilidade para a empresa. Esta relação é declarada na seguinte narrativa: "Em sintonia com a estratégia do negócio, desenvolvemos metas de sustentabilidade que nos permitem mensurar o desempenho socioambiental da empresa" (SAMARCO, 2013, p. 29).

O modelo de sustentabilidade do ano de 2013 é constituído por quatro pilares: Liderança pelo Exemplo, Inovação e Tecnologia, Redes Colaborativas e Empreendedorismo Responsável. Nos pilares, as narrativas apresentadas prevalecem temáticas sociais e tecnológicas, dispensando a esfera correspondente ao meio ambiente:

Atuando de forma complementar na estratégia da Empresa, o Modelo de Sustentabilidade e o Mapa Estratégico nos auxiliam a buscar as melhores práticas do setor, gerando eficiência nas operações, competitividade nos negócios e confiança nas relações com a sociedade; além disso, nos comprometemos com a transformação social, atuando na qualificação profissional, no fomento à participação social e à educação de qualidade e na geração de emprego e renda em nossa área de influência direta (SAMARCO, 2013, p. 30)

Ainda sobre este modelo, destaca-se o esforço em construir a confiança da sociedade, uma das formas relatadas seria partir da comunicação do desempenho socioambiental. Segundo a Samarco (2013) esta relação de confiança é o elemento central para concretizar seus planos de crescimento e manter a licença social concedida pela sociedade para realizar suas operações. Esta narrativa sobre a relação de confiança e licença social é reforçado ao longo de todo o relatório de sustentabilidade da Samarco no ano de 2013, desde as narrativas iniciais até o final.

No contexto socioambiental, a empresa também menciona as diretrizes do mapa estratégico e o modelo de sustentabilidade como orientadores para a mensuração de seu desempenho. É citado, por exemplo, os indicadores de captação de água, emissão de gases de efeito estufa e ações sociais nas áreas de influência. Fundamentando-se nas teorias de sustentabilidade abordadas nesta pesquisa, entende-se que há uma certa limitação sobre os desempenhos relatados. Por mais que sejam relevantes, estes dados não se aprofundam no impacto socioambiental no longo prazo das operações da empresa e ainda considera que o desempenho econômico é mais desenvolvido do que o desempenho ambiental e, principalmente, social (LÉLÉ, 1991; SZÉKELY; KNIRSCH, 2005).

Cabe destacar que na apresentação do desempenho socioambiental da Samarco, com base nos indicadores do GRI, houve uma classificação de 'não conformidade ambiental': "Em 2013 houve seis notificações judiciais relacionadas a aspectos ambientais, todas elas cumpridas pela Samarco. Também foram recebidas oito multas, que somam R\$ 433 mil" (SAMARCO, 2013, p. 102). Não foram apresentadas mais informações sobre estas notificações e multas ao longo do relatório, indicando a falta de esclarecimento sobre os danos ambientais.

Outro pronunciamento enfatizado tanto no relatório de sustentabilidade quanto em um vídeo institucional publicado em seu canal no Youtube é sobre a prática da mineração responsável. Segundo a Samarco esta prática é descrita a partir do reconhecimento dos impactos gerados pela sua atividade, de sua responsabilidade perante as pessoas e o meio ambiente, gerando relação de confiança com a sociedade. Ainda na formação desta narrativa, conecta-se a sustentabilidade como um requisito inegociável de gestão e as tecnologias como uma capacidade em apresentar soluções sustentáveis (SAMARCO, 2013; SAMARCO MINERAÇÃO, 2013).

Até o ano de 2013 os relatórios utilizaram a versão G3 das diretrizes do Global Reporting Initiative (GRI), já em 2014 o documento contemplou a versão G4, que segundo a Samarco, resultou em mudanças diretas na configuração e conteúdo reportado. Além disso, a empresa anunciou que esta versão avança na comunicação mais objetiva e conectada com os temas materiais, que também foram atualizados no ano de 2014 (SAMARCO, 2014).

Considerando o período analisado nesta pesquisa, pela primeira vez foi abordado sobre a movimentação da esfera política brasileira, provocando uma série de discussões a respeito do futuro do país e suas implicações para a agenda pública, privada e a sociedade como um todo (SAMARCO, 2014). Em seguida, destacou-se o impacto causado pela estiagem dos últimos anos, um problema ambiental que traz reflexos diretos na produção energética. Como resposta, a Samarco comunicou o desafio de desenvolver soluções com o intuito de preservar suas atividades e a longevidade de seu negócio. Vale ressaltar que a natureza, neste caso, a escassez de recursos hídricos, só é lembrada pelo impacto direto na área produtiva e econômica da Samarco. Portanto, as ações tomadas para reverter a escassez de recursos naturais são determinadas por uma racionalidade econômica,

constituída pelos interesses de sobrevivência da organização (PORTO-GONÇALVES; LEFF, 2015).

O contexto externo foi marcado por quedas sucessivas no preço do minério de ferro, situação que repercutiu em todo o setor de mineração. Para lidar com essa dinâmica, a Samarco (2014, p. 4) se estruturou em quatro eixos, “alta produtividade, qualidade do produto adequada às necessidades dos nossos clientes, baixo custo de produção e uma reputação positiva perante nossos públicos de relacionamento”. Eixos estes que priorizam o setor produtivo, pilar que esteve fortemente presente na narrativa de todo o relatório de 2014, justamente no ano que iniciou o funcionamento do P4P, projeto que promoveu um aumento de 15,4% na produção de pelotas de minérios de ferros e finos, totalizando 25,075 milhões de toneladas.

Atrelada à narrativa de indicadores produtivos, anuncia-se que os avanços operacionais fomentam os projetos sociais, citando o P4P como um indutor para o desenvolvimento social local, em virtude, por exemplo, de novas oportunidades de emprego e capacitação profissional. Foi apresentado um tópico sobre os resultados e resoluções do projeto tendo como título “Balanço P4P: contribuição para o desenvolvimento” e o destaque para o seguinte trecho:

Em 2014, com a entrega do Projeto Quarta Pelotização, encerramos um ciclo de importantes investimentos em infraestrutura e projetos socioinstitucionais, que impulsionaram o desenvolvimento do território e trouxeram melhorias concretas para as vidas de milhares de mineiros e capixabas. (SAMARCO, 2014, p. 50)

Interpreta-se que a construção da narrativa sobre setor produtivo, a perspectiva material do negócio, busca evidenciar e relacionar com o pilar social, em específico para a comunidade local, como um meio de comunicar a compensação dos impactos causados pela extensão de sua atuação estrutural, a extração de recursos naturais e a produção de minério de ferro. Sendo assim, as narrativas sobre a produtividade são construídas a partir do apoio das descrições da relação com a sociedade, como os projetos e ações sociais surgem e estas são referidas como uma estratégia de transformação social e de geração de valor compartilhado. Esta narrativa surge como um véu da sustentabilidade, apresentando uma superficialidade perante o potencial de apropriação e destruição territorial decorrente da operação da empresa (PORTO-GONÇALVES; LEFF, 2015), conforme é citado na própria narrativa da empresa: “acreditamos na capacidade de equalizar a expansão dos negócios e

promover impactos positivos, minimizando as externalidades negativas de nosso negócio.” (SAMARCO, 2014, p. 32).

O tema produtividade destacou-se no ano de 2014, a Samarco definiu a alta produtividade como um caminho sólido para o negócio em razão de um cenário mais completo e de maior competitividade no setor. Foi apresentado o Projeto Máxima Capacidade, fundamentado na visão de dobrar o valor da empresa a partir da maximização de ativos, redução de perdas e de custos de produção. De acordo com Samarco (2014, p. 26), para se alcançar estas metas, o planejamento estratégico valoriza “a inovação tecnológica, o investimento em sustentabilidade e uma gestão focada em custos, produtividade e eficiência”. Porém, quando expõe sua operação a curto e longo prazo a empresa não cita a sustentabilidade:

No curto prazo [...] definimos que alta produtividade, custos de produção baixos, qualidade adequada aos requisitos de mercado e reputação forte são elementos essenciais para o sucesso dos negócios. [...] Em 2015, iremos conduzir um novo processo de revisão do Mapa Estratégico, [...] e iniciaremos um trabalho de planejamento de longo prazo com a cadeia de valor, focado em redução de custos e organização de fluxos com a cadeia produtiva (SAMARCO, 2014, p. 26)

Estes direcionadores também se destacaram em outros tópicos do relatório de sustentabilidade do ano de 2014, como nas temáticas de tecnologia, ecoeficiência e inovação, que representam possíveis soluções para se alcançar a sustentabilidade e atender o Projeto de Máxima Capacidade. Todavia, neste ano ocorreram aumentos na taxa total de acidentes registrados, no volume de denúncias e dúvidas, e ainda uma ocorrência de óbito. A Samarco justifica estes dados em razão da maior movimentação de empregados e contratados dentro de suas instalações (SAMARCO, 2014). Contudo, como foi enfatizado ao longo de várias narrativas, o esforço da Empresa esteve voltado para projetos de máxima capacidade produtiva e diminuição de seus custos, indicando, possivelmente, o enfraquecimento para as questões de segurança.

Voltada para ações no futuro, a Samarco comunicou no relatório de 2014 as orientações estratégicas para 2015, sendo elas: reputação positiva, alta produtividade, custos competitivos e qualidade do produto. No geral, principalmente no relatório de 2014, o posicionamento da empresa estava voltado para um crescimento significativo e positivo, entretanto, “em 2015, ocorreu o trágico rompimento da barragem de rejeitos de Fundão da Samarco em Mariana (MG)” (SAMARCO, 2016a, p. 3). O rompimento causou graves danos sociais e ambientais,

marcando significativamente a história da Samarco e influenciando na construção de suas narrativas de sustentabilidade.

No dia 5 de novembro, ocorreu o rompimento da barragem de Fundão, localizada na unidade de Germano, em Mariana (MG), provocando, segundo as próprias palavras da empresa: “uma tragédia ambiental sem precedentes na mineração brasileira” (SAMARCO, 2016a, p. 61). A empresa comunicou em suas redes sociais, Facebook (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015a) e Youtube (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015f), sobre o ocorrido e relatou a mobilização de esforços prioritários nos atendimentos às pessoas e ao meio ambiente. Após 6 dias do rompimento, realizou-se uma coletiva de imprensa com Ricardo Vescovi, diretor-presidente da Samarco, Andrew Mackenzie, chefe executivo da BHP Billiton, e Murilo Ferreira, diretor-presidente da Vale. Nesta coletiva as narrativas enunciadas reforçaram a união de forças de autoridades, defesa civil e comunidade. Os porta-vozes da BHP Billiton e Vale manifestaram seu apoio à Samarco, citando de prontidão a criação de fundo de assistência em prol dos impactados com o rompimento de Fundão (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015e).

As publicações nas redes sociais narraram as medidas de assistência à população afetada, a contenção dos danos ambientais e a segurança das estruturas das barragens. Foi reforçado que estas estavam com suas licenças e fiscalizações condizentes com a Lei Federal de Segurança e Barragens. O relatório de sustentabilidade publicado em 2017 incluiu informações dos anos de 2015 e 2016, referindo esta publicação como um desafio em manter o ciclo de prestação de contas e esclarecer as iniciativas perante o rompimento da barragem de fundão. Foi comunicado que até novembro de 2015, até o rompimento da barragem de Fundão, as operações transcorreram normalmente e o ano de 2016 foi narrado como um período crítico, devido a paralização das operações e atividades emergenciais de reparação. Ressalta-se que ocorreu uma alteração no cargo de diretor-presidente, que até o final do ano de 2015 era ocupado pelo Ricardo Vescovi. Já neste relatório, a mensagem do presidente foi narrada por Roberto Carvalho.

O relatório revelou que o rompimento de Fundão vazou 43,7 milhões de m³ de rejeitos de minério de ferro e sílica, entre outros particulados. Os rejeitos passaram por cima da barragem de Santarém, contendo uma grande parte dos rejeitos, e em seguida atingiu o distrito de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo,

acometendo a destruição destas comunidades. A extensão da destruição impactou diretamente trinta e nove municípios nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, comprometendo o abastecimento em nove cidades. Além disso, os rejeitos atingiram os rios Gualaxo do Norte e do Carmo e, ao chegarem na usina de Candonga, formou-se uma pluma, composta pela água e pelos rejeitos, atingindo o Rio Doce e, por fim, deslocou-se até o mar.

O rompimento da barragem acarretou em 19 vidas perdidas, incluindo uma pessoa que até o período de realização desta pesquisa não foi encontrada. “Um número considerável de famílias perdeu suas casas. Propriedades rurais, que somavam cerca de 2,2 mil hectares, ficaram inundadas, impedidas de produzir.” (SAMARCO, 2016a, p. 62). No vídeo publicado no canal do Youtube da Samarco em fevereiro de 2016, é relatado como o rastro de lama atravessou a cidade de Barra Longa, relatando que a cidade enfrentou duas ondas de lama (SAMARCO MINERAÇÃO, 2016h). Neste vídeo é possível acessar a dimensão da destruição da cidade, uma vez que são exibidas imagens de casas, escolas com os seus muros manchados, demarcando a altura que a lama alcançou, ultrapassando níveis de estatura das pessoas.

Em razão da dimensão dos impactos sociais, ambientais e econômicos, a Samarco apresentou uma narrativa referente aos anos de 2015 e 2016 com ênfase na reconstrução da confiança com a sociedade e na reestruturação da empresa.

Para gerenciar esses impactos e, pouco a pouco, buscar resgatar a confiança da sociedade brasileira, é necessário estruturar uma nova Samarco, com novas competências. Como bases do seu modelo operacional estão a reparação ambiental e social, a segurança, os aprendizados e o compromisso de compartilhá-los com o setor de mineração e com a sociedade (SAMARCO, 2016a, p. 3).

Com o intuito de reafirmar seu compromisso com a sustentabilidade, a Samarco apresentou o tópico ‘posicionamento de sustentabilidade’ em que resgata as ações realizadas nos anos anteriores, tidas pela empresa como sustentáveis: o diálogo com o público de relacionamento, os compromissos e acordos nacionais e internacionais em conferências. Outro ponto destacado nesta seção já indica um direcionamento para a mudança organizacional, pois, segundo a Samarco “o rompimento da barragem impõe uma ampla reflexão sobre os impactos, investimentos

e projetos da Samarco para alinhar sua gestão a requisitos de sustentabilidade” (SAMARCO, 2016a, p. 17).

A narrativa após o rompimento da barragem demonstra uma tentativa de comunicar mudanças nas práticas da empresa no que diz respeito à sustentabilidade. E, ao mesmo tempo, é frisado sobre as ações do passado. Narrando a trajetória da empresa, Roberto Carvalho relata que “Por 40 anos, a Samarco escreveu, junto com as comunidades, os empregados e demais públicos com os quais se relaciona em Minas Gerais e no Espírito Santo, uma história de crescimento e respeito mútuos.” (SAMARCO, 2016a, p. 6). Ele ainda realça sobre a premissa essencial da empresa, a segurança máxima e o objetivo de trabalhar em favor de uma mineração mais segura e de menor risco. Mudança notória, afinal o ano de 2014 foi marcado por narrativas em que suas essências estavam direcionadas para a alta produtividade e projetos de expansão.

Com o intuito de reestruturar a imagem da empresa, a Samarco investiu em narrativas que buscam resgatar a relação de confiança com a população, vinculando o sentido de transparência e o diálogo com a sociedade. Ainda destacou, em um vídeo institucional, o esforço de se alcançar a sustentabilidade mediante a confiança: “ser sustentável é entender que uma coisa leva a outra, um ciclo movido pela confiança e pelos bons exemplos, inspirando as pessoas a contribuir para o bem comum, passo a passo, inovando, é assim que a gente avança” (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015h).

Outro refúgio estabelecido na concepção a respeito de sustentabilidade foi com a estruturação do Termo de Transação e de Ajustamento de Conduta (TTAC) e o processo de constituição da Fundação Renova, projetos para reparação, restauração e reconstrução das áreas impactadas. Cabe destacar que a Fundação Renova foi instituída em junho de 2016 e implantada em agosto, 7 a 8 meses após o rompimento de Fundão. A comunicação destas ações reflete a intenção da empresa voltar com suas operações,

Ciente da proporção do desafio de retomar a confiança da sociedade brasileira, a Samarco se propõe a trabalhar na busca de boas práticas para a recuperação do território e a retomada de suas atividades. Como consequência, expandirá sua atuação em rede e buscará contribuir para uma mineração mais segura, adquirindo e compartilhando aprendizados e experiências com parceiros e com a sociedade (SAMARCO, 2016a, p. 20).

Nota-se que a construção da narrativa da Samarco referente ao cenário do rompimento da barragem de Fundão é reportada como um momento de ampla reflexão a respeito de seu modelo de negócio e suas práticas, direcionando-a “em uma nova realidade voltada para a construção de um propósito comum, a ser discutido pela Empresa com a sociedade” (SAMARCO, 2016a, p. 17). Essa dinâmica presente na narrativa, voltada a promover grandes mudanças estruturais internas para se tornar mais sustentável, pode ser tentativa de recuperar a imagem da empresa, ressignificando a representação de um negócio sustentável economicamente, socialmente e ambientalmente (SZÉKELY; KNIRSCH, 2005).

Nos anos seguintes, as publicações dos relatórios de 2017 e 2018-2019, frisaram em diversas narrativas que a execução dos programas, prestação de contas e outras tratativas acerca do rompimento de Fundão são de responsabilidade da Fundação Renova, redirecionando os indicadores para uma nova instituição e, conseqüentemente, um novo canal de comunicação. Entende-se que esta tática faz com que a movimentação do esclarecimento periódico da situação pós-rompimento, desloca-se para outra organização, um modo de ausentar-se sobre. O escopo do relatório de sustentabilidade de 2017 relata que o documento apresenta informações sobre as unidades próprias da Samarco, e que

Os esforços de reparação e compensação relacionados ao rompimento da barragem de Fundão foram assumidos em agosto de 2016 pela Fundação Renova, instituição privada, autônoma e independente criada para este fim, como parte do TTAC assinado em março de 2016 pela Samarco [...] Desse modo, trata -se aqui, em específico, dos aportes de recursos e ações executadas diretamente pela Empresa; a Fundação Renova (www.fundacaorenova.org) é responsável pelo reporte dos programas socioambientais e socioeconômicos por ela conduzidos (SAMARCO, 2017, p. 2).

O relatório referente às atividades de 2017 e o primeiro semestre de 2018 foi apresentado com o título de “Comunicação de Progresso para o Pacto Global das Nações Unidas 2017”, e não como Relatório de Sustentabilidade, conforme os anteriores. A começar pelo título e até o desfecho do conteúdo publicado, destacou-se a menção do vínculo entre a empresa com o Pacto Global das Nações Unidas, relacionando os conteúdos expostos com os princípios do pacto. O motivo desta configuração comunicativa foi revelado em um fragmento do relatório que expõe uma denúncia executada pela Conectas Direitos Humanos e pelo Movimento dos Atingidos

por Barragens (MAB), informando que a Samarco afligiu a quatro princípios do Pacto Global.

Em 2017, não houve auditorias específicas relacionadas a aspectos de direitos humanos. No entanto, o Escritório do Pacto Global das Nações Unidas encaminhou correspondência eletrônica à Empresa em 15 de maio de 2017 a respeito de uma denúncia (SAMARCO, 2017, p. 24).

Posto isso, foi possível notar que a construção da narrativa de sustentabilidade, deste período, organizou-se ao redor da pressão externa da Organização das Nações Unidas (ONU). O documento em si se apresentou como uma resposta perante a acusação, e uma tentativa de credibilizar suas práticas de sustentabilidade associando sua narrativa com os princípios do pacto, afinal estas iniciativas promovem a impressão de comprometimento com o ambiente e sociedade (MILNE, KEARINS, WALTON, 2006; O'CONNOR, 2000). A narração também indicou uma preparação para retomar as atividades produtivas, concebendo narrativas que descrevem uma mudança substancial nos elementos basilares da empresa. Tal posicionamento é exemplificado na seguinte narrativa:

a Empresa revisitou sua Missão, Visão e Valores a partir dos aprendizados adquiridos e estabeleceu uma Nova Jornada para si. Traduzida em um novo Mapa Estratégico, com diretrizes e em habilitadores próprios para o negócio, essa jornada serve como um guia para empregados, lideranças e parceiros rumo à Samarco do futuro (SAMARCO, 2017, p. 13).

Esta transformação foi retratada como 'Nova Jornada', sinalizando um momento de reinvenção da empresa. Com base na fundamentação teórica desta pesquisa, a metáfora da jornada refere-se a um mecanismo linguístico poderoso para retratar uma reorganização rumo à sustentabilidade, contudo, pode invocar "uma falsa sensação de futuro perfeito" (MILNE, KEARINS, WALTON, 2006, p. 806). O processo descrito da 'Nova Jornada Samarco' é amparado nas premissas de diálogo, transparência e relacionamento. A empresa ainda explanou que este processo é decorrente dos conhecimentos e aprendizados adquiridos do rompimento da barragem em Mariana (MG).

Rodrigo Alvarenga Vilela que assumiu a presidência em 2018, declarou que o planejamento de retorno das operações da Samarco é sustentado "por princípios que incluem o respeito às pessoas, a segurança, a integridade e a contribuição para o desenvolvimento de comunidades, em conexão direta com o Pacto Global e, também, com os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)" (SAMARCO, 2017, p. 9). Além disso, o pronunciamento do presidente, mostrou que a

empresa está buscando novas soluções para a disposição e aproveitamento dos rejeitos, bem como, outras externalidades específicas da mineração.

Diante destas narrativas que articulam novas soluções, nova jornada, de transformação, também foi resgatado uma retórica que nos relatórios anteriores se manifestava intensamente, a associação da sustentabilidade com a tecnologia. Tal postura é contemplada na seguinte narrativa: “Historicamente investimentos em tecnologia, racionalização do uso de recursos e eficiência operacional buscaram minimizar a pegada ambiental da Empresa” (SAMARCO, 2017, p. 34). Por mais que a Samarco empenhe suas narrativas para relatar programas de reconstrução e ressignificação da empresa, segundo Luke (2005) ao tomar essas medidas as empresas reafirmam premissas já incorporadas pela racionalidade instrumental com a utilização de tecnologia, centralização gerencial e geração de lucro, premissas que impulsionam o capitalismo corporativo. Seguindo esse aporte teórico, a retórica da empresa pode ser vista como uma busca para apaziguar o cenário de (in)sustentabilidade, preservando apenas pedaços da natureza. Contudo, por meio de construções narrativas convincentes, as mesmas podem possuir potencial de reconquistar a confiança e credibilidade da sociedade.

O relatório bienal de sustentabilidade 2018-2019 reflete o novo significado dado pela Samarco diante dos incontáveis acontecimentos ao longo do tempo e os motivos de sua existência em uma conjuntura singular da indústria de mineração e da sociedade brasileira. Conforme a própria narrativa da empresa aponta: “inúmeros eventos que ressignificam a Samarco e sua razão de ser e existir em um novo contexto” (SAMARCO, 2019, p. 7), para assim atuar na “reconstrução das relações entre a Samarco e a sociedade” (SAMARCO, 2019, p. 4). Além da narração dos fatos, a empresa também assumiu posição frente a temas emblemáticos da indústria de mineração, como segurança, ética e conformidade, uso eficaz dos recursos naturais, investimento e inovação.

O emprego da metáfora ‘nova jornada’ também é invocada na construção da narrativa referente aos anos de 2018 e 2019, expondo a intenção de reconquistar e reconstruir a confiança com a sociedade com a retórica de realizar uma mineração diferente e sustentável, “na Samarco, definimos que fazer uma mineração diferente e sustentável, capaz de gerar resultados e construir valor para a sociedade, é um caminho sem volta para a Empresa.” (SAMARCO, 2019, p. 6). Destacam-se nas

narrativas de sustentabilidade os pontos de compromisso com a segurança, os esforços para compensar os impactos gerados, a transparência na comunicação, referindo-se a todo momento o interesse nas relações com a sociedade.

A respeito da gestão da sustentabilidade, a Samarco relata que devido os desdobramentos advindos de sua trajetória, a sustentabilidade passou por um processo de “amadurecimento e a construção de um compromisso próprio” (SAMARCO, 2019, p. 31), e no momento as orientações de negócio se dedicam à contribuição para comunidades, à eficiência no uso de recursos naturais e à qualificação do capital humano” (SAMARCO, 2019, p. 31).

Atrelado às narrativas de transformação do modelo de negócio como ‘mineração diferente e sustentável’, a Samarco apresentou neste relatório bial mudanças em suas operações, pois “Está claro, pelo histórico até aqui, que o setor mineral deverá encontrar alternativas inovadoras e disruptivas para gerenciar os rejeitos decorrentes de seu processo de produção” (SAMARCO, 2019, p. 7). A Samarco afirma estar dando continuidade ao projeto de retomada gradual das operações, agora com mudanças nos métodos de tratamento de rejeitos sem o uso de barragens de rejeitos e após a implantação de sistemas de disposição de rejeitos e de tratamento a seco (SAMARCO, 2019).

A empresa neste documento, diferentemente dos outros relatórios, enfatizou e, até mesmo apresentou, maiores informações no que se refere a segurança, principalmente no que tange as barragens e sua estabilidade, uma vez que “O rompimento da Barragem de Fundão estabeleceu uma nova ordem em relação ao processo de segurança das barragens na Samarco” (SAMARCO, 2019, p. 38). Como forma de manifestar sua legalidade na retomada das operações, a empresa mobilizou esforços em seu propósito de segurança. Em um vídeo institucional publicado em seu canal do Youtube no dia 22 de maio de 2019, a empresa afirma em sua narrativa midiática a adoção da tecnologia de instrumentação avançada como sistema integrado de segurança que atende aos padrões de segurança nacionais e internacionais voltada para o fortalecimento estruturas geotécnicas em Minas Gerais e no Espírito Santo (SAMARCO MINERAÇÃO, 2019a).

Esta mesma temática é apresentada no relatório de sustentabilidade bial de 2018 e 2019, pois as deliberações visavam avaliar todas as medidas de controle ambiental afim de mantê-las em operação para a retomada da produção.

Essa conduta fez-se presente na seguinte enunciação: “Os principais avanços eram relacionados aos esforços de obtenção da declaração de cumprimento de várias condicionantes junto ao órgão licenciador e da Licença Operacional Corretiva (LOC), expedida em outubro de 2019” (SAMARCO, 2019, p. 71). Após o rompimento da Barragem do Fundão, em novembro de 2015, a empresa afirmou em sua narrativa o desafio de repensar seus alicerces e reconstruir sua reputação. O investimento tecnológico e o uso eficaz de recursos ainda eram considerados como pré-requisitos básicos para restaurar a confiança da sociedade na empresa, conforme projetos de filtração de rejeitos e descaracterização de barragens, recaindo a ideia do novo modelo operacional no contexto de restauração.

Publicados anteriormente ao crime, verificou-se nos relatórios de 2011 a 2014, a recorrência dos verbos ‘mitigar’ e ‘monitorar’ ao abordar temas como gestão de riscos, gestão ambiental, os impactos ocasionados pelo setor de mineração. O que é comum em todos os relatórios analisados entre os anos de 2011 e 2019 foram as narrativas sobre os compromissos globais, apresentadas em subtópicos. Estas incidem sobre as iniciativas nacionais e internacionais que a empresa faz parte como o Pacto Global, os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, a Carta Aberta ao Brasil sobre Mudanças Climáticas e o Pacto Empresarial pela Integridade e Contra a Corrupção (SAMARCO, 2021c). Isto pode estar associado a uma ferramenta de gestão da organização utilizada como ação de legitimar seu desempenho organizacional, que por meio de seu veículo midiático enunciam seu pacto com a sustentabilidade (MILNE, KEARINS, WALTON; 2006).

O quadro 2, apresentado em sequência, sintetiza as principais narrativas emitidas pela Samarco a respeito da sustentabilidade. Em síntese, as narrativas apresentam o destaque e o direcionamento da empresa referente a cada relatório divulgado, representando a construção da narrativa da sustentabilidade na Samarco Mineração S.A.

Quadro 2 – Síntese das narrativas emitidas pela Samarco sobre sustentabilidade

Ano do Relatório	Narrativas
2011	"Maximizar o aproveitamento dos recursos e aumentar a eficiência de nossos processos, em paralelo ao desenvolvimento de nossa gente e das comunidades vizinhas às nossas operações são alguns dos exemplos de como nossa estratégia de negócio busca, de ponta a ponta, nos colocar no patamar de uma empresa sustentável." (SAMARCO, 2011, p. 4)

	<p>“Acreditamos que a sustentabilidade é um requisito da gestão e, portanto, deve permear todos os nossos processos e ações. E a base para uma atuação sustentável é a garantia da conformidade, do atendimento pleno à legislação em vigor e demais requisitos aplicáveis, inclusive aqueles definidos pela própria Empresa.” (SAMARCO, 2011, p. 24)</p> <p>“A proposta permite a consolidação dos indicadores, ressaltando o ganho para Samarco e principalmente para o território, além de contribuir com políticas proativas que mitiguem riscos e impactos negativos, o que garante a sustentabilidade das ações e um modelo de gestão ainda mais eficiente.” (SAMARCO, 2011, p. 58)</p> <p>“O Projeto Quarta Pelotização (P4P) está alinhado à nossa estratégia de crescimento e de consolidação no mercado mundial de pelotas de minério de ferro.” (SAMARCO, 2011, p. 82)</p>
2012	<p>“executarmos as estratégias organizacionais baseando-as em três pilares fundamentais de gestão – excelência, conformidade e crescimento. [...] esses pilares passaram a integrar a cultura e o comportamento da organização, influenciando o modelo de gestão e as iniciativas que compuseram nossa estratégia para a sustentabilidade do negócio.” (SAMARCO, 2012, p. 8)</p> <p>“O aprendizado da inovação foi o nosso mentor permanente no desafio da ecoeficiência, trazendo melhorias para as operações. [...] e aumentamos a capacidade e o rendimento do 2º concentrador, em Germano, para um milhão de toneladas.” (SAMARCO, 2012, p. 8)</p> <p>“dispomos de uma estratégia de negócio focada no Projeto Quarta Pelotização (P4P)” (SAMARCO, 2012, p. 11)</p> <p>“Buscamos aliar o crescimento da produção à redução dos impactos socioambientais, usando a tecnologia como um driver de sustentabilidade.” (SAMARCO, 2012, p. 14).</p> <p>“Consideramos de forma permanente aspectos como conformidade ambiental, tecnologias limpas e ecoeficiência, e pautamos nossas iniciativas de longo prazo, principalmente no desenvolvimento tecnológico capaz de gerar menor impacto. Essa filosofia de gestão encoraja as empresas a buscar melhorias ambientais que gerem benefícios econômicos paralelos...” (SAMARCO, 2012, p. 23)</p> <p>“Ao ter como meta produzir mais e melhor, com o uso responsável de recursos, a Empresa estabelece como diretrizes reduzir o uso de insumos, mitigar os impactos gerados à natureza e aumentar o valor agregado aos produtos e serviços.” (SAMARCO, 2012, p. 23-24)</p> <p>“Um dos principais avanços, em 2012, foi a estruturação da Gerência Geral de Tecnologia e Ecoeficiência, que estuda soluções tecnológicas capazes, a um só tempo, de reduzir os impactos de nosso negócio sobre o meio ambiente e garantir a competitividade da Samarco no futuro.” (SAMARCO, 2012, p. 37)</p> <p>“Por meio do diálogo permanente com seus públicos, a Samarco busca estabelecer relações de confiança e gerar valor de forma responsável.” (SAMARCO, 2012, p. 62)</p>
2013	<p>“Em 2013 chegamos a um momento muito especial, no qual fortalecemos a base de nosso crescimento com a concretização da nossa expansão, materializada na evolução das obras do Projeto Quarta Pelotização (P4P). Foi também o ano de novos direcionadores para a gestão e a estratégia dos negócios, na busca de dobrarmos o valor da Empresa e torná-la reconhecida como a melhor do setor” (SAMARCO, 2013, p. 5)</p> <p>“2013 foi um ano marcado pela nossa busca da máxima eficiência operacional” (SAMARCO, 2013, p. 5)</p> <p>“Os bons resultados são fruto do investimento na gestão de custos, nas relações comerciais de longo prazo e na produtividade sistêmica da organização” (SAMARCO, 2013, p. 12)</p>

	<p>“Nota-se, portanto, que as diretrizes estratégicas da Empresa estão estruturadas em uma visão voltada para a sustentabilidade dos negócios – o que se traduz no Modelo de Sustentabilidade, outro importante orientador para concretizar nossa visão de futuro” (SAMARCO, 2013, p. 28)</p> <p>“Com o maior faturamento de sua história, em 2013, a Samarco concentrou esforços no controle de custos, na gestão dos investimentos e na diversificação de mercados.” (SAMARCO, 2013, p. 48)</p>
2014	<p>“Já com o P4P em funcionamento, nossa produção de 2014 alcançou 25,075 milhões de toneladas de pelotas de minério de ferro e finos, 15,4% a mais que no ano anterior.” (SAMARCO, 2014, p. 4)</p> <p>“Nossa resposta a essa nova dinâmica está estruturada em quatro eixos: alta produtividade, qualidade do produto adequada às necessidades dos nossos clientes, baixo custo de produção e uma reputação positiva perante nossos públicos de relacionamento.” (SAMARCO, 2014, p. 4)</p> <p>“No curto prazo, com base nos nossos direcionadores e nos desafios atuais, definimos que alta produtividade, custos de produção baixos, qualidade adequada aos requisitos de mercado e reputação forte são elementos essenciais para o sucesso dos negócios.” (SAMARCO, 2014, p. 26)</p> <p>“Iniciarmos um trabalho de planejamento de longo prazo com a cadeia de valor, focado em redução de custos e organização de fluxos com a cadeia produtiva.” (SAMARCO, 2014, p. 26)</p> <p>“Projeto Máxima Capacidade (PMC), iniciativa multidisciplinar que está em estudo e terá papel fundamental para dobrarmos o valor de nosso negócio” (SAMARCO, 2014, p. 29)</p> <p>“a Samarco trabalhou para reforçar o alicerce de sua estratégia de crescimento, com base na produtividade, na segmentação de mercado e na eficiência do uso de recursos e ativos, essenciais para garantir a saúde financeira do negócio.” (SAMARCO, 2014, p. 38).</p>
2015-2016	<p>“O rompimento da barragem de Fundão desafia a Samarco a acelerar a busca por uma nova forma de operar, mais segura, reduzindo a geração de rejeitos e desenvolvendo métodos mais evoluídos para a sua destinação e aproveitamento.” (SAMARCO, 2016a, p. 15)</p> <p>“Ajustar o modelo de negócios a princípios de sustentabilidade, certamente, é uma tarefa desafiadora” (SAMARCO, 2016a, p. 17)</p> <p>“O rompimento da barragem impõe uma ampla reflexão sobre os impactos, investimentos e projetos da Samarco para alinhar sua gestão a requisitos de sustentabilidade” (SAMARCO, 2016a, p. 17)</p> <p>“Melhorias serão implantadas de acordo com o andamento e com os aprendizados da execução do plano, que busca minimizar os riscos ao máximo e garantir o bem-estar da população” (SAMARCO, 2016a, p. 73).</p>
2017	<p>“Atualmente, a partir dos conhecimentos e aprendizados adquiridos, a Empresa trabalha para a futura retomada de suas atividades” (SAMARCO, 2017, p. 3)</p> <p>“Como parte dos esforços de reconstrução da confiança da Samarco perante seus públicos de relacionamento e a sociedade brasileira.” (SAMARCO, 2017, p. 3)</p> <p>“Conforme mais entregas dos programas geridos pela Fundação Renova se efetivarem e a Samarco retornar à atividade, com uma nova forma de operar, teremos um ambiente mais propício para o resgate da confiança de nossos públicos.” (SAMARCO, 2017, p. 8)</p> <p>“um destaque do ano foi a construção da Nova Jornada Samarco, assim como do novo Mapa Estratégico e uma ampla revisão das diretrizes, dos habilitadores do negócio e da Missão, da Visão e dos Valores organizacionais.” (SAMARCO, 2017, p. 28)</p>

2018-2019	“Na Samarco, definimos que fazer uma mineração diferente e sustentável, capaz de gerar resultados e construir valor para a sociedade, é um caminho sem volta para a Empresa. Este é o modo como nos enxergamos neste mundo e a forma como queremos operar, em bases mais seguras, buscando evoluir na reconstrução de nossas relações com a sociedade” (SAMARCO, 2019, p. 6)
	“período de inúmeros eventos que ressignificam a Samarco e sua razão de ser e existir em um novo contexto para a mineração e para a sociedade brasileira.” (SAMARCO, 2019, p. 7)
	“Todas essas mudanças direcionam os esforços atuais para a retomada das operações em patamares mais seguros, eficientes e sustentáveis, concretizando o propósito de fazer uma mineração diferente.” (SAMARCO, 2019, p. 23)
	“A empresa se viu desafiada a repensar suas bases e reconstruir sua reputação após o rompimento da barragem de Fundão, em novembro de 2015.” (SAMARCO, 2019, p. 70).
	“A busca pela conformidade ambiental se traduziu, nos últimos anos, em um sistema de gestão de requisitos legais para todas as operações e unidades.” (SAMARCO, 2019, p. 71).

Fonte: elaborado pela autora a partir dos relatórios de sustentabilidade da Samarco (2011; 2012; 2013; 2014; 2016a; 2017; 2019).

As narrativas do ano de 2011 fizeram-se mais enfáticas no que diz a respeito à temática de operações, o cenário econômico externo e a relação organizacional com o âmbito social. No ano seguinte, em 2012, as narrativas se concentraram ao pilar de tecnologia, inovação, gestão e produção para relacionar-se à sustentabilidade. Já em 2013 e 2014 ficou claro a ênfase dada para narrativas voltadas para o projeto P4P, no que tange a potencialidade econômica e produtiva da empresa. O período referente aos anos de 2015 e 2016 o posicionamento das narrativas da Samarco dirigiram-se para narrar o momento de transformação, reflexão e aprendizado em razão do rompimento da barragem de fundão, revelando o cenário de crise instalado neste período. Em 2017, a Samarco investe em narrativas que focalizam na transformação substancial da organização, com ênfase para a ‘nova jornada’ da Samarco em resgatar a confiança e as licenças necessárias para voltar a operar. E por fim, em 2018-2019, as narrativas frisam as mudanças dirigidas para uma ‘mineração diferente e sustentável’, juntamente com a declaração da intenção em retomar suas operações.

Em suma, a construção das narrativas da Samarco a respeito da sustentabilidade no período de 2011 até 2014, antes do rompimento de Fundão, se fundamentam na perspectiva produtiva, econômica, gerencial e tecnológica. E após o acidente, nota-se, evidentemente, a modificação na elaboração das narrativas a respeito da sustentabilidade, ao alicerçar-se suas narrativas em comunicar as várias transformações ocorridas na organização, que segundo a Samarco, ressignificaram o

modo de existência da empresa. Sendo assim, as narrativas promulgadas nos últimos 3 anos (2017; 2019) empenham-se em comunicar uma nova direção, em construir uma nova trajetória, uma nova história alinhada às práticas responsáveis e sustentáveis. Em seguida, é apresentada a interpretação da construção da narrativa da sustentabilidade da Samarco Mineração S.A com apoio dos pensamentos teóricos citados nesta pesquisa.

4.2 A INTERPRETAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA DA SUSTENTABILIDADE DA SAMARCO MINERAÇÃO S.A

A partir da descrição da construção narrativa da sustentabilidade da Samarco, isto é, da descrição dos eventos, fatos e informações apresentadas pela organização no que tange a sustentabilidade, este tópico buscou alcançar o segundo objetivo específico desta pesquisa, isto é, em interpretar a construção narrativa da sustentabilidade. Apoiado nas discussões teóricas desta pesquisa, compreende-se que as narrativas expressam valores, convicções, ações e outros princípios que se manifestam objetivamente, mas que de fato, são carregadas de subjetividade (FISHER, 1987; BROWN, 1990; BROWN; RHODES, 2005; CZARNIAWSKA, 2004; GABRIEL, 2004). A interpretação a luz de narrativas tem o potencial de identificar a coerência e a fidelidade das narrativas presentes nas diferentes formas de comunicação (FISHER, 1987), sendo assim, este tópico reuniu as narrativas que afetam e representam os componentes do paradigma narrativo a respeito da coerência e fidelidade da construção narrativa da sustentabilidade na Samarco.

A construção do tópico se fez de acordo com os construtos teóricos do paradigma narrativo de Fisher, representando os três subcomponentes da coerência narrativa e os valores que consistem na fidelidade narrativa. A coerência estrutural, material e caracterológica representam os subcomponentes da coerência narrativa. Já os valores da fidelidade narrativa são representados por valores que questionam a clareza, a explicitação dos eventos e a comparação da estória com os eventos que ligam com a realidade. Portanto, primeiramente foram apresentados assuntos relacionados a coerência estrutural, como por exemplo a uniformidade temporal e os títulos dos relatórios, em seguida conteúdos que afetam a coerência

material e caracterológica e pôr fim a respeito da fidelidade narrativa da estória tecida pela Samarco.

Uma das maneiras de se analisar a coerência de uma narrativa, é pela sua capacidade de construir uma estória bem estruturada, levando em consideração a coesão na sequencialidade e organização de sua construção narrativa (FISHER, 1987; BROWN 1990). Dentro do recorte temporal definido para esta pesquisa, constatou-se que os relatórios de sustentabilidade da Samarco não transcorreram com uma uniformidade temporal de divulgação. Partindo pela sequencialidade, entre os anos 2011 até 2014 foram apresentados relatórios de sustentabilidade anuais (2011,2012,2013 e 2014), já os anos de 2015 e 2016 foram representados de forma unificada em um relatório bienal. Em 2017, o título do documento não se refere à 'Relatório de Sustentabilidade' como nos outros anos, mas é nomeado como 'Comunicação de Progresso'. Os anos de 2018 e 2019 foram divulgados no formato de relatório bienal.

A decisão da Samarco em unificar as informações sobre os anos de 2015 e 2016, representa uma alteração sequencial de comunicação a respeito da sustentabilidade, coincidindo com o período do rompimento da barragem de Fundão. A ausência do relatório do ano de 2015 compromete a coerência estrutural devido à quebra de sequencialidade, e ainda afeta a coerência material, em virtude da ausência de comunicação que o documento promove perante a sociedade, ainda mais em um período de intenso conflito social, ambiental e econômico como o acontecido. Lembrando que, segundo a teoria apresentada nesta pesquisa, a coerência estrutural corresponde aos elementos que organizam a estrutura da estória e a coerência material questiona a ausência e/ou distorção de informações (FISHER, 1987). Estas duas circunstâncias, quebra de sequencialidade e ausência do relatório no ano subsequente, transmitem a falta de precisão da posição da empresa perante o compromisso com a sociedade em se pronunciar sobre a sustentabilidade.

A modificação dos títulos dos relatórios também ameaça a coerência estrutural da construção narrativa da sustentabilidade na Samarco. Os relatórios de 2011 até 2014 são titulados como 'Relatório Anual de Sustentabilidade', já os relatórios de 2015-2016 e 2018-2019 excluem a palavra 'sustentabilidade', sendo referidos como 'Relatório Bienal'. No entanto, estes documentos se encontram na mesma seção do site, reportada como 'Relatórios de Sustentabilidade' (SAMARCO,

2021c). A exclusão da palavra 'sustentabilidade' inclina (tende) o leitor a questionar o motivo ou a finalidade deste corte no título dos relatórios, podendo ser interpretado como uma intenção de se afastar da concepção que o termo sustentabilidade carrega devido as proporções insustentáveis que ocorreram durante e após o rompimento da barragem de Fundão.

No relatório de 2017 observou-se alterações estruturais no corpo do documento e no desenvolvimento da apresentação das narrativas. Como já foi mencionado, o título não se referiu a 'Relatório de Sustentabilidade', o título, 'Comunicação de Progresso' enfatiza o esforço da Samarco em anunciar o seu compromisso em prestar contas para a sociedade, pois com o episódio houve a necessidade de expor o acontecimento em um documento, mesmo passados dois anos do acontecido, tal como observa-se na narrativa seguinte:

Divulgamos nossos resultados em 2017 e parte de 2018 por meio desta Comunicação de Progresso justamente com esse fim: não deixar de esclarecer os fatos e mostrar à sociedade brasileira como estamos trabalhando, interna e externamente, para reconquistar a confiança de todos, voltar a operar com segurança máxima e eficiência e honrar todos os nossos compromissos (SAMARCO, 2017, p. 40).

Outra mudança foi constatada na mensagem do presidente, que desta vez foi apresentada em formato diferente dos outros anos, de entrevista: "Na entrevista a seguir, o executivo faz um balanço dos esforços recentes da Empresa, descreve os projetos em andamento e avalia os principais desafios para futura retomada operacional da Samarco." (Relatório 2017, p. 5). Não foi declarada a procedência da elaboração das perguntas, seja como quem as roteirizou e realizou ou como ocorreu a seleção dos temas. Esta tática (esquema) apresenta uma alteração estrutural em comparação aos outros relatórios, o que leva a indagação do motivo (justificativa) para esta mudança, de modo que abala a consistência estrutural da narrativa de sustentabilidade da empresa. A mudança pontual em 2017 na apresentação do discurso do presidente indica uma ruptura com o padrão narrativo da Samarco em comparação aos outros relatórios, visto que os outros documentos são estruturados e titulados como 'mensagem do presidente'.

Estes relatórios e outras fontes de comunicação que envolvem a construção narrativa de sustentabilidade da Samarco, possuem particularidades que influenciam nas temáticas que serão apresentadas e como serão comunicadas. Em todos os documentos, é apresentado um sumário ou índice com seus respectivos

temas materiais, refletindo a organização da estória que será relatada e uma coerência estrutural. Os temas materiais apresentados nos relatórios são atualizados todos os anos, conforme sua relevância para aquele período, mas no geral são assuntos que contemplam a ação da empresa no âmbito ambiental, social e econômico, ou seja, no que se refere ao *mainstream* da sustentabilidade. Interpreta-se, com apoio das teorias apresentadas nesta pesquisa, que tanto os relatórios quanto as suas seções são construídos por narrativas que contam uma estória sobre as suas temáticas abordadas no que diz a respeito à sustentabilidade.

No relatório de 2011 o índice foi estruturado com seguintes tópicos: Nossa Essência; Nossa Atitude; Nosso Desempenho e Nosso Relatório. As palavras escolhidas realçam o uso de pronomes possessivos, indicando um sentido de coletividade com o intuito de interligar a estória da empresa com a sociedade, o que representa uma tentativa de conectar o leitor com a estória a ser contada. A gramática adotada pode ser considerada como uma estratégia retórica que tem a finalidade estabelecer uma relação com o receptor em criar vínculo com os princípios da empresa, e, por conseguinte, alcançar o convencimento à mensagem que lhe será apresentada.

Além disso, o documento de 2011 se constituiu e se organizou apresentando uma certa lógica narrativa conforme é apresentado na seguinte narrativa: “Na primeira parte, apresentamos a “Nossa Essência” e nosso contexto de atuação, porque para entender uma história é preciso conhecer seus protagonistas, seus valores, e os cenários em que ela se passa.” (Relatório 2011, p. 3). Os elementos citados nesta frase compõem a narrativa e dão sustentação para a estória que é apresentada no decorrer do relatório de sustentabilidade. Presume-se que a organização estruturada desta maneira e a sua menção são intencionais, pois a apresentação e a sequencialidade da ordenação do enredo sustentam a construção de uma estória, contribuindo para a sua compreensão e, assim, favorecendo a coerência narrativa (GABRIEL, 2004; FISHER, 1987).

Historicamente, a Samarco apresentou seus relatórios seguindo a metodologia do Global Reporting Initiative (GRI). Conhecido como um dos padrões mais utilizados do mundo para desenvolver relatórios de sustentabilidade, fornecendo uma linguagem comum global para comunicar os impactos gerados pelas empresas, o GRI busca direcionar as empresas para uma comunicação acessível e transparente

(GLOBAL REPORTING INITIATIVE, 2020). O destaque em todos os relatórios analisados que estes seguem o padrão GRI, direciona o leitor para a noção de credibilidade e confiabilidade, por se tratar de uma referência mundial para se reportar sobre a sustentabilidade.

Ainda que o GRI representa uma espécie de coerência caracterológica para a narrativa da sustentabilidade que provoca a impressão de credibilidade e confiabilidade (FISHER, 1987). No entanto, também pode-se atestar a coerência material em razão do índice remissivo do GRI apontar informações não retratadas e não aprofundadas no corpo (desenvolvimento) dos documentos (SAMARCO, 2012; 2013; 2014; 2016a; 2018-2019), como por exemplo na seção a respeito da conformidade sendo retratada na seguinte narrativa:

Entre janeiro de 2015 e dezembro de 2016, 164 autos de infração, multas e autos de advertência estavam ativos, discutindo um valor total de cerca de R\$838,8 milhões. A grande maioria está vinculada ao rompimento da barragem de Fundão e foi proposta por órgãos como DNPM, Ibama, IEMA, Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEMAD) e ICM Bio (SAMARCO, 2016a, p. 90).

A narrativa acima revela o descumprimento e o distanciamento com a sustentabilidade, e ainda com outras narrativas construídas pela empresa que comunicam o respeito com o ambiente, com as pessoas, e com toda a sociedade. As declarações no que se refere aos impactos das operações da empresa, a Samarco comunica a inserção de medidas de monitoramento, mitigação e eficiência de recursos. No tópico 'Contexto de Sustentabilidade' é enunciado que "O impacto das atividades minerais nas áreas de influência das empresas deve ser continuamente monitorado, de forma a obter e potencializar os melhores resultados econômicos, ambientais e sociais para a comunidade e mitigar possíveis danos." (SAMARCO, 2011, p. 23). Entretanto, não é exposto em seguida quais seriam estes resultados, atribuindo-se em uma colocação ampla e sem transparência. Além disso, o termo 'mitigar' é aplicado em diversos momentos, denotando a intenção de amenizar, suavizar os danos, ao invés de aplicar a sentença de reduzir os impactos sociais e ambientais.

Outra demarcação que se sobressai nos pronunciamentos, tanto nos relatórios quanto nos vídeos e mídias sociais, é a presença enfática da concessão da licença social para a empresa operar. Notou-se indícios de que o tema passou a ser discutido a partir de narrativas que possibilitam a construção de confiança da

sociedade e, em particular, do seu público alvo, tal como observa-se na narrativa seguinte: “A sociedade participará do processo de decisão das empresas, a fim de influenciar e fazer a diferença na estratégia e no plano operacional para garantir valor compartilhado, equidade e uma “licença social” para operar e crescer.” (SAMARCO, 2014, p. 32). Por mais que há este empenho narrativo em ressaltar a relação com a sociedade, não é apresentado os critérios aplicados para conceder esta licença, e apesar disso, o presidente da empresa declara o patrimônio social e ambiental como outorgado pela sociedade à medida que declara: “conquistamos a licença social para operar – ativo que ocupa lugar central em nosso Modelo de Sustentabilidade.” (SAMARCO, 2014, p. 4).

Após o rompimento da barragem de Fundão, as narrativas da Samarco assumem como a sua reputação foi profundamente abalada, e prossegue com empenho narrativo em reconstruir a confiança da sociedade que, segundo a empresa, é a condição para resgatar a licença social para operar. Com base em todo o período analisado, interpreta-se a existência de uma vulnerabilidade na coerência caracterológica da estória narrada sobre a conquista da licença social, pois as narrativas não expressam critérios consistentes que definem o alcance deste tipo de licença. Sendo assim, sem esse tipo de parâmetro determinado pode influenciar na não aceitação da estória apresentada.

No relatório de 2013, foi reportada a ocorrência de manifestações, por parte de empregados das empresas contratadas para o P4P, resultando em greves que resultaram em 66 dias de paralisação de atividades no Espírito Santo. Não foram apresentados os motivos e as contestações destes movimentos, apenas comunicou que: “A Samarco manteve contatos com entidades sindicais e representantes das empresas contratadas, a fim de minimizar os atrasos das obras” (SAMARCO, 2013, p. 84). Esta narrativa revela o posicionamento da Samarco perante esta conjuntura social, no qual o foco de atenção está para a esfera produtiva, ao invés da resolução com a sociedade impactada. Além disso, a falta de esclarecimentos diante de um momento de conflito social representa uma narrativa vaga, na qual se questiona o motivo da ausência de dados que integra esta estória (FISHER, 1987; GABRIEL 2004). Portanto, observou-se a carência de consistência na comunicação a respeito da esfera social e do relacionamento com seus contratados, inferindo para coerência material das narrativas.

A narrativa da Samarco se esforça para confirmar seu compromisso diante os benefícios de sua operação para com a pessoas. Entretanto, em outras enunciações, seu direcionamento está voltado para o atributo econômico, conforme é destacado na seguinte narrativa: “Acreditamos na mineração responsável [...], no ser acima do ter e no valor dos princípios básicos da humanidade. É a conjunção saudável e propulsora do viés econômico com o ambiental e o social” (SAMARCO, 2011, p. 4). A construção da narrativa no relatório da Samarco a princípio anuncia-se uma prevalência da esfera social, para o imaterial, e logo em seguida, o viés econômico é conectado ao ambiental e social, mesmo que sem apresentar alguma justificativa ou consistência para tal.

Notou-se, dentro do período pesquisado, que em diversos momentos a narrativa da Samarco refere-se às atividades de sustentabilidade como grandes desafios com demandas ambientais e sociais, contudo nota-se, a diante da análise dos documentos do relatório de sustentabilidade, que não há um detalhamento aprofundado sobre estes desafios. A empresa menciona a existência de riscos estratégicos, operacionais em razão da sua operação, porém estes não são sequer citados, tal como é possível notar na narrativa presente no tópico ‘Riscos Críticos’: “foi desenvolvido o projeto de Gerenciamento de Riscos Críticos, que selecionou 18 riscos operacionais considerados primordiais para a gestão da Empresa, estabelecendo ações de controle em conjunto com as áreas responsáveis.” (SAMARCO, 2012, p. 36). Em 2013 (SAMARCO, 2013, p. 38) a ação das obras do Projeto Quarta Pelotização (P4P) anuncia que ocorreu uma “ampliação significativa dos impactos na área de influência direta” e, mesmo assim, não apresentaram dados específicos referente a esta ‘ampliação significativa dos impactos’. A ausência de indicadores informativos a respeito dos riscos e dos impactos causados pela empresa provoca desconfiança ao leitor, questionando o significado e o porquê desta omissão (GABRIEL, 2004), portanto, interpreta-se que estas narrativas interferem na coerência material.

Na seção “Como Cuidamos do Planeta”, do relatório de 2011, há uma subdivisão (tópico) que relata sobre a conformidade ambiental da Samarco. A construção da estória não permite ao leitor acessar o que de fato ocorreu, demarcando outro momento que a Samarco opta por utilizar uma linguagem vaga, não

esclarecendo e não descrevendo os acontecimentos que levaram a empresa ser multada, tal como observa-se na narrativa seguinte:

Foram registradas, em 2011, 12 ocorrências, sendo três na unidade de Germano (MG) e nove na Unidade de Ubu (ES). Foram pagos R\$ 148.000,00 referentes a multas, na unidade de Germano, lavradas pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) (SAMARCO, 2011, p. 52).

A narrativa acima somente expõe a existência de 12 ocorrências, sem citar qual a natureza destes registros que por se tratar de uma penalidade, entende-se que são registros de não conformidade ambiental. Além disso, não foi reportado nenhum outro dado ou informação sobre estas ocorrências/multas em outra seção do documento. A ausência destes elementos na estória provoca ao leitor a percepção de ocultamento, possivelmente proposital, de informações a respeito do cumprimento das diretrizes ambientais regulatórias, abalando a consistência da coerência material da estória narrada da sustentabilidade no relatório da Samarco.

Em relação à estrutura de governança, em 2014 foi criado o Comitê de Auditoria e o Subcomitê de Riscos (ligados ao Comitê de Finanças e Estratégia), e ainda ocorreu a modificação no título do Subcomitê Técnico, que passou a denominar-se Técnico e Sustentabilidade. Já o relatório seguinte (SAMARCO, 2016a), relativo ao período do rompimento da barragem, apresentou um organograma de governança desprovido da menção à sustentabilidade em si, sendo composto pelos seguintes comitês: estratégia; gestão de riscos; infraestrutura; financeiro; jurídico; auditoria e *compliance*; remuneração.

No período de 2014 a Samarco construiu sua narrativa com ênfase nas temáticas de alta produtividade e redução de custo, com o propósito e a visão de dobrar o valor da empresa até o ano de 2022. Em diversas narrativas, constatou-se um distanciamento da sustentabilidade, principalmente no que tange aos aspectos socioambientais, tendo como exemplo a seguinte declaração sobre sua visão de futuro: “estamos cientes de que alta produtividade, rentabilidade, relações comerciais focadas em longo prazo e redução de custos serão as alavancas de valor para a Samarco nos próximos anos, rumo ao alcance da Visão 2022.” (SAMARCO, 2014, p. 25). A mensagem do presidente Ricardo Vescovi desconsidera fundamentos basilares para reportar-se às diretrizes e práticas da sustentabilidade, não destacando a postural ambiental e social da organização: “entendemos que a gestão com foco em ética, integridade e combate à corrupção é uma condição para a sustentabilidade do

negócio e para a manutenção da confiança que tanto prezamos.” (SAMARCO, 2014, p. 5).

A insuficiência de uma narrativa consistente sobre a gestão da sustentabilidade fragiliza a coerência caracterológica da estória estabelecida pela Samarco a respeito da Sustentabilidade, ainda mais pelas suas atividades serem intrinsecamente geradoras de impactos ambientais e sociais, como a própria empresa admite (SAMARCO, 2013; 2014). Nota-se, nas narrativas, a carência de elementos que possam realmente assegurar a concretização da sustentabilidade. No que diz respeito à gestão de riscos, a Samarco narra que suas ações se concentraram em observar, monitorar, analisar e controlar os riscos, atuações que parecem não ser o suficiente diante da dimensão da exploração ambiental para exercer suas operações, afinal suas atividades são intrinsecamente impactantes à toda esfera social e ambiental da área de influência direta e indireta. E, ainda, predomina o foco de atenção para o ambiente externo, sem aprofundar-se, e nem sequer mencionar os possíveis riscos internos da empresa, bem como é relatado na seguinte narrativa: “Expresso na Política de Gestão de Riscos e no Manual de Gestão de Riscos Corporativos, nosso modelo permite monitorar, analisar e controlar os impactos das principais externalidades que podem afetar o futuro de nosso negócio.” (SAMARCO, 2014, p. 21).

A fragilidade da consistência da narrativa da sustentabilidade na Samarco no que concerne à gestão de riscos é colocada à prova tanto na realidade, materializada pelo acidente em Mariana (MG), quanto pela comunicação no relatório, no qual se revela (pela primeira vez) que o principal risco para a organização seria o rompimento de uma das barragens: “2015 foi o ano em que a Samarco vivenciou, na prática, os impactos da materialização de um dos principais riscos do negócio: o rompimento de uma barragem de rejeitos.” (SAMARCO, 2015, p. 15). Todavia, no relatório antecedente não há aprofundamento sobre este tema, que leva a refutar as condições de segurança da Samarco, como por exemplo a existência de uma rotina de acompanhamento e controle direcionada a questões de segurança, nos diferentes níveis de urgência e impacto, sendo possível questionar se a empresa teria enfrentado a materialização de um risco tão gritante.

Na primeira coletiva de imprensa após o rompimento da barragem, o então diretor-presidente da Samarco é questionado a respeito do sistema de

segurança, pois, segundo o jornalista, os moradores relataram a não ocorrência do alerta no momento que a barragem se rompeu. Sua resposta foi, “Toda barragem possui um plano de emergência, e esse plano é aprovado pelas autoridades competentes. Posso falar que o plano de emergência da Samarco foi integralmente cumprido.” (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015e). Em outra coletiva, que teve como finalidade esclarecer informações das barragens da Samarco, o diretor de operações e infraestrutura, Kleber Terra, endossou o pronunciamento do diretor presidente, afirmando também o cumprimento de todas as medidas do plano de emergência (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015e).

Entretanto, o relatório revela no tópico de “Plano de Emergência” que, somente, “após o rompimento da barragem de Fundão, a Samarco passou a elaborar e dar apoio a ações específicas de treinamento e capacitação da comunidade quanto a situações de emergência” (SAMARCO, 2016a, p. 66). A empresa ainda informa que foram realizadas melhorias nos sistemas de comunicação, como a instalação de sirenes nas barragens e comunidades, indicando possivelmente que as instalações anteriores não eram suficientes e, além de não serem suficientes, poderiam estar em estado de precariedade. Outro indício que corrobora para estas interpretações é no vídeo titulado ‘Simulado de Emergência’, na qual uma moradora relata a ausência de informação e treinamentos em relação ao período que antecede o rompimento da barragem: “todo mundo tá com a mente aberta, para poder se ouvir qualquer coisa de diferente, sabe como é para fazer, porque nós não conhecíamos nada” (SAMARCO MINERAÇÃO, 2019b).

Estas dissonâncias presentes nas narrativas, configurando-se em possíveis contradições, apontam para uma incoerência material, revelando que as falas dos diretores não coincidem com o que é reportado no relatório e, também, no relato de uma moradora da comunidade impactada. Além disso, durante a análise da estória, verificou-se que a falta de informações leva a corroborar com o sentido de incoerência e inconsistência narrativa, pois não foram divulgados quais os procedimentos do Plano de Ações Emergenciais foram efetivamente executados no momento do rompimento da barragem de fundão. A ausência do falar da organização leva ao leitor a presumir que a Samarco tinha motivos premeditados para assumir esta conduta, afinal comunicar certos dados e informações para a sociedade poderiam dar

motivos para contestação e até mesmo contradizer narrativas publicadas anteriormente.

Outra possível contradição notada, que reforça a incoerência da estória tecida pela Samarco, foi na coletiva de imprensa realizada no dia 13 de novembro de 2015. Um dos funcionários da empresa, sem identificação, afirmou em um vídeo publicado que “em uma semana conseguimos resgatar todas as vítimas” (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015c). No entanto, o relatório bienal indica que “19 pessoas, entre membros da comunidade e empregados da Samarco e de empresas contratadas, desapareceram. Até dezembro de 2016, 18 corpos haviam sido identificados e um permanecia desaparecido.” (SAMARCO, 2016a, p. 61). Diante destas informações, a coerência material narrativa da Samarco é colocada à prova, pois a maneira que o narrador, a empresa, desenvolve a estória aparenta não fornecer todos os detalhes relevantes, isto é, não esclarece dados que dariam sustentação para os eventos narrados (FISHER, 1987).

Com o intuito de esclarecer as causas que levaram o rompimento da barragem, a Samarco apresentou um tópico específico em seu relatório Bienal de 2015-2016, expresso pelo título “Resultados da Investigação”. A estória iniciou com a declaração de que a Samarco, a Vale e a BHP Billiton convocaram uma investigação externa independente do escritório de advocacia norte-americano *Cleary Gottlieb Steen & Hamilton LLP*. Entre os responsáveis pela investigação são citados especialistas da área de geotecnia e engenharia. O processo envolveu inspeções de campo, análises de dados, testes de laboratório, pesquisas de modelagem e entrevistas com os envolvidos. A análise revelou primeiramente que, “o primeiro incidente na barragem de Fundão ocorreu em 2009, quando se identificou que o dreno de fundo do dique de partida apresentava dificuldades técnicas para funcionar conforme preconizado no projeto inicial.” (SAMARCO, 2016a, p. 27). Em seguida, a Samarco se defendeu, declarando que no mesmo ano, 2009, houve a revisão do projeto e a mudança de drenagem.

Outra disfunção relatada na análise é exposta na seguinte narrativa: “entre 2011 e 2012, foram identificadas questões estruturais relacionadas à galeria secundária, localizada na ombreira esquerda” (SAMARCO, 2016a, p. 27). Já durante os anos de 2013 e 2014, foi apontada a ocorrência de elevações na região do recuo da ombreira esquerda e que o equipamento responsável pela drenagem dos rejeitos

alcançou sua capacidade máxima. Os dados exibiram um aumento na saturação da estrutura, devido ao processo de carregamento contínuo que fizeram que “as lamas se comprimiram e, ao mesmo tempo, também se deformaram lateralmente, sendo espremidas para fora como pasta de dente saindo de um tubo, em um processo conhecido como extrusão lateral.” (SAMARCO, 2016a, p. 28). Além disso, também, relacionou a ruptura com uma série de três pequenos abalos sísmicos, que podem ter acelerado o processo do rompimento.

Por fim, o tópico foi encerrado informando que tanto a empresa quanto suas acionistas, juntamente com os outros órgãos envolvidos, estavam analisando todos os resultados “para que ocorrências dessa natureza nunca mais se repitam” (SAMARCO, 2016a, p. 28). A análise desta estória revela intercorrências estruturais nas barragens desde 2009, sucedendo para os anos de 2011 até 2014, que coincidem com o mesmo período de expansão da capacidade produtiva e do projeto P4P, e que culmina, em 2015, com o rompimento por completo da barragem de Fundão. No decorrer da análise, notou-se que as narrativas promulgadas pela empresa não mencionaram estes incidentes e não informaram os resultados da verificação dos potenciais riscos das barragens realizadas anualmente, apenas é citado a existência de uma gestão de riscos das barragens conforme a seguinte narrativa: “a análise e o controle de riscos são realizados por meio da metodologia Failure Modes and Effects Analysis (FMEA), que avalia o potencial de ocorrências e falhas nas barragens, bem como as consequências potenciais sobre a saúde e a segurança das pessoas e do meio ambiente.” (SAMARCO, 2014, p. 72).

Percebe-se os esforços em narrar e construir a coerência narrativa nos momentos que a Samarco apresenta as informações dos laudos, porém, ao mesmo tempo, é sentido que a estória apresentada não adquire uma resolução, uma conclusão consistente que demonstre um desfecho para a estória. Devido ao título da seção (Resultado da Investigação) e o contexto da estória (rompimento da barragem), o leitor espera que ocorra o esclarecimento de informações importantes para as vítimas e respectivas famílias, contudo a estória contada pela empresa não corresponde ao que se espera, provocando dúvidas ao leitor e direcionando-o, possivelmente, para a descrença da estória narrada pela Samarco. A estória apresentada provocou mais questionamentos, como por exemplo, a situação da integridade estrutural das barragens, as condições mínimas de segurança no

momento, se houve a execução dos protocolos de emergência, dentre outras dúvidas que não garante a consistência da narrativa e não provoca o sentimento de aceitação a respeito da estória publicada pela Samarco, pois a ausência de informações que possam estabelecer conexões e amarras com os eventos relatados, faz com que a estória não apresente consistência e fragiliza sua coerência (FISHER, 1987).

Ainda no relatório bienal de 2015 e 2016 a Samarco pronuncia-se também em um tópico específico de título “Sobre o rompimento da barragem de Fundão”. Entende-se que essa estória representa a intenção de transmitir informação, alinhar os principais eventos e fornecer a compreensão do cenário, visto que estas ações contribuem para reduzir a incerteza em situações problemáticas e de conflito (BROWN, 1990). Composta por 23 páginas, a estória começou com a apresentação da sequência temporal e descritiva do rompimento da barragem, mencionando brevemente informações sobre a estrutura da barragem, o percurso dos rejeitos e as ações emergenciais. Os principais temas abordados foram: estrutura das barragens, ações emergenciais, ações ambientais e Fundação Renova.

Contudo, foi no documento titulado como “Um ano após o rompimento” que foi possível acessar a estória do rompimento da barragem de Fundão com mais profundidade. Neste documento, a Samarco assumiu uma narrativa mais condolente, em que, pela primeira vez, a empresa se pronuncia com um pedido de desculpas. O diretor-presidente Roberto Carvalho anuncia, “reiteramos nossos pedidos de desculpas para com a sociedade e todos os impactados.” (SAMARCO, 2016b, p. 4). Ainda na mensagem do presidente, identificou-se a presença de uma narrativa mais humanizada: “passado um ano do rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG), fato que nos deixou consternados e que marcou, de maneira profunda, tanto as comunidades impactadas quanto nossa empresa e sua trajetória” (SAMARCO, 2016b, p. 4).

Diferente dos relatórios de sustentabilidade, este documento optou por construir uma estória não linear, tal como indica na seguinte narrativa: “O papel de protagonistas da narrativa, dentro da lógica escolhida, ficou com algumas localidades consideradas emblemáticas no conjunto de acontecimentos após o rompimento.” (SAMARCO, 2016b, p. 5). Entretanto, não expõe os critérios empregados para a seleção das comunidades apresentadas, porém as classificaram como emblemáticas. Interpreta-se que as localidades selecionadas e enfatizadas

neste relatório foram escolhidas por estas serem regiões mais afetadas pelo rompimento da barragem, e, possivelmente, tiveram uma maior repercussão nos veículos de comunicação, gerando uma cobrança por esclarecimento destas localidades à sociedade. O termo emblemático indica que as regiões atingidas sofreram uma grande significação social e histórica, que possui um caráter simbólico tanto para a sociedade quanto para a história daquela região, e até mesmo para o país, visto que algumas localidades foram destruídas e tiveram que ser reerguidas, carecendo de uma nova história.

Sendo assim, a estória deste documento foi segmentada de acordo com as localidades, nos seguintes tópicos: Candonga: a redução de danos; Barra Longa: a reconstrução; Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Gesteira: novos lares; Rio Doce: cuidados com o meio ambiente; Governador Valadares: garantias para a água; Comunidades: o apoio necessário; Mariana e Anchieta: a retomada. Estes tópicos são uma forma de retratar o que tem acontecido em locais que representam os vestígios do rompimento e carregam as marcas de destruição e os vestígios de luto provocados pela lama da barragem de Fundão. Os tópicos são construídos e guiados pela apresentação de elementos históricos, característicos e descritivos de cada localidade retratada no relatório, expondo a proporção dos danos socioambientais causados pela enxurrada de lama, tal como é exposto na seguinte narrativa:

Dona de uma cultura secular, a trajetória de Bento e do seu povo, gente simples e hospitaleira, mudou na tarde de 5 de novembro de 2015, com o rompimento da barragem de Fundão. Entre os impactos, estão as vidas de quatro integrantes da comunidade, a destruição da infraestrutura do distrito, a perda de bens materiais e a paralisação da atividade econômica, baseada na agricultura familiar e de subsistência, passando pela própria atividade da Samarco e suas subsidiárias (SAMARCO, 2016b, p. 36).

A compreensão do conjunto narrativo do documento “Um ano após o rompimento” revela a complexidade da morte em diferentes proporções, alcançando altos níveis de complexidade. A consequência do rompimento da barragem da Samarco transcende o tangível, simbolizada pelos municípios que perderam sua existência, com a extinção de territórios carregados por história, cultura, identidade, e características singulares. Toda e qualquer ação compensatória ou de reparação, narrativas que a Samarco utiliza como resposta para estes impactos, não serão suficientes para compensar a destruição de vidas, municípios, territórios que jamais serão os mesmos. Ao final do relatório a empresa comunica a intenção de retornar

suas operações, com a narrativa de modificação em suas atividades e a justificativa de obter recursos financeiros para arcar com os reparos (SAMARCO, 2016b).

Com a clara intenção de retomar as operações, o relatório de 2017 passa por uma transformação significativa na narrativa, a começar pela mudança da presidência da empresa. O novo diretor-presidente, Rodrigo Vilela, declara: “repensar a organização a partir dos aprendizados e da crença que a Samarco precisa voltar a operar com a máxima segurança, com novas soluções de disposição de rejeitos e com a força e o engajamento das suas pessoas.” (SAMARCO, 2017, p. 5). Nota-se que o termo ‘aprendizado’ é aplicado para se referir ao rompimento da barragem. A maneira que a empresa articula esta associação representa uma estratégia narrativa utilizada para provocar um distanciamento com o rompimento da barragem. A alteração da linguagem adotada pode ser considerada como uma espécie de mecanismo para a organização lidar com um cenário de crise, no qual sua reputação e confiança estão abaladas, pois o termo ‘aprendizado’ denota para o leitor um processo de transformação, mudança e adaptação da organização perante o rompimento da barragem.

O uso de narrativas constituídas para declarar mudanças organizacionais promovem a reconstrução da imagem, do significado e do convencimento perante ao leitor (BROWN, 1990). Justamente com estas intenções, a Samarco apostou fortemente em narrativas voltadas para divulgar suas mudanças organizacionais, tal como é exposto na seguinte narrativa: “a partir dos aprendizados obtidos nos últimos anos, ações internas de reorganização da gestão da Empresa, da estrutura organizacional e de processos foram executadas visando à retomada das operações em patamares seguros, eficientes e sustentáveis.” (SAMARCO, 2017, p. 12). A estória relatada neste documento declara ser um “momento de reinvenção da Empresa.” (SAMARCO, 2017, p. 6).

A ênfase destas narrativas nas estórias foi considerada como um meio, e tentativa, de fornecer legitimidade às mudanças organizacionais. Contudo, em alguns trechos é questionado a fidelidade e coerência narrativa dos pronunciamentos dos anos anteriores, como é o caso do seguinte anúncio: “De novembro de 2015 em diante, o respeito aos direitos humanos passou a se estender a comunidades e populações pertencentes ao território impactado pelo rompimento da barragem de Fundão.” (SAMARCO, 2017, p. 22). No entanto, os relatórios, mídias e vídeos,

publicados pela empresa no período de 2011 e 2014, também fazem referência a esta conduta, tal como observa-se na seguinte narrativa: “temos como prioridade o respeito às comunidades que residem próximo de nossas operações e buscamos deixar um legado positivo onde estamos presentes” (SAMARCO, 2014, p. 42).

As narrativas que indicam as mudanças de atuação nas esferas sociais e ambientais indicam, ao mesmo tempo, contradições nas histórias relatadas anteriormente. Dentro do intervalo de tempo analisado nesta pesquisa, os pronunciamentos da Samarco frequentemente realçavam suas iniciativas socioambientais, incluindo narrativas de valorização e respeito às pessoas, comunidades e meio ambiente. Em 2013, a organização sustenta: “investimos na formação e desenvolvimento das lideranças; na promoção de um ambiente de trabalho saudável, seguro e capaz de atrair e reter talentos; e no engajamento social, por meio de ações de voluntariado.” (SAMARCO, 2013, p. 40). E, em 2017, também anuncia os mesmos princípios, mas reporta-se a uma nova prática: “Um dos objetivos estratégicos da Samarco, estruturado na Nova Jornada, é “promover um ambiente de trabalho seguro e saudável”, como parte da base que sustenta o Mapa Estratégico.” (SAMARCO, 2017, p. 29).

No momento que se confrontam as narrativas de antes e depois do rompimento da barragem, verifica-se a aplicação dos mesmos elementos e princípios na história, porém as narrativas após 2015 declaram uma transformação substancial, construindo uma narrativa voltada para “uma nova Samarco” (SAMARCO, 2021a). Estas contradições conduzem o leitor a possíveis questionamentos e incertezas diante da coerência narrativa das histórias produzidas antes do rompimento e a fidelidade narrativa após o evento. São indagações que levam à desconfiança da efetividade entre a realidade e a história narrada, e à integridade da história como um todo, dentro do espaço de tempo analisado.

De todo modo, a Samarco procurou, repetitivamente, construir uma narrativa de sustentabilidade alicerçada em enunciações que visam fortalecer sua comunicação e imagem de empresa sustentável, dando ênfase para narrativas que comunicam sua ‘conquista’ da licença social para operar (explorar) o território brasileiro, a partir da execução de programas ambientais e sociais, e compromissos com o Pacto Global e dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), dentre outras alegações definidas pela própria Samarco. A articulação de todos esses

argumentos já era empregue em narrativas antecedentes ao ocorrido em 2015, e que continuam a repercutir nos anos seguintes, porém interpreta-se que são esforços narrativos para comunicar uma sustentabilidade que escoo por água (lama) abaixo devido à realidade provocada pelo rompimento da barragem de Fundão.

No relatório bienal de 2018-2019, fica mais evidente o esforço da Samarco em reconstruir uma nova identidade a partir do potencial estratégico das narrativas de criar e contar histórias que buscam envolver, aproximar e humanizar a relação entre a organização e as pessoas (BROWN, 1990; BROWN; RHODES, 2005; GABRIEL, 2004): “Este Relatório Bienal 2018-2019 traduz um período de inúmeros eventos que ressignificam a Samarco e sua razão de ser e existir em um novo contexto para a mineração e para a sociedade brasileira” (SAMARCO, 2019, p. 7). Buscando se desvincular do passado e modificar sua reputação, a Samarco anuncia na seguinte narrativa que: “é necessário construir uma nova história para seus próximos anos” (SAMARCO, 2019, p. 23).

Em consonância com o discurso de construir uma nova história, a Samarco utilizou-se de uma tática retórica para manifestar a sua transformação organizacional mudando suas narrativas a respeito da missão, visão e valores, tal como observa-se na seguinte narrativa: “a Empresa realizou uma reflexão que resultou na construção da Nova Jornada Samarco, que se traduz, por sua vez, em uma revisão completa da Visão, da Missão e dos Valores” (SAMARCO, 2019, p. 23). A mudança destes elementos caracteriza-se como uma estratégia discursiva para convencer o leitor de que a Samarco está modificando sua conduta trazendo estes novos elementos narrativos nos relatórios de sustentabilidade da empresa. Para comunicar a reestruturação da empresa, em 2017 é apresentado a nova missão, visão e valores, que, segundo a empresa, orientam o comportamento e processos para a ‘Nova Jornada da Samarco’ (SAMARCO, 2017). Cabe ressaltar que no relatório seguinte os três itens permaneceram os mesmos, isto é, não há modificações nas narrativas entre os documentos de 2017 e 2018-2019.

Quadro 3 – Missão Samarco

MISSÃO	
2011	Somos uma Empresa brasileira, fornecedora de minério de ferro de alta qualidade para a indústria siderúrgica mundial. Buscamos contribuir para melhorar as condições de vida e o bem-estar das pessoas e para o desenvolvimento social, econômico e ambiental, por meio da utilização responsável dos recursos naturais e da construção de relacionamentos duradouros baseados na geração de valor.

2012	Produzir e fornecer pelotas de minério de ferro, aplicando tecnologia de forma intensiva para otimizar o uso de recursos naturais e gerando desenvolvimento econômico e social, com respeito às pessoas e ao meio ambiente.
2013	
2014	
2015-2016	
2017	Otimizar a transformação dos recursos minerais em valor para a sociedade, de forma segura, eficiente e inovadora, hoje e no futuro.
2018-2019	

Fonte: elaborada pela autora com base nos Relatórios de Sustentabilidade de 2011 a 2018-2019.

Como mostra o Quadro 3, entre o ano de 2011 e 2018-2019 a Samarco modificou duas vezes a sua missão. Até a publicação de 2015-2016, as narrativas construídas para declarar a missão organizacional é composta pelo habitual *mainstream* da sustentabilidade, ou seja, narrativas traçadas pelas esferas econômica, social e ambiental (MILNE; KEARINS; WALTON, 2006; O'CONNOR, 2000). Entretanto, a missão divulgada entre 2012 e 2015-2016 informa o uso intensivo de tecnologia na exploração dos recursos naturais, revelando a atenção da Samarco estava pendendo para a esfera produtiva e econômica. Portanto, por mais que as narrativas apresentassem elementos voltados para a preocupação com o meio ambiente e com as pessoas, nota-se na missão organizacional entre 2012 e 2015-2016 uma ênfase para o âmbito econômico e produtivo. Além disso, ressalta-se que este posicionamento foi mantido mesmo após o rompimento de fundão, sendo modificado somente no documento referente ao ano de 2017.

A última divulgação da missão organizacional da Samarco tem como enfoque a questão social, empregando também termos relacionados à segurança, eficiência e inovação. Além disso, apresenta-se uma narrativa mais sucinta e breve para comunicar o propósito e objetivos organizacionais. É possível que a mudança da narrativa da missão organizacional foi provocada para que a mesma esteja alinhada com a estória apresentada nos relatórios de sustentabilidade, isto é, de construir uma nova jornada, uma nova história a partir dos 'ensinamentos' fomentado por todo desenrolar do rompimento de Fundão.

Quadro 4 – Visão Samarco

VISÃO	
2011	Ser a Empresa de mineração líder em pelletização e reconhecida como uma organização de classe mundial.
2012	Dobrar o valor da Empresa e ser reconhecida por empregados, clientes e sociedade como a melhor do setor.
2013	
2014	

2015-2016	-----
2017	Ser reconhecida pela superação e reconstrução das relações sociais, ambientais e econômicas.
2018-2019	

Fonte: elaborada pela autora com base nos Relatórios de Sustentabilidade de 2011 a 2018-2019.

Analisando as narrativas do Quadro 4, é possível notar que a declaração da visão da Samarco até o período referente a 2014 dirigia-se para projetos tecnológicos e o crescimento substancial da empresa, isto é, para uma perspectiva voltada para a área produtiva, tecnológica e econômica. Cabe destacar que este período se associa com a implementação do projeto P4P, que intencionava o aumento da capacidade produtiva. Destaca-se que no relatório de 2015-2016 não há uma publicação que define especificamente a visão da empresa, conforme o padrão narrativo apresentado nos anos anteriormente. Foi divulgado um pequeno trecho no qual descreve o direcionamento em encontrar uma nova forma de operar e cumprir os compromissos de remediação dos impactos do rompimento, tal como observa-se na seguinte narrativa:

O rompimento da barragem de Fundão desafia a Samarco a acelerar a busca por uma nova forma de operar, mais segura, reduzindo a geração de rejeitos e desenvolvendo métodos mais evoluídos para a sua destinação e aproveitamento. Além disso, um novo compromisso se soma aos desafios já presentes: gerar caixa* suficiente para sustentar os investimentos de remediação e compensação dos impactos, provendo recursos financeiros à Fundação Renova. (SAMARCO, 2016a, p. 15)

A ausência de uma narrativa consistente para comunicar a visão da empresa em um momento de grande instabilidade demonstra a falta de orientação para o futuro, abalando ainda mais a sua consistência narrativa, sensibilizando a coerência caracterológica da estória tecida pela Samarco. Afinal, em momentos de crise espera-se que as estórias sejam bem-sucedidas e não apresentem narrativas frágeis que possam atrapalhar o sentimento de convencimento do leitor perante a nova estória (GABRIEL, 2004).

Já no quadro 4 é possível notar que nos relatórios de 2017 e 2018-2019 a Samarco posiciona a sua visão organizacional com uma narrativa marcada pela tentativa de reparar e superar os danos sociais, ambientais e econômicos dos últimos anos. Esta tentativa possui a finalidade da narrativa em reduzir a sensação de incerteza, gerenciando um certo potencial de vínculo e comoção (BROWN, 1990), sendo assim a Samarco se posiciona narrativamente como uma organização que está

enfrentando os desafios, e passando por momentos de aprendizagem perante um cenário turbulento.

Quadro 5 – Valores Samarco

VALORES	
2011	Valorização da vida: nossa maior riqueza. Respeito e justiça norteiam nossas relações. Atuamos com autonomia responsável. Os resultados são premissas para o crescimento. Excelência empresarial: nosso caminho passa por aqui. A ética preserva e fortalece nossas relações. Sustentabilidade como garantia de perenidade.
2012	Prezamos a vida acima de quaisquer resultados e bens materiais. Respeitamos o direito à individualidade, sem discriminação de qualquer natureza, e honramos, com nossa responsabilidade, o bem-estar das pessoas e da sociedade, assim como o cuidado com o meio ambiente, por meio da utilização correta dos recursos.
2013	Respeito às pessoas; Integridade; Mobilização para resultados.
2014	
2015-2016	
2017	Respeito às Pessoas; Segurança; Integridade; Mobilização para resultados.
2018-2019	

Fonte: elaborada pela autora com base nos Relatórios de Sustentabilidade de 2011 a 2018-2019.

Já no Quadro 5 nota-se que a declaração dos valores da Samarco nos anos 2011 e 2012 correspondem às temáticas sociais, ambientais e econômicas, ou seja, uma construção narrativa convencional da sustentabilidade. Contudo, ressalta-se que em 2011 o termo ‘sustentabilidade’ é citado diretamente conforme a seguinte narrativa: “sustentabilidade como garantia de perenidade” (SAMARCO, 2011, p. 18). Já no relatório de 2012 a narrativa é excluída e o termo em si não é mais mencionado, bem como nos relatórios subsequentes. Em 2013 a Samarco elenca três valores, que traduz uma narrativa mais sucinta e generalizada comparada aos dos últimos dois relatórios, tal como observa-se na seguinte narrativa: “Respeito às pessoas; Integridade; Mobilização para resultados.” (SAMARCO, 2013, p. 13). A narrativa dos valores anunciada em 2013 se manteve até o relatório de 2015-2016, e em 2017 a Samarco somente inseriu a palavra ‘segurança’, compondo os quatro valores da organização, mantendo-se também no documento publicado referente aos anos de 2018-2019. Entende-se que a decisão em incluir a palavra ‘segurança’ na narrativa dos valores organizacionais, foi em razão do cenário caótico vivido pela população afetada pelo rompimento da barragem revelar justamente o contrário, a

falta de segurança presenciada pela sociedade, que experienciava o medo de uma reincidência ou outro acidente da mesma natureza.

O potencial da fidelidade narrativa, segundo os pensamentos de Brown (1990) e Fisher (1987), pode ser colocado em exame ao confrontar os valores básicos comunicados pela Samarco com o passado, presente e futuro, o quanto estes se sustentam com a realidade. Em todo o período analisado, a Samarco comunicou os seus valores com a narrativa de respeito às pessoas e valorização da vida, contudo fatos apontam para uma incompatibilidade com o que é declarado nas seguintes narrativas: “registramos uma ocorrência com óbito” (SAMARCO, 2014, p. 58), “terminamos o ano com um aumento na taxa total de acidentes registrados” (SAMARCO, 2014, p. 58). Nota-se que estas declarações, precedentes ao rompimento de Fundão, são dados referente ao ano de 2014, período no qual a empresa conclui o projeto que ampliou em 37% a sua capacidade produtiva, tal como é possível notar na seguinte narrativa: “Concluimos, no mês de abril, o Projeto Quarta Pelotização (P4P), um dos maiores projetos de expansão do setor privado brasileiro, com investimentos de R\$ 6,4 bilhões, que ampliou nossa capacidade produtiva em 37%.” (SAMARCO, 2014, p. 4).

Questiona-se até que ponto houve um reforço nas condições de segurança que fosse compatível com o aumento das operações, que levam ao entendimento que o foco de atenção da Samarco estava para o aumento produtivo e econômico do negócio. Ainda em 2014 é publicado que “somente 184 trabalhadores foram encaminhados ao sistema de saúde dos sete municípios impactados pelo projeto. Considerando a população de aproximadamente 304 mil habitantes desses municípios, o valor representa 0,06% do total.” (SAMARCO, 2014, p. 51). Analisa-se nesta narrativa que a empresa utiliza uma métrica comparativa incompatível para representar o número de trabalhadores afetados, tomando como base a população geral, crianças, idosos, pessoas que não possuem vínculo empregatício com a empresa. Portanto, segundo os pensamentos de Fisher (1987), interpreta-se que a Samarco concebe uma narrativa manipulativa, pois é selecionada uma métrica comparativa para representar uma baixa porcentagem, ou seja, a empresa define estrategicamente um parâmetro que mais lhe favorece. Além disso, o trecho reduz as pessoas a números, minimizando a dimensão do impacto na saúde de 184 vidas, que ainda é reforçado pelo uso do termo ‘somente’ no início da frase.

A compreensão das mudanças nas narrativas (missão, visão e valores) é articulada pela Samarco como uma resposta perante o cenário de crise instalado. Além disso, entende-se que devido à proporção dos danos do rompimento de Fundão a missão, visão e os valores são construídos e comunicados em razão da capacidade das narrativas transformarem a compreensão da essência da organização. Portanto, a tentativa de conduzir (e manipular), pelo uso de elementos narrativos que comunicam uma nova história (BROWN, 1990), a Samarco, repercute na reestruturação do conjunto de novos valores, visão e missão, instigando ao leitor a aceitar essa transformação tão proclamada pela empresa, a de 'uma nova jornada'. À vista disso, a Samarco investiu em narrativas direcionadas para este novo conjunto, vinculando a comunicação de novas práticas e resgatando a relação com a sustentabilidade:

Hoje, a Missão, a Visão e os Valores da Samarco traduzem um olhar sistêmico para a sustentabilidade aderente ao momento vivido pela Empresa, que inclui o compromisso com a transformação responsável de capitais e recursos, o cumprimento de todas as responsabilidades assumidas e a geração de valor para a sociedade em uma relação ganha-ganha, com um modelo de gestão robusto, eficiente e atento a riscos e impactos. (SAMARCO, 2019, p. 31)

Além disso, cabe destacar a interpretação de que as mudanças de narrativas representam os períodos que revelam o foco de concentração das operações, ações e práticas da Samarco, refletindo a postura da empresa em cada relatório de sustentabilidade divulgado. Bem como, a necessidade em persuadir o leitor que, de fato ocorreu uma transformação na essência da Samarco, construindo narrativas e uma história que a dissocie do ecocídio.

Devido à complexidade dos danos provocados pelo rompimento da barragem de Fundão, considera-se este o principal marcador da fidelidade narrativa.

o rompimento trouxe severos danos sociais e ambientais – incluindo a perda de 19 vidas, sendo que uma pessoa não foi encontrada, e a destruição das comunidades de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, além do impacto causado a cidades ao longo da bacia do rio Doce, de Minas Gerais até sua foz e proximidades no estado do Espírito Santo, em função do percurso da pluma de rejeitos (SAMARCO, 2016a, p. 3).

Até o último relatório publicado, é informado que a Samarco não finalizou todas as ações de remediação e compensação à intensa série de impactos ambientais, sociais e econômicos que ressoam na vida de moradores das comunidades impactadas (SAMARCO, 2019). Além disso, interpreta-se que a

Samarco orquestrou em transferir sua responsabilidade a respeito do rompimento de Fundão para a Fundação Renova, visto que a empresa deliberou por não divulgar as informações sobre o acompanhamento do progresso das ações compensatórias em seus relatórios, bem como de outros dados que poderiam revelar a situação dos municípios e população afetada, tal como é possível notar na seguinte narrativa:

Embora mencionados em alguns trechos, os programas socioambientais e socioeconômicos executados nas regiões impactadas pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG), estão, desde agosto de 2016, sob gestão e responsabilidade da Fundação Renova (SAMARCO, 2019, p. 5).

O deslocamento da comunicação sobre o rompimento para outra organização é uma tentativa da Samarco se isentar, direcionando o leitor a outros relatórios e site. São barreiras colocadas para inviabilizar e dificultar ao acesso de informações para o leitor e a toda sociedade. Portanto, interpreta-se esta ação como uma estratégia narrativa, pois infringe a lógica basilar da função comunicativa, de transmissão de informação e conhecimento (FISHER, 1987). Ademais, entende-se a disponibilidade, acessibilidade e a clareza como elementos que afetam o valor, o mérito e a reputação da estória, pois estes guiam o leitor para a aceitação da estória, sem apresentar barreiras que possam violar a finalidade de boas razões.

Um dos elementos que a Samarco regularmente reiterou em suas narrativas é a relação de confiança com a sociedade e, em especial, com o seu público de relacionamento. Em outubro de 2015 é divulgado um vídeo institucional intitulado como “Os caminhos da Samarco”, comunicando sobre a sua trajetória estar vinculada ao princípio de gerar e compartilhar valor com as pessoas e à confiança, que somente é construída a partir da coerência do discurso e do que é realizado (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015h). Após duas semanas da publicação deste vídeo ocorre o rompimento da barragem de Fundão, período relatado “como o ano em que os laços de confiança da Empresa com a sociedade brasileira foram duramente colocados à prova” (SAMARCO, 2016a, p. 6). A realidade expõe a ruptura da coerência narrativa da Samarco, na qual a confiança não foi somente colocada à prova, mas foi destruída pela onda de lama dos rejeitos que levaram a destruição a níveis imensuráveis, sendo necessário reconstruir municípios por completo, tal como observa-se nas seguintes narrativas: “o foco da Samarco voltou-se para a reconstrução de Bento Rodrigues e de outros dois distritos impactados: Paracatu de Baixo, distrito de Mariana, e parte de Gesteira, distrito de Barra Longa.” (SAMARCO, 2016b, p. 38); “Em Mariana (MG), o

plano de ação para mitigar os danos do rompimento da barragem de Fundão também passa pela reconstrução e reforma.” (SAMARCO, 2016b, p. 33).

Ciente do abalo em sua imagem e reputação, diante dos eventos após o rompimento da barragem, a Samarco desenvolve a campanha “É sempre bom olhar para todos os lados”, iniciada ainda em dezembro de 2015. A empresa investiu em narrativas que traziam as declarações de funcionários, vítimas e agentes das comunidades impactadas. Notou-se a ausência da participação de diretores e representantes da alta gestão da Samarco, que até então eram figuras presentes nos vídeos da empresa.

Estes vídeos são compostos por narrativas dos mensageiros elogiando o suporte oferecido pela Samarco em atender as necessidades da comunidade. Em termos de estratégia comunicacional, entende-se que a retirada da figura dos representantes da Samarco possibilita a construção de narrativas com conteúdo menos sério e pesado, usando a população para compor uma narrativa mais humanizada. Para Fisher (1987) a retórica manipulativa são narrativas que dão indícios de que o público está sendo articulado para os fins do comunicador. Essa perspectiva indica que a Samarco agiu de maneira intencional na escolha de seus mensageiros, afastando aqueles que são responsáveis pelas operações da empresa e conduzindo as pessoas atingidas pelo rompimento para falar publicamente em nome da Samarco, com o interesse de transmitir uma imagem positiva perante a opinião pública. Estes manejos infringem as lógicas de boas razões, pois são articulações fabricadas que assumem um papel para, somente, valorizar a empresa, chegando até a uma caracterização forçada de ‘bom moço’, de uma organização exemplar.

A valorização e a fluidez da adoção do termo ‘sustentabilidade’ nas narrativas da Samarco são observadas em falas construídas sem consistência, que empregam o termo de maneira indiscriminada e trivial. No vídeo institucional ‘Os caminhos as Samarco’ é enunciado a compreensão de sustentabilidade da empresa com a seguinte narrativa “Ser sustentável é entender que uma coisa leva a outra, um ciclo movido pela confiança e pelos bons exemplos, inspirando as pessoas a contribuir para o bem comum, passo a passo, inovando, é assim que a gente avança;” (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015h). A construção da locução sugere um sentido abrangente e genérico da relação da sustentabilidade com a empresa, utilizando-se do termo como um adjetivo qualquer, perpetuando em narrativas vazias sobre a sua

concepção de sustentabilidade, tal como observa-se na narrativa proclamada pelo Ricardo Vescovi, diretor presidente entre os anos de 2012 a 2015: “o que seria o valor sustentável, o que nos entendemos como valor sustentável, é aquele valor que realmente honra com cada uma das partes da empresa, aquele valor que faz sentido para cada uma das partes que compõe a empresa” (SAMARCO MINERAÇÃO, 2012a).

As narrativas fornecem o poder de comunicar, criar e ressignificar uma nova identidade e novos propósitos organizacionais (VAARA, SONENSHEIN; BOJE, 2015), deste modo, interpreta-se que a Samarco aplicou o termo ‘sustentabilidade’ em narrativas para anunciar sua transformação: “passado um longo período de aprendizados, a sustentabilidade está integrada às diretrizes e aos habilitadores dos negócios na Empresa.” (SAMARCO, 2019, p. 31). Com o intuito de gerenciar sua crise de imagem após o rompimento de fundão, nota-se o esforço da Samarco em criar o sentimento ao leitor de esperança e mudança organizacional, instigando-o para uma idealização de um cenário otimista para o futuro. Porém, a partir dos fundamentos teóricos apresentados nesta pesquisa (FISHER, 1987; VAARA, SONENSHEIN; BOJE, 2015), entende-se que a construção narrativa da sustentabilidade na Samarco é marcada pela ausência de princípios claros e concretos para definir seu entendimento de sustentabilidade, apropriando-se do termo e seus derivativos de maneira distintiva e sem critério.

Ainda com a tentativa de se desvincular do passado, principalmente com o episódio do rompimento da barragem, a Samarco (SAMARCO, 2019, p. 25) aposta na seguinte narrativa: “mineração diferente e sustentável”. Esta frase, quase um slogan, é reforçado em todos os seus meios de comunicação para anunciar sua retomada operacional. O esforço comunicativo em representar uma nova empresa sinaliza a tentativa de alcançar a legitimação pública, tal como é possível notar na seguinte narrativa:

Com os aprendizados adquiridos, promovemos as mudanças necessárias para escrever uma nova história e reconstruir as relações de confiança com a sociedade. Voltamos a operar de uma maneira diferente, com novas tecnologias e mais segurança, buscando sempre gerar valor duradouro para os territórios onde atuamos (SAMARCO, 2021c).

Mesmo após quase seis anos do rompimento, e analisando as narrativas no período de dez anos, a Samarco apresenta elementos similares para comunicar suas ações e posicionamento perante a sustentabilidade, porém, que não

condizem com seus últimos pronunciamentos, reportando-se à uma grande mudança organizacional. Sendo assim, compreende-se que a realidade instituída pelo rompimento em Mariana transcende (supera) todo o conjunto das narrativas de sustentabilidade da Samarco, pois, segundo Fisher (1987), a fidelidade narrativa é examinada pela intensidade de como a estória é construída, de como ela se encaixa e é sentida na experiência e na realidade social, e a proporção da intensidade dos danos provocados pelas atividades da Samarco abala confiabilidade das narrativas divulgadas antes do rompimento e, até mesmo, para os próximos anos, devido às contradições presentes em suas declarações que acarretam na quebra da relação de confiança com a sociedade.

Conforme as interpretações analíticas extraídas desta seção, o quadro 6 apresenta as enunciações objetivas da sustentabilidade na Samarco categorizadas de acordo com as coerências narrativas, incluindo a coerência estrutural, material e caracterológica.

Quadro 6 – Categorização das coerências narrativas das enunciações objetivas da sustentabilidade na Samarco Mineração S.A

COERÊNCIA ESTRUTURAL	
Temática	Narrativa
Uniformidade temporal dos relatórios (Anual, bienal)	Divulgamos nossos resultados em 2017 e parte de 2018 por meio desta Comunicação de Progresso justamente com esse fim: não deixar de esclarecer os fatos e mostrar à sociedade brasileira como estamos trabalhando, interna e externamente, para reconquistar a confiança de todos, voltar a operar com segurança máxima e eficiência e honrar todos os nossos compromissos (SAMARCO, 2017, p. 40).
Títulos dos relatórios	
COERÊNCIA MATERIAL	
Temática	Narrativa
Ausência de informações na seção “Como Cuidamos do Planeta”	Foram registradas, em 2011, 12 ocorrências, sendo três na unidade de Germano (MG) e nove na Unidade de Ubu (ES). Foram pagos R\$ 148.000,00 referentes a multas (SAMARCO, 2011, p. 52).
Ausência de informações no GRI	Entre janeiro de 2015 e dezembro de 2016, 164 autos de infração, multas e autos de advertência estavam ativos, discutindo um valor total de cerca de R\$838,8 milhões. (SAMARCO, 2016a, p. 90).
Carência de consistência na comunicação a respeito da esfera social, do relacionamento com seus contratados.	A Samarco manteve contatos com entidades sindicais e representantes das empresas contratadas, a fim de minimizar os atrasos das obras. (SAMARCO, 2013, p. 84).
Ausência de informações no tópico ‘Riscos Críticos’	Foi desenvolvido o projeto de Gerenciamento de Riscos Críticos, que selecionou 18 riscos operacionais considerados primordiais para a gestão da Empresa, estabelecendo ações de controle em conjunto com as áreas responsáveis. (SAMARCO, 2012, p. 36).
Ausência de indicadores informativos a respeito dos riscos e dos impactos causados pela empresa	Desafios vivenciados ao longo do ano, com o pico das obras do Projeto Quarta Pelotização (P4P) e a ampliação significativa dos impactos na área de influência direta. (SAMARCO, 2013, p. 38).

Ausência de informações sobre ocorrências/multas	Foram registradas, em 2011, 12 ocorrências, sendo três na unidade de Germano (MG) e nove na Unidade de Ubu (ES). Foram pagos R\$ 148.000,00 referentes a multas, na unidade de Germano, lavradas pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama). (SAMARCO, 2011, p. 52).
Contradições no vídeo titulado 'Simulado de Emergência'	Todo mundo tá com a mente aberta, para poder se ouvir qualquer coisa de diferente, sabe como é para fazer, porque nós não conhecíamos nada" (SAMARCO MINERAÇÃO, 2019b).
Contradição a respeito ao resgate de vítimas	Em uma semana conseguimos resgatar todas as vítimas" (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015c).
COERÊNCIA CARACTEROLÓGICA	
Temática	Narrativa
Não há consistência nos parâmetros sobre a conquista da licença social para a Samarco operar.	Conquistamos a licença social para operar – ativo que ocupa lugar central em nosso Modelo de Sustentabilidade. (SAMARCO, 2014, p. 4).
Consistência sobre a gestão da sustentabilidade.	Entendemos que a gestão com foco em ética, integridade e combate à corrupção é uma condição para a sustentabilidade do negócio e para a manutenção da confiança que tanto prezamos. (SAMARCO, 2014, p. 5).
Consistência na estória apresentada na seção Resultado da Investigação.	A análise e o controle de riscos são realizados por meio da metodologia Failure Modes and Effects Analysis (FMEA), que avalia o potencial de ocorrências e falhas nas barragens, bem como as consequências potenciais sobre a saúde e a segurança das pessoas e do meio ambiente. (SAMARCO, 2014, p. 72).
Narrativa não consistente sobre visão da empresa no relatório de 2015-2016.	O rompimento da barragem de Fundão desafia a Samarco a acelerar a busca por uma nova forma de operar, mais segura, reduzindo a geração de rejeitos e desenvolvendo métodos mais evoluídos para a sua destinação e aproveitamento. (SAMARCO, 2016a, p. 15)

Fonte: elaborado pela autora

Apresentadas as interpretações da construção narrativa da sustentabilidade na Samarco, o próximo tópico teve como propósito atender dois objetivos específicos desta pesquisa: elucidar as enunciações objetivas de sustentabilidade promulgadas pela Samarco Mineração S.A. e desvelar os aspectos subjetivos das narrativas emitidas pela empresa a respeito da sustentabilidade a partir da sociologia de Pierre Bourdieu.

4.3 AS ENUNCIÇÕES OBJETIVAS E OS ASPECTOS SUBJETIVOS DAS NARRATIVAS EMITIDAS PELA SAMARCO MINERAÇÃO S.A A RESPEITO DA SUSTENTABILIDADE.

A sociologia bourdieusiana, por meio dos fundamentos apresentados nesta pesquisa, estabelece que todo ato de fala é capaz de produzir efeitos objetivos, subjetivos e/ou simbólicos. A linguagem não é destinada somente a ser decifrada, sua função não é só para transmitir conteúdo ou vincular informações, Bourdieu (2008) defende as interações linguísticas como trocas linguísticas e econômicas, nas quais

estas estão impregnadas pelo poder simbólico. Nesta seção, portanto, foram elucidadas as enunciações objetivas de sustentabilidade promulgadas pela Samarco, para tanto, alcançar as possíveis subjetividades inerentes ao que a Samarco diz quando fala sobre sustentabilidade.

Este estudo considerou que o conjunto de narrativas analisado constitui a comunicação e o posicionamento da Samarco no tocante a sustentabilidade, em que cada pronunciamento e /ou divulgação feito pela empresa é capaz de promover e inculcar um sentido, um significado estabelecido pela relação dialógica entre os locutores e receptores. Visto que a organização, assim como qualquer agente e/ou estrutura, se encontra em um espaço de relações de poder, enfrentando lutas para garantir e ascender uma posição particular, é necessário ações práticas que possam contribuir para angariar recursos, obter capitais e, enfim, conquistar o poder (BOURDIEU, 2009; 2012). Diante desta explicação, entende-se que um dos mecanismos operado pela Samarco para movimentar sua força nas relações sociais, são as próprias trocas linguísticas, que reúnem as publicações das principais fontes de comunicação oficial da empresa: a divulgação do Relatório de Sustentabilidade, publicação de vídeos em seu canal do Youtube, postagens no Facebook e demais narrativas no site.

Para que os falares, e os discursos alcancem seu valor (e seu sentido) é exigido estabelecer uma relação com o ouvinte, o consumidor de determinada produção linguística (BOURDIEU, 2008), sendo assim, a Samarco aposta em narrativas que buscam transmitir e criar essa relação entre a empresa e o seu público de interesse, tal como observa-se na seguinte narrativa:

Esse diálogo é nosso ponto de partida para um relacionamento próximo, transparente e que gere valor para todas as partes. E ele acontece continuamente por meio de nossos canais como a Central de Relacionamento, os programas de comunicação, os projetos mantidos e investimentos realizados na área de influência direta e as interlocuções com moradores das comunidades, representantes do poder público e entidades locais, parceiros de negócios, empregados e contratados. (SAMARCO, 2021b).

No Facebook da Samarco, sua primeira publicação expressa a rede social como mais um canal de comunicação e interação com o público, conduzindo o leitor para a inclusão dos principais acontecimentos da organização, “Aqui você vai ficar por dentro de tudo o que acontece na empresa, além de poder tirar dúvidas” (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015i). Já o relatório de sustentabilidade, segundo a

empresa, dirige-se a divulgar seus projetos e indicadores sociais, ambientais e econômicos. Além disso, declara-se a intenção da representação objetiva do documento, tal como é exposto na narrativa no tópico ‘Sobre este Relatório’: “Mais uma vez comunicamos à sociedade nosso desempenho socioambiental, reforçando o compromisso com a construção de confiança” (SAMARCO, 2013, p. 4).

As fontes de comunicação da empresa são marcadas por uma linguagem própria e distintiva, a modo de se tornarem legítimas. Segundo Bourdieu (2008, p. 45) um discurso digno de ser publicado é, um discurso oficializado “destinado a se tornar autoridade, são “fontes de ‘referência obrigatória’, e a serem citados como exemplos de ‘uso correto’, confere àquele que a exerce um poder sobre a língua”. Nota-se que a Samarco conduz a construção de suas narrativas apropriando-se desta maneira, de falar aquilo que o leitor espera ler, um falar socialmente correto, tal como é observada na seguinte narrativa, que declara dois motivos para a divulgação dos relatórios: “para a Samarco, a publicação de relatórios de sustentabilidade faz parte de nosso exercício de busca por transparência e construção de confiança em meio à sociedade brasileira.” (SAMARCO, 2014, p. 2). Já no relatório de 2015-2016, cenário referente ao contexto social do rompimento da barragem de Fundão, a Samarco acrescenta demais elementos para informar a intenção do documento: “este Relatório Bienal 2015-2016 representa parte do processo para a Samarco demonstrar à sociedade, com transparência, seu comprometimento e seu respeito.” (SAMARCO, 2016a, p. 7).

A intenção declarada objetivamente pela Samarco das publicações a respeito da sustentabilidade assume as condições subjetivas da utilização da linguagem na busca do exercício do poder simbólico, poder invisível “de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo”, como um meio para estabelecer autoridade e alcançar seus interesses (BOURDIEU, 1989, p. 14). Essas compreensões teóricas levam a interpretar que as narrativas construídas para falar sobre a intenção das publicações dos relatórios são práticas para fundar o sentimento no leitor de crença, que, se alcançados, creditam à Samarco a eficácia de seu poder simbólico e o exercício da violência simbólica.

A representação da comunicação da Samarco a respeito da sustentabilidade é entendida como atos de fala que ocorrem por meio de ritos sociais, que a concede, uma linguagem com alta potencialidade para a eficácia simbólica. A

publicação do vídeo titulado, “Nós somos a Samarco” em maio de 2013 (SAMARCO MINERAÇÃO, 2013) expõe as diretrizes e os princípios basilares de atuação, apresentando o posicionamento da empresa:

Nós somos feitos daquilo em que acreditamos. Nós acreditamos em atitudes movidas por valores. Acreditamos em uma mineração responsável, que valoriza as pessoas e respeita o meio ambiente. No poder do conhecimento para mobilização de resultados. E na capacidade de transformarmos tecnologia em soluções sustentáveis. Acreditamos e investimos na transformação social. E trabalhamos com ética e transparência, construindo relações de confiança com a sociedade. Nós somos a Samarco.

Desta narrativa emergem os seguintes direcionadores: valores, mineração responsável, resultados, tecnologia, transformação social e relação de confiança. Estas temáticas também ecoam fortemente em narrativas de outros períodos e em outras fontes de comunicação da Samarco. Com apoio da sociologia bourdieusiana (BOURDIEU, 2008), compreende-se que as narrativas enunciadas no vídeo institucional exercem as atribuições e categorização do ato de instituição, ou seja, é um ato de comunicação que notifica sua identidade e atribuições sociais, impondo publicamente um sentido particular e específico. Além disso, pode-se interpretar os pronunciamentos organizacionais da Samarco como um ato solene de comunicação, o qual tende a produzir incorporações mentais sobre si mesma e sobre os agentes em razão das ênfases discursivas particulares ordenadas pela empresa.

Estabelecer características estilísticas que exercem na rotinização (periodicidade dos relatórios, regularidade das publicações nas mídias sociais) e na estereotipagem (ênfases em temáticas típicas) das narrativas são capazes de fomentar o poder do discurso institucional, no qual o poder das palavras são orquestradas pelo conjunto social representado nas narrativas. Sendo assim, entende-se que a Samarco se apropria dos instrumentos legítimos de expressão na construção de suas narrativas para, justamente, inculcar e possuir autoridade e dominação legítima sobre os receptores de suas mensagens.

A intenção da Samarco em estreitar relações com o seu público, pode ser interpretada com a busca de alcançar o valor do poder do discurso, ou seja, fazer com que suas fontes de comunicação sejam compreendidas, apreciadas e acreditadas. A fidelidade e credibilidade construída na relação de comunicação entre o emissor e receptor, são trocas linguísticas que fortificam a troca econômica, que se estabelece por meio a uma determinada troca simbólica. Isto é, quanto mais fiéis, mais seguidores, maior será o ganho social, econômico e hierárquico no espaço social

atuante, afinal a produção da fala e do discurso são maneiras de configurar e delimitar posições em campos sociais (BOURDIEU; 2008). A partir dessa divagação bourdieusiana, justifica-se a prática comunicativa da Samarco em publicar os relatórios de sustentabilidade e estabelecer os canais de comunicação com a sociedade, é para conquistar uma posição social privilegiada, e ainda exercer seu poder de dominar e inculcar esquemas de percepção a respeito à própria empresa.

As narrativas construídas pela Samarco no que se refere a intenção de comunicação entre a empresa e a sociedade, falam sobre uma comunicação pautada na transparência, diálogo e relação de confiança, todavia entende-se que os dizeres correspondem em controlar e dominar a percepção daqueles que recebem a mensagem. Na medida em que cada indivíduo aprecia a mensagem pelo efeito de despertar experiências variáveis e singulares (BOURDIEU; 2008), a Samarco articula falares que remetem a inclusão do leitor, e da sociedade, a fim de alcançar o poder de convencimento em prol de sua imagem e reputação, isto é, são falares que ocultam os interesses legitimadores da posição social da empresa e revelam o dizer.

A temática a respeito da relação com a sociedade protagoniza narrativas em todo o período analisado desta pesquisa. Essas narrativas estão relacionadas com a propagação de falares que apresentam as contribuições para o desenvolvimento social e a preocupação com a imagem, reputação e confiança da empresa com o seu público influente, tal como observa-se na seguinte narrativa: “buscamos construir relações que assegurem nossa reputação e nossa imagem, além de investir em programas focados na geração de valor para nossos principais públicos e na redução de impacto ambiental.” (SAMARCO, 2012, p. 21).

A Samarco busca criar (alcançar) uma reputação positiva e estabelece narrativas que denotam uma enunciação concreta de confiança junto à sociedade, que segundo a organização, possui o intuito de promover o desenvolvimento e o crescimento da sociedade, especialmente da comunidade local. Outras vezes, a empresa esclarece o propósito do relacionamento com a sociedade com o intuito de se desenvolver ambas as partes, o que possibilita, segundo a Samarco, a geração de valor compartilhado entre a empresa e o público. As narrativas são construídas com o intuito de passar a mensagem que todos os lados saem ganhando, conforme a seguinte declaração:

Paralelamente aos investimentos para expandir o negócio e alcançar a maior geração de valor para a Empresa, buscamos envolver nossos públicos –

clientes, empregados, fornecedores, comunidades, acionistas, imprensa e poder público – em uma agenda de desenvolvimento mútuo (SAMARCO, 2013, p. 13).

Elaborado em 2012 e atuante até 2014, a Samarco declara em seus relatórios que o modelo de sustentabilidade é centrado na construção de confiança com a população, assegurando a capacidade em equilibrar a expansão operacional com a criação de impactos positivos para aqueles que são afetados pelas atividades da empresa (SAMARCO, 2012). São destacados em seus pronunciamentos medidas sociais, o que segundo a empresa (SAMARCO, 2011; 2012; 2013; 2014), colabora no desenvolvimento local, citando por exemplo a geração de empregos, investimento na qualificação de mão-de-obra, programas de capacitação educacional e profissional, dentre outros, focalizando as ações para os municípios afligidos pela influência das operações organizacionais.

Essas ações também refletem o interesse da empresa na captação de empregados para conseguir alcançar maiores índices produtivos, e de conduzir uma percepção positiva (favorável) nos agentes e estruturas sob a atuação da Samarco no território brasileiro. Além disso, busca convencer o leitor que os projetos de expansão da empresa geram benefícios para o público local,

Ao mesmo tempo que a empresa cresce, e cresce de maneira organizada e sustentável e responsável, a gente consegue também gerar oportunidades internas para aquelas pessoas que estão aqui [...] para que elas possam também aproveitar mais essa fase de crescimento da empresa. (SAMARCO MINERAÇÃO, 2012a).

A construção das narrativas da Samarco que falam sobre relação com a sociedade, o desenvolvimento social, construção de confiança, pretendem inculcar o reconhecimento que possam garantir a crença naquilo que é proclamado nos meios de comunicação da empresa, operando em meio a lutas comunicativas pelo conhecimento e reconhecimento da legitimação social. A propensão da eficácia linguística construída pela Samarco pode conceber uma relação de dependência da comunidade com a empresa, pelo fato de a mesma gerar empregos e realizar programas sociais voltados para este público em específico. Entretanto, cabe destacar que alguns projetos sociais podem ser categorizados como superficiais (levianos) ao se comparar com o alto nível de responsabilidade que a Samarco detém, portanto, os mesmos representam modos de distração para que o público não questione e desvie a percepção dos impactos negativos ocasionados pela empresa.

Bourdieu (1989; 2008) explica que toda dominação simbólica envolve uma forma de cumplicidade. Portanto, interpreta-se que, por meio do poder de encantamento das palavras, existe uma certa cumplicidade entre o público e a Samarco, que provoca um sentimento de conformismo social, produzido e fundado pelo efeito da dominação simbólica, dominação esta que impõe a aceitação e o silenciamento frente à ilusão que encobre as ações sociais praticadas pela empresa. Sendo assim, o efeito do poder simbólico provoca certa subordinação e obediência daqueles que são tocados pelo discurso da Samarco no que se refere a relação da empresa com a sociedade.

Ainda que a Samarco aposte na ênfase de narrativas que anunciam o compromisso com o desenvolvimento social, compreende-se que quando a empresa fala sobre a relação de confiança e valorização do relacionamento com sociedade, quer dizer gerenciamento e controle de sua imagem e reputação. Os dizeres agregam aspectos subjetivos da linguagem (BOURDIEU, 2008) e, no caso da Samarco, ocultam os interesses legitimadores que influem na sua posição social, o que pode se associar nessa manobra da Samarco em auferir sobre aspectos sociais, mas que na realidade dizem sobre credibilidade perante seu público de relacionamento.

“A busca por se fazer mais e melhor com menos continua a ser trabalhada na dimensão econômica e mais fortemente nas perspectivas ambiental e social” (SAMARCO, 2012, p. 38). Nesta e em outras declarações a Samarco utiliza uma linguagem com conotação equalizadora entre a dimensão econômica e a socioambiental. São narrativas que compõe mensagens que sugerem que a empresa, por meio de iniciativas tecnológicas e inovadoras, é capaz de “a um só tempo, de reduzir os impactos de nosso negócio sobre o meio ambiente e garantir a competitividade da Samarco no futuro.” (SAMARCO, 2012, p. 37). As enunciações apresentadas expressam a atuação da empresa em equilibrar/nivelar os interesses econômicos e operacionais com ações para mitigar os impactos socioambientais, e segundo a Samarco, essas práticas são condições para alcançar a sustentabilidade e sustentar sua posição social no mercado.

Empenhado com este posicionamento, o diretor-presidente da Samarco em 2013, Ricardo Vescovi, declara como foco primordial “a busca por alternativas tecnológicas e operacionais que nos conduzam rumo à sustentabilidade, com ganhos múltiplos para o meio ambiente, a sociedade e a Empresa.” (SAMARCO,

2013, p. 7). A tratativa em atrelar a tecnologia como condutora da sustentabilidade, em específico, de promover medidas compensatórias e positivas para o meio ambiente e a sociedade são recorrentemente operadas em narrativas nas fontes de comunicação da Samarco. Entretanto, outras declarações retratam o interesse do uso tecnológico para gerar novas oportunidades para a empresa, favorecendo a disputa com seus concorrentes e alcançando índices de alta produtividade (SAMARCO, 2012; 2013; 2014).

As ênfases discursivas orientadas a amenizar a percepção do foco da empresa para o crescimento econômico e produtivo são construídas com o discurso de que há ganhos para todos os lados. Trata-se de narrativas que retratam as lutas sociais desigualmente distribuída entre a empresa e aqueles que são impactados pelas suas operações. Protagonizando as afirmações atreladas às ações da empresa, o então diretor presidente da Samarco, Ricardo Vescovi anuncia em um vídeo publicado no canal do Youtube da empresa a seguinte afirmação:

Ao mesmo tempo que a empresa cresce, e cresce de maneira organizada e sustentável e responsável, a gente consegue também gerar oportunidades internas para aquelas pessoas que estão aqui se formando, estudando, se capacitando cada vez mais para que elas possam também aproveitar mais essa fase de crescimento da empresa (SAMARCO MINERAÇÃO, 2012a).

Da mesma forma se fala sobre a busca pela equidade das dimensões ambientais, sociais e econômicas, tal como observa-se na seguinte narrativa: “Proposta é, a um só tempo, reduzir custos e impactos ambientais, gerar novas oportunidades e garantir a perenidade dos negócios.” (SAMARCO, 2013, p. 35). A estratégia discursiva da Samarco em falar sobre ganhos socioambientais e redução dos impactos dos mesmos para a sociedade, conflita-se com narrativas que demonstram o foco em maximizar a capacidade operacional e reduzir os custos organizacionais, tal como observa-se na seguinte narrativa: “com projetos que nos possibilitam usar os recursos naturais e minerais de maneira mais eficiente, até mesmo gerando novas oportunidades de negócio, buscamos assegurar nossa competitividade com a máxima eficiência e produtividade” (SAMARCO, 2013, p. 28). A constituição desta, e de outras narrativas com o mesmo teor, manifesta a finalidade/intenção do desenvolvimento tecnológico em reduzir o uso de recursos naturais para gerar menos custos e viabilizar melhores práticas operacionais, ou seja, prevalecer o interesse para a esfera econômica e produtiva da empresa, porém utilizando-se de narrativas que preconiza o progresso socioambiental.

Baseando-se na sociologia bourdieusiana, o poder constituinte da linguagem pode ter mais êxito quando se esconde o seu funcionamento, isto é, quando não apresenta seu verdadeiro propósito, encobrendo o exercício de poder simbólico perante os receptores (BOURDIEU, 1989; 2008). Sendo assim, interpreta-se que a construção de narrativas da Samarco que falam sobre desenvolvimento/ganhos econômicos e socioambientais encobrem os interesses legitimadores em garantir a longevidade organizacional, querendo dizer crescimento econômico e operacional.

Por mais que a Samarco empenha-se em utilizar uma linguagem carregada de atributos conativos que levantam a bandeira discursiva popular da sustentabilidade, nota-se, em algumas declarações, o uso difuso do conceito e do termo sustentabilidade. No início do tópico “Focos estratégicos” no relatório de sustentabilidade, a Samarco (2014, p. 26) enuncia o caminho para concretizar sua visão organizacional, de dobrar o valor da empresa, é por meio da “aposta em um processo de planejamento estratégico que valoriza a inovação tecnológica, o investimento em sustentabilidade e uma gestão focada em custos, produtividade e eficiência”. Entretanto, o conteúdo divulgado no decorrer deste tópico destacou e abordou somente as temáticas econômicas e produtivas, não apresentando a temática a respeito da sustentabilidade, qual seria o investimento em sustentabilidade. A seguinte narrativa revela o contraste entre as falas da organização:

No curto prazo, com base nos nossos direcionadores e nos desafios atuais, definimos que alta produtividade, custos de produção baixos, qualidade adequada aos requisitos de mercado e reputação forte são elementos essenciais para o sucesso dos negócios. [...] um trabalho de planejamento de longo prazo com a cadeia de valor, focado em redução de custos e organização de fluxos com a cadeia produtiva. (SAMARCO, 2014, p. 26).

Entende-se, a partir da perspectiva bourdieusiana, a aplicação do termo “sustentabilidade” em algumas narrativas da Samarco é empregada de maneira regularizada (roteirizada), visto que o locutor possui capacidade em aprender a moldar sua fala e certa propensão em falar determinadas coisas conforme a situação requer, são disposições sociais que formam o *habitus* linguísticos (BOURDIEU, 2008). No vídeo publicado em 2012, Ricardo Vescovi enfatiza a seguinte retórica, “Esse é o ponto que nos diferencia hoje como empresa, sermos uma empresa que está buscando crescimento, mas de forma organizada, responsável, sustentável.” (SAMARCO MINERAÇÃO, 2012a). Além desta fala, no mesmo vídeo, ainda é citado

outras duas vezes sobre o crescimento organizado, responsável e sustentável da empresa. Considerando que “toda fala é produzida para e pelo mercado ao qual ela deve sua existência e suas propriedades mais específicas” (BOURDIEU, 2008, p. 64), compreende-se que a palavra ‘sustentável’ é aplicada em razão do interesse expressivo em correlacionar a intenção de crescimento produtivo e econômico.

Os discursos podem, e buscam, suavizar a carga negativa de certas palavras, expressões ou dos sentidos de alguma coisa, inspirando-se em inferir a concepção de "dizer bem", "falar corretamente". Os mesmos são produzidos para atender às necessidades específicas do mercado, resultantes de uma transação entre os interesses do locutor e do receptor. O que deve ser falado, como sistema de censura inerente às relações específicas de produção da linguagem - seja no contexto da estrutura de interação da linguagem ou na estrutura de uma realidade delimitada - eventualmente se impõe aos falantes com uma certa habilidade social, ou mais precisamente, um poder simbólico que se exerce nas relações sociais de comunicação (BOURDIEU, 2008). A partir destas divagações teóricas bourdieusiana, é possível notar a aplicação mandatória do termo ‘sustentabilidade na construção da narrativa no relatório de 2018-2019:

Esse trabalho, porém, foi posto à prova com o rompimento da barragem de Fundão e requereu, nos últimos quatro anos, reflexões profundas por parte da liderança da Empresa; hoje, passado um longo período de aprendizados, a sustentabilidade está integrada às diretrizes e aos habilitadores dos negócios na Empresa. (SAMARCO, 2019, p. 31).

Considerando que a Samarco situava-se em um cenário conturbado, no qual o rompimento da barragem despertou sentimentos de desconfiança, descrédito e desonra, o contexto e as estruturas de mercado exigiam um discurso apaziguador, sendo assim, invocou as propriedades quase milagrosas ao inserir, novamente, a sustentabilidade em suas narrativas, a fim de sinalizar uma mudança nas práticas insustentáveis da empresa. Até mesmo para se referir à viabilidade e desempenho econômico, no que tange os temas materiais citados nos documentos, a Samarco aplica a expressão “Sustentabilidade Financeira”, sendo que até 2014 a empresa referia-se a este tema como “Resultados Financeiros”.

Reforçando a sustentabilidade numa perspectiva instrumental, a Samarco apresenta narrativas que priorizam a otimização de recursos, recaindo mais uma vez a um viés econômico, tal como observa-se na seguinte narrativa: “a gente tem muito orgulho disso (geração de riquezas para o país - legenda), por que a gente

gera divisas, traz riquezas para o país, utilizamos os recursos do país, isso é importante, e com sustentabilidade utilizaremos cada vez melhor esses recursos” (SAMARCO MINERAÇÃO, 2012b). Conversando com a teoria das trocas linguísticas de Bourdieu (2008), diante das circunstâncias e a posição social – campo da sustentabilidade - que a empresa se encontra, o “falar” sobre o crescimento sustentável quer dizer crescimento econômico e operacional da Samarco. Muito do que a empresa proclama, por meio de construções narrativas sobre a sustentabilidade, é associado com a valorização do aspecto econômico e crescimento do negócio em si, tal como pode ser notado na seguinte narrativa:

reestruturamos nossa abordagem comercial por meio da definição de um novo plano de marketing, focado na segmentação, na maior rentabilidade, no crescimento sustentável e na análise cuidadosa dos cenários e tendências de mercado. (SAMARCO, 2013, p. 96)

Interpreta-se que o simples fato de a Samarco aplicar em suas narrativas a palavra ‘sustentabilidade’, e as suas variantes, pode ser uma tentativa de alcançar a eficácia simbólica pelo poder revestido destes termos. A capacidade social da Samarco em adequar a sustentabilidade em sua declaração demonstra o encontro entre o *habitus* linguístico e o mercado linguístico, isto é, de um lado a capacidade de antecipar jogos de linguagem, que destacam as atitudes, crenças, valores, e de outro, disposições que constituem estruturas de uma determinada cultura organizacional. Por se tratar de uma produção simbólica, o ajuste do mercado pela expectativa de lucratividade assume naturalmente a forma de revisão antecipatória. A forma de censura determina não apenas a maneira de falar, mas também a escolha da situação, linguagem e das palavras, age como uma imposição do que pode e o que não pode ser dito (BOURDIEU, 2008). Portanto, entende-se que em muitas narrativas construídas sobre sustentabilidade são empregadas pela influência das estruturas do mercado linguístico, isto é, são faladas com a finalidade de pertencer a uma coletividade organizacional, na qual produzem e reproduzem certa padronização discursiva dominante da sustentabilidade.

Uma vez que a Samarco produz discursos para atender um mercado, nota-se que o termo sustentabilidade é empregue superficialmente para informar a incorporação da mesma em suas práticas, tal como observa-se na seguinte narrativa no site institucional da empresa: “Na Samarco, governança e sustentabilidade caminham lado a lado e, mais que isso, se amparam, complementam e se fortalecem,

guiadas pelos princípios de integridade, equidade e transparência.” (SAMARCO, 2021c). Entretanto, na seção ‘Governança Corporativa’ tampouco se refere a sustentabilidade ou apresenta-se o termo. Estas narrativas podem ser interpretadas como “discursos formalmente corretos, mas semanticamente vazios” (BOURDIEU, 2008, p. 28).

Quinze dias antes do rompimento de Fundão, a Samarco divulgou em seu canal do Youtube (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015h) um vídeo titulado como “Os caminhos da Samarco”, declarando os princípios direcionadores da sustentabilidade e o que é ser sustentável para a empresa:

A trajetória da Samarco pode ser descrita numa única frase, gerar e compartilhar valor com as pessoas. Porque a sustentabilidade que a gente busca vem da confiança que a gente constrói em cada relacionamento e confiança vem com o tempo, com a coerência com o que fizemos e o que fazemos. Ser sustentável é entender que uma coisa leva a outra, um ciclo movido pela confiança e pelos bons exemplos, inspirando as pessoas a contribuir para o bem comum, passo a passo, inovando, é assim que a gente avança.

O conteúdo discursivo da construção desta narrativa traz elementos subjetivos do compromisso da empresa com a sociedade com o qual se relaciona, sendo que estes foram convertidos inversamente pela prática que associa a Samarco com o ocorrido em Mariana. A realidade revela um cenário antagonista do que é falado pela organização, sendo que o discurso dominante sobre sustentabilidade que a Samarco proclamava não sustentava com o que havia ocorrido em 2015.

A sustentabilidade incorporada no contexto organizacional da Samarco revela um senso prático, em que as disposições (fundado pelo encontro entre o *habitus* linguístico e o mercado linguístico) orientam as condições de aceitabilidade e oportunidade de seus discursos, antecipando a construção de narrativas que possam gerar lucros simbólicos para si própria. Sendo assim, ciente de que o período do rompimento da barragem provocou um descrédito em seus discursos, a Samarco adequou seu discurso incorporando elementos que resgatassem a confiança e promovessem a percepção ao leitor de mudança, de que o ocorrido em Mariana (MG) fizeram a empresa transformar suas práticas organizacionais, tal como observa-se na seguinte narrativa presente no relatório de sustentabilidade referente ao ano de 2015 e 2016:

Ciente da proporção do desafio de retomar a confiança da sociedade brasileira, a Samarco se propõe a trabalhar na busca de boas práticas para a recuperação do território e a retomada de suas atividades. Como consequência, expandirá sua atuação em rede e buscará contribuir para uma

mineração mais segura, adquirindo e compartilhando aprendizados e experiências com parceiros e com a sociedade. (SAMARCO, 2016a, p. 20).

A Samarco construiu narrativas ancoradas na denotação de valores, cultura e hábitos que propõe um compromisso de recuperação e transformação com os públicos e territórios com os quais se relaciona. Cabe lembrar que, a produção linguística busca captar um sentido social numa forma que constitui expressões simbólicas que orientam a crença investida ao leitor (BOURDIEU, 2008). Portanto, a Samarco investe em narrativas que proclamam a ocorrência de aprendizados, reflexões e conhecimentos adquiridos após o rompimento da barragem de Fundão. Tanto que, nos dois relatórios seguintes ao ano de 2015 a Samarco alterou os porta-vozes (diretor-presidente) como uma estratégia alinhada em representar uma mudança significativa na empresa, tal como é possível notar na seguinte narrativa:

Ao assumir a Presidência da Empresa, Vilela decidiu dar impulso, ao longo do ano, repensar a organização a partir dos aprendizados e da crença que a Samarco precisa voltar a operar com a máxima segurança, com novas soluções de disposição de rejeitos e com a força e o engajamento das suas pessoas. (SAMARCO, 2017, p. 5).

Um novo porta-voz autorizado, a nomeação de um novo diretor-presidente, “consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato” (BOURDIEU, 2008, p. 89). A ênfase discursiva de buscar o conhecimento e reconhecimento por meio de narrativas que inculcam a representação de aprendizagem e de “operar de uma maneira diferente, com novas tecnologias e mais segurança” são descritas no site institucional na aba intitulada como ‘Uma Nova Samarco’ (SAMARCO, 2021a).

A Samarco investe na construção de narrativas que expõe os obstáculos enfrentados, pois desta maneira, também é evidenciado o seu empenho, comunicando seus esforços na direção de uma nova gestão. Entretanto, essa comunicação também revela aonde a empresa deseja chegar, isto é, qual o seu interesse por detrás de todo esse empenho narrativo. No relatório referente ao ano de 2018 e 2019, é possível acessar esse tipo de conteúdo:

Diante dos aprendizados após o rompimento da barragem de Fundão, que marcará para sempre nossa história, traçamos, ao longo dos últimos anos, um plano que abrange a revisão de todos os nossos procedimentos e padrões de segurança e, com os pés no chão, iniciamos uma nova jornada, por meio de um processo colaborativo, que mobilizou nossos empregados e líderes. (SAMARCO, 2019, p. 31).

A antecipação prática orienta a produção linguística do que pode ou não pode ser falado em determinadas situações, ainda mais em situações de crise (BOURDIEU 2008), a Samarco então, apresenta narrativas carregadas de valores anunciando sua transformação, e que de fato, após o rompimento da barragem, a sustentabilidade está integrada com a empresa. Trata-se de uma situação em que “os discursos constituem sempre eufemismos inspirados pela preocupação de “dizer bem”, de “falar direito”, de produzir produtos ajustados às exigências de um determinado mercado” (BOURDIEU 2008, p. 66), o que sinaliza que o locutor, a Samarco, detém uma competência social, um poder simbólico sobre as relações de força simbólica entre seus ouvintes.

Alinhado às construções narrativas que comunicam a ‘transformação responsável’, a Samarco aposta no seguinte lema, podendo ser definido até mesmo como um ‘slogan’: “Nova Jornada Samarco”. Interessada a retomar as operações, a empresa inicia no relatório de 2017 (SAMARCO, 2017, p. 28) esse novo discurso, tal como observa-se na seguinte narrativa: “no ponto de vista da cultura organizacional, um destaque do ano foi a construção da Nova Jornada Samarco, assim como do novo Mapa Estratégico e uma ampla revisão das diretrizes, dos habilitadores do negócio”. Ainda segundo a empresa esta nova jornada tem como objetivo “promover um ambiente de trabalho seguro e saudável” (SAMARCO 2017, p. 29).

Instituir uma nova identidade pela prática do discurso é uma estratégia para consagrar a ação de mobilização e recuperação da Samarco, sobre os quais se busca fundar, na mente de seus leitores, a ação de imposição e de inculcação referente a esta “Nova Samarco”. Conectada com essa estória, empresa amarra nestas narrativas com o interesse de retomar suas operações. No Book “Um Ano Após o Rompimento” (SAMARCO, 2016b, p. 66) a Samarco apresenta dados a fim de promover sua utilidade e relevância para a sociedade, tal como nota-se na seguinte narrativa: “os estados de Minas Gerais e Espírito Santo vêm perdendo com a paralisação, já que a Samarco é um agente importante no segmento de extração mineral da indústria do país.”.

A aposta em construir narrativas que proclamam a necessidade de atuação em estados brasileiros alinhada com a campanha discursiva de transformação, são pontes que conduzem a retórica da sustentabilidade. Sendo assim, interpreta-se que quando a Samarco fala/falou sobre as transformações e

mudanças ‘sustentáveis’, ela quer dizer retomar suas operações, pelo interesse do crescimento econômico.

Outra ênfase discursiva que a empresa engajou em suas narrativas foi a de ‘fazer uma mineração diferente e sustentável’ (SAMARCO, 2019, p. 27). Segundo a empresa, os aprendizados adquiridos promoveram a possibilidade de escrever uma nova história, isto é, voltar a operar de maneira diferente e com novas tecnologias, mais segurança e, assim, gerar valor duradouro. O conjunto destas novas práticas é definido pela Samarco como uma mineração diferente e sustentável. Entretanto, em algumas narrativas o ‘sustentável’ é abandonado, tal como nota-se na seguinte narrativa: “estamos absolutamente comprometidos com uma mineração diferente.” (SAMARCO, 2019, p. 6).

Além disso, no seu site institucional os tópicos “nossa história”, “acionistas” e “governança corporativa” não se refere à sustentabilidade ou outros assuntos que aborde a esfera ambiental e social, portanto, destaca-se uma desconexão com o que é exposto com os tópicos ‘quem somos’ e ‘propósito’, conteúdos nos quais referem-se ou deveriam se referir a essência social da empresa que se diz praticar uma mineração diferente e sustentável (SAMARCO, 2021a).

Ainda que a Samarco apresente um esforço ao longo dos anos, ainda maior após o rompimento da barragem, em criar e articular construções narrativas que falam sobre a incorporação da sustentabilidade em suas práticas, são falares que dizem a mesma coisa com palavras diferentes. Compreende-se que as transformações linguísticas a respeito da sustentabilidade da Samarco são decorrentes de um jogo que visa provocar efeitos de reconhecimento e crença pelo discurso emitido. Jogo este regulado pela imposição de esquemas que ajustam os falares, e acabam produzindo narrativas adequadas a determinadas situações e para um público próprio.

A vasta lacuna entre o discurso e a prática da Samarco revela que o conjunto de narrativas concebido não sustenta os prejuízos vivenciado nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Na narrativa enunciada pelo diretor-presidente, pertencente ao cargo dos anos de 2012 até 2016, é possível constatar um discurso que representa o inverso do que foi experienciado pelo ecocídio:

De uma maneira geral quando a gente conjuga todos esses interesses positivos, que são a prática dos nossos valores explícitos, valorização da vida, sustentabilidade, ética, autonomia responsável, resultados, o foco de resultados da companhia, tudo isso gera um efeito muito positivo (a legenda

coloca respeito e justiça), como se fosse uma teia que sustenta um resultado (legenda coloca excelência profissional). (SAMARCO MINERAÇÃO, 2012a).

O rompimento da barragem, como a própria empresa declara, matou 19 pessoas (sendo uma delas desaparecida), destruiu distritos, encheu os rios de lama, comprometeu o abastecimento de várias cidades, dentre outros impactos em territórios e populações que até o momento sofrem com todo o cenário gerado pelas operações da Samarco. O discurso proclamado sobre a sustentabilidade é resultante da transação entre o interesse expressivo de se manter no jogo e a censura inerente às relações de produção linguísticas que regulam o que e como devem ser faladas. Assim, a construção de narrativas é concebida a partir de um locutor (a Samarco) dotado de um poder simbólico sobre essas relações de produção linguística. Dito isso, compreende-se que, por mais que a empresa assegure a incorporação/instituição da sustentabilidade em suas práticas organizacionais, reunindo um conjunto de enunciados no que concerne as esferas sociais, ambientais e econômicas, a Samarco diz produtividade, gerenciamento e controle de sua imagem; crescimento econômico e operacional; e o intuito de retomar/manter suas operações. Em síntese, quando a Samarco fala sobre sustentabilidade, a empresa exprime enunciações objetivas sobre suas ações sociais, ambientais e econômicas, mas quer dizer produtividade, gerenciamento e controle de imagem/reputação, crescimento econômico e operacional.

Estes dizeres congregam as dimensões subjetivas da linguagem, isto é, os interesses expressivos associados aos falares que representam a sustentabilidade na Samarco. As estratégias linguísticas para encobrir o interesse da Samarco, os dizeres a respeito da sustentabilidade, tendem a assegurar certo nível de aceitabilidade, um poder que possa gerar a crença naquilo que foi falado. “O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou a de subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras” (BOURDIEU, 1989 p. 15). É uma relação de comunicação, de modo inseparável entre o emissor legítimo e um receptor pronto a receber o que é enunciado. Relação esta que ocorre pela luta, principalmente, simbólica para impor a sua definição da realidade social conforme seus interesses (BOURDIEU, 2008; 2012), afinal a linguagem “é com certeza o suporte por excelência do sonho de poder absoluto” (BOURDIEU, 2008, p. 28).

Diante da análise das enunciações objetivas e dos aspectos subjetivos das narrativas promulgadas pela Samarco a respeito da sustentabilidade, o próximo tópico abarca a análise da dimensão simbólica. Em sequência, apresenta-se o tópico referente a *doxa* sobre sustentabilidade da empresa.

4.4 A DIMENSÃO SIMBÓLICA, A *DOXA*, SOBRE SUSTENTABILIDADE DA EMPRESA.

O tópico anterior revelou que quando a Samarco fala sobre sustentabilidade, a empresa expressa enunciações objetivas sobre suas ações sociais, ambientais e econômicas, e quer dizer produtividade, gerenciamento e controle de imagem/reputação, crescimento econômico e operacional. Entre estes falares e dizeres há uma dimensão simbólica, manifestando o discurso dominante compartilhado, nominado como a *doxa* (BOURDIEU, 2008; 2012).

Considerando a relação entre os falares e os dizeres das narrativas analisadas nos documentos da Samarco, esta seção buscou identificar a dimensão simbólica, a *doxa* sobre sustentabilidade da empresa. A teorização bourdieusiana entende a *doxa*, a partir do conceito de violência simbólica, em que certas práticas são legitimadas, permitindo a incorporação mentalmente de significados e auferindo que os discursos e atitudes dos dominantes sejam aceitos como naturais (BOURDIEU, 1989; 2008; 2012).

Entre as narrativas analisadas, foi possível evidenciar que as enunciações da Samarco sobre a sustentabilidade carregam mensagens enaltecidas para convencer o leitor de que a mesma está incorporada em suas práticas organizacionais. Estas verbalizações contemplam um discurso carregado de articulações simbólicas que exercem um poder de coerção e de crédito naquilo que é proclamado pela empresa, ou seja, são discursos que visam impor um ponto de vista universal no que tange a sustentabilidade. A predominância discursiva sobre a sustentabilidade socioambiental, reúnem temáticas a respeito do relacionamento com a comunidade, com os funcionários, território, natureza e outras ações socioambientais. Estas conjugam-se como um discurso dominante compartilhado difundido pelos canais de comunicação da Samarco, constituindo a *doxa* sobre a sustentabilidade da empresa.

A articulação em construir narrativas que promovem o sentimento de pertencimento da comunidade em relação a Samarco são notadas em trechos que falam sobre o papel ativo da sociedade perante a atuação da empresa. Este posicionamento narrativo busca conquistar a confiança do público, tal como observa-se na seguinte enunciação:

A sociedade é quem manda: a sociedade exigirá uma participação no processo de decisão das empresas, a fim de influenciar e fazer a diferença na estratégia e no plano operacional para garantir valor compartilhado, equidade e uma “licença social” para operar e crescer (SAMARCO, 2012, p. 23).

A construção de narrativas que ressaltam a participação da sociedade nos processos gerenciais e decisórios da empresa, orientam os locutores a crer na existência de que a comunidade detém influência e poder sobre a Samarco. Entretanto, não se passa de uma aparente autoridade dada ao público, mas que na realidade não é concedida. Conforme os pensamentos de Bourdieu (2004), este falso sentimento de pertencimento ao campo é denominado como a *illusio*, que permite ao agente sentir-se parte do jogo devido à dominação instalada por aqueles que ditam e coordenam as regras de funcionamento do jogo, isto é, os detentores de um poder invisível, um poder simbólico que os condecora como dominantes.

Por uso da linguagem nas trocas linguísticas da Samarco, a empresa se esforça para impor seu ponto de vista, isto é, inculcar os resultados de sua produção linguística mediante um discurso transvestido pela simplicidade, transparência e confiabilidade, tal como é citado na seguinte narrativa no discurso do então diretor-presidente Ricardo Vescovi: “por meio da responsabilidade e da transparência que sempre nos propusemos ao gerir o patrimônio outorgado pela sociedade – que consiste nos recursos minerais transformados em valor e em desenvolvimento para todos.” (SAMARCO, 2012, p. 9). A capacidade linguística não implica somente na capacidade de falar, há uma gama de elementos necessários que dependem do funcionamento do mercado linguístico e da dinâmica do *habitus*, como um elemento estruturante estruturado e ao mesmo tempo estruturado estruturante (BOURDIEU, 2004; 2008).

Portanto, o sentimento de uma possível influência, ou a ideia de que a empresa agirá com responsabilidade o patrimônio da sociedade, são discursos que falam aquilo que o público quer escutar. Entende-se que a capacidade linguística da Samarco, busca assegurar seus interesses por meio dos instrumentos estruturados e

estruturantes de comunicação e de conhecimento, onde os sistemas simbólicos cumprem sua função de legitimação da dominação, isto é, “para impor os critérios de apreciação mais favoráveis a seus produtos.” (BOURDIEU 2008, p. 54).

Dotada de um senso prático, ou seja, um senso de orientação a partir de experiências passadas que direcionam certa regularidade ao funcionamento do campo (BOURDIEU, 2009), a Samarco aposta em narrativas carregadas de atributos sociais ao discursar sobre seu relacionamento com a sociedade. São discursos que almejam denotar a empresa como bem-intencionada, associando o termo ‘sustentabilidade’ no conjunto narrativo, tal como a que segue:

Ao longo de toda a história da Samarco, nós nos posicionamos lado a lado com a sociedade, em especial com as comunidades das áreas de influência direta de nosso negócio, e, com diálogo e transparência nas relações, conquistamos a licença social para operar – ativo que ocupa lugar central em nosso Modelo de Sustentabilidade (SAMARCO, 2014, p. 4).

Meses antes do rompimento de Fundão, a Samarco divulgou um vídeo em seu canal no Youtube no qual reforça a *doxa*, apostando em discursos de interlocutores representativos para a comunidade para informar a assinatura de um termo de compromisso com a prefeitura de Mariana para a realização das obras do sistema de abastecimento de água de Bento Rodrigues. O compartilhamento da *doxa* revela a adesão dóxica do Diretor de Operações e Infraestrutura, Kleber Terra, ao expor que:

Quando a gente tem uma capacidade de interlocução com a comunidade, quando a prefeitura se alia a esse princípio maior de trazer riqueza, benefícios para essa comunidade, geração de valor para essa comunidade e a gente consegue trabalhar de forma conjunta, a gente estabelece as bases para o futuro (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015b).

Além deste pronunciamento, no mesmo vídeo, a Samarco traz representantes da comunidade que reforçam a *doxa* da Samarco, tal como é possível notar na seguinte narrativa do Presidente da Associação Comunitária de Bento Rodrigues, José Nascimento, “Nós estamos muito felizes por esse evento que vai ser executada agora, que já está em obra, e a gente fica muito feliz com isso resolvendo o nosso problema e nós só tem a agradecer a Samarco.” (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015b). Prefeito de Mariana do ano de 2015, Celso Cota, também corrobora com o discurso dominante compartilhado de que “São tantas parcerias que estamos caminhando junto a Samarco.” (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015b). A autorização em falar em ocasiões sociais oficiais, é uma “fala autorizada e digna de crédito, ou numa palavra, performativa, que tem a pretensão (com as maiores probabilidades de

sucesso) de ser de fato imitada.” (BOURDIEU, 2008, p. 57). Portanto, entende-se que estes falares representam um discurso performativo ao exhibir representantes que possuem um certo nível de poder e que possam fazer com os que recebem a mensagem a reproduzam.

Outros elementos fundamentais que influem na formulação e percepção do discurso, de maneira que o locutor possa garantir uma validade nos argumentos e discursos emitidos, são associações a respeito do patrimônio social e simbólico do locutor (BOURDIEU 1989; 2008). No caso da Samarco, ela emite enunciações com toda autoridade que a representa, como por exemplo, a ênfase discursiva de sua posição social, ser uma das maiores mineradoras do país, o tempo de atuação no mercado de mineração (há mais de quatro décadas de história). São narrativas carregadas de simbolismo que retratam capitais adquiridos ao longo da história e reverberam o poder simbólico. Tal como é possível observar a construção da narrativa do discurso do diretor-presidente da Samarco, Ricardo Vescovi, para informar sobre os desdobramentos do rompimento de Fundão:

Há 38 anos a Samarco vem praticando os seus três valores, respeito às pessoas, tanto com nossos funcionários quanto os nossos parceiros e comunidades que estão conosco, respeito as pessoas. Integridade, integridade significa transparência, fazer o que é correto de forma honesta, como nesta mobilização, a gente vê mobilização de todos os lados, esse é o efeito dos valores que a Samarco pratica, então há 38 anos a Samarco vem sendo responsável com prefeituras, cidadãos e comunidade. Em um momento tão difícil, tão dramático como esse, nós vamos continuar sendo ainda mais responsáveis. (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015e)

Estas articulações são realizadas por meio da prática, onde a empresa (ora como agente, ora como estrutura) constrói sua estratégia pautando-se em referências subjetivas advindos das particularidades da história, trajetória e *habitus* (BOURDIEU 2004; 2010; 2012). São representações mentais que influem nos atos de percepção e de apreciação, em que os agentes investem seus interesses e conferem a uma pessoa ou instituição, como no caso a Samarco, toda a sua esperança e confiança. Portanto, interpreta-se que, ao movimentar seus capitais mediante as relações de comunicação entre seus ouvintes, as construções narrativas da Samarco revelam sua posição hierárquica conferindo-lhe o poder de dominar.

Mesmo após o rompimento da barragem, a Samarco insistiu em narrativas deste teor, designando-se como uma organização em reconstrução “que precisa dialogar com a sociedade e entender as prioridades e demandas mais

relevantes a partir da voz ativa dos públicos com os quais se relaciona.” (SAMARCO, 2015, p. 19). Por mais que contexto associado ao ecocídio revela valores opostos ao que é proclamado pela organização, a Samarco buscou obstinadamente difundir o discurso dominante, permanecer com a mesma *doxa*, sendo estes incorporados e compartilhados por outros representantes pelo qual a ortodoxia se instala.

Em uma publicação após 20 dias do rompimento da barragem, Ricardo Vescovi reforça sua posição social como o representante oficial da Samarco, isto é, o porta-voz autorizado “que leva à ordem da representação verbal, ou talvez, se é que se pode dizer, teatral” (BOURDIEU, 2001, p. 225). No vídeo, publicado em 25 de novembro de 2015, Vescovi busca persuadir o ouvinte de permanecer com a empresa, de ‘vestir a camisa’ da Samarco neste momento conflituoso. Tanto que, em todo momento o então Diretor-presidente utiliza o pronome em primeira pessoa no plural, para passar a sensação de coletividade, encaminhando o ouvinte para um possível sentimento de solidariedade com os esforços da empresa em virtude do cenário específico. A seguir é possível contemplar a abertura do comunicado:

Olá. Em primeiro lugar eu gostaria de agradecer o seu apoio nesse momento difícil que estamos vivendo, falo isso em nome de toda a Samarco. Nenhuma palavra pode descrever a tristeza que estamos todos sentindo pela dor de cada família que perdeu um parente nessa tragédia. Onde as pessoas perderam suas casas, os moradores das cidades atingidos pela falta de água, dos ribeirinhos e pescadores afetados, do impacto no meio ambiente do nosso Rio Doce. Apesar de toda essa tristeza, os últimos dias têm sido de muito trabalho para todos nós. Desde o primeiro minuto, estamos mobilizados com centenas de empregados da Samarco trabalhando em inúmeras frentes. Inclusive como voluntários mostrando sua solidariedade. Por isso, eu quero agradecer a você novamente (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015g).

Em seguida, Vescovi procede como o guardião da ordem simbólica, que “conquiste em tentar restaurar, no modo explícito da orto-doxia, as evidências primitivas da *doxa*” (BOURDIEU; 2001, p. 229). Nesta narrativa, o Diretor-presidente insiste em elevar a imagem e reputação da Samarco, mesmo com todos os indícios indicando o inverso. A função de guardião da ordem simbólica, de sustentar a adesão dóxica (BOURDIEU; 2001) a respeito do desempenho da Samarco às demandas impostas pela crise resultante do contexto do ecocídio, pode ser notada na seguinte narrativa:

E aproveito esse momento para reafirmar o compromisso, nós faremos o que for preciso para buscar soluções e mitigar os impactos sociais e ambientais desse acidente. [...] São inúmeros exemplos que só reforçam o orgulho, o orgulho que temos dessa empresa e dos empregados que fazem a Samarco ser o que é. [...] nós vamos seguir em frente, porquê nossas ações são guiadas pelos nossos valores. O valor do respeito às pessoas, que se vê na solidariedade às famílias afetadas pelo acidente e na maneira que estamos

prestando todo tipo de assistência à comunidade (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015g).

E para finalizar a mensagem, Vescovi promove o incentivo e a manutenção do compartilhamento do discurso dominante. Entende-se que o trabalho simbólico da mensagem mobiliza as demais formas de capitais, unindo instrumentos de expressão e representação nas quais estão fundadas o reconhecimento que permite aos dominados exprimir certa afinidade e encantamento pelas palavras emitidas, realizada “por intermédio da familiarização com um mundo físico simbolicamente estruturado e por meio da experiência precoce e prolongada de interações animadas pelas estruturas de dominação” (BOURDIEU; 2001, p. 205). Dito isso, fundado pelo poder simbólico, o poder de operar as palavras, Vescovi encerra seu discurso com a seguinte narrativa:

Temos um novo momento à nossa frente, um momento de reconstrução e de recuperação. Inclusive de recuperação da confiança das pessoas e da sociedade na Samarco. A nossa vontade e a nossa capacidade de buscar solução juntos, unidos, farão dessa jornada valer a pena. Nós vamos seguir em frente, fazendo o que é certo. Esse é o compromisso da Samarco e para cumpri-lo conto com você. Um forte abraço (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015g).

Este vídeo foi o último pronunciamento de Ricardo Vescovi, aliás, após esta publicação notou-se uma alteração na conduta discursiva da Samarco. Até o momento os porta-vozes da Samarco reunia o grupo da alta gestão, estes eram os representantes autorizados a falar publicamente pela empresa. Esta mudança foi notada devido o acréscimo de vídeos publicados pela empresa em seu canal do Youtube com a participação da população da Área de Influência Direta e alguns empregados ao comunicar as ações socioambientais, e conseqüentemente, sem ao menos perceber, disseminar a *doxa*. A alteração representativa dos porta-vozes foi interpretada como uma tentativa de a Samarco isentar-se de comunicar sua responsabilidade perante o ecocídio, afinal ao retirar os principais encarregados pelas práticas da empresa, diminuem os questionamentos diretos a eles.

Este posicionamento narrativo também foi notado quando a empresa constitui a Fundação Renova, pois, ao transferir as informações sobre o rompimento de Fundão para a fundação, a Samarco se isenta do ato de comunicar as ações de reparação e compensação das regiões impactadas. Entretanto, a Samarco, disseminando sua *doxa*, compartilha o discurso sob a ênfase de união com a

sociedade e da inserção da mesma nas decisões, tal como observa-se na seguinte narrativa enunciada na página do Facebook da empresa:

A Fundação Renova lançou ontem, 18/09, uma plataforma digital de conteúdo, chamada “Juntos no caminho da reparação” [...]. Não se trata de uma narrativa da fundação e sim de todo o processo, visto por vários ângulos, inclusive dos próprios impactados pelo rompimento de Fundão (Facebook; 2018).

Ao delegar o poder discursivo para a população da região impactada e empregados, a Samarco publicou 15 vídeos no Youtube e Facebook denominados como “Ações Humanitárias Samarco” e “Ações Ambientais Samarco”, lançando o seguinte slogan: “É sempre bom olhar para todos os lados.” (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015j). Dentre estas publicações, a Samarco aposta em um projeto titulado como “Janeiro Cultural”, foram três vídeos exibindo a comunidade em programas relacionados ao lazer, como curso de maquiagem, colônia de férias e cinema ao ar livre. Além disso, ciente de que a imagem, reputação e confiança da empresa foi abalada em razão da extensão dos danos provocados pelo rompimento de Fundão, a Samarco propagou discursos a fim de engradecer suas ações socioambientais, tal como é possível observar na seguinte enunciação do Engenheiro de Processo, Geraldo Pereira:

Essa união de todos, essa solidariedade ela é muito bonita e ela faz a diferença, ela faz a gente dar a volta por cima de tudo isso. Eu acredito que nós juntos, trabalhando de forma efetiva, arregaçando as mangas, indo para frente de trabalho, nós podemos fazer a diferença independente do que estão dizendo aí fora. O trabalho, a solidariedade, isso sim faz a diferença (SAMARCO MINERAÇÃO, 2016c).

Nota-se também nesta narrativa a tentativa da Samarco em evidenciar uma realidade diferente do que é proclamado por canais externos de comunicação. No vídeo informativo sobre a recuperação do Rio Doce, a empresa insere, estrategicamente, o morador e pescador Zé de Sabino para narrar sua história de vida e a sua relação com a Samarco. O pescador relata que após o rompimento de Fundão começou a trabalhar com a Samarco no monitoramento da água, e mesmo com o vídeo mostrando uma água barrenta, totalmente marrom, ele declara: “moro aqui há cinquenta anos e não tem nenhum tipo de poluição na água porquê os peixes estão todos vivos por aí, eu vejo todos os dias os peixes pulando no meio do rio [...] então no momento não é de preocupar com relação à água e os peixes que ainda tem aqui.” (SAMARCO MINERAÇÃO, 2016d). E para finalizar o vídeo, o poder simbólico

da Samarco invade as estruturas do discurso, submetendo-se a incorporação do discurso dominante compartilhado, Zé anuncia:

Estamos dispostos a ajudar até o final e dizer que não existem coisas ruins dessa forma que o pessoal está dizendo aí, tem que estar mais perto da gente para se informar com pessoas que tem conhecimento da situação para depois então divulgar. A Samarco tá aqui 24hs com a gente. (SAMARCO MINERAÇÃO, 2016d).

Tal pronunciamento revela a adesão dóxica ao discurso dominante, ao permitir que o pescador Zé Sabino discursse em prol da Samarco “ele recebe o direito de falar e de agir em nome do grupo, de “se tomar pelo” grupo que ele encarna, de se identificar com a função à qual ele se entrega de corpo e alma” (BOURDIEU, 2008, p. 83). Para melhor entender como as formas simbólicas funcionam Bourdieu explica que:

Os ‘sistemas simbólicos’, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder Simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, ‘uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências. (BOURDIEU; 1989, p. 9)

Transpondo para esta análise, a Samarco busca estruturar uma sociedade, ou pelo menos o seu público de interesse, utilizando-se do discurso como um instrumento de dominação ao impor o seu ponto de vista à classe dominada. E quando esta comunidade (já estruturada e dominada pelo discurso dominante) reproduz o discurso dominante compartilhado, a *doxa*, ela está estruturando outros indivíduos com o poder dos sistemas simbólicos. Compreende-se então que adoção do estilo dominante contribui para assegurar a “domesticação dos dominados”, isto é, de garantir a dominação de uma classe sobre a outra (BOURDIEU, 1989).

Outra enunciação que se sobressai neste conjunto de publicações das ‘Ações Humanitárias Samarco’ é a do Alexandre de Oliveira, Mecânico da Usina II. Após o rompimento de Fundão, Alexandre faz parte da equipe de montagem e entrega das casas, e sua adesão dóxica pode ser contemplada na seguinte afirmação:

É bom fazer valer a parte que a Samarco fala ‘família Samarco’. Porque família tem que estar unida em todos os sentidos. É um momento difícil que a gente está passando, mas a gente vai vencer, porque nós somos uma família e vamos demonstrar o nosso valor. O pensamento hoje da empresa é priorizar as famílias que tiveram seus entes queridos perdidos e que foram afetadas pela lama, por essa tragédia. Então nós estamos falando a mesma

língua. E o meu trabalho e visão da empresa, não é um trabalho único, é geral. Porque ela mobilizou várias pessoas que estão empenhadas nessa mesma luta. Então é uma questão de família mesmo (SAMARCO MINERAÇÃO, 2016e).

Tal posicionamento acima congrega as temáticas de união, de vínculo com a comunidade e empregados, que há uma harmonia nos interesses entre a Samarco e o público afetado. E para instalar o crédito desta mensagem, a empresa compõe o discurso trazendo a figura representativa da família, uma concepção carregada de sistemas simbólicos para se fazer convincente o discurso de união, e até mesmo, perdão. A violência simbólica como a condutora para incorporação da *doxa*, se faz presente em discursos particulares que tendem a se apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo (BOURDIEU, 1989). Sendo assim, o compartilhamento desta mensagem revela uma violência simbólica, onde o locutor não possui o poder em razão da autoridade concedida de discursar publicamente pela Samarco, deixando evidente o desconhecimento da violência sofrida.

Com este conjunto de vídeos, fazendo alusão às manchas de lama provocadas pelo ecocídio, a Samarco moveu esforços comunicativos para limpar, ou pelo menos amenizar sua reputação a fim de inculcar o convencimento ao leitor a respeito de suas boas intenções. Entretanto, algumas enunciações colidem diretamente com a *doxa* protegida da empresa e defendida pelos ortodoxos. Este desalinhamento é manifestado no pronunciamento do Hilcker Damasceno, Analista de Materiais da Samarco. Ele adere uma postura diferente de seus companheiros de empresa, adotando uma expressão e tom de voz de tristeza com o ocorrido e ainda relata o percurso destrutivo da lama na região de Barra Longa, expondo as perdas da comunidade. Tal postura fez-se presente no início do vídeo com a seguinte enunciação: “a gente imagina como é que foi né, a lama chegando aqui, passando por tudo, é um pouco até triste né, você ver isso de perto, mas a gente tá empenhado em recuperar esse rio, em recuperar a estrutura da cidade e fazer tudo voltar ao normal.” (SAMARCO MINERAÇÃO, 2016f).

Nesta fala Damasceno se afasta da postura positiva da empresa, seu comportamento transparece consternação com a situação ali presente, não aparenta estar confortável com o cenário da tal tragédia (termo enfatizado pela Samarco para referir-se ao rompimento da barragem). Entretanto, como um dos porta-vozes eleitos pela Samarco, o poder simbólico invade suas estruturas e ele redireciona seu discurso

para a *doxa*, porém com uma certa distorção com o discurso dominante compartilhado:

A gente se sentia na obrigação de ajudar por ser a Samarco, por ter a Samarco, mais como uma empresa, mais um local da nossa vida né, faz parte da nossa vida. Então a gente se sentia responsável. [...] a gente foi com o intuito de ajudar, se sentindo corresponsável por tudo. [...] a gente tá aprendendo a lidar mais com as pessoas. (SAMARCO MINERAÇÃO, 2016f).

Ao enunciar uma certa responsabilidade da Samarco com o rompimento da barragem, em afirmar que após o ocorrido os empregados estão mais próximos da comunidade, são enunciações que podem ser interpretadas como uma possível incitação heterodoxa (Bourdieu, 1989; 2001). Outro discurso que revela uma realidade diferente com o que era discursado pela Samarco, foi o da Analista de Recursos Humanos, Fernanda Pires, ao pronunciar que

A gente está aprendendo muito neste sentido, porque a gente não aprendeu a dar ou a prestar assistência, a gente tem aprendido muito e aprendido a se colocar no lugar do outro. A gente tem feito um esforço enorme, mas ainda é muito pouco frente ao que essas pessoas passaram. [...] a gente realmente não esperava que algo desse tipo pudesse acontecer, e pudesse acontecer com a gente, a gente tem tentado se tornar pessoas diferentes, aqui acho que a gente tem muito a aproveitar desse aprendizado pra gente levar para a nova Samarco que vai surgir agora (SAMARCO MINERAÇÃO, 2016g).

Tal afirmação revela o despreparo da Samarco para situações emergenciais, e ainda manifesta a falha da empresa em não condicionar seus empregados para uma possível necessidade de assistência social. Não obstante, sua colocação demonstra que as iniciativas da empresa não suprem 'o que essas pessoas passaram', sugerindo que as ações humanitárias da Samarco não são suficientes diante da magnitude dos danos à sociedade. Este pronunciamento abre espaço para um questionamento da *doxa*, e que caso tenham mais adesão no campo discursivo, poderá tornar-se uma heterodoxia (BOURDIEU, 1989; 2001).

Outra publicação deste conjunto de vídeos foi o pronunciamento de Luisa Nunes, engenheira de processo do porto da Samarco. Seu discurso começa com uma adesão dóxica ao discurso dominante da empresa, porém, ao encerrar sua fala nota-se um certo desvio com o posicionamento da Samarco a respeito da responsabilidade do rompimento de Fundão e seus danos na sociedade. Esta postura fez-se presente na seguinte enunciação:

A gente tá crescendo agora para fazer um trabalho melhor de comunicação, para mostrar para as pessoas, para a sociedade o que nós estamos fazendo. Quem conhece a Samarco, não só quem conhece a Samarco, quem é funcionário, quem tem um relacionamento com a empresa, sabe que é a nossa postura mesmo, resolver o problema. Todo mundo é muito proativo e

mesmo assim, numa situação que querendo ou não é muito preocupante né, não só socialmente e em termos ambientais, mas até profissionalmente, todo mundo vestiu a camisa e tá fazendo o possível para tentar minimizar os danos que a gente causou. (SAMARCO MINERAÇÃO, 2016b).

A Samarco buscou isentar-se em comunicar a responsabilidade pelo ecocídio ocorrido em Minas Gerais, e a manifestação pública de Nunes não coincide com o posicionamento da empresa. Em outro momento que também ocorre esta situação foi na coletiva de imprensa realizada treze dias após o rompimento da barragem de Fundão. Kleber Terra, Diretor de Operações e Infraestrutura, como representante da Samarco foi questionado por um jornalista se a empresa pedirá desculpas pelo ocorrido, pois até o momento não houve um posicionamento oficial para a população, e sua resposta foi a seguinte:

A gente tem um evento trágico, a Samarco também está envolvida nesse evento trágico, a gente está muito solidário e muito sofrido com tudo que aconteceu, nós também somos funcionários orgulhosos dessa empresa. Então assim, não acho que seja o caso de desculpas, acho que é o caso de a gente verificar claramente o que aconteceu, e eu acho que assim, nós somos parte de um processo que está muito sofrido para todo mundo. A Samarco está fazendo o seu melhor esforço, seu melhor esforço, para diminuir ao máximo o impacto que a gente causou na vida das pessoas com esse trágico evento. (SAMARCO MINERAÇÃO, 2015d).

Seu pronunciamento também se inicia com a adesão à *doxa*, contudo ao admitir que a empresa está se esforçando para diminuir os impactos que causou na vida das pessoas, esta fala pode ser interpretada como uma incitação heterodoxa (BOURDIEU, 1989; 2001). O comportamento discursivo de Luisa Nunes e Kleber Terra podem ser apreendidos por defensores da ortodoxia, partilhando a adesão da mesma *doxa* entre os outros porta-vozes da empresa, contudo há uma espécie de opinião heterodoxa que se revela de algum modo à abertura para discussão e questionamentos.

A representação dos porta-vozes da Samarco em seus vídeos revela uma dominação simbólica, pois, ao serem escolhidos por falarem pela empresa ocorre um ato de submissão, de obediência, de reconhecimento, que mobiliza as estruturas cognitivas capazes de serem aplicadas nas relações de comunicação, produzindo o “efeito da incorporação “automática” das estruturas sociais” (BOURDIEU, 2001, p. 209). Após a nomeação, a seleção destes falantes, estes estão aptos a inculcar, de maneira universal, um princípio comum de visão e divisão, constituindo-se um senso de conformismo lógico, conformismo moral (BOURDIEU, 1989; 2001; 2008). Tal dominação ao se incorporar se reveste de um otimismo forçado, um voluntarismo

heroico, poder capaz de descartar as constatações realistas, levando seus crentes a uma cegueira coletiva.

Após este conjunto de publicações em seu canal do Youtube, a Samarco altera a construção de seus vídeos. A empresa adota uma postura mais séria e formal, afastando-se da caracterização das publicações anteriores. A mudança no padrão narrativo foi vista na edição do vídeo “1ª Fase da revegetação: saiba como está sendo feita a ação – Samarco” (SAMARCO MINERAÇÃO, 2016a), decidindo por não inserir música, pessoas ou qualquer outro som. Notou-se essa alteração comunicativa em vídeos que retratam a reconstrução dos danos nas comunidades, em que a Samarco só apresenta textos explicativos a respeito do conteúdo, como foi o caso do vídeo titulado como “Barra Longa recebe a nova praça Manoel Lino Mol” (SAMARCO MINERAÇÃO, 2016i). A decisão de afastar os porta-vozes, da inserção da representação humana na construção das narrativas em vídeos da Samarco, é interpretada como uma maneira de garantir um discurso mais estruturado, menos propenso a desvios que culminem a possíveis descrenças e dúvidas daquilo que é proferido pelo discurso dominante compartilhado da empresa.

Tendo em vista esta mudança, os próximos diretores-presidentes da Samarco, Roberto Carvalho e Rodrigo Vilela, não foram inseridos em vídeos no canal da empresa, somente apresentaram suas falas nos relatórios de sustentabilidade. Tal como é possível notar a adesão dóxica ao discurso dominante na enunciação do novo Diretor-presidente, Rodrigo Alvarenga Vilela, contemplada na seguinte afirmação no relatório de 2017: “Assumi a liderança da Samarco com o desafio de, após dois anos de incerteza e de um intenso trabalho de diálogo com comunidades, poder público e sociedade, envolver nossos empregados e repensar a Samarco do futuro.” (SAMARCO, 2017, p. 6). As narrativas de Vilela, durante o período analisado, nos relatórios de 2017 e 2018-2019 foram ortodoxas. Para anunciar os projetos e atividades da empresa, o diretor enunciou manter as ações sociais e realizar um programa de diálogo com os seus empregados, comunidades e parceiros.

Nestas e em outras narrativas, Vilela reforçou a importância de resgatar e reconstruir a confiança para uma retomada gradual das atividades e da capacidade produtiva da Samarco. Tal posicionamento é exemplificado na enunciação exposta em sequência:

Diálogo, transparência e relacionamento são as premissas que têm pautado uma ampla reflexão sobre o momento que a empresa passa e o caminho a

ser percorrido. A estruturação de uma Nova Jornada Samarco teve como base o repensar da sua Missão como organização, da visão que a Empresa precisa perseguir e de seus Valores, definindo claramente as diretrizes que que passam a orientar os nossos comportamentos para os processos de mudança que precisamos implementar (SAMARCO 2017, p. 6).

Incorporando a função dos guardiões da ordem simbólica, Vilela representa a ortodoxia, pois seus pronunciamentos buscam insistentemente manter e restaurar a *doxa* (BOURDIEU, 2001; 2008). Interpreta-se que uma das estratégias narrativas para perpetuar a *doxa* foi com a propagação da seguinte frase em diversos canais e tópicos de comunicação: “Mineração diferente e sustentável”. Podendo ser considerada um *slogan*, uma frase curta de fácil memorização, essa frase foi empregada com frequência no relatório bienal de 2018-2019 e site. Na seção “Palavra do Presidente”, Vilela inicia seu discurso ortodóxico trazendo esta frase na construção de sua narrativa, tal como é possível observar abaixo:

Na Samarco, definimos que fazer uma mineração diferente e sustentável, capaz de gerar resultados e construir valor para a sociedade, é um caminho sem volta para a Empresa. Este é o modo como nos enxergamos neste mundo e a forma como queremos operar, em bases mais seguras, buscando evoluir na reconstrução de nossas relações com a sociedade (SAMARCO, 2019, p. 6).

Ele ainda complementa convidando a sociedade para fazer parte dessa nova jornada da empresa, que com os aprendizados adquiridos após o rompimento da barragem, há uma nova revisão nos procedimentos e padrões de segurança, processo este que contou com a colaboração de seus empregados e líderes. Ciente de que “toda fala é produzida para e pelo mercado ao qual ela deve sua existência e suas propriedades mais específicas” (BOURDIEU, 2008, p. 4), o discurso da Samarco conjuga os elementos favoráveis a aceitabilidade, portanto, estas falas buscam (re)conquistar a crença/confiança da sociedade. Esta admissão fica exposta ao afirmar que:

Mais que um discurso estratégico, esse é um posicionamento claro da Empresa quanto à sua razão de ser e ao papel de cada empregado nesse processo, buscando conectar-se mais claramente aos públicos de relacionamento e demonstrar as razões da existência do negócio no longo prazo (SAMARCO, 2019, p. 25).

Diante da ênfase discursiva a respeito da busca por melhorar e aprofundar o relacionamento com a sociedade, a Samarco cria condições de uma orquestração entre seus canais de comunicação para fundar um consenso sobre esse conjunto de narrativas compartilhadas, capazes de se tornarem um discurso dominante compartilhado naturalizado e incorporado em seus agentes. Além disso,

houve uma intensificação de narrativas para comunicar que a empresa, em suas palavras, amadureceu, aprendeu, renovou suas práticas, são discursos para findar o sentimento que de fato ocorreu uma mudança nas ações no que tange a sustentabilidade. Tanto que na seção “Gestão da Sustentabilidade” do relatório bienal de 2018-2019 é apresentado a seguinte narrativa: “o amadurecimento e a construção de um compromisso próprio quanto à sustentabilidade fizeram parte da trajetória da Samarco nas últimas décadas.” (SAMARCO, 2019, p. 31).

Entretanto, ainda que os esforços discursivos da Samarco para inculcar o crédito de suas práticas de mineração estão diferentes e sustentáveis, nota-se que no período analisado não houveram mudanças substanciais nas narrativas proclamadas sobre sustentabilidade da Samarco. Tanto antes quanto depois do rompimento da barragem de Fundão, a empresa construiu seu discurso alicerçado em temáticas que envolvem o compromisso socioambiental, como por exemplo: gerar valor para ambas as partes; construir um relacionamento próximo com o seu público; conquistar a confiança do público da área de influência direta.

Dentre estes assuntos socioambientais, após o rompimento da barragem em 2015, foi acrescido no discurso da sustentabilidade na Samarco as temáticas sobre: transformação, aprendizado, mineração diferente e sustentável. Tal comportamento pode ser contemplado na construção da narrativa “Nosso Manifesto”, divulgado no relatório bienal de 2018-2019 e no vídeo titulado como “É preciso fazer diferente”:

Reconhecer é o primeiro passo para recomeçar. Reconhecer que a mineração de hoje precisa evoluir muito. E que, principalmente, é preciso fazer diferente. Pensar novas soluções. Acreditar em novas ideias. Entender as mudanças do setor, os desejos e as necessidades de todos os envolvidos. E assim, fazermos a diferença. Desenvolver novos padrões de segurança nas operações. Trabalhar pela recuperação da economia de toda uma região. Estarmos ainda mais próximos das comunidades que atuamos. Porque não dá para repensar a mineração sem pensar nas pessoas e no meio ambiente, no respeito, na integridade e, principalmente, na segurança. Isso que nos faz promover uma mudança significativa em nossa empresa. Um verdadeiro recomeço marcado pela transparência, diálogo e inovação. Só assim, e com uma gestão ampla e eficiente de riscos poderemos transformar recursos minerais em valor para a sociedade. É um caminho fácil? Não. Mas é um novo caminho e é nele que a gente segue. Com os pés no chão, um passo de cada vez. Afinal, mais que avançar, é preciso fazer diferente. (SAMARCO MINERAÇÃO, 2019a).

A construção desta narrativa compôs um interesse em instituir uma nova empresa, em comunicar uma nova sustentabilidade, motivo pelo qual há um predomínio de enunciações pautadas pela preocupação com as pessoas e com o

meio ambiente. Por trás deste suposto cuidado e das declarações de aprendizado e transformação, existe a tentativa de institucionalizar o poder da crença, do convencimento sobre aquilo que é dito a respeito da sustentabilidade. Bourdieu (1989; 2011) explica que para o ato simbólico transmitido pelas enunciações tenha a sua eficácia mágica, é necessária uma movimentação invisível, mas que produza naqueles submetidos, as disposições necessárias para existir a sensação de ter de obedecer sem sequer perceber, e tampouco questionar.

Aqueles que padecem da eficácia simbólica da fala, são capazes de creditar, desencadear reações e estados emocionais em prol do locutor, e este poder simbólico pode ser notado no momento em que a Samarco comunica, estrategicamente, que “a população de Mariana já indicou que quer o retorno da atividade de mineração na cidade.” (SAMARCO, 2016b, p. 67). Este processo de desmemória é explicado por Bourdieu (2014, p. 173) como uma “amnésia da própria gênese”, que nasce do fato de estar acostumado com as dominações sofridas, é um processo “totalmente inconsciente, de tal forma que uma coisa muito arbitrária é esquecida como tal”. Sendo assim, interpreta-se que o campo discursivo da sustentabilidade da Samarco se encontra em estado de autonomização, isto é, a *doxa* disseminada pela empresa continua sendo aceita com naturalidade pelos dominados, perpetuando a dominação e o exercício da violência simbólica.

O esforço comunicativo para gerar o reconhecimento e convencimento de que há a sociedade participa das decisões, de que há ganhos mútuos para a comunidade, que há uma geração de valor para a sociedade, dentre outras narrativas que dissipam as ações socioambientais da Samarco compõe a *doxa* sobre sustentabilidade da empresa. Estas enunciações fortalecem e protegem um discurso dominante compartilhado, que sentencia, naqueles que se submetem à *doxa*, um conformismo social, uma desmemória dos crimes cometidos à toda sociedade.

Neste capítulo foram apresentadas as análises de dados a partir dos documentos acessados da Samarco. A construção desta análise teve seus princípios norteadores os objetivos específicos e as orientações temáticas definidas para esta pesquisa. O próximo capítulo corresponde às considerações finais, reunindo os principais assuntos relevantes do que foi analisado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação foi desenvolvida com o objetivo geral de compreender o que a Samarco Mineração S.A. quer dizer quando fala sobre sustentabilidade. Para tanto, foram elencados os seguintes objetivos específicos: Descrever a construção narrativa da sustentabilidade na Samarco Mineração S.A.; Interpretar a construção narrativa da sustentabilidade na Samarco Mineração S.A.; Elucidar as enunciações objetivas de sustentabilidade promulgadas pela Samarco

Mineração S.A.; Desvelar os aspectos subjetivos das narrativas emitidas pela Samarco Mineração S.A a respeito da sustentabilidade.; Identificar a dimensão simbólica, a *doxa*, sobre sustentabilidade da empresa.

O primeiro objetivo específico foi alcançado por meio do capítulo teórico que corresponde sobre os aspectos conceituais sobre sustentabilidade e suas implicações no que tange as organizações e a narrativa. Por meio da leitura dos dados coletados e com o apoio dos fundamentos teóricos, foi realizado a descrição da construção narrativa da sustentabilidade na Samarco, apresentando as principais ênfases narrativas e as temáticas que se sobressaíram a respeito da sustentabilidade, dentro do período analisado. Constatou-se que, antes do ecocídio ocorrido na cidade de Mariana, a Samarco construiu sua narrativa de sustentabilidade atrelada nas temáticas: econômica, produtiva, gerencial e tecnológica. E após o rompimento da barragem de Fundão, um contexto social que colocou a prova a sustentabilidade comunicada pela empresa, a Samarco modificou a construção de suas narrativas sobre sustentabilidade. A empresa deu ênfase para narrativas que comunicavam uma transformação, uma ressignificação de suas práticas organizacionais, principalmente no que concerne a segurança e bem-estar da sociedade. Portanto, as narrativas de sustentabilidade construídas pela Samarco foram descritas como uma tentativa em comunicar uma nova trajetória da empresa, empregando, principalmente, as seguintes narrativas: Nova Jornada Samarco e Mineração Diferente e Sustentável.

Diante da descrição da construção narrativa da sustentabilidade na Samarco, encaminhou-se para responder o segundo objetivo específico, interpretar a construção narrativa da sustentabilidade na empresa. Para isso, foi necessário acessar os fundamentos teóricos apresentados no capítulo de narrativas, especialmente os construtos de Walter Fisher (1984; 1989) para avaliar a coerência e a fidelidade narrativa da sustentabilidade na Samarco. Nesta pesquisa, as narrativas foram compreendidas como modos de comunicação e de interação social, por meio dos quais é possível conferir sentido à ação social que se ocorre na realidade (CZARNIAWSKA, 1995; FISHER, 1987, 1989; GABRIEL, 2004). Por conferirem significado, as narrativas permitem entender os fatos, vinculá-los a significados, compreender como foram construídas e até mesmo contestá-las (FISHER, 1987, 1989; GABRIEL, 2004). Portanto, as narrativas emitidas sobre sustentabilidade pela

Samarco foram testadas à luz dos elementos que inferem na fidelidade e coerência (estrutural, material e caracterológica) narrativa (FISHER, 1987; 1989).

Diante dessa explicação, observou-se nos materiais e documentos acessados elementos que afetam a fidelidade e a coerência estrutural, material e caracterológica, isto é, elementos que organizam e estruturam a estória e conduzem ao leitor o sentido, ou ausência, de credibilidade e confiabilidade das narrativas emitidas pela Samarco sobre sustentabilidade. Por meio de uma análise dinâmica e relacional, foi possível acessar fragilidades nas narrativas emitidas pela Samarco, revelando a ausência de informações relevantes e consistentes para ‘amarrar’ a estória da sustentabilidade na empresa.

Além disso, no decorrer do tópico 4.2, a empresa insere a palavra ‘sustentabilidade’ para anunciar seu aprendizado e transformação, com o intuito de se dissociar do ecocídio assistido em Minas Gerais e de todos os danos causados na sociedade de maneira geral. Por fim, interpretou-se que a construção narrativa da sustentabilidade na Samarco não apresenta princípios claros e concretos para indicar e comunicar a sustentabilidade na empresa, utilizando-se do termo e de suas variantes de maneira vaga em seus principais meios de comunicação com o público.

O terceiro e quarto objetivos específicos, focalizados em elucidar as enunciações objetivas de sustentabilidade promulgadas pela Samarco e desvelar os aspectos subjetivos das narrativas emitidas pela empresa sobre sustentabilidade, foram respondidos concomitantemente em um só tópico. O desenvolvimento analítico construído no decorrer desta seção teve como aporte teórico, o pensamento bourdieusiano, especialmente suas contribuições no que se refere as trocas linguísticas.

Nesta seção, foi realizada uma análise reflexiva do material coletado, com o intuito de propiciar reflexões e interpretações sobre o que foi falado e o que foi dito pela Samarco sobre sustentabilidade. No que se refere a linguagem, esta pesquisa definiu que, o falar compreende a sua externalização objetiva, já o dizer contempla a sua complexidade subjetiva. A análise de narrativas proporcionou o entendimento que quando a Samarco fala sobre sustentabilidade, a empresa exprime enunciações objetivas sobre suas ações sociais, ambientais e econômicas e, quer dizer, produtividade, gerenciamento e controle de imagem/reputação, crescimento econômico e operacional. A sociologia bourdieusiana permitiu evidenciar os aspectos

subjetivos do que é falado sobre sustentabilidade na Samarco. Ademais, foi possível revelar que a sustentabilidade é inserida nas narrativas para assegurar o sentimento de aceitabilidade, uma espécie de moeda de crédito entre o locutor e o receptor das mensagens enunciadas pela empresa, sejam elas em formato oral ou escrita.

Em relação ao último objetivo específico, foi identificado a dimensão simbólica, a *doxa*, sobre sustentabilidade da empresa a partir das interpretações alcançadas pela seção anterior. Uma vez que, entre o falar e o dizer está uma linguagem dotada de sentido, um discurso dominante compartilhado. A cautela e o empenho comunicativo da Samarco em transmitir nas narrativas o seu 'bom' relacionamento com a sociedade, como suas práticas organizacionais geram valor e ganhos mútuos para a comunidade, dentre outras declarações que buscam engrandecer as ações socioambientais da Samarco foram identificadas como este discurso dominante compartilhado, isto é, a *doxa* sobre sustentabilidade da empresa.

Após o rompimento das barragens em Mariana (MG), a Samarco intensificou suas narrativas a respeito da segurança, proteção à vida, cuidado com as pessoas e meio ambiente. Além disso, a Samarco procurou transmitir por meio de sua linguagem, uma transformação nas práticas organizacionais, lançando frases de efeito, como: a nova jornada Samarco e de uma mineração diferente e sustentável. No entanto, durante a análise foi verificado que não ocorreu uma mudança substancial na construção das narrativas proclamadas pela empresa. Tanto antes quanto depois do rompimento das barragens em Mariana, o conteúdo, as temáticas são basicamente as mesmas, o sentimento é de que 'falou, falou, mas não disse nada'. Tendo como base nesse dito popular, a construção da sustentabilidade na Samarco é compreendida como superficial, um discurso meramente comercial que assume o interesse de crescimento (econômico e produtivo), lucro contínuo e sobrevivência organizacional.

As ênfases discursivas da Samarco que anunciam as suas ações socioambientais estão revestidas por um poder discursivo simbólico no qual é ocultado a sua intenção factual, o seu verdadeiro funcionamento de controlar os sentidos e induzir significados para benefício próprio, pois assim, não aparece ser um exercício legítimo de poder. A construção das narrativas sobre sustentabilidade é constitutiva da relação de força simbólica, tornando-se objeto de manipulação quando

introduz falas demasiadas, engrandecem as ações socioambientais e utilizam-se de expressões inclusões, como por exemplo, “somos a família Samarco”.

Estas enunciações revelam as estratégias de manipulação da empresa, visto que são narrativas tocadas, previamente montadas para convencer o receptor da mensagem. A concordância com a comunicação da empresa faz com que os convertidos à *doxa*, padeçam, simbolicamente, de um comportamento passivo diante de um cenário destrutivo vivenciado nas regiões de Minas Gerais, relativizando e fortalecendo o discurso dominante da Samarco sobre sustentabilidade. No decorrer da análise de narrativas foi possível perceber que as narrativas orais, presentes nos vídeos, apresentaram uma espontaneidade sobressalente às narrativas escritas nos relatórios de sustentabilidade e no próprio site institucional.

Dito isso, algumas interpretações foram colocadas em jogo, por um documento ter um protocolo a ser seguido, certas construções narrativas podem ter sido previamente roteirizadas a fim de se encaixar nas diretrizes de um mercado linguístico na qual a Samarco deseja pertencer. Por conta dos vídeos, que até podem seguir um roteiro estruturado, constatou-se nas falas das pessoas elencadas pela Samarco como porta-vozes da empresa, desde funcionários de alto escalão de empresas, como moradores da comunidade, são agentes que detêm um *habitus* incorporado, o qual carregam sentimentos, experiências e vivências que influenciam na sua capacidade de improvisação. Com esse comportamento, no que diz respeito do posicionamento comunicativo da empresa sobre sustentabilidade, foram percebidas ressalvas e fragilidades nas narrativas da Samarco.

À nível teórico, enquanto argumento de pesquisa, a sustentabilidade como construção narrativa, verificou-se a partir das narrativas emitidas pela Samarco o anseio em promulgar a sustentabilidade a fim de promover o sentimento de reconhecimento e crédito daquilo que é discursado pela empresa em seus receptores. Verificou-se que quando a Samarco constrói narrativas objetivas sobre sustentabilidade, são manifestados aspectos subjetivos e simbólicos que se diferenciam com aquilo que é falado, e praticado na realidade. Além disso, a empresa deseja alcançar um nível de aceitação, com o intuito de naturalizar seu discurso para manter a dominação e manutenção do poder perante seu público de interesse, mesmo que o cenário provocado pelo crime ambiental seja antagônico a isso. Com isso, considerando o objetivo geral, foi compreendido que a Samarco Mineração S.A. quer

dizer produtividade, gerenciamento e controle de imagem/reputação, crescimento econômico e operacional, quando fala sobre sustentabilidade. Isto é, o seu falar, as enunciações objetivas promulgadas pela empresa, diferem do seu dizer.

Para pesquisas futuras, sugere-se um complemento dos documentos coletados, com um possível acesso às narrativas complementares, com entrevistas semi-estruturadas com a comunidade, empregados e outros representantes da área de influência da Samarco. Também se recomenda uma análise de outras fontes midiáticas, tanto orais quanto escritas, com o intuito de compreender quais são os falares e os dizeres a título de comparação com que a empresa proclama. Além disso, outro estudo interessante seria em entender as disposições e estruturas que regem o mercado linguístico de empresas que levantam a bandeira discursiva sobre sustentabilidade. Como essa dissertação buscou compreender o falar e o dizer em narrativas sobre sustentabilidade, sugere-se essa análise das narrativas da Samarco por outro conjunto de conceitos bourdieusianos.

REFERÊNCIAS

AKTOUF, O. Management and theories of organizations in the 1990s: Toward a critical radical humanism?. **Academy of Management Review**, v. 17, n. 3, p. 407-431, 1992.

BANERJEE, S. B. Who sustains whose development? Sustainable development and reinvention of nature. **Organization Studies**, v.24, n. 1, p. 143-180, 2003.

BANSAL, P. Evolving sustainably: a longitudinal study of corporate sustainable development. *Strategic Management Journal*, v. 26, n. 3, p. 197–218, 2005.

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, A. S. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

BARNARD, H. Bourdieu and ethnography: Reflexivity, politics and praxis. In: **An introduction to the work of Pierre Bourdieu**. Palgrave Macmillan, London, p. 58-85, 1990.

BENSON, J. K. Organizations: A dialectical view. *Administrative science quarterly*, v. 22, n. 1, p. 1-21, 1977.

BIGO, D. Pierre Bourdieu and international relations: Power of practices, practices of power. *International Political Sociology*, v. 5, n. 3, p. 225-258, 2011.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. Concluding remarks: for a sociogenetic understanding of intellectual works. In: CALHOUN, C.; LIPUMA, E.; POSTONE, M. **Bourdieu: Critical Perspectives**. Cambridge: Polity Press, p. 263-275, 1993.

BOURDIEU, P. **Meditações Pascalianas**. Trad. Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2001.

BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. 1º reimpressão da 1º edição de 1990. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BOURDIEU, P. **O Senso Prático**. Tradução de Maria Ferreira. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus Editora, 2011.

BOURDIEU, P. **Sobre o Estado**: cursos no Collège de France (1989-92). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J-C.; PASSERON, J-C. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A Reprodução**: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. Tradução de Reynaldo Bairão. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **An Invitation to Reflexive Sociology**. University of Chicago press, 1992.

- BRASIL. **Laudo Técnico Preliminar: Impactos ambientais decorrentes do desastre envolvendo o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais.** In: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA. Minas Gerais, 2015. Disponível em: http://www.ibama.gov.br/phocadownload/noticias_ambientais/laudo_tecnico_preliminar.pdf. Acesso em: 07 de dez. 2015.
- BROADY, D. The epistemological tradition in French sociology. In: **Rhetoric and Epistemology.** Papers from a Seminar at the Maison des sciences de l’homme in Paris. 1996.
- BROWN, M. H. Defining Stories in Organizations: Characteristics and Functions. **Communication Yearbook.** New York: Routledge. p. 162-190. 1990
- BRUNER, Jerome. **Realidade mental, mundos possíveis.** 2 ed. Porto Alegre: Artes Médica. 2002.
- COFFEY, A. Analysing Documents. In: FLICK, U. **The Sage Handbook of Qualitative Analysis.** Great Britain: Henry Ling Limited, 2014.
- COGO, R. S. **O paradigma narrativo na comunicação organizacional: análise de conteúdo audiovisual e proposta de matriz estruturante em storytelling.** In: VII CONGRESSO BRASILEIRO CIENTÍFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E DE RELAÇÕES PÚBLICAS – TEORIAS E MÉTODOS DE PESQUISA: entre a tradição e a inovação. Brasília, 2013.
- CZARNIAWSKA, B. Narration or science: collapsing the division in organization studies. **Organization**, v. 21, n. 1, p. 11-33, 1995.
- CZARNIAWSKA, B. **A narrative approach to organization studies.** London: Sage Publications, 1998.
- CZARNIAWSKA, B. **Narratives in social science research.** London: Sage. 2004.
- CZARNIAWSKA, B. Narrating organization studies. **Narrative Inquiry**, v. 21, n. 2, p.337-344, 2011.
- DYLLICK, T.; MUFF, K. Clarifying the Meaning of Sustainable Business: Introducing a Typology From Business-as-Usual do True Business Sustainability. **Organization & Environment**, v. 29, n. 2, p. 156-174, 2016.
- DOVERS, S.R. Sustainability: Demands on Policy. **Journal of Public Policy**, v. 16, n.3, p. 303-318, 1996.
- FEEST, U.; STURM, T. What (good) is historical epistemology? Editors’ introduction. **Erkenntnis**, v. 75, n. 3, p. 285-302, 2011.
- FISHER, W. R. Clarifying the narrative paradigm, **Communication Monographs**, 56(1), p. 55-58. 1989.
- FISHER, W. R. **Human Communication as narration: toward a philosophy of reason, value, and action.** Columbia: University of South Carolina. 1987.

FISHER, W. R. Narration as a human communication paradigm: The case of public moral argument, **Communication Monographs**, 51(1), p. 1-22. 1984.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3.ed. Porto Alegre: Artemed, 2009.

GABRIEL, Y. Narratives, stories, texts. In D. Grant, C. Hardy, C. Oswick & L. L. Putnam (Eds.). **The Sage Handbook of Organizational Discourse** (pp.61-79). London: Sage. 2004.

GLADWIN, T.; KENNELLY, J.; KRAUSE, T. Shifting paradigms for sustainable development: implications for management theory and research. **Academy of Management Review**, v. 20, n. 4, p. 878-907, 1995.

GORDILHO, H.; RAVAZZANO, F. Ecocídio e o Tribunal Penal Internacional. **Revista Justiça Do Direito**, v. 31, n. 3, p. 688-704, 2018.

HARTLEY, J. F. Case studies in organizational research. In.: CASSELL, C.; SYMON,

HATCH, J.A. **Doing qualitative research in education settings**. Albany: State University of New York Press, cap. 2, p.37-70, 2002.

HOPWOOD, B., MELLOR, M.; O'BRIEN, G. **Sustainable development**: Mapping different approaches. *Sustainable Development*, 13, p. 38-52, 2005.

IBAMA. Rompimento da Barragem de Fundão: documentos relacionados ao desastre da Samarco em Mariana/MG. **Ibama**, 30 março., 2016. Disponível em <<https://www.gov.br/ibama/pt-br/assuntos/notas/2020/rompimento-da-barragem-de-fundao-documentos-relacionados-ao-desastre-da-samarco-em-mariana-mg>>. Acesso em: maio. 2022.

JOSEPH, J. E. The linguistic sign. In.: SANDERS, C. (Ed.). **The Cambridge companion to Saussure**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 59-75, 2004.

KELEMEN, M.; HASSARD, J. Paradigm plurality: exploring past, present, and future trends. In.: WESTWOOD, R.; CLEGG, S. (Ed.). **Debating organization: point-counterpoint in organization studies**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003, p. 73-82.

LANDRUM, N. Stages of Corporate Sustainability: Integrating the Strong Sustainability Worldview. **Organization & Environment**, v. 31, n. 4, p. 287-313, 2017.

LÉLÉ, S.M. "Sustainable development: a critical review". **World Development**, v. 19 n. 6, p. 607-21, 1991.

LONG, J. Constructing the narrative of the sustainability fix: Sustainability, social justice and representation in Austin, TX. **Urban Studies**. v. 53. 2014.

LOPES, L. M. N. O rompimento da barragem de Mariana e seus impactos socioambientais. **Sinapse Múltipla**, [s. l.], v. 5, ed. 1, 14 jul. 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/sinapsemultipla/article/view/11377>. Acesso em: 27 abr. 2020.

MATON, K. Reflexivity, relationism, & research: Pierre Bourdieu and the epistemic conditions of social scientific knowledge. **Space and culture**, v. 6, n. 1, p. 52-65, 2003.

MERRIAM, S.B. **Qualitative research**: a guide to design and implementation. San Francisco: Jossey-Bass, 2009.

MILNE, M. J.; KEARINS, K.; WALTON, S. Creating adventures in wonderland: The journey metaphor and environmental sustainability. **Organization**, v. 13, n. 6, p. 801-839, 2006.

MOL, A.P. A globalização e a mudança dos modelos de controle e poluição ambiental: a teoria da modernização ecológica. In: HERCULANO, S.; PORTO, M.F. de S.; FREITAS, C.M. (Orgs.) **Qualidade de vida e riscos ambientais**. Niterói: EDUFF, p. 267-280, 2000.

MONTIEL, I.; DELGADO-CEBALLOS, J. Defining and measuring corporate sustainability: Are we there yet?. **Organization & Environment**, v. 27, n. 2, p. 113-139, 2014.

MÜLLER, H-P. 2. Action et structure. La praxéologie de Pierre Bourdieu. In: **Pierre Bourdieu, théorie et pratique**. La Découverte, p. 47-62, 2006.

MYLES, J. Bourdieu, **Language and the Media**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

NEUBAUM, D.; ZAHRA, S. Institutional Ownership and Corporate Social Performance: The Moderating Effects of Investment Horizon, Activism, and Coordination. **Journal of Management - J MANAGE**. v. 32. p. 108-131. 2006.

O'CONNOR, James. ¿ Es posible el capitalismo sostenible?. **Papeles de población**, v. 6, n. 24, p. 9-35, 2000.

PIERRI, N. El Proceso histórico y teórico que conduce a la propuesta del desarrollo sustentable. In:PIERRI, N.; FOLADORI, G. (Eds.) **Sustentabilidade? Desacuerdos sobre el desarrollo sustentable**. Montevideo: Trabajo y Capital, 2001.p. 27-80.

PORTO-GONÇALVES, C.W.; LEFF, E. Political Ecology in Latin America: The Social Re-Appropriation of Nature, the Reinvention of Territories and the Construction of an Environmental Rationality. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v.35, p. 65-88, 2015.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa Aplicável às Ciências Sociais_____in: **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**. Teoria e prática. 3ª edição. São Paulo: Atlas, 2003.

RHODES, C.; BROWN, A.D. Narrative, organizations and research. **International Journal of Management Reviews**, 7(3): 167-188. 2005.

RICHARDSON, R.J. et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2012.

ROSSO, A. L. M. de; PIFFER, C. Ecocídio como instrumento de proteção transnacional do meio ambiente. *Ponto de Vista Jurídico*, v. 8, n. 2, p. 114-125, 2019.

SANTOS, L. C; D'ALMEIDA, N. Narrativa e comunicação organizacional. *Organicom*, v.14, n.26, 2017.

SAMARCO. **Relatório Anual de Sustentabilidade Samarco**. Belo Horizonte. 2011. Disponível em: <<https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2020/12/2011-Relatorio-Anual-de-Sustentabilidade.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO. **Relatório Anual de Sustentabilidade Samarco**. Belo Horizonte. 2012. Disponível em: <<https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2016/08/2012-Relatorio-Anual-de-Sustentabilidade.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO. **Relatório Anual de Sustentabilidade Samarco**. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <<https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2016/08/2013-Relatorio-Anual-de-Sustentabilidade.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO. **Relatório Anual de Sustentabilidade Samarco**. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2016/08/2014-Relatorio-Anual-de-Sustentabilidade.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO. **Relatório Bienal 2015-2016**. Belo Horizonte, 2016a. Disponível em: <https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2017/09/Samarco_Relatorio-Bienal-2015_16-08092017.pdf>. Acesso em: julho de 2019.

SAMARCO. **Um Ano Do Rompimento De Fundão**. Belo Horizonte, 2016b. Disponível em: <https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2020/12/Book-Samarco_final_baixa.pdf>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO. **Comunicação de Progresso para o Pacto Global das Nações Unidas 2017**. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2018/12/Relatorio-COP-Samarco-2017_07122018.pdf>. Acesso em: fevereiro de 2021.

SAMARCO. **Relatório Bienal 2018-2019**. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://www.samarco.com/wp-content/uploads/2020/12/Samarco_Relatorio-Bienal-2018_2019-3.pdf>. Acesso em: fevereiro de 2021.

SAMARCO. **Quem Somos**. 2021a. Disponível em: <<https://www.samarco.com/quem-somos/>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO. **Relações Sociais**. 2021b. Disponível em: <<https://www.samarco.com/relacoes-sociais/>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO. **Sustentabilidade**. 2021c. Disponível em: <<https://www.samarco.com/sustentabilidade/>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Ricardo Vescovi**. Youtube, 18 mai. 2012a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d7_8EZXStp4>. Acesso em:

janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Roberto Carvalho**. Youtube, 16 mai. 2012b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9HuleaOp0VI>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Nós somos a Samarco**. Youtube, *sn*. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fIIEb4GmAbo>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **A Samarco informa que houve um acidente em sua barragem denominada Fundão**. Facebook: @SamarcoMineração, 05 nov. 2015a. Disponível em: <<https://web.facebook.com/SamarcoMineracao/posts/1677277292489086/>>. Acesso em: fevereiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Assinatura de Termo de Compromisso com Prefeitura de Mariana (MG)**. Youtube, 12 mar. 2015b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IJoDFWe5BOw>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Coletiva de imprensa - Governador Valadares - 13/11/2015**. Youtube, 13 nov. 2015c. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZmQxSOp4UQY>>. Acesso em: fevereiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Coletiva de imprensa**. Youtube, 18 nov. 2015d. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vxRSKw5MjH8>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Coletiva de imprensa: BHP Billiton, Samarco e Vale - HD**. Youtube, 13 nov. 2015e. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QOw3IBR4sAo>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Comunicado à sociedade do Diretor-presidente da Samarco**. Youtube, 05 mai. 2015f. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D3HZvIMj8Mk>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Comunicado aos empregados do Diretor-presidente da Samarco**. Youtube, 25 nov. 2015g. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8_CibwtMoaU>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Os caminhos da Samarco**. Youtube, nov. 2015h. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QHdlfHEqxPY>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Seja bem-vindo à página da Samarco!**. Facebook: @SamarcoMineração, 02 out. 2015i. Disponível em: <<https://www.facebook.com/page/1669539876596161/search/?q=criamos%20este%20oespa%C3%A7o/>>. Acesso em: fevereiro de 2021

SAMARCO MINERAÇÃO. **1ª Fase da revegetação: saiba como está sendo feita a ação - Samarco.** Youtube, 22 abr. 2016a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8bXg75tYNBM>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Ações ambientais Samarco – Criação de 167 pontos no Rio Doce para monitoramento diário da água.** Youtube, 02 fev. 2016b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3kTrvsnXCP4>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Ações ambientais Samarco – Empregados de Barra Longa trabalham no restabelecimento do agronegócio.** Youtube, 01 fev. 2016c. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fh3JI6eUFxk>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Ações ambientais Samarco – Trabalho para recuperação do RioDoce é constante.** Youtube, 1 fev. 2016d. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pNn3plgiBME>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Ações humanitárias Samarco - Atendimento às famílias impactadas.** Youtube, 19 fev. 2016e. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OxZn1-XRGkg>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Ações humanitárias Samarco – Empregados ajudam na recuperação de Barra Longa em Minas Gerais.** Youtube, 02 fev. 2016f. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l_Hp_h8RhZE>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Ações humanitárias Samarco – Empregados vão para Mariana dar assistência às famílias impactadas.** Youtube, 02 fev. 2016g. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zyfTN9Clvm0>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Ações humanitárias Samarco – Limpeza em Barra Longa teve oito frentes de ação.** Youtube, 01 fev. 2016h. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cgj6w6kUgEI>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Barra Longa recebe a nova praça Manoel Lino Mol.** Youtube, 29 out. 2016i. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aZ3Z5Y5Ywi4&t=1s>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **É sempre bom olhar para todos os lados - Samarco histórias.** Youtube, 15 fev. 2016j. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oaZYpRMr2C0>>. Acesso em: janeiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Samarco. É preciso fazer diferente.** Youtube, 19 dez. 2019a. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=c1P05YFC02g>>. Acesso em: fevereiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Simulado de Emergência.** Youtube, mai. 2019b. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3h2s4xraUGk>>. Acesso em:

fevereiro de 2021.

SAMARCO MINERAÇÃO. **Sistema Integrado de Segurança**. Youtube, 22 mai. 2019c. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=P-hTozK2mO8> >. Acesso em: fevereiro de 2021.

SIEMON, J. R. Sign, cause, or general habit? Toward a “historicist ontology” of character on the early modern stage. **The European Legacy**, v. 2, n. 2, p. 217-222, 1997.

SLIFE, B. D. Taking practice seriously: Toward a relational ontology. **Journal of theoretical and philosophical psychology**, v. 24, n. 2, p. 157, 2004.

SZÉKELY, F., KNIRSCH, M. Responsible Leadership and Corporate Social Responsibility: **European Management Journal**, v. 23, n. 6, p. 628–647. 2005.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAARA, E.; SONENSHEIN, S.; & BOJE, D. Narratives as Sources of Stability and Change in Organizations: Approaches and Directions for Future Research. **The Academy of Management Annals**, v. 10, n.1, 2016.

VAUGHAN, D. Bourdieu and organizations: the empirical challenge. **Theory and Society**, v. 37, n. 1, p. 65-81, 2008.

WACQUANT, L.J. D. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Rev. Sociol. Polit.** [online]. n.19, p.95-110, 2002.

WESTWOOD, R.; CLEGG, S. Commentary: Let’s get ontological. In.: _____. (Ed.). **Debating organization: point-counterpoint in organization studies**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

WILLIG, C. **Introducing qualitative research in psychology: adventures in theory and method**. 2. edition. Berkshire: Open University Press, 2008.

ZALD, M. N. Organization studies as a scientific and humanistic enterprise: Toward a reconceptualization of the foundations of the field. **Organization Science**, v. 4, n. 4, p. 513-528, 1993.